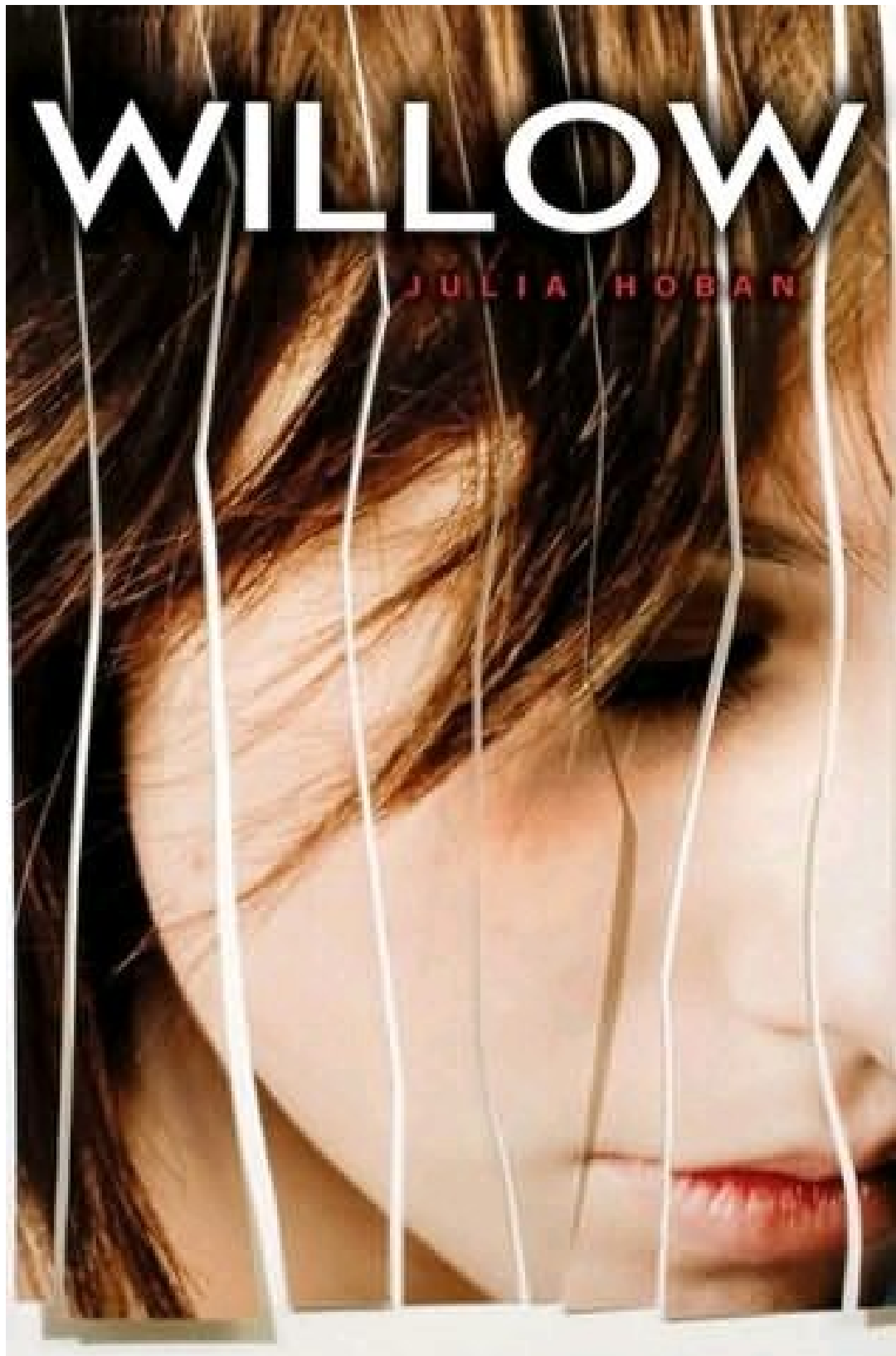






WILLOW-JULIA
HOBAN
Comunidade
Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=25399156>

Tradutoras:
Aislinn

<http://www.orkut.com.br/Profile?uid=9983552980088693039>

Letícia <http://www.orkut.com.br/Profile?uid=7462820653530011177>

Lara <http://www.orkut.com.br/Profile?uid=17546033275021936089>

Nicole <http://www.orkut.com.br/Profile?uid=12178378400046138592>

CAPÍTULO UM

Talvez não seja mais que um arranhão.

Willow Randall observa a garota que se senta à sua frente. Algumas pessoas olhavam para ela porque ela era bonita. Ou por seu esplêndido cabelo vermelho. Se os rapazes da classe prestassem atenção, veriam como o sutiã fica transparente através da camiseta. No entanto, Willow não consegue tirar os olhos de outro detalhe: uma ferida de um vermelho intenso que deve medir algo em torno de cinco centímetros e lhe atravessava o braço desde o cotovelo até o pulso. Se você olhar de perto, dá pra ver o sangue seco.

Como ela fez isso? Não parece esse tipo de garota.

Talvez ela tenha um gato. Um bando de gatinhos.

Sim, é isso. Foi assim que ela fez, brincando com seu gato.

Willow se senta reta em seu assento, mas a sua atitude não passou despercebida. A menina se volta para seus amigos e começa a sussurrar.

Shhhhhhhhh...

O que eles estão dizendo?

Willow olha para outras meninas com insegurança. Recebe uma má vibração de que estão falando dela e tem certeza do que estão dizendo.

Essa é a que não tem pais.

Não. É a que matou seus pais.

Os sussurros das meninas a lembra o farfalhar das folhas. Willow sempre odiou aquele som. Tem que lutar para cobrir seus ouvidos com as mãos. Não quer chamar mais atenção para sua pessoa. Mas também não pode fazer nada para parar a torrente de barulho que vem de suas bocas.

Shhhhhhhhhhhhhhhhh...

Willow se levanta de repente. Um dos cordões se enrosca com a perna da cadeira e ela perde o equilíbrio. Seus livros caem fazendo um barulho tremendo e Willow segura sua mesa tentando ficar de pé.

Silêncio. Todo mundo olha para ela.

Ela percebe que suas bochechas ardem e vira rumo às meninas que estavam cochichando.

— Willow? — a voz da Sra. Benson soa intranquila. Parece que não está fingindo, realmente está preocupada.

É uma boa professora. É boa com as crianças gordas, e as que têm espinhas. Por que não com as órfãs? Por que não com as assassinas?

— Eu... — Willow ergue-se lentamente — Eu... Queria... Ir ao banheiro. — suas bochechas ardem. Ela está envergonhada de sua estupidez e do modo que aquelas meninas olhavam. E... Não poderia ter ocorrido uma desculpa diferente?

A Sra. Benson assente, mas com um olhar hesitante, como se suspeitasse de alguma coisa.

Neste momento, Willow não se importa com nada. Só pode pensar em fugir rapidamente e deixar para trás todos aqueles sorrisos arrogantes. Pega seus livros e a mochila, e enquanto atravessa a porta, começa a correr pelo corredor.

Não, espere. Não é permitido correr pelos corredores. Freia e começa a andar. Essa é a última coisa que precisa, que a castiguem por algo tão estúpido como correr pelos corredores.

O banheiro cheira a tabaco. Não há ninguém. Bom. A porta de uma das cabines se balança meio aberta. Ela fecha com um pontapé e abaixa a tampa do vaso antes de sentar.

Busca algo em sua bolsa. Exaspera-se por não encontrar o que precisa desesperadamente. E se esqueceu? Quando está prestes a abandonar todas as esperanças e pôr-se a uivar como um cão, suas mãos encontram o metal desejado. Com os dedos se assegura de que está bem afiado. Perfeito, é uma gilete nova.

As vozes das garotas ecoam em seu interior. Seu grito faz perder todos os vestígios da razão. Ela sobe a manga.

O espetar da gilete acaba com o ruído. Faz desaparecer a memória dos olhares inquisitivos. Willow olha para o braço e observa a vida que vem dele. Pequenos fios de fluido vermelho que florescem em grandes peônias.

Peônias como as que minha mãe costumava plantar.

Willow fecha os olhos, como se bebendo o silêncio. Sua respiração é mais profunda em cada incursão da gilete. O silêncio reina ao redor. Não como quando tropeçou na aula. Agora soa puro e perfeito.

Algo que dói tanto não te faz sentir bem exatamente. É mais a sensação que é boa, isso é certo. E algo que é bom não pode ser mal. Tem que ser bom.

É bom. É mais do que bom.

É melhor do que qualquer homem.

Melhor do que leite materno.

CAPÍTULO DOIS

— Não, está emprestado até o dia vinte e seis. — Senhorita Hamilton diz com um sorriso, animado e profissional.

Willow está em pé ao lado dela por trás do balcão, sufocando um bocejo. Ela está cansada. Graças a Deus seu turno na biblioteca está prestes a acabar. Lança uma olhada furtiva para o relógio. Não está exatamente em ponto, ainda restam quarenta e cinco minutos.

Willow sabe perfeitamente que ela deve ser grata por ter este trabalho. Afinal, seu irmão teve de mover um monte de pauzinhos para consegui-lo. Trabalha na biblioteca da universidade três tardes por semana. Ganha algum dinheiro. Não é o suficiente, mas é mais que ganharia se estivesse servindo sorvete na Häagen-Dazs.

Naturalmente, ali todo o dinheiro que ganharia seria para ela. Mas as coisas são um pouco diferentes agora. Tem que trabalhar para ajudar seu irmão com as despesas. Agora tem que se preocupar com coisas como a conta de luz. Mas isso não é tão terrível. Não em comparação com o resto de sua vida.

— Acho que podemos obtê-lo por empréstimo interbibliotecário. — Srta Hamilton continuou. — Willow, cuide disso.

Srta Hamilton olha para ela com firmeza, disposta a atacar se cometer algum erro. Não é uma má pessoa. É bastante agradável com todo mundo, é só que não gosta de ter Willow pendurando-se em torno de sua biblioteca. A maioria das pessoas que trabalham para ela são estudantes universitários, e os que não são estudantes, são adultos que optaram por uma carreira como bibliotecários. Basta dizer que Willow é a única estudante do ensino médio por aqui.

É como todas as outras coisas. Ultimamente, é como se Willow não pertencesse a lugar algum.

Willow pega a ficha que foi preenchida com uma caligrafia trêmula e emaranhada. Busca um complicado estudo de uns filósofos do século XII. Ergue-se para ver seu rosto. É velho. Bastante velho. Deve rondar os setenta. Sempre é interessante ver os diferentes tipos de pessoas que passam por aqui.

— Ele deve chegar dentro de alguns dias. — Ela diz ao digitar o número de catálogo. — Preencheu o seu número de telefone? — Volta a olhar a ficha — Perfeito, lhe chamaremos assim que chegar.

— Excelente. — respondeu o homem, com verdadeiro entusiasmo.

Willow fixa um sorriso agradável. Claro que é um professor universitário aposentado que ainda gosta de ler. Seus olhos brilham com a ideia de ser capaz de ter o livro nas mãos. Seu pai poderia ter sido assim há vinte anos. A simples ideia de ler uma monografia de uma tribo perdida na Nova Guiné tinha sido uma questão de nervos e emoção.

Teria sido.

Uma onda de desespero a invade de surpresa. É difícil até mesmo manter-se em pé. Agarra o balcão com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. Não pode permitir-se perder o controle aqui. Haveria algum modo, algum, de ir fazer o que precisa sem que a senhorita Hamilton se zangasse com ela? Willow olha para a sua mochila em uma das cadeiras. Só de saber que elas estão ali já a faz sentir-se melhor. Tira as mãos do balcão e pressiona contra seus braços, deleitando-se com o espetar que produz o algodão em contato com as feridas abertas. Isso vai valer a pena por agora.

— Willow! — A voz da Srta Hamilton soa categoricamente. Não é claramente a primeira vez que a chama.

— Desculpe! — Willow se levanta sobressaltada. Fazendo todo o possível para parar de olhar para sua mochila e focar no rosto irritado da Srta Hamilton.

— Preciso que vá até o depósito.

— De acordo. — responde com um aceno de cabeça, mas realmente odeia ir para o depósito.

Está cheio de prateleiras e pilhas de livros enterrados em uma montanha de pó. Além disso, é assustador. Circulam algumas histórias de fantasmas. Não que ela acredite nessas coisas, mas...

— Este jovem esqueceu sua carteira de identidade lá. Deve acompanhá-lo.

Willow se fixa no garoto que está encostado no balcão atrás da Srta Hamilton. Este não tem precisamente setenta anos. É um garoto que, na melhor das hipóteses, é alguns anos mais velho que ela. O jovem empurrou uma mecha de cabelo de seus olhos e sorriu preguiçosamente.

Willow sabe que ela deve sorrir de volta, mas já esqueceu como funcionam essas coisas.

— Agora mesmo o acompanho. — respondeu, virando-se para Senhorita Hamilton. — Eu só tenho que terminar esta... — Willow volta para o computador com uma expressão distraída.

Senhorita Hamilton concorda e sai, mas o garoto ainda está lá. Está observando ela. Willow se sente como se ele observasse todos os seus movimentos quando ela termina de ordenar os empréstimos interbibliotecários. Willow tem certeza de que ela está se comportando como uma paranóica, mas tem pavor do olhar insistente do garoto. Ele lembra as meninas da escola. Não gosta da ideia de ter de subir ao depósito com ele e para adiar o momento, leva mais tempo do que o necessário para preencher o formulário.

— O quê? Como vai então? — Diz o garoto depois de alguns minutos. Ele começa a ficar impaciente. Bate com os dedos no balcão e sua voz soa diferente. Parece que não está tão interessado nela.

Willow suspira aliviada. Isso sim ela pode enfrentar.

— Sim, claro. Um segundo. — responde com um tom semelhante.

— Por que você não me deixa terminar com isso? — Diz Carlos, enquanto o homem paga a conta do século XII. Carlos é um dos estudantes universitários, quase da idade de seu irmão. Willow gosta dele. Enfim, tudo o que pode gostar de alguém neste período de sua vida. Porta-se bem com ela e já a salvou de mais de um apuro.

— Obrigada. — responde em um sussurro. Na verdade gostaria que a deixasse acabando o trabalho dela no computador e que fosse ele quem acompanhasse o garoto ao depósito.

— Pois bem. Aqui vamos nós. — Willow caminha alguns passos à frente dele em direção ao elevador.

— Você sabe onde está isso? — Solicita, olhando para a ficha que o garoto tinha preenchido — Não importa, eu faço isso. — Entra no elevador e aperta o botão para ir para o décimo primeiro andar. As portas se fecham e ficam sozinhos. Willow olha para os números que se iluminam.

— Meu nome é Guy. — diz, após um momento. — E você?

— Willow.

— Willow... — Ele faz uma pausa, obviamente esperando por uma resposta — Willow? — Ele repetiu, depois de um segundo — Willow de quê?

Willow não consegue pensar em qualquer forma de responder sem ser muito rude.

— Randall. — ela disse.

— Você é da família de David Randall? — Perguntou, olhando com curiosidade — Parecia que eu já havia reconhecido seu rosto. No ano passado eu fiz antropologia com ele. Ele é genial.

— É meu irmão. — Willow respondeu num tom que pretende acabar com a conversa. Sua conversa está começando a deixá-la nervosa.

— Então você não estuda aqui, certo? — Perguntou enquanto franzia o cenho. — Parece um pouco jovem. Como você conseguiu esse trabalho?

Willow não responde de imediato. Ela começa a se sentir um pouco desconfortável com todas as perguntas que ele faz. Começa a contar os andares que estão faltando em voz baixa. Só deseja que este trajeto acabe.

— Normalmente só contratam estudantes da Universidade, se não, eu teria tentado conseguir um emprego aqui. Adoro trabalhar na biblioteca. — O garoto tem uma expressão agradável, e sua voz é suave. Se ele percebeu o tom distante dela, não parece se importar.

— E se você não é universitário, o que você está fazendo aqui? — Willow perguntou, confusa.

— Minha escola tem um programa que permite tirar algumas eletivas na faculdade. — respondeu — E você? Como conseguiu este trabalho?

— Agora eu estou vivendo com meu irmão. — diz Willow depois de alguns segundos — Ele arranhou tudo. — o elevador para.

O depósito está escuro. Há um interruptor para as luzes que Willow se apressa para apertar. Pisca enquanto seus olhos se acostumam à luz. Seus olhos se encontram e por um momento, Willow tem a sensação de estar exatamente como estaria qualquer outra garota da idade dela a sós com um rapaz bonito. Está um pouco nervosa e sente vergonha e atração ao mesmo tempo.

Willow avança, afastando-se dele tanto quanto pode. Agora mesmo não pode enfrentar algo assim.

— Ei, cuidado! — Guy leva a mão para tentar evitar que ela dê de cabeça em prateleiras de metal. Willow rapidamente retira o seu braço, e está surpresa com o quanto isso tem afetado o contato de sua pele. É como se sua mão estivesse queimando como uma gilete... Mas o efeito é um pouco diferente. A gilete a atordoa, faz esquecer, mas isto ... Bem... Treme e começa a esfregar os braços compulsivamente.

— Está com frio? — Ele pergunta, levantando uma sobrancelha.

— Estou bem, obrigado. Eu... Vem, vamos procurar o seu livro, ok?

Willow retorna para verificar a assinatura e volta para as prateleiras. Em seguida, acha o livro e se prepara para entregá-lo ao garoto quando percebe o título e fica paralisada.

— Está tudo bem? — Guy olha para ela com o cenho franzido.

— Oh, Sim... É que... — A voz de Willow está desaparecendo. Não pode parar de olhar para o livro. Não deveria ter se surpreendido. O garoto já tinha dito algo de antropologia, e este título é um clássico.

— Você conhece esse livro? Quero dizer, você leu *Tristes Trópicos*?
— Ele pergunta quando o tira da mão dela.

— Sim, de fato, um par de vezes. — Willow responde depois de alguns segundos de silêncio. Fecha os olhos por um momento e vê o escritório de seus pais com as paredes forradas de livros. *Tristes Trópicos*, terceira estante, o segundo livro da direita.

— Eu não tinha encontrado ninguém que tivesse lido! — Guy parece impressionado — É genial, não é? — comenta se perdendo por entre as páginas — Suponho que seu irmão tenha falado sobre ele. Se não fosse por este livro, nem sequer me havia matriculado em suas classes.

— O que quer dizer?

— Bem, no ano passado, pouco antes do início das aulas aqui, eu estava andando pelo centro para tentar decidir que curso fazer. Pensei que seria algo tipo química ou matemática, porque adequava muito bem no meu currículo e poderia me ajudar a entrar em uma boa faculdade. Então, choveu e me meti em uma loja de livros de segunda mão. E um destes caiu literalmente de uma prateleira, enquanto procurava outra coisa. Eu o abri e

ainda estava lá quatro horas depois, lendo. Foi então quando me decidi que faria antropologia.

— Sério? — Contra a sua vontade, Willow não pode deixar de sentir-se curiosa. Ela não sabia antes de ninguém (qualquer pessoa da sua idade, claro) que tinha lido o livro, para não falar de alguém tão fascinado por ele.

— Sim, sério. — assente Guy — É como uma história de aventura, não é?

— Sim, exatamente! — O rosto de Willow se ilumina. Por um segundo se esquece que *Tristes Trópicos* foi o livro favorito de seu pai. Se esquece das tardes chuvosas de sábado que ela passava junto a janela esquadrinhando todos os livros favoritos de seu pai. Se esquece que já não tem um pai, e até mesmo se esquece de ser infeliz.

— É como uma história de aventura. — continua — Mas você sabe o que é o mais divertido? Lembra-se de como na primeira página explica que sequer gostam de histórias de aventura?

— Sim. — Guy diz, rindo — E depois vão e escrevem uma!

As luzes se apagam de repente e os dois estão de pé no escuro um instante antes de Guy voltar a apertar o interruptor. Então, se senta no chão, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, como se passar o tempo conversando com ela fosse o melhor que pode fazer.

Willow não sabe o que fazer. Ela se sente confortável falando com ele, mas seus sentimentos quando ele pegou a mão dela, isso não foi nada agradável. Busca seu rosto. Não parece que tem em mente nada mais além dos livros.

Um instante depois, Willow está sentada ao lado dele.

— Por que você precisa dele? — Chama a atenção para a cópia de *Tristes Trópicos*. — O que aconteceu com o que comprou na livraria de segunda mão? — Na verdade não se importa com o que aconteceu com o livro; é realmente uma questão um pouco estúpida. Estúpida e enfadonha, mas não lhe ocorre o que dizer mais, e já não está mais tão confortável para sentar com ele em silêncio.

— Eu perdi no metrô. — Guy encolhe os ombros — Deveria comprar outro, mas estou um pouco mal de dinheiro ultimamente. Conhece o lugar que estou falando? — Deixa o livro no chão e se vira para olhá-la — Eu imagino que o seu irmão deve ter te levado lá milhares de vezes. Sempre que eu vou está cheio de professores.

Willow pensa por um minuto.

— Está no caminho para o centro? — Pergunta — E, apesar de ser um lugar imenso, está sempre lotado?

— Exato. — Guy assente — Quase não pode se mover. É como se os livros tivessem invadido tudo. As prateleiras estão lotadas e há tantos livros empilhados no chão que é quase impossível andar.

— E tem um cheiro estranho. — diz Willow — Mas não de livros velhos e coisas antigas... Mas sim de... — se detém por um momento.

— De coisa suja e quente. — Termina Guy.

— Sim, isso mesmo. — Willow ri — E os funcionários são muito mal educados.

— Se lhe pergunta algo parece que estão os incomodando.

— E é quase impossível encontrar algo por si mesmo, porque eles ordenam tudo sem qualquer lógica.

— E o lugar, para começar, está tão longe de qualquer parte que você não pode evitar perguntar-se por que as pessoas vão lá. Mas realmente, embora... Embora realmente seja...

— Fabuloso. — Willow interrompe.

— Então você conhece. — Guy sorri. Para de falar e observa seu rosto com cuidado. Willow se move, inquieta. De repente, é como se estivesse extremamente consciente do silêncio que impera no depósito, o silêncio e a solidão.

— A verdade é que você não se parece com seu irmão. — Guy continuou depois de um momento — Quer dizer, eu não acho que você é a cara dele.

Willow não sabe muito bem onde quer ir parar com isso tudo, mas se dá conta que se sente muito mais confortável do que há poucos minutos.

— Mas que tolo eu sou! — Exclama Guy — Eu não posso acreditar. Você não está indo para a minha escola? De lá que eu te conheço. Tenho te visto nos corredores. Você é nova este ano, não?

Willow está muito chocada para responder. Vão para a mesma escola? A conhece? Ele sabe coisas sobre ela? Willow se põe de pé.

— Eu tenho que ir. — responde alarmada. — Eu não devia ter ficado aqui por tanto tempo.

— Sim, claro. — Guy se levanta e a segue para o elevador. Willow anda tão rápido que quase corre.

Willow é incapaz de olhar para ele. Crava a vista no chão do elevador, no teto, em qualquer coisa que não seja o seu rosto. É como se esse breve e agradável intervalo não tivesse existido. Se sente usada. Usada e estúpida. Ele sabia o tempo todo? Toda esta conversa não teria sido mais do que uma farsa para poder explicar depois para seus amigos que tinha conseguido falar com a menina nova? Com a que havia matado seus pais?

O desejo de cortar-se está cada vez mais forte, até mais forte que no balcão. Tem que se livrar do garoto. Precisa ficar sozinha.

— Escuta, você acha que...?

— Eu tenho que ir. — diz Willow. Sai em disparada do elevador, deixando Guy atrás dela, e se lança contra Srta Hamilton. Pela primeira vez, sua testa franzida parece agradável.

— Bem, você realmente fez isso com calma. — diz a Srta Hamilton, com desconfiança.

— Eu... Eu lutei um pouco para encontrar o que estava buscando. — Willow ocupa seu lugar junto a ela no balcão.

— Já deveria estar familiarizada com as assinaturas. — replica Srta Hamilton. As desculpas não servem de nada com ela.

— Venha, vamos, levou séculos para eu me orientar pelo depósito. — Carlos lança a Willow um sorriso amigável.

— Suponho. — Srta Hamilton olha para seus dois funcionários — Concorde. Então, está acabado por hoje, Willow. Nos vemos em alguns dias.

Willow olha o relógio, surpreendida. Não tinha ideia que havia terminado seu turno. Srta Hamilton tinha razão, levava um bom tempo lá em cima. Não havia se dado conta que levaram tanto tempo falando.

Bem, um dia a mais que eu não preciso suportar, pensa enquanto pega sua mochila e sai em disparada pela porta.

Willow rompe por entre os estudantes que se juntam ao redor da entrada da biblioteca, sujando o ar com a fumaça de seus cigarros e se dirige para o estacionamento de bicicletas. Leva um instante para lembrar que já não tem mais bicicleta, que deixou na casa de seus pais, encostada à parede da garagem. Uma lástima, realmente. Se a tivesse, seria muito mais fácil mover-se do trabalho para casa.

Mas por que a vida deveria ser mais fácil, afinal?

Sai do campus para a rua. Duas travessias e estará chegando ao parque. Por alguma razão, estar cercada por árvores a faz sentir melhor.

Mas não é o suficiente, pensa enquanto apalpa sua mochila. *Nunca é o suficiente*.

Sem bicicleta leva cerca de vinte minutos para ir ao apartamento de seu irmão. Bem, de seu irmão, da mulher de seu irmão, Cathy, e da filhinha dos dois. Tão pouco é um lugar ruim. David, Cathy e Isabelle vivem em baixo e ela ocupa o antigo escritório de David, a sala para serviço, acima de tudo. Parece melhor do que soa. Seu quarto é bastante pequeno, mas tem um toque especial. Parece saído de um conto de fadas, ou de um filme sobre Paris. Tem uma vista incrível para o parque. Cathy fez um bom trabalho para ela, colocando cortinas longas e pintando as paredes de uma pálida cor de maçã. Não que isso importe muito para Willow.

— Para onde está indo?

Willow se vira surpreendida. Não tinha nenhuma ideia que Guy estava atrás dela. Estava a seguindo? Quer saber mais, talvez até mesmo conseguir algum detalhe mórbido?

— Está indo para o parque? — Ele pergunta, a seguindo a poucos passos. — Eu sempre vou por ali.

Willow quer perguntar o que sabe exatamente dela, mas não sabe muito bem como fazer isso. Quer perguntar para ele se antes ele estava brincando intencionalmente, ou se realmente não a havia reconhecido. No final, é possível que seja verdade, ela não o reconheceu. Mas está perdida em seu próprio mundo. Ultimamente, nada pode impressioná-la. Como a nova garota da escola, está destinada a chamar atenção, mesmo que não ostente a letra A escarlate bordada no peito.* (nesta parte a autora se refere ao livro *A Letra Escarlate*, sobre uma mulher que cometeu adultério e teve que usar uma letra A de adúltera bordada em cores vermelhas em suas roupas, como símbolo de sua vergonha)

— Ei, Guy, espera! — Um rapaz alto, com cabelos pretos, chama Guy do outro lado da rua. Corre na direção deles com uma pilha de livros debaixo do braço.

— Adrian, o que você está fazendo aqui?

Guy para por um instante.

— Eu fui pedir informações sobre cursos.

Adrian olha Willow e Guy várias vezes.

— Ah, desculpe. Essa é Willow. Ela vai para nossa escola.

— Ah, é? - Adrian sorri — Você é nova? Eu nunca tinha visto você antes.

Sim, sou nova. — Willow responde. Observa o garoto com atenção. Parece que ele está sendo sincero, e se sente melhor. Ela pode não se destacar tanto quanto ela pensa.

— Nós podemos conversar se você está pensando em se matricular aqui. Eu já vi um par de possibilidades.

Guy passa a Adrian uma folha cheia de notas sobre cursos e números de referência.

— Sim, a verdade é que deveria me matricular em um desses. — Adrian dá uma olhada no papel. — Mas, por outro lado, eu gosto da ideia de não complicar a minha vida no último ano da escola.

Willow já não é mais o centro das atenções, e suspira aliviada. Deveria aproveitar a oportunidade de sair agora que a situação é boa.

— Eu tenho que ir. — sussurra, forçando um pequeno sorriso.

— Claro! Adrian, depois eu te ligo. — Para a surpresa de Willow, Guy se despede de seu amigo e continua caminhando a seu lado - Bem, onde você está indo?

— Pra casa. — Embora a chame assim, Willow se dá conta de que não é a palavra mais adequada. O apartamento de seu irmão pode ser a sua casa agora, mas ela não se sente como em casa. Não totalmente.

— Quer parar no caminho e tomar um café? — Guy pergunta.

Não.

Não quer tomar nenhum café. Quer ficar sozinha. No entanto, não pode evitar pensar que, na cidade, qualquer uma de suas amigas estaria emocionada porque um cara como Guy lhe chamou para sair. Pergunta-se como se sentiria se ele tivesse feito essa mesma proposta, digamos, um ano atrás. Teria ficado lisonjeada? Teria gostado da ideia? Teria gostado dele? Willow fez um esforço para imaginar como houvera agido no inverno passado. É claro que teria gostado. E por que não iria gostar? É bonito e até lê livros. Uma pena que a garota do ano passado esteja morta.

— Bem, e o que me diz? — O garoto tira a mochila do ombro direito e esboça um sorriso - Tem um grande local a poucas ruas de distância. O melhor capuccino que você já provou, e as massas não estão nada mal.

Primeiro um café, depois virá um filme. Depois alguns passeios no parque. Willow já sabe como funcionam estas coisas. E mais adiante vêm os sentimentos. Só de pensar nisso lhe dá calafrios. Ela já terminou com seus sentimentos. Não quer voltar a sentir isso até o que resta da vida.

— Não, obrigada. — Incluso à ela vem uma resposta que soa fria e seca.

Perfeito.

Guy dá de ombros. Parece um pouco decepcionado.

A vida é cheia de decepções, Guy. Willow chuta uma pedra no caminho.

— Ok, outra hora então. — Mas por alguma razão, não se despede. Continua caminhando junto a ela.

Porque você não vai? Willow está ficando impaciente. *Talvez ele gostou do que ouviu. Talvez esteja buscando um desafio.*

Por um momento se pergunta o que pensaria se visse as marcas de ferimentos em seus braços. Seria desafio o suficiente para ele? Nunca foram mostradas a ninguém, e claro, ele não vai ser o primeiro. Mas, mesmo assim, como se livraria dele?

— Como é que você está vivendo com seu irmão? — Guy pergunta. — Seus pais tomaram um ano sabático? Porque eu lembro que o seu irmão disse que eram especialistas no mesmo campo. — Volta a sorrir, totalmente alheio sobre o efeito que está tendo sobre ela.

Será como Adrian? Verdadeiramente não sabe nada dela? Ou está esperando ouvir as palavras?

Em qualquer caso, ele já deu uma alternativa. Agora já se sabe como livrar-se dele.

— Não tiveram um ano sabático. — A voz de Willow soava com dureza. Para de andar, se vira e olha para Guy sem vacilar. Diretamente nos olhos. Tão perto que pode ver sua íris cor de mel cercada por manchas marrons. Tem uns olhos bonitos, mas isso dificilmente importa para ela agora. Ele devolve o olhar. Já não sorri, mas a olha com a mesma intensidade. Qualquer um que passasse junto a eles agora acharia que eles são namorados. Eles devem fazer um retrato bonito lá de pé, olhando-se sob o arco que as frondosas copas das árvores criam.

— Mas seus pais são professores, não? — Ele rompe o silêncio. — Seu pai é antropólogo e sua mãe é arqueóloga. Porque uma vez eu fui...

— Estão mortos. — Willow pronuncia as palavras com frieza e indiferença. Gosta de ver como Guy fica pálido — Mortos. — repete para ter certeza que havia deixado claro — E eu os matei.

CAPÍTULO TRÊS

Como é que você está vivendo com seu irmão?

Mas seus pais são professores, não? Porque uma vez eu fui...

As perguntas de Guy seguem retumbando em seus ouvidos. Sua voz suave agora está distorcida em sua memória e soa reclamona e insistente.

Mas seus pais são professores, não? Porque uma vez eu fui...

Ok, Ok! Já chega com a música!

Willow se espreguiça, o livro que levou meia hora tentando ler cai no chão quando ela enterra sua cabeça no travesseiro tentando silenciar as vozes que ressoam em sua cabeça.

Mas é tudo em vão. As perguntas seguem repetindo-se uma e outra vez, e pior, muito pior do que qualquer pergunta que ele poderia fazer, é a sua própria resposta:

Eu os matei.

Quantas vezes nos anos que ela tem adiante, terá que repetir estas palavras?

Ela mal pode ser lembrar. Chovia, isso é tudo o que sabe. Eles haviam saído para jantar e seus pais queriam pedir uma segunda garrafa de vinho, então eles decidiram que Willow iria dirigir. Lembra de seu pai dando-lhe as chaves, a estrada escorregadia, e o som dos limpadores de pára-brisa.

Ocasionalmente, ouve o murmúrio da chuva em seus sonhos.

Willow vira a cabeça indiferente para olhar através da janela. Uma leve brisa move as cortinas. Os últimos raios de sol se filtram por elas esboçando bonitas sombras no chão.

A vista de sua janela é particularmente interessante e, sem dúvida, chamaria a atenção, se fosse capaz de sentir-se interessada por algo. Cada manhã e cada noite, o parque está cheio de gente fazendo *cooper*. Nas tardes, há uma legião de mães jovens, e o tempo todo você pode ver casais de namorados que viajam pelos caminhos cheios de folhas. É como um quadro com vida própria. Antes do acidente, quando as coisas ainda importavam, Willow passava muito tempo pintando aquarelas.

Naquela época, nada teria agradado mais ela do que sentar perto da janela durante horas e tentar capturar o espetáculo mutável do exterior.

Willow olha o escritório, onde está a caixa de aquarelas e pincéis que Cathy lhe comprou. Como sua bicicleta e tudo mais, ela tinha deixado os utensílios de pintura em casa. Cathy tinha feito um gesto afetuoso comprando um jogo novo, e ela deveria corresponder a esse gesto de consideração tentando usá-lo, pelo menos. Mas por alguma razão não pode encontrar força para fazer isso.

Não há dúvida de que Cathy tem sido boa para ela em muitos aspectos. Tem trabalhado muito duro para que este quarto tivesse um aspecto agradável para Willow, e com as cores suaves e o mobiliário bonito, tornou-se precioso. Muito melhor do que era antes. Em casa, se mudou para o quarto de David porque ele era o maior. As paredes pintadas de preto, eram uma reminiscência da era *heavy metal* do irmão, e Willow e sua mãe sempre prometiam alterá-las algum dia.

Quem iria dizer que quatro paredes negras poderiam transmitir tanta segurança?

Willow senta-se bruscamente, abre a janela e enfia a cabeça. O ar é suave e corre apenas uma leve brisa que embaraçara o cabelo no rosto. É o seu momento favorito do dia, justamente quando a tarde está prestes a tornar-se noite.

Se estivesse em casa agora, provavelmente estaria falando com uma de suas amigas por telefone. Normalmente, as coisas iam assim: estava com as amigas depois da escola, chegava em casa e fazia o seu trabalho, um pouco de fofoca no telefone antes do jantar ou, se não tivesse muitos deveres, um passeio de bicicleta pela estrada atrás de sua casa.

Agora, os dias transcorrem de outro modo. Para a escola, ela anda como se fosse sonâmbula, não tem amigos para falar, vai para a biblioteca, tenta fazer os deveres, mas não consegue, e come qualquer coisa que Cathy coloca... E tudo isso em companhia da gilete.

Ela deixou suas antigas amigas para trás, igual ao resto de sua vida. Elas pertencem a outro mundo, a um mundo que Willow não tem a intenção de voltar a visitar.

Nunca pega o telefone, apaga os *e-mails*, e uma por uma, todas tinham deixado de contatá-la. A única pessoa que continua tentando é Markie, sua melhor amiga e Willow sabe que só precisa deixar algumas mensagens sem respostas para que ela não volte a insistir.

Fecha a janela enquanto suspira. Se não faz mais nada, deve pelo menos se esforçar com os deveres.

Willow pega o livro que estava lendo, *História de deuses e heróis*, de Bulfinch. Deveria ler cinquenta páginas para amanhã. Depois disso, ela tem que começar a fazer um trabalho com o mesmo assunto. Não deveria ser muito difícil. Ela deve ter lido este livro mil vezes. Vira as páginas de sua edição de bolso barata e lembra a primeira edição que seu pai tinha em cima da mesa, cuja primeira página sua caligrafia aparecia desenhada com aquela tinta azul que ele tanto amava.

É mais provável que ainda esteja lá. A casa foi deixada como era, nem sequer ser posta em venda.

No princípio, Willow pensou que ela ficaria ali e que David, Cathy e Isabelle iriam viver com ela. De certo modo, teria feito mais sentido. O apartamento, apesar de ter a medida exata para um casal com um bebê, tem se mantido pequeno desde a sua chegada. Mas, desde o primeiro momento, David tinha vetado a ideia, argumentando que a viagem diária iria se tornar muito difícil. Durante vinte anos, os pais de Willow geralmente pegavam o trem, mas apenas duas vezes por semana e, apesar de horário das aulas de David ser parecido, o trabalho de Cathy a forçava a viajar todo dia.

De qualquer forma, embora não seja a situação mais cômoda, Willow não pode evitar estar de acordo com seu irmão. Apesar de sua casa ser grande e espaçosa, viver lá não teria sido propriamente fácil, e não pelas

viagens precisamente, mas porque a casa está cheia de memórias e sentimentos. Muito cheia de fantasmas.

Havia estado ali um par de vezes desde o acidente. A primeira vez foi com o David para recolher os livros de seus pais e trazê-los para o apartamento. Resultou ser uma ideia desastrosa que tiveram de abandonar a meio caminho. Na verdade, essa viagem afetou tanto David, que ele se recusou a voltar a entrar na casa. Quando eles voltaram, Cathy e ele permaneceram no carro enquanto Willow, que se sentia como uma refugiada, uma deslocada fugindo do seu país para entrar em território desconhecido, percorria a casa procurando qualquer roupa para colocar em sua mochila. Agora, ela deseja ter tido mais tempo para pensar sobre o que estava coletando. Sua bolsa não carrega muito e agora constantemente tem que pedir coisas emprestadas a Cathy. Não seria melhor ter um par de livros ao invés de três pares de calças, duas camisas e uma saia? Ela adoraria ler Bulfinch na edição antiga do seu pai e não neste paperback frágil que tinha adquirido em uma das livrarias do centro.

Willow não sabe por que sua garganta dói. Ela não consegue entender o jeito que seus olhos coçam repentinamente.

É só um livro!

Joga o paperback para o outro lado da sala, onde bate na parede, antes de cair no chão com todas as páginas dobradas.

— *Mouka, Touka, Hashatouka...*

Willow está congelada. Seu rosto fica branco e ela segura uma extremidade da colcha ao ouvir a voz de sua mãe, flutuando na escadaria. Isso a toma um momento, depois percebe que é Cathy cantando para Isabelle. David deve ter ensinado a canção, uma antiga canção de ninar Russa que sua mãe costumava cantar.

Ela sai da cama e caminha até o banheiro para molhar o seu rosto com água fria.

Ela se olha no espelho por alguns segundos e vê seu rosto, como se fosse o de uma estranha.

Quem é ela?

Willow implica que, para a maioria das pessoas, sua aparência não mudou, exceto pelos seus cabelos. Ela não tem vontade nem energia para penteá-los como fazia antes, então ela só os deixa recolhidos em uma trança que chega a metade de suas costas.

Mas *ela* não se reconhece. Talvez o seu rosto não esteja diferente, mas o olhar em seus olhos está. É pior que se não tivessem vida, porque sua

expressão é completamente nula. Ela levanta a mão para cobri-los no espelho. Ela se lembra do reflexo que costumava encará-la de volta. Aqueles olhos não estavam mortos.

Willow nunca tinha consciência de que costumava ser feliz. Simplesmente não lhe ocorreu que em sua vida tinha tudo o que ela poderia querer ou necessitar.

A única coisa que pode fazer Willow rir agora é o modo de como antes dava todas as coisas por garantido. No passado, pequenas feridas, como ir mal na escola ou um garoto a deixar plantada, a destroçava. Como ele poderia saber o que a vida a tinha reservado? Ela balança a cabeça quando pensa em quão estúpida era ao ficar triste porque o seu vestido favorito foi perdido na lavanderia ou alguma coisa igualmente estúpida.

Idiota!

De repente, ela sente uma necessidade incontrolável de bater a cabeça contra o espelho. Remover aquela expressão idiota no rosto. Ela sabe que ela não pode, porém. Não aqui, não agora. Não com Cathy no andar de baixo e David entrando pela porta.

Em vez disso, olha lentamente, franze os lábios e cospe no reflexo de seu rosto com o máximo de veneno que pode reunir.

Willow sabe que está sendo melodramática, mas qual é a diferença? O cuspe desliza espelho abaixo e ela é confrontada, de novo, por um par de olhos mortos.

Quem é você?

Esta não é a Willow que tem vivido dentro dela nos últimos dezessete anos. É outra pessoa.

Uma assassina.

Uma menina que se corta.

Willow se afasta do espelho. Cuspir para si mesma. Isso é infantil, como algo diretamente de um filme B, e realmente, assim não se consegue nada. Mas se cortar... Isso é outra história.

Ela encara seus braços por um momento. Se alguém olhasse cuidadosamente, as violentas feridas vermelhas nas mangas de algodão da camisa fina seriam claramente visíveis. Mas ninguém nunca a olha cuidadosamente.

Sobe as mangas e examina as feridas mais acessíveis. Abre o armário de remédios e retira um tubo de desinfetante. Tem muito cuidado em não deixar que infete nenhuma ferida. Ela não quer complicações. Cathy já começou a olhar para ela de uma forma estranha. Ela fica perguntando por

que Willow quer emprestadas camisas de manga longa com o bom tempo que está fazendo com o verão de São Martín. Ela não pode compreender que Willow, quem costumava se importar muito com o que vestir antes, agora escolhe sua roupa com um critério único: ela cobre as cicatrizes?

Preocupar-se com suas coisas não é tão fácil como antes. Ela não pode simplesmente deixar a sua roupa suja no cesto de roupa. No outro dia, ela teve que enterrar uma de suas camisas manchadas de sangue no parque. Não pode arriscar-se a deixar as coisas assim ao redor. Perder a camisa não a incomodava, mas foi terrível ter que cavar a terra.

Mais tarde, a caminho de casa, ela pensou ter visto um Rottweiler brincar com ela.

Willow ouve o telefone tocar. É quase a hora favorita de Markie ligar. Rapidamente, sem pensar, se gira e liga o chuveiro.

— Willow? — Cathy a chama — Telefone para você! É Markie!

Ela olha para a porta do banheiro.

— Desculpe, eu estou no banho!

Isso deve valer à pena. Deixa o chuveiro aberto, tira a camisa e o jeans, senta no chão do banheiro, coloca um pouco de creme anti-séptico nas feridas que parecem mais feias.

Ela demora cerca de dez minutos para terminar isso, mas finalmente termina de curar as feridas.

— Willow! — Grita seu irmão — Jantar!

— Já vou. — responde Willow e desliga o chuveiro. Coloca as roupas e estremece um pouco conforme seus jeans esbarram com o creme. Seria muito mais lógico colocar algum tipo de curativo, mas a gaze se notaria através da roupa.

— Olá! — Tentar parecer animada ao entrar na cozinha.

— Deus! Seu cabelo seca rápido! — Cathy diz, sorrindo.

— Ah, sim! Bem... Touca de banho. Nem sequer desfiz a trança.

Willow sorri de volta. Tem que fazer um verdadeiro esforço. A simples ideia de sentar-se e encenar a deixa exausta, porque é o único momento do dia em que não pode evitar sentar-se cara a cara com o único membro da família vivo.

Não deveria ser assim. Ver seu irmão deveria ser, de fato, o único raio de luz nesta paisagem sombria que se tornou sua vida, mas simplesmente não é assim.

Porque, por algum motivo, naquela noite chuvosa de março, não havia só terminado com a vida de seus pais. Por alguma razão, como se ele também houvesse estado no carro, naquela noite também tinha perdido seu irmão.

Sempre tinha essa sensação. O relacionamento deles tinha sido tão fraturado por todas as partes que a todos os efeitos sente que vive com um estranho. Até o ponto em que é quase mais difícil de suportar que a perda de seus pais; eles estão mortos, se foram para sempre. Mas estar em contato constante com seu irmão - a pessoa quem anteriormente era mais unida, a única pessoa que lhe resta - vê-lo, falar com ele, e apesar disso não ter nenhum tipo de ligação com ele é muito mais doloroso do que jamais imaginou.

Às vezes, Willow tenta convencer a si mesma que um dia retornarão ao normal entre eles. Afinal, já havia passado épocas em que não se falavam. Ele é dez anos mais velho, e essa diferença de idade não lhes faz ter sempre uma relação fácil.

Willow se lembra de quando ele tinha quinze anos e ela cinco. Naquele tempo, David não gostava de ter uma irmãzinha. Queria sair e construir sua vida em vez de ficar em casa cuidando dela. Por sua parte, Willow tampouco gostava muito dele. Mas as coisas foram mudando à medida que eles se tornaram mais velhos. Em algum momento entre os dez ou onze anos, por alguma razão, a maré havia mudado e ele tinha se convertido em seu confidente, amigo e protetor. De repente, era divertido ter um irmão que era muito mais velho.

Se tentar, Willow é capaz de esquecer, por um momento, que está vivendo com David e imaginar que está de visita, como tinha feito no ano passado, quando sentia oprimida pela atenção de seus pais, quando tinha a sensação que se metiam em sua vida mais para pressioná-la que para ajudá-la. Em momentos assim, ela costumava passar o fim de semana com David e Cathy, o que provocava a inveja de suas amigas.

Willow passa horas lembrando-se de como eram aqueles finais de semana, como iam as coisas então. David tinha acabado de se formar na faculdade. Cathy e ele estavam a ponto de serem pais. Tudo parecia perfeito.

Mas Willow tinha acabado com essa vida de filme de seu irmão tal como acabou com a vida de seus pais. Cathy não queria voltar a trabalhar. Mas *teve* que voltar a trabalhar ao invés de ficar em casa cuidando de Isabelle, como planejado. Em vez de preparar suas aulas, David tem que se preocupar com dinheiro o tempo todo.

Tem que se preocupar em chegar ao fim do mês. Tem que se preocupar com Willow.

Em muitos aspectos ele parece suportar este fardo bem. É tão forte, tão atencioso, tão competente, a trata de um modo tão absolutamente correto que a partir de um observador externo, parece que não culpa nada. É absurdamente educado com ela, como se tratasse de uma estranha a qual tem que se preocupar, e cuida dessa obrigação com a máxima seriedade. Mas há uma parede de gelo entre eles.

David nunca, *nunca*, fala sobre o acidente. As conversas entre eles são limitadas a minúcias da vida cotidiana. Mesmo quando têm de discutir questões de logística, como que parte de seu salário na biblioteca tem de ir para as despesas da casa, ou quando deve colocar a casa de seus pais para a venda, ele tenta evitar qualquer alusão a razão que levou a esta situação extraordinária.

No começo, Willow pensava que era apenas uma questão de tempo. Que seu irmão, em algum momento, a iria enfrentar. Esperava o momento em que gritasse com ela, ou a sacudisse, ou fizesse qualquer coisa que deixasse de lado esta perfeita cortesia. Mas meses se passaram e cada vez era mais evidente que David não tinha intenção de falar sobre o que aconteceu.

Ela tampouco se vê com forças de falar sobre o tema. Se David não quer falar sobre isso, é porque resulta ser muito doloroso, e Willow se recusa, absolutamente se recusa a machucá-lo mais do que já machucou.

Ainda assim, o jeito frio dele é muito doloroso. É o pior castigo que poderia suportar. E, no entanto, está totalmente de acordo sobre o modo em que ele a julga: já não é sua irmã pequena, é a assassina de seus pais. Por que deveria esperar que a tratasse diferente? Por que ainda espera que ele seja tão amigável?

— Como foi na escola? — David pergunta enquanto ela se senta. Cathy lhe passa uma caixa de papelão cheia de macarrão com talharim. Obviamente esta noite é chinesa.

— Bem. — respondeu Willow. Coloca um pouco de talharim no prato com um suspiro. Sabe que esta resposta não é suficiente, que David espera um relatório completo do que foi feito, mas ela está tão cansada de mentir que já não tem força. Olha para o prato. O macarrão parece vermes.

— Hmm... Eu não sei realmente o que “bem” quer dizer. Por que você não me diz como vão as aulas? Hoje você não tinha um teste de francês?

Um teste? Tudo que se lembra da aula de francês é a menina com arranhões no braço. Isso e sair correndo para fora da classe para as suas atividades extracurriculares.

Mas dificilmente pode explicar isso a David.

Ah, claro! O teste... Eles fizeram um no outro dia, Willow percebe. Deveria mencioná-lo a David em uma dessas sessões noturnas.

— É que... Não devolveram ainda. Pelo menos eu respondi todas as perguntas.

Que acaba por ser verdade. Mas era apenas um golpe de sorte que ela foi capaz de concluir o teste, já que mal abriu o livro.

— Ok. — balança a cabeça, pensativo. — E sobre as outras classes? Há alguma coisa em particular, que eu deveria saber?

Suspiro.

Willow deseja que Cathy possa interrompê-lo, mudar o assunto de alguma forma, mas ela está ocupada alimentando o bebê com alguma mistura de aparência nociva, então Willow não tem escolha além de responder.

— Não... Bem, tenho que fazer um trabalho sobre o Bulfinch... Você sabe, o livro de mitos e heróis.

— Bem, isso deve ser fácil o suficiente para você. — respondeu David. — Já escolheu um tema? Para quando é?

— Hmm... Não. Eu não tenho tema... — Willow evita o olhar de seu irmão. Ok, ela tem um tema, e não foi escolhido por ela. Mas como pode dizer para seu irmão que o professor pediu para escrever sobre o tema da perda e redenção na relação entre Deméter e Perséfone? Ela simplesmente não pode olhar para ele e dizer-lhe sobre a história de outra menina sem mãe.

— Tenho que entregá-lo em até três semanas, por isso tenho tempo de sobra para encontrar um...

— E a biblioteca? Como é que foi hoje? A Senhorita Hamilton é um pouco mais simpática com você? Quer que eu fale com ela?

— Não! Quero dizer, obrigada, mas não. Ok, realmente...

De repente ocorre uma ideia a Willow. David não quer saber como tem ido as coisas na biblioteca? Talvez devesse falar do garoto que conheceu hoje, de Guy.

Ela se pergunta se é possível, a mais remota possibilidade de que sua reação a esta notícia seja diferente da maneira como ele sempre responde às suas leituras diárias sobre sua vida na escola e no trabalho. A responsabilidade de encarregar-se de sua educação deve ser novidade para ele, mas isto... Enfim...

Willow se lembra de um dia no ano passado quando ele foi visitar o irmão em uma de suas aulas. Um dos estudantes de doutorado que não havia se dado conta de que ela era uma estudante do ensino médio, lhe convidou para sair. Seu pai não tinha encontrado um pingo de graça, mas David achou hilário.

— Eu... Eu conheci alguém na biblioteca que ia para suas aulas no ano passado — comenta Willow, testando o terreno. Ela está desprendendo a ideia, como se fosse um balão de teste. Quer ver como ele irá pegar. Ela gosta de acreditar que de alguma forma, seu irmão é capaz de relaxar quando está com ela e talvez conseguir um tema com que ele costumava brincar antes, pode ser a chave para alcançar este objetivo.

— Sério? — Cathy pergunta. Parece interessada e olha Willow enquanto tenta sem sucesso fazer Isabelle comer. — Como se chama?

— Garoto ou garota? — David pede em uníssono.

Ele olha sobre o aro dos óculos. O tom é tudo menos relaxado.

Ah, não!

— É um garoto... Bem, na verdade, se *chama* Guy. Me pareceu um nome curioso.

E bonito, é um nome bonito.

— Guy? — David pensa — Acho que me lembro de Guy... Ele ainda está no ensino médio, Certo? Acho que então está tudo bem...

Pelo amor de Deus!

— Vinha as minhas aulas para ganhar créditos para a faculdade - continua David. — É muito esperto, e mais trabalhador que muitos alunos universitários. Acredite em mim, queria ser mais como ele. O que vocês conversaram?

Agora isso soa um pouco mais como o irmão que costumava conhecer. Talvez tenha sido uma boa ideia, afinal, se não fosse, enquanto pensa nisso, cada vez se sente com menos força para ter uma conversa descontraída. Como pode responder a uma pergunta tão inocente? O que pode dizer?

Ele me perguntou por que eu vivia com você e eu respondi que foi porque eu matei mamãe e papai.

Claro que haviam conversado sobre outras coisas, mas são questões que tampouco podem falar. Provavelmente, um ano atrás, Willow não se importaria de explicar a David que Guy gosta daquela livraria no centro, mas agora é incapaz. É incapaz porque o simples fato de mencionar este lugar, que, aliás, David ama, desperta muitas lembranças de seu pai. Ele foi o primeiro a levá-los lá.

— Hmm... Eu acho que ele disse que nós nos parecíamos. — Willow olha para seu irmão em desespero. É impossível não notar quão cansado ele está, quão desgastado, quão vazio seus olhos estão. Ela gostaria de eliminar essa lacuna.

Então ele se lembra de algo que Guy lhe disse. Algo que *não irá* machucar seu irmão ao ouvir e Willow se apegua a isso como uma corda salva-vidas.

— Ah! E você sabe o quê? Eu quase me esqueci — diz ela com um tom que tenta ser entusiasmado. — Ele acha que você é um ótimo professor, eu quero dizer, ele comentou algo assim.

Não muito. Não é algo que fará seus pais voltarem, nem fazer a sua própria vida mais fácil, mas é a melhor coisa que pode oferecer.

— Sério? — David pergunta lentamente. É possível que a notícia não o tenha surpreendido muito, mas agora parece mais interessado e seus olhos têm um pouco de vida.

— Sério. — Willow responde enfaticamente. Tenta pensar em algo a mais para dizer, alguma maneira que ela possa elaborar, expandir o elogio. — Eu acho que ele disse que está seriamente pensando em entrar para antropologia, eu quero dizer, especializar nisto quando ele entrar para a faculdade. Ele disse que sua classe o convenceu que é isso que ele quer fazer.

É evidente que ele não tinha dito nada desse tipo. Willow não tem ideia do que ele quer fazer. E de qualquer maneira, se alguma coisa tivesse o influenciado, foi *Tristes Trópicos* e não David.

Mas de qualquer maneira, Willow não pode deixar de sentir um início de satisfação em ver a expressão de David mudar.

— Ah, vamos lá! — Cathy exclama de repente, deixando a colher e o pote de comida do bebê com frustração. — Eu não consigo fazer com que ela coma nada.

— Bem, o que você esperava? — David pergunta enquanto pega o vidro e o examina. — Ervilhas orgânicas? Quem gosta disso? Ela tem bom gosto, isso é tudo. — Ele se levanta e pega Isabelle da cadeira. — Você não preferiria comer algumas costeletas? — Pergunta para a menina.

— Oh, David, por favor! — Cathy dá-lhe uma olhada.

— Ok, não falava sério. Mas o que me diz de um pouco de sorvete? Ela pode comer, não pode? Não tem nada de errado com isso — nós também tomamos.

— Tem muita coisa errada com isso - responde Cathy, exasperada.

— Mas você gostaria, não é? — David segura Isabelle sobre sua cabeça, enquanto falava com ela — Estou certo que você vai ser uma dessas garotas que sabem apreciar um bom sorvete de chocolate. Vamos. — David se dirige a Cathy — Será divertido ver se ela gosta.

Willow não sente ciúmes de sua sobrinha, e não, realmente não tem nenhum desejo de que seu irmão dirija-se a ela como um bebê. Mas enquanto ela vê David brincando com Isabelle, enquanto ela vê seu rosto finalmente se iluminando, ela se dá conta, talvez pela enésima vez, que ela *perdeu* seu irmão.

Willow deixa de lado o Bulfinch com negligência. É uma hora da manhã e, apesar de ter passado as últimas quatro horas em sua mesa, ela não fez praticamente nada. Não só não fez nenhum progresso no trabalho, não só está muito cansada para dormir, mas está morrendo de fome, já que apenas provou um pouco do jantar.

Talvez devesse descer até a cozinha e preparar algo para comer, talvez então seja capaz de se concentrar no trabalho. Ela se levanta da cadeira, vai até a porta e abre. O apartamento está bastante escuro. Perfeito. Willow

começa a sair descendo as escadas devagar, cuidando para não fazer barulho. Mas quando chega em baixo, percebe, para seu desgosto, que não está sozinha. David está na cozinha, sentado-se à mesa, cercado por dezenas de papéis. Todas as luzes estão apagadas, exceto uma.

Bem, agora mesmo Willow já não tem nenhuma vontade de entrar na cozinha. Ela só pode pensar na situação tão desconfortável que se produziria. Mas apesar de querer subir, não pode deixar de estar lá e ver seu irmão. Algo não está bem pelo modo em que ele está sentado.

David tem sua cabeça nas mãos. Está rindo? Mas do que poderia rir? Ela o ouviu queixar-se mais de uma vez por ter de corrigir os escritos de seus alunos para saber que não é uma tarefa divertida. Além disso, mal faz barulho nenhum. E então, Willow entende por que balança daquela maneira, e a razão a surpreende tanto, a incomoda tanto que literalmente toma seu fôlego.

Seu irmão está chorando, está desolado e ferido. Apesar de seus soluços serem quase imperceptíveis, pode-se ver que seu choro é absolutamente devastador. Nunca o havia visto assim. Nunca havia ninguém assim. Uma amostra de emoção tão nua é preocupante e assustadora ao mesmo tempo.

Willow agarra o corrimão com uma mão trêmula e senta no chão. Sabe que o que está fazendo não é certo, que deve deixar alguma privacidade a seu irmão. Mas não pode evitar olhá-lo.

Willow olha boquiaberta. Ela seria incapaz de algo assim, de dar vazão aos seus sentimentos. Se pergunta se deveria aproximar-se dele. Mas não pode, porque ela é quem o pôs nesta situação. Suas ações são as que agora, a ele, produzem dor.

Enquanto pensa nisto, Cathy aparece detrás de David. Ele não a vê, mas Willow sim.

Sobre suas costas cai seu cabelo liso preto, interrompido pelo xale rosa sobre sua camisola.

Cathy coloca seus braços em torno de David. Sem se virar, ele pega seus braços, puxando para perto.

Willow está paralisada. A nostalgia e o anseio que emanam do rosto de David a deixa hipnotizada.

Willow observa como Cathy lhe abraça cada vez mais forte, tanto quanto pode, e abaixa a cabeça para beijá-lo.

Willow se sente como uma mariposa, atraída fatalmente até a luz. O que se deve sentir ao chorar assim? Como deve se sentir quando te consolam deste modo?

Se ela se deixasse levar, cairia em um universo de dor. Mas não pode permitir que isso ocorra, porque simplesmente não seria capaz de suportá-la, pelo menos não esse tipo de dor. Por sorte, ela conhece o modo de preveni-la.

Willow mete a mão no bolso do seu pijama para pegar o que ela sabe que encontrará ali.

Não separa seu olhar deles dois ao fatiar sua pele. A picada da gilete é tão profunda, que sente que poderia desmaiar, mas ainda assim, não tira os olhos de David e Cathy.

O sangue brota com a mesma força que as lágrimas de David. As gotas caem livremente, passam pelo braço até bater contra o chão enquanto Willow observa como Cathy seca as lágrimas de David com seu largo cabelo negro.

Willow sabe que deveria ir. Em qualquer momento poderiam levantar o olhar. Mas não pode ir, não pode se mover. Só pode seguir se cortando cada vez mais profundamente.

A gilete não a machuca, não realmente.

Não como outras coisas, de qualquer modo. Willow volta a cortar o pulso com brutalidade.

Não como outras coisas.

CAPÍTULO QUATRO

Willow se recosta sobre o Tilo* (parece ser uma espécie de árvore, não achei a tradução para o português) que há nos jardins da escola e fecha o livro com um profundo suspiro. Leva meia hora tentando ler, mas é inútil. Ela é incapaz de se concentrar. Ao invés de ver as páginas que tem diante de si, não pode remover da cabeça a imagem de seu pobre irmão.

Tem medo do que pode ocorrer da próxima vez que se falem. Se trairá com o olhar? Ela sabe perfeitamente que David não queria ter nenhuma testemunha naquele momento. Havia algo tão profundamente... Bem, íntimo é a única palavra que poderia descrever... Algo tão íntimo na sua tristeza e no consolo que Cathy lhe dava.

Pela primeira vez, ter de ir para a escola foi um alívio. Ela saiu de casa especialmente de manhã cedo para evitar encontrar-se com algum dos dois, esperando poder esquecer o que viu em vez de enfrentar o rosto de David e seus olhos vermelhos esta manhã.

Sim, exatamente!

Mas pulando o café da manhã não a fez conseguir nada mais do que

um estômago vazio.

Porque, embora seja um belo dia, e apesar de ter *um* minuto disponível para sentar-se ao ar livre e ler, não pode deixar de pensar em David. Ela já sabia que seu irmão estava sofrendo, claro que sabia, mas o ver assim...

Até agora lhe custa a acreditar no que aconteceu. Desde o acidente, David tem se mostrado tão contido, tão reservado, para vê-lo nesse estado de desespero... Enfim, ela ainda não consegue acreditar.

O estômago dá uma volta ao recordar como tentou animá-lo com falsos elogios.

Como poderia ser tão ingênua e estúpida?

Como poderia pensar que qualquer coisa que ela pudesse fazer ou oferecer pudesse o ajudar depois do inferno em que ela mesma o meteu?

Willow odeia a si mesma por tudo que tem feito a seu irmão. Porém mais que isso, odeia a si mesma por ser tão egoísta. Porque, depois de presenciar sua crise, está consciente de que sua primeira preocupação deveria ser ele. Mas em lugar disso, só pode pensar que, se ele é capaz de dar vazão a seus sentimentos desse modo...

Porque é sempre tão frio e distante comigo?

Willow olha para cima. Um grupo de estudantes que acabava de chegar ao jardim lhe chama atenção. Entre elas reconhece uma companheira de classe.

— Ei, Willow! Como vai tudo? — lhe pergunta uma das garotas.

— Indo. — Willow esboça um pequeno sorriso à garota. Chama-se Claudia. Willow não sabe muito dela, só pode dizer que tem sido simpática com ela um par de vezes, e lhe agradece esse detalhe.

— Quer vir um pouco com a gente? — Claudia se senta na grama. Inclina um pouco a cabeça e sorri para Willow com bondade.

Não. Willow não quer se sentar com elas. Quer ficar em baixo do Tilo e tratar de ler.

Mas não tem tido muita sorte com isso e, de qualquer forma, como poderia dizer que não? Claudia está sendo agradável, soaria estranho recusar o convite, e tem a sensação de que ela já parece bastante estranha.

Willow se levanta e dirige-se lentamente até o grupo. Não sabe muito bem o que fazer ou o que dizer. Se isto tivesse ocorrido há um ano, nem sequer havia esperado que a convidassem. Teria sido muito natural chegar perto de Claudia e se apresentar para o resto das garotas. Mas agora... Não é

exatamente que seja tímida, é mais como se esquecesse de como se comportar quando está com outras pessoas.

Porém há algo mais, pensa Willow enquanto Claudia se separa para lhe dar um lugar. Se pergunta se o convite é tão inocente quanto parece. Todo mundo sabe que ela é uma garota diferente. Bom, diferente de todos os demais, é a garota nova, e com isso basta para que surja todo tipo de perguntas, incluindo as mais inocentes. Contudo, Willow está convencida de despertar um interesse bastante mais sinistro, deve haver vários rumores circulando sobre ela. Com certeza há gente que sabe que perdeu seus pais. Com certeza há gente que sabe que ela matou seus pais. Até o momento, ninguém lhe perguntou nada diretamente, mas está certa de que todos querem saber sua história.

Para Willow é muito difícil não sentir ansiedade quando se senta com elas. Ao fazer isso, é como se abrisse uma porta. Em qualquer momento, as perguntas que tanto teme podem começar. Então, no lugar de relaxar e desfrutar do sol e de uma inocente conversa com outras garotas, espera, com tensão, o que pode ocorrer.

— Se eu entrar na minha primeira opção de faculdade, pinto meu cabelo de vermelho — comenta a morena, que está sentada ao lado dela.

— Me desculpe, mas não vejo o que tem a ver uma coisa com a outra — contesta outra garota.

Willow a reconhece. Esta garota sim que é vermelha. É a que Willow estava olhando tão fixamente outro dia, justo antes de cair na sala de aula. É a que tinha uma ferida no braço. A que Willow pensava que podia ser sua alma gêmea.

— E de todo modo. — prossegue a vermelha — Por que quer mudar de cor?

— Bom. — a morena se estira na grama e cobre os olhos com um boné. — Se entro na primeira opção, meus pais estarão tão contentes que não lhes importará se eu pintar o cabelo. Além do mais, eu gosto dessa cor. Deveria se sentir lisonjeada.

— É verdade, Kristen, é muito chamativo. — diz Claudia.

— Trouxe algo para comer? — pergunta a morena, debaixo do boné de beisebol.

Willow pode ver seu nome escrito nos cadernos ao lado dela: Laurie.

— Tenho um chocolate de ontem em algum lugar. — responde Kristen, e começa a buscar em sua mochila.

— Obrigada, mas acho que passo. — responde Laurie rindo — E você? Chama-se Willow, certo? — Laurie levanta o gorro e olha para ela. — Suponho que não tenha nada mais apetitoso, não?

— Não, eu... Nada. — responde Willow com a voz entrecortada.

Willow tenta sorrir, mas não sai. Parece mais que está fazendo uma careta. Evita o olhar de Kristen e se põe a olhar seus sapatos.

— Willow. — diz Claudia, enquanto se abana com um livro — Quais aulas você faz? Além de história, quero dizer. — Willow e ela vão juntas as aulas de história, no quarto tempo.

— Ah, e quem se importa? — Reclama Laurie debaixo do seu boné. — Não se ofenda, Willow, mas estou até aqui com a escola — comenta, fazendo um gesto com a mão por cima da cabeça. — Você não é do último ano certo? Este ano só penso na escola. O que vou fazer no ano que vem? Que atividade extracurricular deveria fazer este último semestre para melhorar meu currículo? Já tenho o suficiente. Não podemos fofocar ou algo assim?

— Somente tentava puxar assunto. — replica Claudia amavelmente, enquanto dá um golpe em Laurie. — Só tentava ser educada, sabe Laurie, saber algo de Willow.

— Claro. — assente Laurie. — Não pense que não me interesse Willow. Estou morrendo querendo saber como acha que ficarei sendo ruiva.

Mas Willow é salva de ter de agradecer a ruiva autêntica, Kristen.

— Vamos, Laurie, você está sempre disposta a conversar sobre essas coisas. Agora passa o assunto porque você sabe que sua primeira escolha é uma aposta certa. Você tem a melhor média de todas as pessoas que conheço. — Kristen encontrou o chocolate e dá uma mordida. — Você não tem nada de que se preocupar.

— Mas isso é muito importante — protesta Laurie. — Eu não sou nenhuma eminência em qualquer uma das minhas primeiras opções. Atualmente, não basta apenas as notas e as médias.

— Laurie, Kristen tem razão — responde Claudia. — Sua média é tão boa que todas as outras coisas não importam. Além disso, você faz tantas

atividades complementares que é como se o próprio Papa tivesse vindo para abençoar seu currículo. Eu sim tenho problemas. — Ela franze o cenho quando pega o cabelo em um rabo de cavalo. — Isto é, não que as minhas notas não sejam tão boas, mas o que mais eu fiz?

— Talvez você devesse repetir os testes - diz Laurie. — E você, Willow? Você vai fazer um curso preparatório este ano?

— Vale muito a pena. — assente Kristen.

Willow sabe que deveria dizer algo. Qualquer coisa. Ele se sente muito mais incômoda ali, sentada em silêncio, mas o que pode dizer? Um curso de preparação para os exames pré-universitários? Nada poderia parecer menos importante.

Claro que, se as coisas não tivessem mudado tanto, agora mesmo estaria pensando em se juntar em um destes cursos. Mas as coisas mudaram. Faculdade? E por que não a lua? Põe-se a pensar sobre o que fará depois da escola. A única coisa que lhe preocupa é que David vai ter de colocar a casa à venda para pagar os seus estudos.

Existe um enorme abismo que a separa de todas essas garotas. E ela sabe por que ela antes estava do outro lado. Deseja com todas suas forças poder se conectar com elas, mas simplesmente se esqueceu de como fazer isso. Willow tenta encontrar algo para dizer, qualquer coisa. Nesse momento, Kristen faz uma bola com a embalagem do chocolate e estende o braço para guardá-la na mochila. Por um segundo, se pode ver a marca que chamou a atenção de Willow outro dia.

— Você co...? — Willow fala antes de poder raciocinar. Não é apenas a sua voz que saiu quase como um grito, mas é pior...

Mas o que estou dizendo?

— Quero dizer, você co...?

Deus!

Pode salvar a situação? O resto das garotas está olhando fixamente, tem que dizer algo.

Cortar, cortavas, cortou. Como pode acabar a frase agora? Willow olha em volta, olha para Kristen e então lhe ocorre...

— Você compraria um gato?

O melhor é que cortar a si mesma, certo?

— Quero dizer se... — Willow faz uma pausa e fecha os olhos. Se ficar assim, todas se levantarão e sairão? Impossível. Ela não tem tanta sorte. É melhor terminar o que começou - Se você... Se você ...

O quê? Se ela o quê?

— Se você gosta de gatos, se você compraria um — consegue dizer depois de um momento. A garota a olha, surpreendida.

Bom! Por pouco.

Willow sente o rosto queimando. E isso por que havia sentado com elas para não parecer estranha!

— A verdade é que não. — respondeu Kristen. — Na verdade, eu sou alérgica. — Vira para Laurie. — Aliás, o creme que me indicou, me provocou uma irritação terrível. — Ela sobe a manga e começa a se arranhar com força. Então Willow se dá conta que o que tanto chamou sua atenção é realmente um arranhão. E nada mais.

Mesmo agora, enquanto a olha, pode ver como a garota arranca um par de feridas.

Ao contrário das cicatrizes que cruzam os braços de Willow, essas feridas são totalmente inocentes. Essa garota é sua alma gêmea como qualquer outra que está sentada no grupo.

Como qualquer outra pessoa em qualquer lugar.

— E quer saber minha opinião ou algo assim? - Kristen arruma a camisa e olha Willow. — Você está... Está pensando em comprar um gato? — Fala devagar, como se estivesse falando com alguém que não fala muito bem sua língua. Tentar ser simpática, mas é evidente que acha que Willow é tonta.

E pior, não pode evitar notar os olhares de desprezo que as garotas compartilham.

— Bem — diz Laurie. Tira o boné e senta-se, apoiando-se sobre um braço. — Minha irmã é uma voluntária em um abrigo para animais abandonados, se você quiser que te ajude a conseguir um gato.

Willow concorda. Dá-se conta de que todas pensam que ela é estranha.

Tentavam ser amáveis e lhe davam dicas para conseguir um gato, mas por suas costas colocarão as mãos sobre a cabeça e darão graças por não estarem loucas como ela. Talvez, até contem para as pessoas que conversavam com a garota nova. Não, não sabem sua história, mas está claro que ela é estranha... Talvez até mesmo inventem algum outro boato.

— Me desculpem. — Willow se levanta. Não pode gastar mais tempo sentada com elas. — Eu tenho que... — O quê? Não lhe ocorre nenhuma desculpa. Mas isso não importa muito. É sua imaginação ou se alegram por ela ir embora? Afinal, tinha sido convidada por educação. — Nos vemos em história. — Willow consegue dizer.

— Claro. — assente Claudia.

Willow se move tão rapidamente quanto pode através do jardim até o edifício.

Ela ainda tem algum tempo antes da próxima aula. Mas não sabe para onde ir. Nem a biblioteca ou o refeitório parecem uma boa opção. Não sabe para onde ir, mas sabe exatamente o que quer fazer.

No entanto, lhe preocupa um pouco os detalhes práticos. Ela já tem tantas marcas nos braços que poderia jogar de unir os pontos. Vai ter que esperar que alguns cortes se curem antes de voltar a se auto-satisfazer. E nas pernas? Leva jeans, como poderia chegar às pernas? E se ela fizer na barriga, se enganchará no Jersey*? (*um tipo de tecido fino) Willow sacode a cabeça. Deveria ter se dado conta. Amanhã iria por uma camisa de botões.

Mas, em seu desespero, pensar sobre esses detalhes já lhe ajuda a acalmar e esquecer a vergonha que acaba de passar, o mal que soou todo esse assunto de corte de cabelo grátis. Ainda está a ponto de esquecer como é triste de que não irá aderir a um curso de preparação para exames pré-universitários. Willow vai com determinação em direção ao banheiro, mas dentro lhe espera uma decepção, por que não está vazio. Há duas garotas fumando. Outra atividade ilícita, porém muito mais aceita. Willow não sabe muito bem o que fazer. Pode esperar que elas se vão, mas é impossível saber quanto tempo elas irão ficar. Enquanto Willow pensa sobre estas coisas, a garota que está mais perto dela apaga o cigarro na pia e acende outro.

— Quer um? — Oferece, apontando para o pacote.

Willow nega com a cabeça. Ironicamente, ela poderia perfeitamente se dedicar a fumar, por que não? Mas os cigarros, mesmo sendo prejudiciais, também produzem prazer e além do mais...

A nicotina, ela demora anos para fazer danos.

Passa pela porta, que se fecha atrás dela. Willow olha para cima e para baixo do corredor, que está completamente vazio.

Começa a andar. Não sabe para onde. Nem sequer sabe para onde o corredor conduz. Só sabe que precisa se mover ou explodirá.

Cada vez se move mais rápido. As pernas doem e se dá conta de que está correndo a toda velocidade pelo corredor. Para o inferno com as regras! Doem-lhe as costelas por respirar ofegante e pelos golpes da mochila em suas costas.

Isso é bom, todas estas coisas são boas. Não tanto quanto a gilete, mas suficientemente irritante para mantê-la distraída.

Infelizmente, os corredores não são eternos e a resistência de Willow tem um limite. Está furiosa, irritada, e quando chega ao final encontra-se em frente à uma parede de tijolos. Se não fosse um estereótipo, começaria a perfurar a parede.

Se não fosse um estereótipo e se não fosse tão difícil esconder as feridas nas mãos.

Em vez cair contra a parede, sente que vai deixar os pulmões saírem pela boca. Está em silêncio, tentando se concentrar na dor das costelas, na possibilidade de que a corrida no corredor não abriu qualquer uma das feridas da perna.

Com cuidado, esfrega a panturrilha com o pé para sentir se tem uma ferida aberta.

Bingo! Willow olha para baixo. Uma pequena mancha de sangue começa a se espalhar através do tecido da calça jeans. Não muito, não é algo que outras pessoas possam notar mas...

De repente nota uma mão em seu ombro. Uma voz inquisitiva. Willow gira e se topa com o rosto de seu professor de Física, o Sr. Moston.

Parece preocupado.

Willow não quer falar com ele. Ela quer é poder se concentrar na dor que lhe produz a perna ferida. Ainda tenta cutucar a ferida com a ponta do sapato. Mas, infelizmente, não pode. Em algum lugar em suas entranhas sabe que, se não fizer um esforço agora, terá consequências: uma conversa com um professor, um sermão. Podem até citar o seu irmão. O mais certo é que citem seu irmão. Só de pensar nisso, Willow retorna à realidade.

— Willow, você está bem? — Seu tom de voz é empático, amável e prestativo. É sincero?

Não sabe o que dizer. Ultimamente, houve tanta gente que fez essa mesma pergunta no mesmo tom, que já não sabe o que pensar.

Chega a um ponto em que não suporta este tom.

— Você está bem? — O professor repete a pergunta e Willow faz um esforço para não rir do absurdo que parece. Por que as pessoas só perguntam se você está bem quando é evidente que não está?

— Posso fazer alguma coisa para você? — Ele continua.

Para Willow, lhe preocupa que a próxima coisa seja se oferecer para acompanhá-la para a enfermaria, ou ainda pior, chamar David. Melhor será se começar a falar, e rápido.

— Não, obrigada. — Finalmente consegue responder. — Estou bem, de verdade. Só estava um pouco... — Não termina a frase, esperando que Moston já se dê por satisfeito de ouvi-la falar e não lhe peça mais respostas convincentes.

— Você quer me acompanhar para preparar o laboratório de física? — Pergunta o Sr. Moston. Ele se dirige à ela como se fosse uma menina de cinco anos, e ele estivesse oferecendo um sorvete. É evidente que a intenção dele é boa, mas a situação foi além. Sr. Moston é um rapaz jovem, provavelmente seja mais do que David. Willow ouviu dizer que este é seu primeiro trabalho como professor. Está segura de que nunca teve de lidar com um aluno com o mesmo problema que o seu.

Para Willow não importa se o Sr. Moston não sabe como ajudar. Basta que ele não conheça todos os detalhes de sua situação. Provavelmente, apenas a considera uma garota frágil. Talvez deram um aviso sobre ela na sala dos professores:

Dê-lhe tempo, não a pressione, necessitará de espaço...

— Tudo bem. — Willow consegue responder em poucos segundos. — Te ajudo a montá-lo. — Afinal, sua próxima aula é física, e não tem nada o que fazer. Não tem para onde ir.

Willow se incorpora. Pode notar uma gota de sangue que escorre pela perna e tem que concentrar-se em seguir o professor até o laboratório.

Moston abre a porta e Willow entra na sala, que cheira a mofo. A aula ainda não tinha começado, mas já tinha uma garota ali, mexendo no laboratório.

— Oi, Vicki! Como anda o experimento? — Moston pergunta.

A garota olha para cima, sobressaltada.

— Hmm, bom... Não está perfeito. — fala gaguejando, se nota que está nervosa. — Mas acho que desta vez vai sair.

— Ok. — assente o Sr. Moston. — Nesse caso vou deixar que trabalhe. — Se põe a remexer entre seus papéis com um cenho franzido. — Willow. — olha para cima. — Eu pensava que levava os deveres da semana passada corrigidos, mas parece que os deixei no escritório. Quer me acompanhar ou estará bem aqui?

— Estarei bem. — assegura Willow. Mas se sente envergonhada. A está tratando como se fosse um caso especial e, mesmo que seguramente não seja, não tem nenhuma intenção de gritar isso aos quatro ventos. Se vira para Vicki, mas por sorte a garota está muito ocupada com seu trabalho para lhe prestar muita atenção. Seguramente nem sequer ouviu nada.

Willow joga sua bolsa sobre a mesa. O Sr Moston vai embora e ela se senta em um dos tamboretos com um suspiro. Agora já pode voltar a explorar a ferida que tem na perna.

Apóia o queixo nas mãos e olha distraída como Vicki vai aqui e ali. É importante manter uma expressão tranquila, que seu rosto não a delate. Tem que parecer que não está fazendo nada pode debaixo da mesa. Tem que parecer que não está tentando abrir a ferida, não precisa notar que está manchando a ponta da sapatilha de sangue.

Ela se sente como uma mulher esfregando as pernas com seu amante por debaixo da mesa.

A perna dói. É surpreendente que uma ferida de cinco centímetros possa doer tanto. Realmente, é fácil abri-la antes que se cure, só tem que encontrar algo liso, como a ponta da sapatilha, e tentar abri-la uns centímetros mais.

Agora que já tem sua dose, agora que a dor flui pelo seu sangue como uma droga, Willow já pode pensar em outras coisas. Tenta olhar para o que Vicki faz, mas o experimento em que ela trabalha não parece bom em nada. Se pergunta se deveria reconhecer o que ela está fazendo. Talvez ela também vá mal nesta aula.

— O quê está fazendo? — Willow lhe pergunta — Isso não será parte dos deveres desta semana, certo?

— Ah, não! — Vicki anota algo em seu caderno de laboratório sem olhar para cima — Só faço para aumentar a nota. Quase... Quase fui reprovada no ano passado, e este semestre tenho que correr atrás. — se

enrubesce um pouco ao contar isso — Moston me disse que fazendo um par de trabalhos por minha conta poderia conseguir. — Vicki fecha o caderno bruscamente e quase joga uma parte do material.

— Que experiência é essa? — pergunta Willow.

A perna já dói bastante e, portanto, já pode deixá-la em paz.

— Oh, estou tentando entender a aceleração sob gravidade. Ou seja, não tem importância. O que eu quero somente é... Olá Guy. — Vicki corta a frase ao ouvir que a porta se abre.

Antes mesmo de se virar, Willow sabe que deve tratar-se do mesmo Guy que conheceu na biblioteca. Claro que poderia ser outro. Ele não vai a sua aula de física, assim não há nenhuma razão para que seja ele, mas ela sabe que é ele. E daí? Não tem nada do que se envergonhar. Afinal, ela não perguntou nada de gatos a ele.

— Olá, Vicki! Willow. — ele sorri — Moston está por aqui? Queria lhe entregar um relatório do laboratório.

— Voltará em seguida. — responde Vicki. Amarra um peso a um cilindro metálico e faz com que se balance.

Willow não pode evitar pensar que não tem a menor dúvida de que Vicki necessita de trabalhos extras. A garota não tem conhecimento de nada. Não é preciso ser uma expert para perceber que a experiência está tão mal montada que se aguenta com alfinetes. A pequena bolinha de metal oscila perigosamente junto a umas provetas. Algumas delas, cheias de líquido, devem ser parte do trabalho de outra pessoa.

Ela está a ponto de sugerir à Vicki que coloque as provetas longe de seu experimento, mas antes de chegar a pronunciar uma palavra, o peso já tinha chocado contra uma delas. Willow vê como algumas das provetas caem ao chão com um grande estrondo e ficam destruídas. Um líquido azul viscoso começa a se espalhar por todo o lado.

— Ah, meu Deus! — exclama Vicki.

— Não é tão terrível. — Guy tenta consolá-la enquanto se aproxima para avaliar os danos.

— O quê? — Vicki o olha com ceticismo. — Está louco? É um desastre! Só estou fazendo este exercício porque estou muito atrasada do

resto da classe. A última coisa que preciso é me encarregar do experimento de outra pessoa. Vão me matar!

— Talvez devêssemos limpá-lo antes que Moston volte. — afirma Willow enquanto se aproxima deles, mancando um pouco. — Espera. — Pega umas esponjas que estão próximas da pia e passa uma para Guy — Temos que tomar cuidado com os vidros. — Fica de quatro e começa a limpar o líquido azul.

— Oh, por quê? — choraminga Vicki, apertando as mãos.

Willow fica surpresa que a garota está a ponto de chorar. Ela não sabe que um par de provetas quebradas e um experimento de física fracassado não são razões para chorar? Willow agacha e segura a esponja sem fazer nada enquanto observa a garota. Sério que não se dá conta da sortuda que é ao poder dizer que o pior que pode acontecer em sua vida é carregar parte do material do laboratório?

Lágrimas. Lágrimas reais começam a brotar dos olhos de Vicki e caem pela bochecha.

Por algumas provetas quebradas?

Willow não pode acreditar. Não pode evitar; talvez devesse ser mais bondosa, mas não pode sentir nada mais que desprezo por alguém tão fraca.

— O que está acontecendo aqui?

Sr. Moston acaba de entrar. Está atrás de Willow, observando a bagunça que há no chão.

Os três ficam calados por uns minutos. Vicki consegue desviar o rosto para que Moston não se dê conta de que está chorando.

Willow percebe que Vicki está mostrando coragem para explicar a verdade ao Sr. Moston.

— Foi tudo culpa minha.

Willow se surpreende ao ouvir sua própria voz.

Joga a esponja no chão e se levanta para olhar o Sr Moston cara a cara.

— Eu pedi a Vicki que me ensinasse o experimento. — continua Willow, evitando deliberadamente se encontrar com os olhares de Guy e Vicki. — Tentava ajustar o peso e quando estava com ele. — Willow aponta para o chão — Parece que caiu tudo.

Willow não sabe muito bem porque saiu em defesa de Vicki. Talvez seja porque pensa que ela, como é a garota nova, não pode se meter em problemas. Ou talvez seja porque Moston já está suficientemente preocupado com ela para fazê-lo passar um mau momento. Ou talvez seja porque, se é honesta consigo mesmo, percebe que o sente por Vicki não é desprezo.

É inveja.

Porque, se pensar bem, é realmente tão horrível que o pior que possa ocorrer na vida de Vicki seja umas provetas quebradas? Não deveriam ser assim as coisas?

Não faz tanto tempo que umas provetas quebradas também poderiam ser o pior que ocorreria à Willow...

— Está bem. — assente Moston lentamente — Não se preocupem em limpar, não quero que se machuquem com os vidros quebrados. Parece que você cortou a perna, Willow.

Willow se surpreende. Deve ter aberto a ferida mais do que pensava. Espera que não sugira ir à enfermaria.

— Hm... Não é nada, de verdade. Já tinha machucado antes... Depilando as pernas. — balbucia e fica vermelha.

Depilando as pernas?

— Se você diz... — Moston responde com ceticismo — De qualquer forma, não quero que ninguém mais se corte. Vou buscar alguém da manutenção para que se encarregue disto. Guy, pode me acompanhar? — Pega o relatório do laboratório que Guy tem na mão — Não quero que chegue tarde na sua próxima classe, mas vou precisar da sua ajuda para levar o material.

— Tudo bem. — Responde Guy para Moston, mas Willow pode sentir que não lhe tira os olhos. — Afinal, tenho um tempo livre

Os dois saem do laboratório, e Vicki e Willow ficam sozinhas.

— Não posso acreditar no que acabou de fazer. — diz Vicki. Em seus olhos brilham uma espécie de admiração.

Willow não carregou a culpa para ganhar a admiração da garota. Mas o olhar de Vicki, enfim, é difícil não sentir nem que seja um pouco bem... Fazia muito tempo que ninguém a olhava sem sentir piedade.

— Esqueça. — Willow responde, encolhendo os ombros. — Eu já sabia que não ia levar nenhuma bronca. — diz com um sorriso para Vicki enquanto volta ao seu lugar.

— Claro, eu já sei. — diz Vicki, seguindo-a — Bem, além de você não ter causado vários desastres no laboratório como eu, Moston não te faria passar um mau momento por nada no mundo. Deve se sentir mal por você, você sabe, com isso tudo sobre não ter pais.

— Perdão? — Willow está buscando um band-aid em sua bolsa, porque não quer que ninguém mais perceba a ferida na perna, mas se detém e olha para Vicki.

— Porque você é órfã, certo? Seus pais não morreram no ano passado ou algo assim? Verdade? Certamente pode aproveitar disso até que se forme.

Willow sente como se acabassem de lhe dar uma bofetada. A frase que Vicki acaba de soltar casualmente acaba com os bons sentimentos que começavam a aflorar em seu interior. Esta garota está enganada, como todas as outras

Embora, na realidade, não deveria ficar com raiva. Vicki não fala com malícia. Simplesmente é muito insensível para se dar conta, é tão desajeitada falando como manejando o equipamento do laboratório.

O Sr Moston e Guy voltam com um montão de material. Um grupo de estudantes entra com eles. A aula vai começar.

Willow olha como Guy ajuda o Sr Moston a organizar tudo. Pensa no modo como ele reagiu quando ela disse aquilo.

Ficou pálido. Não saiu com as frases típicas. Não disse nada cruel. Não havia nada o que dizer e teve o bom senso para não fazer.

Willow se sente tão agradecida ao lembrar que desejaria poder levantar-se e dizer a ele, segui-lo para fora da sala e explicar o quanto isso significou para ela que ele fosse tão considerado.

Por um instante seus olhares se encontram. Willow nota que está corando, mas não sabe por quê. Certamente ele não tem nem ideia do que ela está pensando e, afinal, aquilo já é passado. Ela não tem nenhuma intenção de agradecê-lo, ou nem sequer falar com ele. Já aprendeu a lição. O melhor será não falar com ninguém no momento.

É incapaz de falar com as pessoas, e pelo visto, os demais passam igualmente mal falando com ela.

Se voltar a falar com Guy, é possível que já não seja tão amável. Talvez já tenha ouvido coisas sobre ela que o tenha feito mudar de ideia, ou talvez seja simplesmente que aquele dia em especial, ele se sentia assim.

Seja o que for, ela nunca saberá. No entanto, quando o vê sair, seu estômago faz um nó. Percebe que é a única pessoa que conheceu nos últimos meses que não disse algo estúpido ou insensível sobre o fato de que seus pais estão mortos.

E também o único que falou de *Tristes Trópicos* com ela.

CAPÍTULO CINCO

Não poderia falar um pouco mais baixo? Pensa Willow enquanto se alonga e enterra a cabeça nas páginas do seu livro. Continuar lutando com o Bulfinch; ao menos tem um par de semanas para entregar o trabalho. No tempo normal, lhe sobraria tempo, mas, ultimamente as coisas são tudo menos normal, e a conversa da outra garota não está lhe fazendo mais fácil.

— Ele disse que iria me ligar...

Willow tenta ignorá-la, mas é uma batalha perdida. Ela tinha deixado a escola cedo e havia ido ao campus pensando que ali poderia trabalhar, mas em vez de se concentrar no Bulfinch, não para de se distrair com tudo o que acontece ao seu redor.

Já teve que mover-se duas vezes para escapar de um Frisbee, e agora, quando finalmente conseguiu se situar, sentou ao lado desta garota e ela começou a falar, muito alto, pelo celular.

— Já faz dois dias! Mas você sabe o quê? Ele me disse que eu tinha que estudar para um exame muito importante e já sabe o estresse que é isso. Certamente que essa é a razão que...

Willow fecha o livro com um suspiro. É inútil tentar ler.

Pelo menos, ouvir as conversas dos outros, parece ser mais interessante.

De repente, uma onda de solidão invade Willow. Gostaria de poder conversar com Markie, ser capaz de falar com ela. Retrocede sete meses e volta para as duas focando assim. A conversa não era muito diferente da desta menina. Depois de analisar o problema da chamada telefônica de todos os ângulos possíveis, teriam passado para falar sobre o cuidado da pele e depois...

— Você deveria ver quão queimado está meu cabelo...

Ok, em vez de pele, as pontas duplas. Bastante perto. Willow sorri um pouco. Pelo menos ainda é capaz de se interessar por estas coisas. Pode não ser um desastre toda vez que abre a boca.

— Eu mesma tentei fazer os reflexos e foi uma catástrofe.

Catástrofe? Willow se senta e olha para a menina sem poder acreditar. *É essa a sua ideia de catástrofe?*

Gostaria de poder lhe mostrar algumas fotos do acidente.

Talvez devesse ter ficado na escola, mas, na verdade, é pior ouvir isto ou os contínuos comentários de Claudia e Laurie sobre a pontuação dos exames? Pelo menos aqui, ninguém espera que se junte à uma conversa; além do mais, gosta de passar um tempo no gramado do campus. Antes, quando seus pais eram vivos e ia com eles para a cidade, gostava de ser sentar ali e ler enquanto esperava que terminassem de dar suas aulas. Em seguida, iam buscar David e Cathy e iam jantar por ali.

Willow balança a cabeça. É ridículo pensar que poderia ser o mesmo agora. Afinal, nada mais é.

Já não quer escutar mais. Já não quer ficar estirada na grama. Só tem uma coisa que quer fazer agora mesmo. E é estranho, porque até agora não tinha lhe passado pela cabeça recorrer à gilete. Willow não é tonta. Sabe exatamente o que está acontecendo. Escutar este tipo de conversa é como abrir uma janela para o seu passado. O choque terrível, o ângulo que tomou o pescoço de sua mãe, seu próprio cabelo empapado com o sangue de seu pai são imagens muito difíceis de processar. No entanto, as coisas mais triviais sempre a pega desprevenida.

Ontem, todas as suas tentativas de cortar-se foram frustradas. Talvez hoje pudesse ter mais sorte. O campus é grande, muito mais do que a escola, e se não encontrar um lugar aqui, sempre lhe sobrá o parque...

Mas ainda é de dia. Não quer correr o risco de que alguém a veja no parque.

Willow busca em sua bolsa a procura do seu cartão da biblioteca. Apesar de odiar subir até o depósito, esse poderia ser um bom lugar, se não fosse por deixar o cartão em casa.

Sem dúvida, tem tudo que precisa. Nunca sai de casa sem levar repostos.

Mas tem que ir com cuidado, reger-se por algumas normas. Se fizer muito frequentemente poderia se meter em problemas. Toda vez que incorre, as possibilidades de que alguém a descubra, de que uma ferida infete, ou ainda de perder muito sangue, crescem. Vai ter que começar a racionar as sessões. Pensa na gilete igual como outras garotas pensam em tomar um sorvete.

Não é só isso, ocultar está sendo cada vez mais complicado. É tão difícil lembrar-se de tudo, cada pequeno detalhe, que tem que estar ciente se quer manter em segredo. Como há um par de noites, quando viu David chorando.

Depois que Willow adormeceu, depois que o corte da gilete a acalmou como uma canção de ninar, se despertou sobressaltada. Sabia que algo não ia bem. Willow se sentou na cama e pensou durante quase meia hora, dando voltas na cabeça, até que se deu conta de que não havia limpado o sangue que havia caído do braço.

E se havia se esquecido de limpar? E se Cathy o viu de manhã?

A garota do celular se prepara para ir embora. Willow já não terá que ouvi-la. Mas já não importa, é muito tarde. Se pudesse encontrar o estúpido cartão... Mete o braço até o final da bolsa.

— Ei, como vai?

A interrupção a pega de surpresa. Tira a mão da bolsa abruptamente, como se a estivessem pegando roubando. O coração bate com força, como se acabasse de correr uma maratona.

É Guy. Claro, quem mais seria. É a única pessoa por aqui com quem tem falado.

— Oi. — ele se agacha, limpando as mãos contra os jeans. Elas estão um pouco suadas. — Ia para a biblioteca?

— Não. — responde Willow, negando com a cabeça. — Hoje não trabalho.

— Ah, veio para ver seu irmão, então?

— Eu... Não. — Quase começa a rir. Tem feito todo o possível para evitar David desde que presenciou aquela cena na cozinha a meia noite.

— Certo. — Guy pensa uns instantes — Veio somente para ler? Eu também costumo fazer isso. É muito mais fácil avançar nos trabalhos aqui do que na escola. — Enquanto lhe explica isso, Guy se senta perto dela.

Deixa sua mochila na grama e, a usando como almofada, se estira protegendo o rosto do sol com uma mão.

Willow não sabe o que responder. Está muito ocupada tentando planejar como escapar para manter seu compromisso com a gilete.

— Bulfinch? — Guy pega o livro. — Deve estar fazendo Heróis e Mitos. Eu também fiz ano passado. — Começa a passar as páginas, dando uma olhada. — Eu gostei, mesmo que tampouco seja minha classe favorita. Quero dizer, os mitos gregos são os melhores que há, mas Bulfinch... É um pouco chato, não acha? — Seu sorriso brilha sob o sol. — Quem o dá este semestre?

Fala com uma facilidade incrível, como se já houvessem tido milhares de conversas.

Como se fossem amigos.

Deveria sentar-se e falar com ele. Não há nenhuma razão para não fazer isso. A conversa que tiveram no depósito havia sido boa, antes de partir por outras direções. Porque não podem falar de Bulfinch, da escola ou de outras coisas?

Mas Willow já decidiu que falar com ele é muito perigoso. Lembra do outro dia... Como pode saber se quando acabar de falar, quando ficar nua diante dele* (no sentido de contar tudo, ser transparente), não fará algum comentário desajeitado e doloroso como a garota do laboratório?

Não. Não falará mais nada. Nem sobre Bulfinch nem sobre nenhuma outra coisa.

Tem outras coisas para fazer.

— Me desculpe. Eu... Eu não posso falar agora. Tenho um pouco de pressa. — diz Willow enquanto pega suas coisas.

— Vamos, fique! Se você for, eu vou ter que começar a trabalhar e eu prefiro perder esse tempo. Olha. — Guy se levanta, apoiando-se em um cotovelo. — Se ficar e me dizer alguma coisa, te convido para um capuccino no lugar que te falei. — Pega uma das alças de sua mochila e tira dela.

— Não posso! — responde Willow nervosa. Vai na direção oposta, porém Guy é mais forte e ela choca-se com ele.

— Ei, Cuidado! — Guy solta a bolsa e se levanta para apanhá-la.

Willow agarra com força e não pode reprimir um estremecimento quando ele aperta as feridas, que ainda estão abertas.

— Tem algo errado? — Guy olha para ela intrigado.

— Não. — Willow estira o braço rapidamente, mas o dano já foi feito. As feridas foram tocadas antes de terem tempo de cicatrizar e o sangue está transpassando pelo tecido da camisa. Willow não olha, apenas tenta andar o mais rapidamente possível. Nem sequer importa em que direção vai.

— Ei. — Guy se levanta. Desta vez põe a mão no ombro dela para que se vire e o olhe nos olhos. — Você está sangrando!

Willow não sabe o que dizer. Ficou congelada.

— Isso parece muito ruim. — Guy observa a camisa empapada de sangue, como o tecido branco se cobre de vermelho.

Parece que ele não entendeu, pensa Willow, aliviada. É possível que não relacione o sangue que sai do braço com a ferida de ontem?

Se pudesse pensar em alguma desculpa aceitável para justificar as feridas... Se não estivessem em um lugar tão revelador... Não foi difícil mentir sobre o corte na perna.

Claro, se houvesse pensado em outra desculpa, uma queda, um acidente, qualquer coisa que não fosse se raspar, por que... Enfim, com as pernas podem acontecer, mas... Ninguém raspa o braço. Que explicação teria para as feridas no braço?

Guy está cada vez mais confuso enquanto olha o sangue. Olha para Willow com um olhar inquisitivo.

Bem, uma pena, pensa Willow. Não pretende responder. Tira a mão sem pensar na dor. Infelizmente, ao fazer isso, a bolsa cai de suas mãos até o chão e todo o conteúdo se espalha.

— Não! — Grita Willow enquanto Guy se agacha para ajudar a recolher as coisas. Por que tem que ser tão educado? Pensa em empurrá-lo. Sacudi-lo, ou algo tão estúpido quanto dar um chute na canela, qualquer coisa para separá-lo de suas coisas, somente para assegurar de que está bem longe de suas coisas.

Willow corre para recuperar seu tesouro, mas é muito tarde. Guy tinha chegado primeiro. Tem umas giletes nas mãos. Se levanta e as devolve, junto com um par de canetas, um chiclete e o resto de seus pertences.

Willow não pode acreditar. As encontrou e mesmo assim não entendeu. Não encontra nenhuma conexão entre o sangue que sai do braço e a gilete suja que acaba de pegar.

Se sente tão aliviada que não pode evitar e começa a rir. Guy parece confuso por uns instantes: Afinal, não é divertido que sua bolsa tenha caído.

Mas é um cara compreensivo. Seu rosto desenha pouco a pouco um sorriso e começa a rir.

Willow pensa no que isso deve parecer: Como um jovem casal de namorados.

Isso a faz rir um pouco mais. Quem poderia imaginar que ela ri porque ele não entende o significado do que tem nas mãos?

— Ei! — diz Guy de repente. — Eu uso a mesma marca. — Fica olhando as giletes e para de rir. Willow se dá conta de que deveria ter saído correndo, de que ela o subestimou, de que ele, finalmente, entendeu.

— Ei! — A voz de Guy não pode esconder o pânico. Willow sabe que deveria ter ido, mas está cravada no chão. Sua mente funciona a toda velocidade, mas não lhe ocorre nada para dizer, não encontra uma maneira de garantir que o coração não vá para a boca.

— Ei! — Exclama Guy mais uma vez. Sobe a manga e olha o braço. Willow fica vermelha como um tomate. Não poderia sentir mais vergonha nem ficando nua e com ele olhando seus peitos. Pode sentir seus olhos, como se encham da visão terrível das cicatrizes antigas que se confundem com as novas, o sangue que se estende por seu braço, as feridas mal curadas.

Levanta o olhar e a olha nos olhos com uma expressão entre choque e repulsa. Willow lhe devolve o olhar. Guy, como ela, não diz uma palavra. E não tem o que pensar. Não há nada a dizer. Willow deixa o braço cair. O pior já passou. Talvez agora ele a deixe ir embora. Afinal, o que ele pode fazer? Mas ao voltar a olhá-lo, Willow vê como esse terror que há nos olhos de Guy se transforma em determinação. Percebe que, efetivamente, há uma coisa que ele pode fazer, que tem toda a intenção de fazer, algo tão terrível que as pernas de Willow fraquejam só de pensar.

Pode contar para David.

Guy se vira rapidamente e começa a correr através do gramado. Willow, sem pensar, se lança atrás dele. Mas ele é rápido. Muito mais rápido do que ela pode chegar a ser. Atravessa a entrada da universidade, sobe a escada correndo. Em questão de segundos chegará ao edifício de antropologia, e ela ainda não o alcançou.

Willow quer dar um grito para fazê-lo parar, mas tem medo de atrair para eles mais atenção. As pessoas já começaram a se virar para olhar. De qualquer modo, ela ficou sem ar e além do mais, de que servirá gritar? Gotas de suor atravessam as costas, e o coração bate com tanta força que realmente acha que pode explodir, mas isso não é nada, nada em comparação com o desespero que a invade em pensar no que está a ponto de

acontecer. Não pode permitir que Guy acabe com seu segredo. Não pode permitir que ele acabe com a única coisa que lhe oferece algum consolo.

Um grupo de estudantes sai do edifício de antropologia quando ele está chegando na entrada. Estão falando e rindo e bloqueiam a entrada. Willow não pode acreditar na sorte que está tendo. Guy fica parado na frente da porta, não pode fazer nada além de esperar que se movam.

Quando os estudantes finalmente desbloqueiam a entrada, Willow consegue alcançá-lo.

Guy abre a porta, mas ela já está nos seus calcanhares. Ele sobe a escada de dois em dois. Willow se lança atrás dele, estendendo os braços freneticamente, decidida a alcançá-lo, a detê-lo, a evitar que alcance seu objetivo.

Willow consegue pegá-lo pela camisa. Estica-se, porém ele é mais forte e ela o solta temendo rasgar o tecido. Nesse momento, ele se vira. Talvez ele esteja surpreso com a facilidade que ela abandonou sua camisa, ou talvez surpreenda o absurdo, o eufemismo que resulta uma pessoa que não tem nenhum problema em mutilar seu próprio corpo não seja capaz de destruir uma camisa. Ficam em silêncio na escada, respirando aceleradamente, sem dizer nada, medindo as forças. Então, Guy vira-se de novo. Desta vez Willow é suficientemente rápida para pegar a mão dele, mas, mesmo que ela aperte com todas as forças, ele volta a avançar. Com a outra mão, Willow agarra o corrimão e seus pés se engancham ao chão como se fossem de ferro, mas é inútil. Ele não dá seu braço a torcer e a única coisa que pode fazer é caminhar com ele.

Quando chegam ao quarto andar, ainda estão de mãos dadas. Guy para um instante frente à porta do escritório de David. Olha para Willow em silêncio.

— Por favor, não diga nada para ele. — Willow implora, ao sentir como ele hesita. — Por favor.

Mas não dá tempo de suplicar mais porque, antes mesmo de Guy bater na porta, ela se abre mostrando David atrás dela. Faz um gesto para eles entrarem no escritório.

— Bem, olá! — David os olha com um grande sorriso.

Os dois estão rosados e respiram com dificuldade, de pé, segurando as mãos.

É evidente, pela expressão de seu rosto, que ele interpretou mal a situação.

— Agora não posso ficar por vocês. — disse uns segundos depois. — Tenho que devolver um par de telefonemas. Se vocês não se sentirem mal

em esperar... — No entanto, não se move uma polegada. Não pode ocultar um sorriso babaca ao vê-los de mãos dadas.

Willow quase não pode respirar, sente que vai desmaiar. Mas nem sequer teme por si mesma. A ideia de ter que abandonar seu vício é bastante dura. Mas a ideia de Guy ter que explicar tudo para David, de ver desaparecer esse sorriso, é muito pior.

Faz meses que seu irmão não está tão contente.

De repente, ocorre uma ideia à Willow. Já sabe como se salvar; o alívio que sente é tão forte que falta força.

— Será um segundo. — David diz finalmente. Fecha a porta do escritório, deixando Willow e Guy sozinhos.

Guy cai no chão. Sua mão e a de Willow permanecem juntas e Willow se vê arrastada por ele. Este é o único momento em que ela tem o controle. Agora sabe o que deve fazer.

— Viu o quão feliz ele ficou? — Willow sussurra no ouvido de Guy.
— Ele pensou que estávamos, você sabe, juntos.

— E? — pergunta Guy rudemente.

— Não entende? — prossegue Willow. — Pensa que estamos juntos, que estou melhorando. Eu não o via assim tão feliz desde... Enfim, provavelmente desde o acidente. Você quer apagar aquele sorriso do rosto dele? — Não pensa em se render. — O que você acha que ele vai ganhar com isso? Isto pode matá-lo.

Por uns instantes Willow se pergunta se isso é realmente certo. Não tem nenhuma dúvida de que perdeu o amor de seu irmão, mas isso não significa que ele não vá fazer tudo que está ao seu alcance para ajudá-la. Isso não significa que não lhe animou vê-la com Guy. E sobre tudo, isso não significa que a possibilidade de descobrir algo terrível de sua irmã não vai destruir seu mundo um pouco mais. Willow não pode permitir que Guy faça algo assim.

Mas Guy não parece estar tão seguro como estava há alguns minutos. Olha para Willow e em seguida se vira, olhando para o infinito.

— Isso o matará. — repete energicamente.

— Mas servirá de algo. Você vai... — A voz de Guy se apaga. É óbvio que não pode unir forças para pronunciar as palavras.

— Me suicidar? — Willow acaba a frase por ele. — Não, não vou fazer isso.

— Perfeito. — Guy a olha indignado. — Só vai se mutilar. Tem razão, isso é muito melhor.

— Melhor ou pior, o que te faz pensar que contar ao meu irmão me vai fazer parar?

— Não é assim?

— Nem de longe. — A voz de Willow soa como uma chicotada. — A única coisa que vai conseguir é perturbá-lo tanto que... Bem, não sei o que pode acontecer, não tenho nem ideia, mas vai ser algo terrível. Acredite em mim. Ele passou por muitas coisas. Quanto mais ele vai aguentar? E de que vai adiantar isso tudo? Te digo uma coisa: Mesmo se você contar para ele, não vai me fazer parar.

— E o que acha que tenho que fazer então?

Guy a olha enfadado.

— Não me importo com o que faça. Mas não pode dizer para ele.

Willow ouve quando a porta do escritório de David se abre. Apóia-se contra a parede e tenta parecer calma.

— Bem, para quê queriam me ver? — pergunta David.

Guy se levanta. Está um pouco estável e segura Willow com mais força do que pensa.

Willow está totalmente quieta. Fez o que pode. A partir de agora, depende de Guy.

— Queria... — Guy para na metade da frase e olha para Willow e David. — Queria saber se tem as listas dos programas para o próximo semestre. — diz entre os dentes.

Nada mal.

Willow olha para Guy com certo respeito. Não é que se importe com o que diz para David, desde que não a abandone, mas mesmo assim, não consegue acreditar que ele tinha sido capaz de improvisar uma desculpa tão plausível.

Nesse instante toma consciência da importância de suas palavras.

Desde que não a abandone.

Sente um alívio tão grande que suas pernas cedem. Se Guy não a estivesse segurando com tanta força, havia caído no chão.

— Bem, devo dizer que tem uma imagem imprecisa de mim se pensa que já tenho o próximo semestre preparado. — David diz rindo. — Quase não posso nem levar este semestre direito. Mas fique e eu te explicarei algumas ideias que tenho em mente e talvez possa te dar um par de conselhos para outras aulas que possam te interessar. Minha irmã me disse que quer estudar antropologia ano que vem.

Willow olha para o teto e começa a assoviar uma melodia.

Mas Guy não parece se interar muito com o que David diz. Está claro que ainda não se recuperou de tudo que ocorreu.

— Me parece genial. — continua David. Senta em sua mesa e lhes convida com um gesto para que se sentem no sofá. — De todo modo, mesmo que esteja pensando em se especializar, deveria testar outros departamentos.

Faz uma pausa e começa a folhear os papéis que estão dispersos por seu escritório. Willow se senta perto de Guy no sofá. Nunca havia se sentido tão incomoda e não vê o momento em que essa reunião improvisada termine.

— Hum, oh, sim, suponho que tenha razão. — Guy está fazendo um esforço evidente para acalmar-se. — Mas já sabe, ano passado fiz um par de cursos aqui... Os teus, que eu gostei muito, e depois um curso básico de redação. Eu odeio dizer isso, mas foi uma perda de tempo total. Só fiz porque minha escola recomenda que para fazer aulas aqui comece com isso... — Se volta para Willow. — Se no final decidir fazer algo aqui no semestre que vem, certamente terá que...

— Sim, bom. Não acho que esses tipos de coisas sejam as mais adequadas para Willow neste momento. — David interrompe abruptamente.

Willow se sente um pouco como se acabassem de lhe dar uma bofetada. Não é que tenha um desejo especial de fazer cursos extras, mas dói ouvir seu irmão falar dela como se ela não estivesse ali. Não gostou de como isso soou; está claro que para David é muito mais fácil falar sobre o futuro de Guy.

Talvez tenha parado de sentir ciúmes de sua sobrinha de seis meses, mas Guy não está livre de loucuras. O olha com ressentimento.

— Sabe o quê? — prossegue David. — Pensava que tinha minhas anotações aqui, mas devo tê-las deixado em casa. Porque não me dá seu email? Assim que eu resolver isso tudo, te mandarei o que tenho.

— Perfeito, obrigada. Hmmm... Bom, espero ver você no próximo semestre. — Guy se levanta do sofá, e Willow sai do escritório de David atrás dele.

— Droga, droga, droga. — murmura Guy, abrindo a porta do edifício com um forte empurrão.

Já está de noite. Enquanto atravessam de novo o campus, uma ligeira brisa sopra contra o cabelo de Willow. Com tudo o que acaba de acontecer, isso é relaxante e Willow está contente de não fazer nada além de desfrutar dessa sensação. Está muito exausta para falar, muito exausta para pensar. No entanto, Guy não parece ter esses problemas.

— O que estou fazendo? — repete uma e outra vez. — Não posso acreditar em toda a farsa que acabou de acontecer! Devo estar louco que nem você. — Guy pára e a olha com uma expressão entre indignação e ceticismo.

— Fez o correto. — insiste Willow cansada.

— Ao menos me deixe te levar ao serviço médico para os alunos. — diz Guy — É totalmente confidencial.

— Não.

— Mas não posso deixar isso assim! Você não pode me deixar nessa situação!

— Eu não te pus em nenhuma situação. — responde Willow friamente. Acelera o passo. Quase chegam ao parque.

— Sim, sim você pôs. — responde Guy teimosamente. — Não posso esquecer isso. E se você...?

— Já te disse que não tenho nenhuma intenção de me matar.

— E acha que assim corrige tudo? — Se sentam em um banco. — Rasgar a pele em tiras é legal se você não morre?

— Acho que o que eu quero dizer é que você não tem que se preocupar. Você não tem que...

— Perfeito! — Guy a interrompe na metade da frase. — Eu não ia me preocupar.

— Não preciso de algo assim. — continua depois de uns instantes. — Se não conto para o seu irmão, então o quê? Vou ter que te vigiar? Não posso! Estou fazendo aulas aqui, ia começar a buscar um trabalho. Maldição! Tenho outras coisas. Agora estou enganchado com você! Willow fica tensa ao ouvi-lo.

— Absolutamente não! Eu já te disse!

— O quê? — a olha enfadado. — Certo, vamos deixar as coisas claras. Você não quer que eu diga para seu irmão...

Willow assente com fervor.

— Certo, perfeito. Faz com que eu te prometa e agora espera simplesmente que eu vá por onde eu vim? Está brincando? É possível que eu tenha coisas melhores para fazer, mas isso não significa que eu preciso de você na minha consciência.

De repente, uma ideia ocorre à Willow.

— Se eu me deitar com você. — diz — Me deixará em paz?

Guy fica em silêncio alguns segundos e depois a olha. Ele parece totalmente tranquilo. Talvez todo o ocorrido nas últimas horas foi tão inquietante que agora é imune a qualquer outra coisa. A observa com atenção e Willow tem a terrível sensação de que ele está pensando se ela é boa o suficiente para aceitar a oferta.

E o que vai fazer se ele aceitar?

Willow se sente cada vez mais nervosa. O coração bate com tanta força como quando o perseguia correndo através do campus. Não pode acreditar no que acaba de fazer. Realmente estaria disposta a sacrificar...?

Mas, afinal, seria muito diferente do que com a gilete?

— Posso te perguntar uma coisa? — diz finalmente

— Sim. — assente Willow. Está certa de que vai perguntar se é virgem ou se alguma vez...

— Está mal da cabeça?

Sim.

— Não, falei sério. — continua sem esperar resposta. — Está mal da cabeça? Além do mais... — Continua dando um chute numa pedra. — Quem disse que eu sentia isso por você?

Willow se sente aliviada e humilhada. Nunca havia ocorrido que ele tinha que sentir algo para querer dormir com ela.

— Bem, eu só pensava que, você sabe, você é...

— Cala a boca. — A interrompe. — Agora mesmo.

Os dois ficam um tempo em silêncio. Ele desvia o olhar e olha para frente. Willow não sabe muito bem o que fazer agora. Talvez devesse simplesmente levantar e ir para casa, mas justo quando está pensando nisto, Guy se vira de novo com outra pergunta.

— Por que faz isso? — pergunta — Poderia ao menos me explicar? Por quê?

— O que te faz pensar que eu queira falar disto com você? O que te faz pensar que eu sinto isso por você? — diz Willow imitando as palavras dele. Quer injetar todo o veneno que puder em sua voz. Se sente envergonhada e humilhada pela loucura de sua oferta e quão facilmente ele recusou.

— Há um momento você estava disposta a se deitar comigo! — Guy sacode a cabeça ao absurdo de todo esse assunto. Pela primeira vez, Willow se dá conta de que ele ainda está segurando sua mão. E, mesmo que ele tenha acabado de humilhá-la, mesmo que ele tenha acabado de fazê-la sentir-se como uma idiota, ela não quer soltar.

— O que eu devo fazer com você? — Guy fala em voz alta, mas é evidente que não está se dirigindo a ela. — Ia ser um semestre genial. Não posso passar por isso... Deus! Eu não quero isso! — murmura com indignação.

Willow não pode deixar de rir. Ela quer?

— O que é tão divertido? — Se volta para ela. — Parece divertido para você?

Willow encolhe os ombros.

— Claro, meus pais estão mortos, é hilariante.

Guy olha para ela envergonhado por uns instantes.

— Como...? Você se importa em me explicar...? Como ocorreu exatamente? Quando foi?

Não é a primeira vez que lhe perguntam isso. A resposta nunca é fácil, mas Willow agradece o tato com que ele formulou a pergunta.

— Foi... Eu estava... Eu dirigia. Aconteceu faz uns sete meses. — Willow expõe os fatos sem rodeios.

— Já tinha habilitação? — Guy franze o cenho

— Hã?... — Willow faz o mesmo gesto. Não era a resposta que esperava. — Não, tinha uma permissão provisória. Por quê?

— Bem...

— Olha. — Willow interrompe. — Na verdade, não quero falar disso, ok? É muito duro para mim. — Sacode a cabeça pelo quão ridiculamente inadequada e suave soa sua expressão.

— De acordo, compreendo. — Pega o pulso dela e observa o sangue que começa a secar. — Entendo que seja difícil para você, mas não creio que esta seja a melhor maneira de solucionar.

— Quando estiver no meu lugar, me diga o que fazer. — Willow aperta o braço com força e o sangue volta a brotar de suas feridas.

— Tenha cuidado, certo? — Guy a solta. Busca em sua mochila. — Aqui está. — Tira uma caixa de band-aids, uma garrafa de água oxigenada, e uma caixa de algodão. Willow o olha inquisitivamente. Uma coisa é ela levar este tipo de coisa na mochila, mas...

— Estou na equipe de remo. — explica Guy. — Vamos para o rio três vezes por semana. De qualquer jeito, tenho muitas bolhas por remar e a última coisa que preciso é que entre água suja em uma ferida aberta.

Willow assente. Deveria se limpar diante dele? Prolongar este encontro que não lhe trouxe nada além de angústia? O mais sensato seria levantar e sair correndo. Deixar o trabalho na biblioteca, evitar o corredor, não voltar a vê-lo nunca mais.

— Vamos lá, você mesma. — disse, apontando para os curativos.

Por alguma razão, a ideia de curar-se na frente dele é embaraçosa, é algo tão privado e íntimo como o fato de se cortar. *Totalmente!*

Inconscientemente repete as palavras de Guy em sua mente. *Até um momento estava disposta a deitar-se com ele!*

Com um suspiro, abre a garrafa de água oxigenada e derrama um pouco no algodão. Willow deveria ser uma expert neste tipo de coisa a esta altura, mas parece que está tendo dificuldades. Primeiro, ela é destra, e essa ferida está situada em uma parte do braço direito que é difícil de alcançar com a mão esquerda, e depois... Todo o ocorrido esta tarde acabou com ela. Está completamente esgotada.

Esfrega um par de vezes a ferida com algodão antes de soltá-lo no colo.

Fecha os olhos e se dá por vencida. Está muito cansada.

Willow está recostada no banco, pensa se deveria cair no sono ali mesmo e tenta com todas as suas forças esquecer o ocorrido da última hora. Nesse momento, sente a mão de Guy no seu braço.

E agora, o quê?

Abre os olhos, perguntando-se o que ele está fazendo agora. Vai para outra discussão?

Um sermão sobre sua falta de higiene? Mas parece que desta vez Guy não quer discutir.

Está totalmente concentrado no braço e examina as feridas que ela mesma provocou. Ela o olha com os olhos cerrados. Ele volta a pegar o algodão e com suavidade limpa a ferida. Tem umas mãos bonitas, grandes e suaves. Willow não consegue lembrar qual foi a última vez que alguém a tocou assim. Na verdade, ele está sendo muito mais cuidadoso do que ela quando desinfeta alguma das feridas mais recentes.

Com destreza, tampa as feridas e abaixa a manga.

Durante todo este tempo, os dois estavam em silêncio. E agora, mesmo que Willow sente que devesse agradecer, não somente pelo que acaba de fazer, mas por haver guardado o segredo. Não consegue encontrar as palavras adequadas. Parece que Guy também quer dizer algo, mas não sabe o que dizer nem como dizer. Então, ambos ficam ali sentados olhando-se em silêncio. A noite foi chegando e se apoderando de tudo ao redor.

CAPÍTULO SEIS

Willow observa seu irmão enquanto come os cereais. David tem uma xícara

de café em uma mão e uma revista acadêmica na outra. Está totalmente absorvido na leitura, mas o artigo está a ponto de acabar e Willow teme com o que vai acontecer quando terminar.

Sabe perfeitamente que vai tocar no assunto de ontem a tarde. Lhe fará todo tipo de perguntas sobre Guy. Vai querer saber se há algo entre eles.

Willow não tem visto seu irmão desde que ela e Guy irromperam em seu escritório ontem a tarde. David teve que ir à uma conferência depois e chegou em casa quando ela já estava dormindo. "Bom dia" e "o café está quente" foram as únicas palavras que haviam sido trocadas, mas ela sabe que mais cedo ou mais tarde tocará no assunto da cena de ontem.

Certamente, David deixa a revista sobre a mesa e se vira para ela, com a expressão grave.

— Então, o que há entre você e Guy? Você o vê muito? Pelo o que me lembro dele, é uma boa pessoa, e também muito responsável.

É como se sua vida houvesse se tornado o enredo de uma novela do século XIX.

Ela é uma jovem órfã que vive no quarto da criada, no sótão. E nesse momento seu irmão está prestes a perguntar se as intenções de Guy são boas*.

**ela diz "honradas" mas achei que essa palavra ficaria melhor. Qual será o próximo? O hospício?*

Willow sabe que ele espera uma resposta. Talvez devesse dizer simplesmente o que ele espera ouvir. Afinal, não era isso o que ela estava procurando no outro dia, algo que o fizesse feliz? Por que não seguir o conto? Montar uma história? Já fez isso antes. Afinal, Guy havia dito algo sobre estudar antropologia por causa de David? Mas desta vez é mais difícil separar a verdadeira razão do por que estavam juntos e o que David acredita.

— Não, não nos vemos muito — responde um pouco mais tarde — Às vezes o vejo pelo campus, indo para as aulas de assinaturas que se matriculou, e eu o encontrei uma ou duas vezes por lá. Isso é tudo. Não se anime muito, certo?

— Eu vejo. — responde David lentamente.

Deixou sair um tom mais acentuado do que ela pretendia. Sua última intenção era chatear David ainda mais. Apenas queria que ele deixasse de se intrometer.

Willow evita seu olhar e esconde o rosto por trás da tigela de cereais. Mas pode sentir David com os olhos fixos nela antes de voltar a se concentrar em seu pequeno almoço.

Willow se sente mal, mas o que pode fazer? Felizmente, quando Cathy, vestida para o trabalho, entra com Isabelle nos braços, a atenção de David é desviada.

— Nós estamos saindo — diz Cathy, dando um beijo na bochecha de David.

— Oh, escute, Cath. — David olha para cima — Não viu uns números antigos do American Anthropology? Não os encontro em nenhum lugar. Não sabe onde posso ter os deixado?

— Sim, claro. Não os guardava em seu estúdio?

Um silêncio desconfortável enche a sala quando todo mundo pensa no fato que David já não tem um estúdio.

— Sim, sim, é verdade. — responde David.

— Nesse caso, os mantemos em caixas quando esvaziamos as prateleiras para Willow. Colocamos as caixas embaixo de sua cama, lembra?

Cathy beija Isabelle, escondendo o rosto no cabelo de sua filha. É um gesto natural, mas Willow pergunta a si mesma se ela não fez isso para evitar seu olhar.

— Está certo, havia me esquecido. — David se levanta e coloca a revista debaixo do braço. — Irei buscá-lo.

Cathy lhe joga um beijo no caminho para a porta.

— Até logo, Willow — diz pelas costas.

— Até logo — responde Willow.

Ouve quando David sobe as escadas e começa a tirar caixas de debaixo da

cama. Não é nada para se preocupar. Debaixo da cama é um território seguro.

Mas e se David não se limitar a essa área?

Willow começa a sentir um suor frio que corre por seu corpo. Que não tenha escondido debaixo da cama, não quer dizer que não tenha escondido debaixo do colchão.

Seguindo os estereótipos, Willow não fez nada diferente de qualquer outra garota de sua idade.

A diferença é que ela não tem escondido simplesmente cartas de amor.

Imagine a cara de David se descobrir seu esconderijo. Não é que tenha muita coisa, só umas giletes velhas, algo sujo, juntamente com alguns trapos que usou para parar as hemorragias. No entanto, o significado que essas coisas dão são muito óbvias.

Claro que deveria subir lá em cima e se assegurar que David não encontre nada de tudo isso. Mas por alguma razão não tem energia nem vontade suficiente para se levantar da cadeira. Por um segundo pensa na possibilidade de ficar embaixo, esperando que o destino decida por ela. Talvez isso seja o melhor. Finalmente, afinal, é só questão de tempo. Pode realmente confiar que Guy vai manter seu segredo?

Willow pensa na possibilidade de uma vida sem a gilete, na reação que seu irmão terá se encontrar suas coisas. A simples ideia a fez disparar. Sobe a escada de dois em dois e para na porta de seu quarto, quase sem fôlego. Assiste seu irmão tirando uma por uma as caixas de papelão que há debaixo de sua cama.

Até agora as coisas vão bem. Ele está ocupado procurando em livros e revistas. É evidente que não tem nenhum interesse em olhar debaixo do colchão.

Willow caminha até o espelho, olhando o reflexo de David. Percebe que seu irmão deixou a revista que estava lendo sobre a cômoda e Willow começa a passar as páginas sem muito interesse: parece que é um volume dedicado aos ritos funerários da Grécia antiga. Willow está a ponto de deixá-lo quando encontra um papel dobrado entre as páginas. Chama sua atenção ao ver o papel timbrado de sua instituição.

Isso só pode significar uma coisa. Devem ter o dito. Alguém deve ter descoberto algo sobre ela. Sem deixar de vigiar o espelho, desdobra o papel e começa a ler.

Mas não é nada disso. Isso não é nada mais que uma carta escrita para todos os pais de alunos de sua classe. Cada pai ou responsável deve fazer uma nomeação para se informar sobre os cursos preparatórios para os exames, as orientações para a faculdade blá, blá...

A mesma porcaria que Claudia e companhia estavam falando no outro dia. Nada importante.

Willow se sentiu tão aliviada que por alguns segundos se esqueceu das verdadeiras implicações da carta. É evidente que não faz a menor importância para ela. Nada poderia importar menos do que David ter que ir para uma dessas reuniões chatas com os professores.

Mas, e David? Esse não era o plano. Ele deveria estar fazendo essas coisas para Isabelle, para sua filha. Ele não precisa de um ensaio geral. Está certa que David a odeia por ter trazido essa carga para a sua vida. Se não fosse assim, ele não teria dito? Afinal, a instituição é uma das poucas conversas que pode ter com ela. Willow deixa a carta na revista, envergonhada de ter pensado primeiro nela.

— David, eu lamento. — diz Willow, virando de costas para o espelho.

— O que você lamenta? — responde com uma carranca enquanto mexe nas caixas. — O quê?

— Bom... — Willow corta a voz. O que pode dizer? Perdão por arruinar sua vida? Perdão por ter dirigido o carro naquela noite? O que poderia dizer para expressar seus sentimentos?

Talvez bastasse perguntar se ele gostaria de comprar um gato!

Bastaria dizer que lamenta que tenha de suportar uma reunião de pais e professores com quinze anos avançados. Isso poderia ser algo para se lamentar sem soar muito melodramática. Claro, se não supor que ela não sabe nada. Falar com seu irmão cada dia se parece mais com um campo minado. Terá que ter cuidado se não quiser colocar o pé em uma das armadilhas.

— Ei, olhe isso! — exclama David enquanto coloca a mão em uma das caixas e tira um pequeno volume azul. — Tinha me esquecido. — murmura, tirando o pó da parte de trás.

Willow pode ver que é um dos livros de seu pai. David o deixa no chão e coloca as caixas de volta debaixo da cama.

— Desculpe — se levanta — Você disse alguma coisa?

— Não, nada. — responde Willow tristemente. Pega seu casaco e sua mochila que estão na cadeira. É hora de ir, se não quiser se atrasar para a escola. Ela para um instante na porta e olha para David. — Não tenho nada a dizer.

Pelo menos isso é verdade.

Willow sabe que para alguém que não sabe nada, ela parece uma boa aluna. Sua mão percorre a estrada a toda velocidade quando toma notas, palavra por palavra que a professora diz. Ela aperfeiçoou tanto sua técnica de fingimento que até parece realmente prestar atenção enquanto sua mente está a milhares de distância. Não é apenas isso, mas também sabe quando assentir fervorosamente mostrando sincero interesse.

Mas o fato é que ela não tem ouvido uma palavra. Nenhuma o dia todo. Poderia perfeitamente estar em outro planeta.

Willow não pode se preocupar com coisas como verbos irregulares ou mitologia Grega. Sua mente está em outro lugar. Continua o debate entre o alívio por David não ter encontrado suas coisas e o medo de Guy a entregar.

Ela não tem o visto em nenhum lugar. Bem, isso não é novidade, tendo em conta que não têm nenhuma aula juntos, mas ainda assim... Precisa falar com ele. Tem que saber o que o futuro lhe reserva. Ainda não terminou de digerir o fato que *alguém sabe seu segredo*.

Se tem que escolher alguém para saber seu segredo, se supõe que Guy é melhor que, digamos, Claudia, com quem tem aula de história. Mas isso não impede que seu estômago dê voltas toda vez que pensa que ele sabe seu segredo.

Willow olha para cima quando o resto de seus companheiros se levantam e começam a recolher seus livros. Deve ter tocado o sinal.

Ponto positivo! Willow não pode deixar de sorrir. Imagina o quão superaplicada deve parecer, no momento, sentada em sua cadeira, terminando de escrever...

Bom, já chega. Fecha o caderno e o guarda em sua mochila. Conseguiu

sobreviver a mais um dia na escola sem ficar em evidência.

Bem, pelo menos é alguma coisa.

Willow vai para a porta da frente com os outros alunos. É hora de seu turno na biblioteca. Na pressa de partida, colide com outra garota que estava indo na direção oposta.

— Perdão. — Willow se desculpa enquanto as duas tentam se livrar uma da outra.

— Ah! Não se preocupe. Ouça, eu posso lhe fazer uma pergunta?

Willow olha para ela cautelosamente. O que pode querer perguntar esta garota, uma total desconhecida para ela?

Talvez tudo o que quer saber é qual seria a maneira mais fácil de matar seus pais, ou talvez está pensando em comprar meu patinho.

— Eu preciso...Se puder me ajudar... — continua a garota, impaciente. — Eu sou...

— Desculpe-me? — interrompe Willow totalmente surpresa com a pergunta. A ideia de alguém precisar de sua ajuda é tão nova, tão sedutora, que a deixa fria.

— Estou um pouco perdida. Sou nova aqui e acho que estou ficando... Olha, você já conhece tudo por aqui. Sabe onde fica a biblioteca?

Que eu conheço tudo por aqui?

Bem, sei onde está a biblioteca.

Deveria acompanhá-la? Ela também vai para lá. Pode ser um pouco desconfortável, mas é melhor lhe mostrar o caminho e andar atrás dela o tempo todo.

Talvez não seja ruim que fiquem juntas. Afinal, esta garota não sabe nada sobre ela, além de ser nova também. Não é só isso, mas também fez Willow parecer a pessoa mais competente do corredor.

— Sim, na verdade, estou indo nessa direção — diz Willow um momento depois.

Começa a caminhar em direção à saída, seguida pela garota.

Talvez devesse perguntar o que irá fazer na biblioteca, poderíamos...

— A biblioteca está em outro prédio?

— Hã?

— Como é que nós saímos para a rua? — pergunta a garota com certa irritação em sua voz. A expressão em seu rosto é muito menos amigável do que há alguns minutos.

— Procurando a biblioteca? — Um garoto muito bonito vai tranquilamente para perto delas. Parece interessado na acompanhante de Willow. — É lá atrás — diz, apontando para o prédio.

— Obrigada, imaginei que não seria lá fora.

Os dois olham para Willow.

Claro! Não estava se referindo a essa biblioteca.

Willow não pode acreditar que acaba de cometer um erro tão estúpido. Ao ouvir a palavra "biblioteca" tinha pensado que...

— Eu... Olha, pensei que estava se referindo... Eu trabalho na biblioteca da universidade e simplesmente...

— Você é bibliotecária? — Obviamente o garoto não diz em um tom positivo e a garota deixa escapar uma risadinha. — Vamos, eu te mostro o caminho. — diz o garoto. Willow observa como o garoto mantém a porta aberta.

Era demais passar um dia sem me pôr em evidência?

— Willow!

E agora, o quê?

Ela se vira e vê Guy ao lado das barras onde as pessoas deixam as bicicletas. Laurie está ao seu lado.

Willow os cumprimenta cautelosamente. O que acaba de acontecer a faz se sentir insegura, e deseja com todas as suas forças que Guy e Laurie não tenham conhecimento de nada. Se pergunta por que Guy a está chamando. E o que está fazendo com Laurie? Não deveria se surpreender tanto que eles se conheçam: ambos são alunos do último ano e esta é uma instituição pequena. Mas continua preocupada. Talvez os dois tenham falado sobre sua obsessão com os gatos, talvez tenham falado sobre algo pior.

Será que Laurie é sua namorada ou algo assim?

Não que isso importe para Willow.

— Você está indo para a biblioteca? — Guy grita de longe.

— Qual? — pergunta Willow enquanto se dirigia até eles.

— Da universidade — responde Guy simplesmente. — Podemos te acompanhar? Laurie também vai nessa direção. Já se conhecem, certo?

— Claro — assente Laurie.

Willow olha para ela. A garota olha para ela com bondade, talvez com tédio, mas nada além disso.

Ainda assim, é tudo tão inocente quanto parece? Como pode saber se os dois não estão tendo troca de informações, contrastando histórias, talvez?

Willow está muito tensa. Não entende por que Guy quer acompanhá-la até o campus. Claro que estava esperando o momento para falar com ele, mas não pensa em fazer isso agora. Não em público.

— Certo — responde finalmente depois de um momento. Olha para o estacionamento de bicicletas, desejando ver a sua lá. Então teria a desculpa perfeita para não ter que se juntar a eles, mas como as coisas estão, não consegue pensar em nenhuma maneira de escapar. Uma gota de suor corre por suas costas.

— Não sabia que trabalhava na biblioteca — diz Laurie quando finalmente começam a caminhar juntos. Tira uns óculos de sol de sua mochila. — Isso que é sorte. Pensava que tinha que ser universitário. Ou seja, você deve ter alguma tomada* ou algo assim para receber um tratamento especial como esse...

*não entendi o que ela quis dizer com "enchufe" porque significa "tomada".

Tomada? Não exatamente. Depois de matar os meus pais, a faculdade relaxou um pouco as regras. Uma espécie de prêmio de consolação.

— Ah! Quase me esqueci — interrompe Guy. Sua voz é suave, mas um pouco fora do lugar e Laurie o olha surpresa. — Não virei na aula de História amanhã. — continua. — Pode me passar as anotações?

— Sim, claro — Laurie responde encolhendo os ombros.

— Obrigado — responde Guy — Fico agradecido.

Willow não está muito certa sobre o que acaba de acontecer. É sua imaginação ou Guy acaba de sair em sua ajuda? Evitou que Laurie lhe fizesse perguntas dolorosas?

— Bem. — diz Willow — O que vão fazer lá em cima? — Gosta de como isso soou. Um pouco chato, sim, mas muito melhor do que dos gatos.

— Estou indo pedir algumas informações sobre um estágio. — diz Laurie enquanto atravessam a rua e se dirigem ao parque. — Preferiria encontrar um trabalho normal, pelo dinheiro. Mas um estágio na universidade? Esse é o toque final do meu expediente.

— Tenho que consultar alguns livros na biblioteca. — diz Guy — Além de devolver *Tristes*.

— Oh, Deus! Você ainda está preso a esse livro mofado — Laurie nega com a cabeça — Você está obcecado!

— Mas é um ótimo livro! — exclama Willow. Está um pouco surpresa com a intensidade de sua resposta, pela cara que tem, Laurie também, mas Guy sorri.

— Oh, você conhece? — Laurie ajusta seus óculos de sol. — Não sabia que era tão famoso. Isto é, Guy gosta de todos esses livros obscuros que ninguém conhece. É como eu disse, por quê? Mas acho que você também gosta de todas essas coisas, certo? O que é? Antropologia?

— Eu...Sim — diz Willow, fracamente. Se alegra ao ver que faltam poucas ruas para chegar ao campus. As coisas não estão indo tão mal quanto no outro dia, mas, ficar sem dizer nada estúpido... Enfim, é uma pressão.

— Ainda que esse tipo de coisa sejam as que fazem que seu expediente se

destaque — continua Laurie, pensativa. — Você sabe, ter lido coisas que não são obrigatórias.

Willow não pode deixar de achar tudo isso um pouco ridículo. Está certa que, para Laurie, a antropologia é apenas um toque para embelezar o seu currículo.

— Então, indo para as aulas de antropologia — Laurie continua falando, como se estivesse lendo os pensamentos de Willow. — é muito original.

Quer mudar de assunto, mas como? Não consegue pensar em nada que possa ser apropriado ou interessante. Talvez devesse simplesmente dizer algo desagradável. Dizer à garota que a deixou aborrecida. Ou melhor ainda, assustá-la com histórias de pessoas com expedientes imaculados que não puderam entrar em nenhuma de suas primeiras opções.

Isso serviria.

No entanto, Willow não quer ser má. Só quer falar sobre algo diferente com Laurie.

— Como é que chamou a sua atenção? — Pergunta Laurie, olhando Willow. - Isto é, o que fez você se interessar pelo assunto? — Se está percebendo o rosto de desespero que Willow tem, não é muito perceptível. — Alguém lhe disse...?

Mas, de repente, Guy as interrompe, mais bruscamente do que antes.

— Ah, mas quem se importa? — diz, entediado. — Falemos de outra coisa. Bom, que estágios são esses? — pergunta, quando já passaram pelo parque.

Willow se surpreende com o quão habilmente Guy sabe mudar de assunto. Como facilmente evita situações em que ela poderia dizer algo que se arrependesse. É a segunda vez que veio em sua ajuda na hora certa, quando as coisas começam a ficar feias.

Não poderia ser mais considerado, nem mais atento. Afinal, é só uma carga pesada, alguém que se meteu em seu caminho quando ia ter um semestre genial.

Willow se lembra de como ele cuidou das suas feridas.

Sem pensar, estende o braço e toca sua manga, apenas como compensação. Ele não teria percebido se não estivesse a olhando. No início parece

confuso. É evidente que não sabe muito bem como interpretar o gesto, mas um segundo depois, lhe dedica um meio-sorriso. Willow percebe que Laurie está observando e afasta a mão.

— Bem, há dois tipos de estágio. — Se Laurie estranhou que Willow tenha tocado Guy, não está deixando um aviso prévio. — Alguns são para trabalhar no centro de saúde para mulheres, que é o que mais me interessa, e os outros são para fazer uma investigação muito simples para um professor de literatura comparada. É um trabalho muito básico, e de qualquer maneira, nunca dariam um trabalho para uma aluna do ensino médio. No entanto, acho que pode escrever uma boa recomendação e isso é alguma coisa, certo?

— Sim, claro. — Willow tenta prestar atenção no que Laurie explica. É possível que não pare de fazer perguntas desconfortáveis, mas ainda assim, Willow fica agradecida que ela não tenha tocado no episódio do outro dia nos jardins da instituição. O mínimo que pode fazer agora é ouvi-la.

— Faz sentido — continua Willow — Porque, pelo o que eu sei...

— Ei! — desta vez quem interrompe é Laurie. — Olha só! — pega o braço de Willow, a pega realmente com força, vai para o lugar onde fica a venda, e a arrasta até a vitrine de uma drogaria.

— Isso é exatamente o que eu quero dizer. — Laurie coloca o rosto na vitrine. — É a cor em que estava pensando, não é ótima? — Ela tira os óculos de sol e aponta para uma pirâmide feita de caixas de tintura.

— Sim, claro — murmura Willow. A vitrine também chamou sua atenção, mas não pelas caixas de mogno avermelhado. Willow está muito mais interessada na pilha da esquerda. Anunciando as ofertas especiais de material para escritório.

Cortador de recargas estão em um bom preço. *ficou estranho, mas foi o que eu consegui traduzir de "recambios de cúter".*

É sua imaginação, ou Guy a olha com cara engraçada*?

**engraçada, de zombaria.*

Willow volta a olhar as caixas de mogno avermelhado.

— E Adrian quer que fique ruiva? — pergunta Guy.

— A única coisa que realmente parece lhe importar é que os dois vão para a mesma faculdade — diz Laurie, colocando os óculos de sol novamente. — Ou seja, está tão preocupado com outras coisas que provavelmente nem perceberia se eu pintasse meu cabelo. — Se afasta da vitrine.

— Adrian? - Willow pergunta casualmente enquanto chegam às portas do campus.

— Meu namorado - sorri Laurie.

— Você o conhece, Willow - aponta Guy. — Se lembra, comigo, no campus?

— Oh! Ele é seu namorado? - Willow pensa por um momento. — Bem, eu os deixo aqui. - diz ela, quando chegam na escadaria de mármore que leva à biblioteca.

— Sim, eu também. - Guy para. — Hey, Laurie, obrigado pela aula de história amanhã, certo?

— Claro! - Laurie acena para eles enquanto se afasta, deixando-os sozinhos.

— Boa sorte com os estágios! - grita Willow. — Melhor que me dê um pouco de pressa. - diz ela, virando-se para Guy. Seus olhares não se encontram. Se sente um pouco confusa ao sentir que Guy espera por ela. Estava agradecida, mas...

Deve ser feito de pedra, para essa preocupação não o afetar. No entanto...ele tem todo o poder do mundo sobre ela, poderia destruir sua vida se quisesse, e isso a assusta.

— Chegarei atrasada ao trabalho. - Começa a subir as escadas.

— Liguei para o seu irmão.

Willow congela. Olha para Guy com terror em seu olhar.

— Calma - diz Guy. Se apóia no parapeito, com os braços cruzados. Ele realmente está calmo. — Tenho cumprido minha promessa, eu não disse nada. Só o perguntei quando você trabalhava. Eu queria vê-la hoje. Você e eu temos que conversar.

Então essa foi a razão para querer acompanhá-la. Deveria ter pensado que ele também queria falar com ela. Não encontra uma situação assim todos os dias. Ainda assim, Willow não pode deixar de ficar nervosa com sobre o que ele quer conversar. Seu coração está indo a toda velocidade, se senta em um degrau, se desvia dos estudantes que passam por eles.

- Você está bem? - pergunta Guy. De repente ele parece preocupado. Tem a mesma cara de quando viu as feridas e, agora que o vê de perto, Willow percebe que sua atitude despreocupada é apenas uma pose. É desganhado e tem olheiras. Estranho que não tenha percebido enquanto caminhavam juntos.

— Uma pergunta um pouco idiota. - Guy ri enquanto se aproxima. — A última coisa que você deve estar é bem.

Willow não responde, mas percebe que, apesar de sua aparência desganhada, a respiração de Guy é doce, como maçã.

— Por quê...? Bem, quero dizer... Por que não o contou? - gagueja.

— Porque prometi que não iria - Guy responde simplesmente. — Mas isso não significa que não penso em contar, ou não contar.

— Temos que conversar, decidir algumas regras básicas. - Estende o braço e a levanta. — Vamos, diga à bruxa da Hamilton que preciso de ajuda no depósito. Lá teremos um pouco de privacidade. - A leva até o interior do prédio e passam pelo segurança.

Willow sorri pela descrição da senhorita Hamilton, mas, ao entrar, vê que ela não está atrás do balcão. Willow segue e cumprimenta o empregado em serviço antes de se virar para Guy.

— E agora, o quê? - suspira. Sabe perfeitamente sobre o que ele quer falar e é a última coisa que sente vontade de fazer, mas não tem escapatória. Afinal, ele tem todas as cartas na mão.

— Ao depósito - diz Guy com determinação. — Preciso mesmo de ajuda. -Aponta um pedaço de papel com um monte de assinaturas manuscritas. - Tenho que procurar algumas coisas.

Willow olha para as assinaturas. Mesmo sem ter passado os últimos meses na biblioteca, sabia perfeitamente aonde ir. Não foi em vão que gastou

centenas de tardes dando voltas nas prateleiras do depósito com seu pai. Sabe perfeitamente que todos os livros que Guy está procurando são de antropologia e que vai os encontrar na primeira, quando subir lá em cima.

— Tudo bem - diz ela, depois de pensar um tempo. Vão para o elevador. - Tudo isso está no andar de cima.

— Bom - diz Guy enquanto entram nas prateleiras mal iluminadas do depósito. — Por que não vamos procurar primeiro e assim poderemos conversar... - para de falar por alguns segundos, Willow percebe que a situação é igualmente violenta para ele — Falar sobre o que está acontecendo com você? - continua. — Para ver o que podemos fazer...

Oh, por favor...

Willow pensa que Guy está falando como aqueles caras que entrevistam nos programas da tarde na televisão. Esse tipo de pessoas que querem vender um livro que promete auto-estima em sete passos simples.

— Não temos que fazer nada a respeito.

— Mesmo? - Guy levanta as sobrancelhas enquanto continua andando pelos corredores estreitos. — Desculpe, mas este não foi o acordo. Se eu não conto ao seu irmão, então você tem que me prometer um par de coisas. Não pode cruzar o meu caminho, sem mais, arruinar todos os planos e que tudo seja do seu jeito. Isto não funciona assim.

— Concordo - responde, encolhendo os ombros. Não tem escolha. — Vamos primeiro ver os seus livros, certo? - Willow para na frente de uma prateleira cheia de poeira, pega alguns livros e os passa para Guy.

Ela para um segundo antes de pegar o próximo livro. Se sente mal. De repente faz muito calor. Começa a coçar toda a sua pele, mas não pode fazer nada. Willow respira e tenta se acalmar, mas é inútil. Por que se preocupa em tentar? Esquecê-lo, pensa enquanto se apóia na borda da prateleira para não cair. Dê o que ele quer e pronto.

— Aqui está - diz Willow bruscamente. Pega o livro, uma monografia escrita por seu pai há cinco anos. Willow se lembra perfeitamente. Eles tinham viajado todos juntos à Guatemala, onde seu pai tinha que fazer um trabalho de campo. Mas Guy está ocupado fazendo malabarismo com os outros livros e não pega o primeiro. — Quer fazer o favor de pegá-lo? - Willow se irrita e joga o livro, sem se importar se ele o pegou ou não.

— Ei, cuidado! – Guy tenta pegar o livro, mas acaba jogando o resto no chão. – Mas o que há de errado? – murmura enquanto se agacha.

– Olha, você quase carregou a lombada desse.

Está claramente irritado. Willow o observa enquanto ele examina o livro entre suas mãos. Mais uma vez vem na cabeça a forma como ele tratou a ferida ontem.

Sustenta o livro com a mesma delicadeza. É evidente que não gosta de nenhum tipo de destruição, nem de carne, nem de papel.

— Não deveria tratar assim os livros – Guy dá um sermão. No entanto, Willow não consegue ficar chateada com ele. Sabe que seu pai ficaria horrorizado ao ver o que acaba de fazer. — Quer dizer, esta é uma primeira edição – continua Guy – Porque queria...? – Guy fica sem voz ao pegar o livro de seu pai. Não diz nada durante um bom tempo.

– Acabamos? – Willow pergunta duramente.

– Bem, com os livros sim – diz Guy com a voz apagada. – Olha, por que nós não nos sentamos por aqui um pouco?

Coloca a monografia debaixo do braço. Willow percebe que ele colocou de maneira que ela não possa ver a fotografia de seu pai. Tal consideração começa irritá-la, parece um pouco forçada.

– Você não tem montado essa excursão para me testar, certo? – explode – Só para ver até onde pode me pressionar, ou algo assim?

Talvez tenha se equivocado com ele. Talvez tenha mal interpretado seu comportamento durante o passeio. Talvez estivesse mudando de assunto por tédio, não para poupar seus sentimentos. Ela cruza os braços em uma posição defensiva e o olha

– Claro que não – responde Guy. – Eu precisava deste livro, de verdade. Sinceramente, por um momento eu tinha me esquecido de quem era. Ou seja, de quem o escreveu. Suponho que eu deveria ter procurado sozinho.

Parece afetado e Willow sabe, em seu interior, que não havia se equivocado com ele. Guy é considerado assim mesmo.

– Desculpe. – Willow disse após um momento, envergonhada de ter

respondido sua amabilidade com hostilidade. Deixa cair os braços e tenta sorrir. – Gostará do livro, é bom.

– Como eu poderia não gostar? – Guy responde imediatamente. – Você sabe...? – hesita um momento – Uma vez eu estava em uma conferência de seu pai.

– Sério? – Willow fica intrigada. – Onde? Quando? Você sabe se a minha mãe estava lá? – As perguntas jorram. – Porque ia?

– Por isto. – diz Guy, apontando para o livro. – Da viagem que fizeram para a Guatemala. Sim, e sua mãe estava lá. Foi no museu, no final do inverno passado.

– Oh, meu Deus!

Willow cobre a boca com as mãos. Vai perder o controle. Vai perder o controle ali mesmo entre as prateleiras do depósito. Surpreende-se ao sentir o fluxo de bílis que enche a boca. Mas supõe que, de algum modo, faz sentido que isso ocorra. Tem se condicionado tanto para transformar a dor emocional em dor física, que quando não pode recorrer à gilete, seu corpo responde da melhor maneira que pode. Está provocando vômito. Sabe exatamente de que série de palestras está falando com Guy. Não havia se preocupado em ir por que... Por quê? Ela tinha ouvido seus pais falarem um milhão de vezes e ela iria ouvir um milhão de vezes mais. Se não fosse no inverno passado tinham dado a sua última palestra. Porque aquela palestra havia sido há apenas algumas semanas antes de Willow decidir levá-los de carro.

– Oh, meu Deus! Meu Deus! Eu vou vomitar!

As luzes se apagam nesse mesmo instante e Guy aperta o interruptor com seu punho.

– Willow! – Coloca os livros no chão e a pega pelos ombros. – Você quer que eu segure seu cabelo? Vou ver se encontro algum papel por aqui. Você vai ficar bem se eu deixar você para dar uma olhada?

– Não, não. – consegue dizer. – Eu estarei bem, realmente. Eu só estou um pouco... – Ela pressiona o estômago com a mão. – Dê-me um segundo.

– Sim, claro. Então, deixe-me... – Guy a coloca de uma maneira em que possa apoiar nas prateleiras. – Melhor?

– Uhum. – Willow concorda. O agradece por tomar tanto incômodo. – Obrigada – diz quando recupera o fôlego. – Obrigada, realmente. Sinto muito pelo que acabou de acontecer... Eu, é que... Tudo isso que aconteceu comigo. Eu não posso acreditar que você queria segurar meu cabelo! – Ela exclama ao dar-se conta do absurdo da situação.

– Não? Ninguém nunca fez isso antes?

– Sim, claro. Quem nunca fez uma rodada de bebidas com sua melhor amiga? Mas, vamos lá, admita, é um pouco forte com alguém que acabou... Que acabou de conhecer.

– Oh, bem, não é como se eu fosse desfrutar da experiência. – Guy começa a rir. – Mas ao menos posso entender as razões que podem deixá-la mal – Para de falar e a olha fixamente – Willow, sinto muito – Agora já não ri. – Não deveria ter começado com nada disso. – Solta seus ombros.

– Não! – Willow o assegura no mesmo instante – Fico feliz que tenha feito. Sério! E gostaria de ouvir mais coisas. É somente que fiquei um pouco perturbada.

– Quer escutar mais? – pergunta Guy com insegurança

– Sim – insiste Willow – Sim, embora te custe acreditar. David nunca fala deles comigo. Nem Cathy, sua mulher. É como se meus pais nunca tivessem existido. – Willow faz uma pausa, tentando encontrar uma forma de explicar para que Guy entenda. – Sabe? Com tudo o que meus pais fizeram para preservar outras civilizações, manter viva sua memória, é tão irônico que David nem os mencione. Somente consegue que seja muito pior.

– Tudo bem. – diz Guy lentamente – Mas se ver que estou ultrapassando, me diga, ok?

– Ok!

– Em primeiro lugar, vamos sair daqui. Venha, tenho certeza de que este é o lugar menos cômodo de todo o depósito – Guy recolhe os livros e se dirige a um canto que há mais longe. Senta-se cruzando as pernas em um lugar iluminado por um tênue raio de sol vindo por entre as altas janelas e indica a Willow um lugar junto a ele.

– Aqui não temos que nos preocupar com as luzes – explica para Willow.

Willow se senta no chão, ao seu lado, e pega o livro de seu pai. É um volume pequeno, encadernado com um tecido azul claro. Sempre gostou do tato dos livros de seus pais: a textura, quase áspera, tão diferente das capas dos livros brilhantes de sucesso das livrarias. Passa a página, pegando-as com cuidado pelo extremo superior, tal e como seus pais a haviam ensinado. Willow examina com calma, sem dizer uma palavra, detendo-se para ler algumas descrições. Enquanto, Guy está em silêncio. Alguns momentos depois, deixa o livro no chão e o olha.

– Poderia me explicar algo da conferência?

– O que quer saber? – Pergunta Guy. Pega o livro e põe-se a olhá-lo. Willow está surpresa do modo como o pega, quase se comporta com mais respeito que ela.

– Bom na realidade, tudo. O que pensou dele?

– Hum... – Guy coloca a cabeça de lado e pensa – Do seu pai? Que era brilhante, claro.

– Ok. – assente Willow, animando-o – Mas não me diga somente o que acredita que quero ouvir.

– Hum... Concordo. Pois, então que contava umas piadas muito ruins.

– As piores! Eu sei. David e eu costumávamos rir dele. Ou seja, tinha um bom senso de humor, ria das coisas engraçadas, mas contando piada... Um desastre.

– Verdade, não o fazia mal sair de sua torre de marfim e entrar no mundo real de vez em quando. Me deu bastante impressão de que não fazia suficientes rodadas de bebidas quando mudava.

– Exatamente.

– Mas era tão convincente. – Na voz de Guy nota-se admiração – Se emocionava de verdade com o que explicava. Amava o que fazia.

– E minha mãe? O que pensou dela?

– Talvez não fosse tão impressionante falando do tema, mas se conectava mais com o público, não sei se entende o que eu quero dizer.

– Eu entendo perfeitamente.

Willow fecha os olhos um segundo.

– Falaram muito sobre a viagem, a da Guatemala. E tenho que dizer que faziam com que o trabalho de campo parecesse a coisa mais emocionante do mundo.

– Sim... – contesta Willow com uma bufada.

– Não é? – Guy a olha com ceticismo.

– Talvez para algumas pessoas – encolhe os ombros – Mas a mim, o que mais me chamava atenção eram os mosquitos. Sempre havia mosquitos, era igual em qualquer lugar que íamos e os banhos eram um pesadelo.

– Verdade? – Guy ficou totalmente arrasado – Não acredito que posso suporta algo assim.

– Oh. Você adoraria – Willow lhe garante – Você é o tipo de pessoa ideal para uma situação assim. E não é só isso. – Levanta as mãos para impedir que ele responda – David me disse que você é muito inteligente e trabalhador. Acredite, não diz isso de muita gente. – Willow faz uma pausa para pensar em sua própria opinião – É muito cuidadoso com as coisas, posso dizer, e considerado... Assim é como se deve ser para fazer esse tipo de trabalho... Suponho que deve pensar que sou uma garota mimada – Conclui finalmente.

– Mimada é a última palavra que eu empregaria para te descrever – diz Guy lentamente – E não esteja tão certa sobre mim, tampouco. Tenho que te confessar que também gosto de um bom banho.

E como me descreveria?

Willow tem que morder o lábio para evitar formular a pergunta. Surpreendeu-lhe haver pensado que lhe importe nem que seja um pouco, o que ele pensa dela.

– Mas tenho que confessar que estou surpreso – prossegue Guy – Jurava que queria continuar no negócio familiar.

– Ah, não! Isso é coisa do David, não minha. Para nada.

– Sério que não gostou de nada do trabalho de campo? Quero dizer, viajar e tudo isso.

– Viajar pode ser muito divertido, especialmente se está de férias. Mas se o que me pergunta é o porquê não me interessa o tipo de trabalho que faziam meus pais, te direi algo. Eu prefiro esses tipos de lugares em que só se pode viajar com a imaginação. – Willow encolhe os ombros, com um pouco de vergonha. Olha para Guy, esperando que risse dela ou que estivesse entediado, mas na realidade, é tudo ao contrário. Está... Bom, talvez fascinado seja uma palavra um pouco forte, mas...

– Fale-me do seu lugar imaginário – disse aproximando-se – Não conheço nenhum.

– Ok – disse lentamente – Te falarei de um lugar real, mas que, embora tenha existido penso que somente se pode conhecer de verdade a partir da imaginação.

– Continue.

– Se chama Çatal Hüyük

– Como é?

– Çatal Hüyük – Willow sorri – Está na Turquia, ou estava na Turquia. Nunca estive ali. Bom, toda a sua cultura desapareceu faz uns sete mil anos. Ou seja, eu nunca estive ali, mas minha mãe escreveu sua tese sobre o tema. Quer saber qual era o atrativo que tinha para mim?

– Sim.

– Foram os primeiros a terem espelhos. Eram feitos de obsidiana negra polida. Minha mãe escreveu sobre isso. Isso é sobre o que a maioria escreve. Querem saber como os faziam, que ferramentas usavam para polir a pedra, quanto tempo demorava para fazê-los. Mas não se dão conta de que essas não são as perguntas interessantes? O que eu quero saber é porque alguém fez o primeiro espelho. Bom eu já sei que as pessoas haviam se visto muito antes, refletidos na água ou coisa assim, mas realmente não é o mesmo não é? O que pensou a primeira pessoa que se viu refletida em um espelho? Envergonhou-se ou gostou do que viu? Quero saber coisas que

não se podem deduzir através do carbono 14 ou em uma escavação, quero saber coisas cujas respostas somente posso imaginar.

– Essas coisas que pensa são incríveis – disse Guy pensativo – E gostaria de saber em quais acredita... Quer dizer, quais as respostas que imagina.

– Oh, na realidade já não penso nesse tipo de coisa. – Willow nega com a cabeça – Agora só posso pensar no dia que está diante de mim e se isso é demais, então penso na hora.

E se isso é muito, então sei exatamente o que tenho que fazer.

Para de falar. Guy também está em silêncio; ele parece está refletindo sobre o que ela acaba de explicar. Willow está surpresa pelo rumo que a conversa tomou. Quando ele disse que tinham que conversar, ela jamais imaginou que acabaria explicando-lhe esse tipo de coisa. Nem sequer com Markie havia chegado a falar disso. Surpreendeu-lhe a tranquilidade que sente e o medo que tinha de acabar criando uma grande cena. Mas Willow não está preparada para o que vem agora.

– É por isso que não quer deixá-la? – explode Guy, rompendo a calma. Willow não tem necessidade de perguntar ao que ele está se referindo.

– Quero dizer, como pode está fazendo isso...? Quer escutar! Você é tão...

– Sou tão o quê? – Não pode evitar perguntar – Tão o que?

– Não importa. – Guy desvia o olhar, fazendo um esforço evidente para manter a calma.

Ambos ficam calados uns minutos. Tão calados que Willow pode sentir a respiração dele. De algum modo, esse som a faz sentir-se mais segura. Desejaria poder estar ali sentada, não fazer nada mais que escutar sua respiração e observar as minúsculas partículas de poeira que flutuam na luz que escapa pelas janelas.

– É por isso que não quer deixá-la? – repete Guy. Mas desta vez não está gritando.

Willow não quer falar sobre se cortar. Com ele não. No entanto, é uma pergunta interessante, uma pergunta que não ocorreria para a maioria das pessoas. A maioria das pessoas simplesmente assumiria o fato de que se

quisesse deixar, já teria feito. Mas Willow sabe que não é tão fácil e pelo que parece, Guy também. Depois de tudo o que ele havia feito por ela – não contar para o seu irmão, oferecer para segurar seu cabelo... – deve a ele uma resposta.

– Se as coisas fossem diferentes, e não me refiro a que se meus pais estivessem vivos, mas se as coisas fossem diferentes sim, queria deixá-la.

– E o que é que deveria ser diferente?

– Isso eu não posso te dizer.

Guy não responde nada a isto. Somente a olha com uma expressão impenetrável, mas Willow se dá conta de que ele se sente incômodo, até nervoso. Isso não era o que ela esperava. Talvez um sermão, ou inclusive que gritasse com ela, mas esse olhar firme. Esse foco dirigido totalmente até ela.

Enquanto pega sua mão, Guy não deixa de olhá-la em nenhum momento. Willow se comove com a amorosidade que tem e por um momento permite-se pensar que as coisas são diferentes. Que ele não sabe que se corta. Que ela não se corta.

E se o dia anterior ele tivesse estado curando uma ferida porque havia caído patinando? Que inocente teria resultado tudo! E se tivessem subido até aqui porque queriam estar sozinhos e não porque não podiam arriscar que alguém escute seu pacto destrutivo? E se pudessem seguir falando e rindo como até então sem ter que lidar com tanto horror e crueldade?

Guy levanta sua manga e Willow pensa que quer comprovar que a bandagem ainda aguenta, mas no lugar disso levanta o band-aid e observa o corte.

– É tão feio. – diz em tom prático.

Willow afasta a mão bruscamente. Não pode acreditar no que ele acaba de dizer nem pode acreditar que ela se importa com isso.

Sabe que os cortes são feios, e não tem nenhum interesse em sua opinião, mas ainda assim se sente terrivelmente insultada. Ferida e insultada. É quase como se tivesse dito que seu rosto é feio.

Guy afasta o olhar dos cortes e a olha no rosto. Seguramente se dá conta pelo olhar de Willow que suas palavras a feriram, mas não se desculpa.

– Voltando ao que te disse – continua – Liguei para o seu irmão. E não só para perguntar a que horas estaria trabalhando.

Willow fica parada. Será que, depois de tudo isso, havia contado a David? O que aconteceu? Fica sem palavras, mas Guy continuou sem se alterar.

– Eu liguei ontem anoite, depois de te deixar – bate com os dedos no chão – A coisa é que não tinha nem ideia do que dizer. Assim, simplesmente desliguei depois de alguns segundos respirando no telefone. – suspira profundamente – Queria dizer a ele, mas... Não podia parar de pensar no que você me disse, de que o mataria. E se tivesse razão? Olha, não vai conseguir que eu acredite que isso acabaria totalmente com ele mas, e se o que eu contasse provocasse algum tipo de... Não sei o quê? E também, e se o que eu contasse acabasse com você? E se fizesse com que se cortasse tanto... Enfim, muito mais do que qualquer outra vez? – Guy escolhe cada palavra com muito cuidado – Além disso, eu te prometi – Guy volta a pegar seu braço. Desta vez não deixa de olhá-la no rosto enquanto volta a colocar o band-aid e lhe abaixa a manga – E pensei, e talvez pensei mal, que você estaria bem, que entre a última vez que nos vimos e agora não teria oportunidade de, bom, de fazer .Ou seja, não parei de pensar. Quando tinha oportunidade de fazer? Em casa não, com teu irmão e sua mulher por ali, e no instituto tampouco.

A Willow passava pela mente a imagem do banheiro das garotas, mas não disse nada.

– Ainda assim – continua Guy – continuei debatendo entre contar para ele ou não. Não preguei o olho durante toda noite, só podia pensar o que fazer. Agora Willow já sabe por que ele tem essas olheiras. Se vê completamente derrotado e ela se sente com uma culpa imensa. Ela nunca teve a intenção de fazer dano à outra pessoa.

– Pode me dizer uma coisa? – Guy a olha com a expressão reservada, como se tivesse medo da reação dela.

– Suponho – diz Willow depois de meditar. Pensa que já não deve esconder-se diante de Guy. Isso não é como estar com Laurie e as outras garotas no jardim. Não tem que se preocupar em dizer nada incorreto nem fingir nada.

– Porque faz? E não me refiro ao porque não é feliz, acredito que isso eu já entendi. O que quero dizer é porque seguiu esse caminho?
Willow assente pensativamente. Esta tinha que ver vindo. É o que perguntaria primeiro.

– Não é algo que posso explicar tão facilmente.

– Quando vínhamos até aqui – começa Guy, mas para e desvia o olhar.

– Sim... – o anima com delicadeza.

– Me preocupava que Laurie fosse dizer algo que te fizesse explodir. E claro, no final resultou que fui eu o que te fez explodir. Me refiro a quando disse que estive na conferência do seu pai. Eu sou o que disse o incorreto. – Sua voz soa como se tivesse decepcionado a si mesmo.

– Não existe o incorreto. – diz Willow. Diz isso de verdade, ela não sabia dizer quem será o próximo que provoque uma sessão com a gilete – Tão pouco existe o correto.

Guy reflete sobre isso alguns instantes.

– Pode me dizer outra coisa? Pode me dizer onde faz? Não gosto de pensar nisso, mas não posso evitar, e estou ficando louco.

– Quando diz onde, está perguntando em que parte do meu corpo ou o lugar onde estou quando o faço?

– Bom, as duas coisas. – diz Guy.

Agora é ele que parece que vai vomitar.

– Sobretudo nos braços – responde Willow rapidamente, como se assim tudo parecesse correto. – E engana-se com relação ao instituto. Também faço ali, e em casa, se não tem ninguém, mas já é um pouco mais complicado.

– Meu Deus – murmura Guy – E eu que pensava que estava a salvo.

– E eu estou – assegura-lhe Willow – Já te disse. Tenho muito cuidado de manter as feridas limpas. E procuro não fazer muitas cada vez... – Para de falar. O estado de Guy deve ser contagioso porque de repente já não pode dizer mais nada.

– Ah, Willow, a última coisa que você está é salva.

Willow não sabe como responder a isso. Sente-se perdida de um modo

indescritível. De repente, o depósito parece mais escuro, sua pequena parcela de luz está desvanecendo. Aproxima-se de Guy.

– Posso ver tua bolsa? – pergunta Guy de repente.

Willow não entende porque a pergunta, mas lhe passa a mochila encolhendo os ombros.

Guy a abre e começa a tirar seu arsenal: uma gilete usada e uma de troca, ainda com a embalagem, junto aos band-aids que ele lhe deu e um pouco de anti-séptico.

– Está claro que não serviria de nada tirar tudo isso – murmura, dando voltas com as giletes em suas mãos.

– Não – assente Willow. – Não serviria de nada.

– Promete-me uma coisa. – disse Guy de repente – Ok? Prometerá?

– Depende. – responde Willow com muita cautela – O que quer?

– Tem que me chamar antes de voltar a fazer a próxima vez. Eu falo sério. Simplesmente, me chame antes.

– Para que possa me persuadir? – pergunta Willow. Não sabe muito bem porque sua voz soa tão cortante. – Quero dizer, para que?

– Te persuadir? – Guy nega-lhe com a cabeça – Nem saberia como fazer – Volta a deixar as giletes na mochila com reserva – Te direi pra que. Me assustou com o que disse sobre chamar seu irmão. Estou certo que você está errada a respeito mas, a verdade, não sei, me dá medo arriscar. Ao menos com você...

– Não se importe. – Willow não pode evitar destacar.

– Esse é um modo de dizer – Guy a olha – Ia dizer que entre você e eu existe mais confiança e as cartas estão descobertas. Olha, se me chamar, ao menos saberei que está... Enfim, evidentemente não estará bem, mas ao menos... – Não consegue terminar a frase.

– Ao menos? – aponta Willow.

– Ao menos saberei que não está por aí jogada perdendo sangue. Willow não tem uma resposta para isso. Surpreende-lhe a impetuosidade de

Guy, parece tão longe da sua personalidade... Ela olha em silêncio como arranca um pedaço de papel de seu caderno e escreve algo.

– Aqui tem meu número, ok?

– Porque está fazendo isso? – explode finalmente Willow – Você não tem que me ajudar. Não tem que falar comigo. Não tem que aparecer na minha vida com nenhuma resposta. Então, porque está fazendo isso? Tão pouco tinha porque me tratar ontem a noite, mas o fez de todo o modo. Por quê? Poderia ter passado longe. Não estou pedindo que faça tudo isso. Não quero que faça tudo isso. O mais certo é que não te chame.

– Não pude passar longe assim. E sabe de uma coisa? Você tampouco poderia.

– Oh, sim poderia. – Willow lhe corrige rapidamente – Nem me incomodaria em olhar para trás. Eu...

– Claro – interrompe Guy – Do mesmo modo como fez com Vicki. Willow demora um segundo para se lembrar do que ele está falando.

– Refere-se a garota do laboratório de física?

Não consegue acreditar.

– Essa mesma – assente Guy.

– Está errado ao meu respeito – Willow tenta explicar – Acredita que sou amável? Que sou uma boa pessoa? Não fui nada disso, para nada. Pensei que era patética, que era uma fracassada.

– Eu sei. E é por isso que o que fez é tão especial. Willow está calada.

– A ajudou – a voz de Guy está tranquila – Não tinha porque, mas fez. Então, não venha com babaquices sobre como você passaria longe disso, simplesmente não é verdade.

– Olha, tenho que ir – Guy se levanta – Me chame, ou melhor, não. Melhor procurar outra maneira de enfrentar os teus problemas que não seja fazendo cortes e feridas. – A olha como se quisesse algo mais, porém, uns segundos depois, esboça um pequeno sorriso, se vira e dirige-se ao elevador.

As portas se fecham e Willow fica sozinha. Pega o papel que ele havia

dado, faz um bola e o lança tão longe como pode.

Não vai permitir que ele a controle desse modo. De qualquer jeito, quem é ele para saber como se comportaria? Ela passaria longe. E passará longe das boas intenções de Guy.

Willow pega a mochila e desce rapidamente pela escada lateral – não tem tempo de esperar o elevador – Para e dá de cara com o olhar assassino da Senhorita Hamilton.

– Onde esteve? – pergunta-lhe. É evidente que está zangada. – Deveria apressar-se e ir deixar os livros em seus lugares. Estamos muito atrasados e Carlos não está. Hoje não quero que faça um descanso. Não deixaria mesmo que tivesse chegado a tempo, estamos com falta de pessoal. Por certo, cometeu um erro com o empréstimo interbibliotecário que solicitou e eu tive que me desculpar pessoalmente com aquele senhor idoso tão agradável. Tenho que dizer...?

Hamilton continua resmungando sem trégua com sua voz lamentosa e desagradável. Com o cabelo penteado para trás e seu vestido fora de moda, parece um personagem saído de uma novela de Dickens* (Charlens Dickens foi um escritor britânico). Willow mal pode suportar escutá-la. Não sabe como conseguirá sobreviver as próximas horas sob o olhar atento dessa mulher. Espontaneamente, a imagem de Guy lhe passa pela mente. Seu rosto. Suas mãos. O modo que sustentava o livro do seu pai. A maneira em que a tratou.

– Desculpe. – Willow corta Hamilton bruscamente – Vou fazer isso agora mesmo – Willow pega um carrinho cheio de livros e se dirige com toda pressa ao elevador. Aperta o botão do décimo primeiro andar, sem nem sequer notar a que andar pertencem.

Vamos, vamos, depressa...

Willow deixa o carrinho de lado e põe-se a correr até o lugar onde ela e Guy tinham estado sentados. O papel não está ali. Pelo amor de Deus! Mas só tinha estado fora alguns minutos! Quem mais pode ter estado aqui? E, de todo modo quem quer pegar um pedaço de papel amarrotado? Cai sobre seus joelhos e começa a arrastar-se. Onde o havia jogado? Willow olha debaixo das estantes metálicas. Não há nada à parte a sujeira.

O que é isso?

Entre as penugens da poeira vê um objeto branco e estende a mão para pegá-lo. Willow mal consegue alcançá-lo e sente que está a ponto de

deslocar o braço de tanto esticá-lo debaixo da estante.

Peguei!

Desfez a bola e alisou o papel, voltando a dobrá-lo com cuidado. Não sabe muito bem o que fazer com ele. Deixou a bolsa embaixo, hoje usa uma saia e... Não tem bolsos.

Depois de alguns segundos Willow guarda o papel dobrado em seu sutiã. Não sabe muito bem para que quer seus números. Não vai ligar. Mas na realidade, que mal há em guardá-lo? Gosta de sentir o toque do papel em seus seios. Arranha, não é doloroso, como a gilete, mas tampouco algo que possa ignorar.

O papel fica ali o resto do dia, até se despir para meter-se na cama. Imediatamente dorme. Sem problemas, está esgotada. Mas aguentar dormir... Isso é outra coisa.

Willow não tem pesadelos, não exatamente. Ao menos, não que ela recorde. Mas sempre há algo que a faz despertar em plena noite, tremendo. Pode ser um carro que passa debaixo de seu quarto e que lhe recorda o acidente ou o som da chuva que bate na janela.

Não está muito certa do que se trata dessa vez. Vem-lhe a cabeça fragmentos sombrios de um sonho: O ruído dos cristais quebrados, o tato ao tacá-los, é isso o que lhe faz tremer? Não importa. Willow pega as coisas que tem embaixo do colchão. Aperta a gilete em sua mão compulsivamente. Está esticada, mas não está se cortando. Ainda não. De repente ergue-se para pegar o telefone, que cai do criado mudo. Busca pelo criado mudo até que suas mãos se encontram com o pedaço de papel que deixou antes. Sem soltar em nenhum momento a gilete, pega o papel e o telefone e se esconde debaixo dos lençóis.

O telefone não é sem fio, e o som da linha rompe o silêncio. O som é reconfortante, assim como a idéia de chamar Guy. Não vai chamá-lo. Nunca faria. Mas aperta com força junto ao seu peito, com o insistente som fazendo eco com as batidas de seu coração.

CAPÍTULO SETE

Willow cantarola uma melodia enquanto fareja entre os diversos produtos

de beleza que são oferecidos na farmácia. Pela primeira vez se sente de bom humor. E porque não? Na escola saiu mais cedo do que o habitual, e hoje não tem de ir trabalhar na biblioteca. Tem o dia todo à frente para fazer o que quiser. E quer comprar peças de reposição. Então assim voltou a loja que passou junto com Guy e Laurie. Comprar lâminas de barbear nem sempre foi tão fácil. Normalmente as encontrava nas lojas de artes plásticas mas, desde que tinha deixado as aquarelas não lhe gostava de ir lá assim que, encontrar um novo fornecedor é especialmente gratificante. Claro, qualquer superfície cortante poderia valer a pena, e Willow já tentou de tudo: tesoura para cortar unhas, uma faca de carne, lâminas de barbear, menos as que têm proteção. Estes últimos são as que levava quando Guy a descobriu. Mas Willow é uma purista*.

Gosta-lhe de usar o instrumento escolhido apenas para ela. Não lhe gosta abrir a pele com a mesma lâmina usada para cortar o jantar. Willow para ao lado das caixas de Mogno Avermelhado**.

Deveria comprar um par? Não é que tenha nenhuma intenção de tingir o cabelo, mas sempre se preocupa de pegar um par de coisas para não levantar as suspeitas dos empregados. Deve ter uma dúzia de blocos de desenho em casa. Todos em branco.

Desta vez Willow pega uma garrafa de xampu — pelo menos é algo que vai usar — e

se apressa em direção ao caixa. Sempre fica nervosa ao comprar as lâminas. Por que eles colocam-nas atrás do balcão? À medida que vai deixando as coisas, o coração se acelera. Tenta parecer inocente, mas não pode deixar de sentir-se como uma criminosa.

— Três caixas de lâminas de corte, por favor.

— Três caixas? Por que você quer três caixas?

O atendente a olha intrigado

Vinte por caixa, Sesenta lâminas! Tem que ter notado!

— Eu, bem... Eu só... — Willow não sabe o que dizer. Deveria sair dali? Começar a correr? Em qualquer caso, ele pode fazer alguma coisa?

Isto é, ele não irá chamar a polícia, certo?

— Porque a oferta é de quatro por dois dólares. — continuou o funcionário, imperturbável.

Oh.

— Claro, ia dizer, que eu já sabia. Eu só... Claro. Quatro caixas seria ótimo. Obrigado.

O pior já passou. Quase se enjoa do alívio que sente. Volta a cantarolar baixinho, paga a compra e se dirige para a porta.

E agora?

Willow guarda suas aquisições na mochila enquanto começa a descer a rua. Ainda não sabe muito bem para onde está indo. Talvez devesse ir para o campus e passar o tempo esticada na grama. Má idéia. Faz um gesto de negação com a cabeça ao lembrar o que aconteceu na última vez. Talvez devesse ir para casa e fazer um pouco de trabalho, terminar o *Bulfinch**** e pôr-se a escrever o trabalho que se supõe que tem que fazer.

Não acredito-me nem eu.

.

.

* Pessoa excessivamente escrupulosa na pureza da linguagem.

.

** É uma tinta para cabelo parece ser ruivo, aqui o link com a cor: [http://www . productos- de-belleza . com /Tintes/Loreal/ caoba-rojizo . jpg](http://www.productos-de-belleza.com/Tintes/Loreal/caoba-rojizo.jpg), tirem os espaços

.

*** Thomas Bulfinch (15 de julho de 1796 - 27 de maio de 1867) foi um escritor estadunidense, nascido em Newton, Massachusetts. Seu trabalho mais famoso é "O Livro de Ouro da Mitologia", de 1855. Esta obra veio a ser considerada a melhor introdução para o conhecimento dos clássicos de mitologia que estão entranhados em nossa literatura e cultura em geral.

Claro que sempre pode ir ao parque. É muito mais agradável que ir ao campus e não vêm-lhe à mente as associações negativas. É engraçado que se recorde como mau no momento em que Guy a descobriu e, ao invés, quando a curava... Bem, isso não é algo ruim, afinal. Willow distraidamente acaricia seu curativo. Está começando a ficar sujo, deveria mudá-lo, mas, por alguma razão, não há encontrado o momento. Caminha até chegar ao parque, mas esta um pouco insegura. Ir para o parque sem companhia... Estes últimos meses têm estado muito solitária, e na maioria das vezes por escolha própria, mas mesmo assim, Willow lembrou no outro dia no depósito com Guy. Embora grande parte da discussão fosse dolorosa, houve

muitas coisas interessantes. A verdade é que o prazer de sua companhia está começando a se desgastar. Esse sentimento não faz mais do que piorar quando vê um grupo de meninas da escola que vão juntas para o parque. Vicki está entre elas. Willow pergunta-se o que Vicki faria se ela se aproximar e tentar juntar-se ao grupo. Seria simpática ou simplesmente voltaria a fazer um comentário ofensivo? Bom, de qualquer maneira, não tem nenhuma vontade de passar mais tempo com Vicki e suas amigas. Willow deixa para trás o parque e anda em direção a escola. Existem vários cafês espalhados pela área e talvez ir e tomar algo em um deles não será uma má idéia. Para-se na frente de um que tem um bonito toldo de listras verdes e brancas e lê o cardápio. Não tem muito dinheiro. Dá a David e Cathy quase tudo o que ganha, mas ainda tem o suficiente para tomar algo.

— Willow!

David? O que ele está fazendo aqui?

Não deveria o seu irmão estar dando alguma aula ou trabalhando em casa? O que está fazendo bebendo um café gelado* em um bar a esta hora do dia?

* Receita de Ice Coffe (Café Gelado) e ela é bem comum e fácil de fazer: [http:// tudogostoso . uol . com . br / receita/ 22199-ice-coffee-cafe-gelado . html](http://tudogostoso.uol.com.br/receita/22199-ice-coffee-cafe-gelado.html), tirem os espaços.

O primeiro pensamento de Willow depois de recuperar-se do choque de ver seu irmão em uma das mesas é que estava certa que iria o encontrar. A razão de que lhes deixaram sair mais cedo do instituto é a reunião entre os pais e professores. A mesma que estava falando à carta que David havia recebido. Enquanto Willow pensava isso, percebeu que há muitos alunos que passam com os pais e entram em outros cafês.

— David, — Willow disse incerta ao aproximar-se da mesa onde ele estava sentado.

Como agir? Deveria deixá-lo saber que sei a razão por que ele está nessa área? Está certa de que seu irmão não quer que saiba. Se quisesse, simplesmente já teriam conversado sobre isso. Havia ido a reunião com ele.

— Não tem aula ou algo assim agora? — Willow pergunta. David tira a jaqueta e um monte de livros que estão na cadeira ao seu lado e Willow se senta. — Quero dizer o que está fazendo aqui?

Se ele não é claro com ela, então ela já sabe como conduzir a conversa.

Basta fazer o mesmo que sempre fizeram desde o acidente: falar sem dizer nada.

— Não, agora não há aulas... — Ao dizer isto, David não a olha. Brinca com o guardanapo, passa-lhe um cardápio, faz qualquer coisa menos olhar em seus olhos. — Deveria estar preparando a conferência, mas precisava de uma pausa. Então, eu tinha vindo passear por aqui... — Sua voz se apaga. Willow acena, como se fosse engolir o que ele diz. Com profundo suspiro abre o cardápio.

— Bem, e como vão as aulas? — diz depois de pedir um cappuccino.

Ótimo, agora você é a que soa como se quisesse fazer-se de mãe.

— Bem, — responde David, com um encolher de ombros.

E do lado direito, David reage com uma afiada e fabulosa resposta!

— Que você aulas dá este ano?

— Oh, já sabe, o mesmo de sempre, o mesmo de sempre.

Como diabos quer que eu saiba?! Você nunca me disse nada! Como é que se supõe que deve ser o mesmo de sempre? Nem sequer permanece tanto tempo dando aula!

— Aqui. — O garçom deixa o café em frente a ela e Willow leva tempo para lançar o açúcar e mexe-lo tentando encontrar algo a dizer. No entanto, não precisa se preocupar, porque David sempre ter à mão o seu assunto favorito.

— Como foi o dia de hoje na escola? — pergunta-lhe. — O que aconteceu com aquele exame de francês? Já deveriam ter retornado-lhe até agora. Algum problema ou você foi bem? Como está o trabalho que você mencionou? O de Bulfinch?

Por que você não me diz como está à escola hoje, se você acaba de estar ali?

Willow tem que morder o lábio para evitar dizer estas palavras em voz alta. Por que seu irmão está sentado lá, fingindo apreciar a sua bebida, mostrando que foi ao centro apenas porque precisava de uma pausa? Ela já sabe por que ele não quer falar. Talvez já estava pronto para lidar com

questões tais como testes ou os trabalhos, mas ter que ir a uma entrevista com o professor, ter que ver como lhe mostram o fato de que, sim, agora ele é o pai...

Willow compreende, compreende perfeitamente. Mas ainda...

Grite-me! Bata-me! Faça alguma coisa, mas não deixe isso assim! Pare de agir como se nada tivesse acontecido! Para de comportar-se como tudo isso não afeta você!

— Então, te devolveram o teste?

David a olha com expectativa.

Willow não se preocupa em responder. Não pensa em continuar sentada ali e prolongar esta farsa, e se não pode falar sobre o que realmente está acontecendo, pelo menos quer falar sobre algo mais interessante. Trata de encontrar algo a dizer. Não importa o que, contanto que esta conversa não seja uma absurda entre dois estranhos. Dá uma olhada nas prateleiras cheias de livros ao lado de seu braço, à procura de alguma inspiração.

— O que você está lendo agora? — Willow pede, pela primeira vez em toda a conversação, sua voz é natural. Isso é seguro, melhor do que seguro. É familiar. É a conversa que teve tinham durante a sua infância até à hora do jantar.

Por que não lhe havia ocorrido antes?

— Bem, você sabe... — David se ilumina por um segundo. Por um momento, parece à pessoa que costumava ser. — Eu estive trabalhando em escavações, volta a questionar algumas teorias. Lembre-se daquela revista que eu estava procurando outro dia? A procurava porque eu tenho certeza que há novos dados que contradizem completamente a versão aceita dos ritos funerários.

Está mais animado do que há estado em séculos, tão interessado em seu assunto que nem sequer tem se dado conta de que Willow não respondeu a sua pergunta.

Willow não pode deixar de rir. Sabe que se suas velhas amigas estivessem aqui, seria se mexendo em sua cadeira, querendo sair dali. Todas elas só suplicavam para que deixassem que a acompanhassem a cidade para fazer algo com David. Todas gostavam dele porque era muito bonito e, assim, mais velho do que elas. Mas uma vez quando chegavam lá se entediavam terrivelmente com seu irmão brilhante e excêntrico. Willow não se entedia

com nada. Provavelmente, os ritos fúnebres não é o seu tema favorito, mas quem se importa?

Ele está falando, falando de algo real para ele e ela está feliz.

— É engraçado, — Willow se inclina para frente, — porque sabe que eu tenho pensado em voltar a ler? *Tristes Trópicos**. Eu não voltei a olhar-lo desde... Faz anos. — Fala com cuidado para não falar de seu pai. — Mas no outro dia eu pensei que eu deveria relê-lo. Este livro é tão bonito...

* *Tristes Trópicos* (no original em francês, *Tristes tropiques*) é um ensaio do antropólogo e filósofo francês Claude Lévi-Strauss, publicado em 1955 na França, pela Editora Plon (Paris).

— É ótimo, — afirma David. — E o que o torna tão especial é que quando você lê-lo, é muito mais que um texto de antropologia por que... Espere um segundo... — O sorriso desaparece do seu rosto de repente, como se tivesse desligado a luz. — Willow, não creio que tenhamos tempo para essas coisas agora. Não esta totalmente envolvida com as aulas? Não estais se deixando para trás, certo? E não respondeu-me sobre o trabalho. Já tem escrito o projeto? Por que se preocupa em pensar sobre *Tristes Trópicos*?

É como se o breve interlúdio agradável nunca tivesse existido.

— Sim, você está certo, — diz Willow, deprimida demais para contradizê-lo. — Deveria começar com as coisas da escola. Pegue— diz, escavando dentro da mochila, — Ontem, descontei o meu contracheque e esqueci-me de dar a Cathy o dinheiro para a casa antes de ir para a escola esta manhã.

Põe um punhado de notas sobre a mesa e passa para seu irmão. David olha para o dinheiro como se fosse envenenado e o guarda na sua carteira com relutância.

— Obrigado — murmura.

— De Nada. — Willow esta bastante tensa. Não é possível suportar que a agradeça a sua contribuição dolorosa. Não o suporta.

— Ei! — David olha para o seu braço, com uma carranca que já está começando a ser familiar. — Você se cortou?

Willow ficar parada por um momento. Então olha para o braço. Tenta ver a

bandagem de Guy tal como David deveria estar vendo. Esta suja é claro, mas não muito mais do que isso. Uma única bandagem é completamente inocente.

— Sim, David — responde, o olhando fixamente. — Cortei-me.

A ironia de tudo isso é esmagadora. Toda a experiência de estar lá com ele é. Não pode continuar ali, falando sem dizer nada. Tem de ir, mas como? De repente, um grupo de pessoas conversando e rindo alto na rua chama sua atenção.

Guy.

Laurie também está no grupo, e Adrian, pelo menos, acha que reconhece o menino que leva Laurie abraçada pela cintura. Willow não conhece as outras pessoas que estão com eles.

— Eu tenho que ir. — Willow olha para seu irmão. — Vou me encontrar com meus amigos. — Quase lhe escapa um muxoxo de dor quando diz esta mentira.

Evidentemente, eles não a estão esperando. E, obviamente, eles não são amigos. Bem, Guy é mais que um amigo, mas ainda não tem muito claro o que é. No entanto, é uma desculpa bastante plausível e oferece-lhe uma fuga.

Willow cruza a rua com pressa. Ela está convencida de que seu irmão está a olhando e esperando que, se bem que não vão a receber de braços abertos, pelo menos, deixem que se reúna ao grupo.

Está preocupada que Guy não queira ver-la. Por que haveria de querer, afinal depois de tudo? Ela não é nada mais do que um problema para ele. Sua aliança não vai além do que a chamar-lhe se cortar-se.

Willow está alguns passos atrás deles. Eles não a viram e, embora ela se sinta solitária, sabe que se não fosse por seu irmão que está há olhando iria tão rápido quanto poderia, em outra direção.

Willow respira.

Fora do fogo para...

— Oi, — diz tocando o braço de Guy.

Guy se vira como o resto do grupo. Invoca a coragem para seguir lá e manter-se firme, mas é recompensado, porque Guy sorri e Laurie age como se fosse a coisa mais natural do mundo que se junte a este grupo.

— Ei, Willow! Quer vir para o parque por algum tempo com a gente? Por favor, me ajude a convencer Adrian de que eu tenho que tingir o cabelo. — Willow não se importa que os interesses de Laurie sejam bastante limitados, para não dizer totalmente. Se sente tão aliviada pela maneira despreocupada em que admitiu que não possa ser crítica.

— Olá. — Guy não se mostra tão aberto, e demora um pouco antes da apresentar-lhe para os outros. — Lembre-se de Adrian? Estes são Chloe e Andy. — Aponta para o grupo. — Conhecem a Willow?

— Ah, sim. Eu vi pela escola, — afirma Andy.

Chloe não lhe presta muita atenção. Está muito ocupado cheirando dentro de sua bolsa por alguma coisa.

— Alguém pode me dar dinheiro?

— Para quê? — Andy busca no seu bolso.

— Para um sorvete. — Chloe aponta com o queixo o pequeno caminhão que está estacionado em frente à entrada do parque.

— Compre-me um também.

Andy dá um punhado de moedas.

— Quer um? — Guy pergunta a Willow.

— Não... — Willow sacode a cabeça. Se pergunta se Guy estranhou que ela se uniu a eles. Olha o relógio. Dá a impressão que sua aparição não lhe alterou.

— Até onde? — Andy pergunta quando Chloe retorna ao sorvete.

— Parece-me incrível que você pode comê-lo, — exclama Laurie com uma onda de desaprovação ao ver Chloe.

— Por quê? Não tem carboidratos.

Chloe mostra seu sorvete fúcsia a Laurie.

— Tente não comer gordura. Só hidratos, — diz Laurie, no que Chloe responde com um dar de ombros.

— O que você acha do rio? — Andy olha para Guy. — Eu quero ver os barcos.

— No rio não, — respondeu Adrian firmeza. — Eu preciso deitar-me. Você sabe, grama.

— Além disso, se você não teve o suficiente do rio hoje? — Chloe pergunta enquanto desfruta do sorvete.

— Tem razão. — Guy olha Willow. — Andy está na equipe de remo comigo. Acho que já te disse que saímos para remar três manhãs por semana.

— Sim, mas esta manhã foi bastante ruim, — diz Andy, carrancudo. — Realmente quero melhorar a nossa marca, não sei, como dez segundos.

— Então vai fazer um pouco mais de cardio*, — diz Guy. — Já te disse que esse é o nosso problema. Mas tenho uma notícia para você, não me interessa passar mais tempo no ginásio.

— Pare de falar sobre remo! — Chloe insiste. — Ele é super chato.

* Acho que o que o Guy fala é sobre ele escolher treinar numa máquina de remo que ajuda no movimento dos membros inferiores e superiores e desenvolverá o seu sistema cardiovascular. A máquina de remo é igualmente o aparelho que permite reencontrar as sensações experimentadas pela prática do remo, sem ser incomodado pelas alterações climáticas.

— Aqui está ótimo, — diz Laurie, apontando para uma clareira sob as cerejeiras. Ela se estende sobre a grama antes que alguém tenha tempo de objetar.

— Você trouxe o que o que das unhas? — Olha para Chloe enquanto ela puxa uma lixa da sua bolsa e começa a trabalhar.

— Sim. — Chloe começa a pegar as suas coisas. — Mas eu não tenho a cor que você gosta.

— Você está confortável? — Guy pergunta a Willow enquanto ela tenta colocar a sua mochila como um travesseiro.

— Não muito. — Pega o *Bulfinch* da mochila para ver se consegue que fique mais macio.

— Minhas mãos estão ficando pegajosas, — diz Andy com gesto.

— Sim, as minhas também. — Chloe faz uma cara de nojo.

— Aqui, tente isso. — Guy passa a Willow um moletom enrolado fora de sua mochila.

— Obrigada. — Willow cuidadosamente colocada no chão e se vira para Andy. Tenho lenços úmidos. — oferece Willow. Sempre tem um pacote encima, são perfeitos para a limpeza depois de uma sessão com a lâmina.

— Ótimo. — Andy pega o pacote.

— Você vai dar seu moletom velho e sujo? — ri Adrian.

— Ainda não faz frio para vesti-lo.

Guy dá-lhe um olhar.

Willow se estica sobre o enrolado moletom. É o descanso perfeito e na verdade não está com mau cheiro

— Me passa a acetona? — Laurie deixa a lixa e estende a mão.

— Aqui, dá-lo a Chloe, — diz Andy, dando-lhe uma cotovelada. — Quer, Willow? — Ele mostra o frasco de acetona.

— Não, obrigado. — Willow transforma as mãos para esconder as unhas, que têm estado em carne viva de tanto roê-las.

— Vamos ver um filme? — Adrian estica as pernas e apóia os pés no colo de Laurie.

— Mais tarde. — Laurie dá-lhe um empurrão. — Sai! Você pesa uma tonelada!

— Que tal um filme? — Guy fala em voz baixa e ninguém mais pode ouvir.

— Talvez, — diz Willow, para sua própria surpresa.

— Quem está lendo *Bulfinch*. — pergunta Chloe.

Agita as mãos no ar para secar as unhas.

— Mitos e Heróis! — Laurie pega o livro e começa a virar as páginas. — Me encantava essa aula!

— Teriam que mudar o nome. Deve ser chamada de deuses e deusas — aponta Chloe.

— Tem razão, — diz Guy. — O tema geral é isso.

— Você gosta de mitologia grega? — Willow olha Laurie.

— Oh, bem, não é ruim. É principalmente uma matéria bastante fácil. Eu amo as matérias fáceis. Se eu pudesse obter um par de temas como este ano... — Deixa o livro e procura o vidro de esmalte. — Este semestre é fundamental. É se todas as escolas querem ver se você está totalmente comprometida...

— Não, não, não! — Andy senta-se e cobre as orelhas com as mãos. — Adrian, pare ela.

Eu não posso a ouvir novamente falar sobre isso! É obcecado! Por Deus! E vocês acham que falar de 'remo' é chato?

Laurie faz uma carranca, mas Adrian apenas ri e se vira para Willow.

— Bom, e você? — lhe pergunta. — Você gosta deste curso?

— Deveria — responde Willow com um sorriso irônico. — Porque a verdade é que eu gosto dos clássicos mas, certamente, isso está custando-me um bocado.

— Sério? — Guy parece surpreso. — Vem, mas você deve ter crescido com isso. Eu não posso acreditar que você ache difícil.

— O que tem crescido com isso? — Chloe está confusa. — O que você quer dizer? — Olha Willow com expectativa.

—Bem, eu... —Willow pausa. — Meus pais eram ambos professores, diz ela apressadamente. Já está. Já o fez. Agora todos podem falar novamente de mitos e heróis.

— De quê? — pergunta Adrian.

— Eram? — pergunta Andy.

Não, não aqui. Não há como escapar. Tais questões vão persegui-la até o dia em que ela morrer. Do canto do olho pode ver Guy prepara-se para intervir. Sente que ele vai tentar mudar de assunto. Dá uma pausa, como fez com Laurie no outro dia.

Mas isso não vai deixá-la. Merece estas questões, esse castigo.

— Eles estão mortos, — diz sem rodeios.

— Que forte, não é? — Andy faz um gesto de surpresa. — Você sabe, eu acho que eu já tinha ouvido alguma coisa.

Forte? Forte? Você é tolo! Forte é que Laurie não entre na faculdade que ela quer. Forte é que você não pode melhorar a sua marca no remo. Isso não é forte.

— Sinto muito. Eu não tinha idéia. — A voz de Laurie é apenas um sussurro. Ela estende sua mão e apertou levemente o braço.

Willow só concorda, mas está emocionada. Nunca esperaria apoio de alguém como Laurie.

O resto do grupo está em silêncio. Willow está feliz por não estar recebendo o olhar assassino que Guy está dando a Andy.

— Bom. — Adrian limpa a sua voz. — Talvez nós devêssemos verificar o horário que os filmes comecem.

— Sim, boa idéia, — respondeu Chloe. Abre a bolsa e pega o telefone. Aperta em um botão. — Eu preciso de uma caneta, — diz com o cenho franzido.

— Um segundo. — Andy em sua mochila, mas não encontra nada, e se fixa na mochila de Willow, que esta meia aberta com metade das coisas espalhadas na grama.

— Você se importa? — Ele se aproxima para pegar uma caneta.

— Perdão? — Willow fica surpresa. Não tinha idéia de que a maioria das suas coisas estavam à vista.

— Espera, eu pego ela.

Tenta obstruir seu caminho, dando-lhe a caneta em vez de deixar que fuce nas suas coisas.

Com toda a confusão, consegue que as caixas de lâminas caiam no chão. Em si, as caixas são marrons, mas as letras vermelhas brilhantes que têm os lados são como sangue, em contraste com a relva.

Andy levanta uma sobrancelha, mas Guy é o primeiro a falar.

— Obrigado por comprar. Quanto lhe devo?

Willow fica surpresa, mas permanece no jogo.

— Oh, não se preocupe, não custou quase nada. — Provavelmente não ocorreria nenhuma caso de calamidade se Guy não pegasse as lâminas. Umas caixas de lâminas novas são bem menos de suspeita do que a faca suja caiu na frente de Guy. Não é só isso, mas é provável que Andy não é tão perspicaz. Jamais teria imaginado nada.

Mas lhe alega de não ter de se preocupar com essa possibilidade. Alega-lhe que Guy se preocupe com isso. Por um segundo sente que Guy e ela estão envolvidos em uma conspiração contra todos os outros.

— Por que você precisa de todos esses lâminas? — Laurie pergunta a Guy.

— É uma coisa que eu estou trabalhando.

Guy desconversa.

— Um trabalho extra? — Pergunta interessada

— Tudo bem. — Chloe fecha o celular vigorosamente. — Há uma sessão em vinte minutos. Se formos rápidos, nós chegamos. — Fica de pé e começa a recolher suas coisas.

O restante começa a fazer o mesmo, exceto que Willow está pensando em silêncio sobre como Guy a encobriu na frente de todos, e Guy, que está olhando para ela.

— Você vem? — Adrian olha Willow.

— Você quer ficar no parque?

Guy guarda as caixas em sua mochila.

Willow não tinha certeza se ele fez isso para continuar com a farsa, ou porque realmente ele às está confiscando. Mas ele realmente faria algo assim? Ela já lhe disse no outro dia na biblioteca que tirar as lâminas seria inútil.

Bem, agora terá que ficar com ele. Somente para recuperar as lâminas.

Fez por isso? Ou para eu ficar com ele?

— Você vai ficar?

— Só se você quiser.

— Eu, sim, — respondeu, após um momento.

— Acho que não vamos ver o filme, — diz Guy apoiado em seus cotovelos.

— Tudo bem. — A Adrian não parece que se preocupe demais. Chloe está muito ocupada tirando a grama das suas calças e Andy e Laurie já estão saindo do parque.

— Não tinha que fazer isso, — Willow vai até Guy enquanto todos se afastaram. — Eu quero dizer sobre as lâminas. Ele é incapaz de tirar conclusões, tenho certeza. — Ela cora quando ele percebeu que suas palavras parecem ingratas. — Obrigada, de qualquer modo.

— Tinha que fazer isso, — diz Guy, sacudindo a cabeça. — Oh, você está certa, ele nunca teria imaginado, mas estava com raiva de mim mesmo. Eu te coloquei na situação de ter de falar de seus pais. — Parou por um segundo. — Eu posso imaginar o quão difícil é para você.

— Seu tom de voz é especialmente suave para dizer isso. — Mas Willow fica surpresa que existisse empatia em sua voz.

— Não teria sido melhor se ele teria interagido? — Levanta o tom de voz e um casal que caminha por ali perto se vira e os olha. Sabe que Guy está sendo amável, sensível, não como o idiota de Andy, mas odeia magoar outra pessoa. — Não seria melhor assim?

Então não teria que se preocupar em manter o meu segredo, outra pessoa poderia ir e dizer ao meu irmão.

— Sim, bem, talvez tenha razão — solta Guy. — Seria muito mais fácil para mim. Mas algo me diz que Andy não é a melhor pessoa para estar metido nisso.

— Desculpe, — diz Willow após um momento em silêncio.

— Está tudo bem. — Guy senta-se de repente. Pega um galho e começa a desenhar algo no chão.

— Você é o que está certo, — Willow continua. — Seria a pessoa menos adequada. É um bruto. Como é que o conheceu?

— Não o conheço muito bem... Ou seja, está na equipe de remo e às vezes saímos juntos, mas nunca conversamos muito. Ri de Laurie, mas ele é igual. A única coisa é que, com ele, em vez de falar sobre as provas e recomendações, prefere o remo e a fraternidade na qual pretende ingressar.

— Laurie não é má, — diz Willow pensativa, lembrando o gesto de compaixão da garota. Estica-se em seu estômago e descansa seu queixo em suas mãos, cotovelos apoiados no enrolado moletom.

— Sim, é uma boa menina. Um pouco obsessiva...

— Você acha? — Willow ri. — Como você a conhece? Ela não está na equipe de remo, certo?

— Não, na verdade eu a conheço por Adrian. — Guy puxa o galho e se estira de bruços. — Somos amigos desde sempre. Laurie eu a conhecia de vê-la nos corredores, mas nunca chegamos a nos falar até que eles começaram a sair, um par de anos. Como Chloe: a conheço por Laurie. Acho que Andy vai de atrás e tem pensado que, como estamos na mesma equipe, já tem uma desculpa para sair com a gente, — diz ele, dando de ombros.

— Laurie não te contou nada sobre mim, certo? — Willow pergunta, brincando com um dente de leão*.

* Dente de leão é uma planta: http://www.digitalphoto.pl/foto_galeria/2221_2006-0227.jpg, tirem os espaços.

— Como o quê? Ela sabe que você se corta?

Guy a olha surpreso.

— Não! Não. É só que eu estava falando com ela e outras meninas no jardim da escola um par de dias atrás. E, bem, como de costume, a situação toda a situação foi de mãe e eu disse umas bobagens. Pensei que talvez tivesse te dito.

— Sabe, Willow? Não acho que as pessoas realmente falem sobre você. Pelo menos não da maneira que você pensa. Pelo menos eu não ouvi ninguém dizer nada. — Guy pega de suas mãos o dente de leão que está destroçado. — Acho que esta tudo na sua cabeça.

— Parecia que Andy sabia tudo sobre mim, — murmura Willow. Começa a morder suas unhas e depois volta-se para colocar as mãos nos bolsos. — A moça do laboratório de física, como se chamava? Vicki? Ela também disse alguma coisa.

— Ok, te dou razão sobre Andy e sobre Vicki também. E você pode ter outras pessoas que estão dizendo coisas, mas de coração, diria que é menos importante com o que tem que lidar agora mesmo. Digo-te a sério, mesmo que Andy tenha se comportado como um completo idiota, tem estado tão mal? Não estava feliz aqui com a gente? — Guy pega outro dente de leão. — Aqui, tome esse. — Pega a mão do bolso e coloca as flores entre os dedos.

— Você está brincando? — Willow toma uma respiração, pega a flor e começa a destruí-la. — Certo. Então, depois de dizer a todos que meus pais estão mortos e depois de que Andy seja tão compreensivo todos vão e correm como se eu tivesse algo contagioso. Seus pais não vão morrer porque tinham estado falando comigo!

— Acho que a coisa não ia ser assim, — disse Guy, pensativo. — Tenho certeza de que Adrian não iria nesse plano. Ele tentava ajudar, mudar o assunto para que deixasse de ser o centro das atenções.

— Oh. — Willow pensou por um minuto. Não sabe se acredita em Guy, mas gostaria, e deve admitir que tem parte de razão. Com tudo o que está acontecendo, as pessoas estejam ou não falando dela realmente não importa muito.

— Mas o que dissestes a Laurie? Por algum motivo não posso te imaginar dizendo nenhum disparate.

— Ponha-me a prova. — Willow solta um suspiro profundo. É uma longa história. Eu... Em suma, algo de um gato.

— Um gato? — Guy começa a rir. — Eu não esperava nada parecido. É porque a Irmã de Laurie faz trabalho voluntário no abrigo de animais?

— Não vou voltar a passar por isso! — Willow bate em Guy, mas também está rindo.

— Perguntava por que tu não me parece uma pessoa de gatos.

— Sim, bem, eu não sou. Mas o que você quer dizer? — Willow pergunta com curiosidade.

— Bem, você sabe... Existe esse tipo de pessoas que gostam de gatos... — Guy para e a olha. Willow faz um gesto determinado de negação. — E depois há pessoas como você. E, como eu. As pessoas que gostam de cães.

— Astuto — Willow concorda. — Te referes que há um tipo de pessoa que gosta de sorvete de chocolate e um outro que gosta de sorvete de baunilha... Embora, claro, há algumas pessoas que preferem picolés coloridos. — Olha de perto. — Café, verdade?

— Muito boa. — Guy se acomoda com as mãos atrás da cabeça. — Mas era muito fácil.

— Vá lá! Como ia saber?

— Sim, sim... Acho que te dei uma boa pista quando outro dia o te convidei para um cappuccino.

— Ok, — diz Willow, revirando os olhos. — Mas, se dividirmos o mundo em dois tipos de pessoas, poderia me dizer alguma categoria mais interessante?

— *Odisséia ou Ilíada* * — Responde imediatamente.

— Por favor! *A Ilíada*.

— Sem dúvida. — Guy dá-lhe a razão.

— Ok, escute, como você bem disse, eu cresci com isso. Mas qual é a sua desculpa?

* *Ilíada e Odisséia*, poemas em 24 cantos, são os primeiros grandes textos épicos ocidentais. *A Ilíada e a Odisséia* são atribuídas a Homero.

— Você tem uma folha em seu cabelo. — Guy estende a mão e a tira. Ambos ficam calados.

— Vamos — insiste Willow, puxando sua manga. — Conte-me.

— Tudo bem. — Guy deixa cair à mão. Senta-se e estica as pernas. — Meus pais não são professores da faculdade. Meu pai é um banqueiro e, quando eu era pequeno, viajávamos muito. Refiro-me a lugares distantes. — Faz uma pausa.

— Continue — Willow o encoraja com um gesto de interesse. Ela muda de posição, a perna esta dormente e é um pouco desconfortável. Um segundo depois se estica de bruços com o rosto no moletom de Guy e olha para ele de lado.

— Aconteceram duas coisas, — continua Guy. — Primeiro, não havia boa televisão, mas tinha total liberdade para encomendar livros. E em segundo lugar, para não perder o fio e como as escolas nem sempre eram do melhorzinho, meus pais me deram um professor particular, que era um banhado ao antigo. Quero dizer que vestia jaleco e consultava a hora em seu relógio de bolso dourado, sabe? Devia ter cerca de cento e cinquenta anos. Era da Inglaterra e no meu entender também havia sido um banqueiro, mas fazia anos que ele tinha se aposentado. Tinha estado em Oxford e Cambridge...*

— As pessoas não costumam ir às duas! Willow protesta entre risos.

— Acredite, ele sim. Ou talvez estudasse em uma e ensinasse na outra. Quem sabe. É igual, o caso é que me interessaram os livros.

—O que você leu? — Willow pergunta intrigada.

* A Universidade de Oxford, situada na cidade de Oxford, na Inglaterra, é a mais antiga universidade do mundo anglófono. A Universidade de Oxford e a Universidade de Cambridge são às vezes referidas coletivamente como "Oxbridge". As duas universidades têm uma longa história de rivalidade, já que são as duas mais antigas e mais conhecidas escolas da Inglaterra.

— Qualquer coisa. De tudo. Eu poderia pegar de ficção científica até Milton *.

— Ficção científica? — Willow faz uma careta.

— O que há de errado com ficção científica?

— Digamos... Tudo? E Milton? Por que não Shakespeare?

— Também o lemos. Mas agora que você mencionou essa também é uma boa categoria. — Guy faz uma cara pensativa. — Pessoas que gostam de Milton e pessoas que gostam de Shakespeare.

— As pessoas que preferem Milton antes que Shakespeare, estão loucas! — responde Willow indignada.

— É verdade... De fato ao meu professor preferia Milton.

— Sim. E fazia você ler ficção científica. Qual é o seu favorito de Shakespeare? — Willow se pergunta se é o mesmo que o seu.

— Mmm... Provavelmente Macbeth **.

— Oh, por favor! Mas só porque você é um cara.

— Você não gosta? — Guy a olha como se ela estivesse louca.

— Sim, claro, mas nada comparado A Tempestade***. Quem quer um antigo castelo na Escócia, quando pode ficar preso em uma ilha encantada?

— Não o li.

— Oh! Mas sim é o melhor. Tem essa relação fantástica entre Ferdinand e Miranda****! É muito mais romântico do que Romeu e Julieta... — Willow para de repente, não pode deixar de corar um pouco.

— Imagino que essa ilha encantada é um daqueles lugares imaginários que você tanto gosta.

*John Milton (9 de dezembro de 1608 - 8 de novembro de 1674) foi um escritor inglês, um dos principais representantes do classicismo de seu país, e autor do célebre livro O Paraíso Perdido, um dos mais importantes poemas épicos da literatura universal.

.*Macbeth é uma tragédia do dramaturgo inglês William Shakespeare, sobre um regicídio e suas consequências.

.*.*A Tempestade (The Tempest, no original) é tradicionalmente considerada a última peça de William Shakespeare.

.*.*.* Ferdinand e Miranda são o casal principal de A Tempestade de William Shakespeare.

— Correto, — diz Willow. — Mas, falando de lugares exóticos, onde você vivia quando tinha que ler todos esses livros.

— No Extremo Oriente. Singapura. Kuala Lumpur *.

— Falas... — Willow procura a palavra certa — Kualalumpuriano?

— Malaio — Guy ri. — Não, tomara.

— Ficaria bem em seu currículo, certo?

Willow dá-lhe um pequeno empurrão.

— Exatamente! Eu acho que falo o suficiente para pedir um sorvete de café, mas a verdade é que todos falavam Inglês lá.

— Você tem irmãos?

— O que é isso? O questionário das vinte perguntas? Sim, uma irmã, Rebecca. É seis anos mais nova, certo? Vamos, agora diga uma categoria. Mmmm... — Willow pensa por um instante. — Vamos ver... — *Que tal pessoas que preferem a cidade e as pessoas que preferem o campo... Muito chato. Pessoas que... Votam nos republicanos... Passamos esse... Pessoas que são como Andy e pessoas que são como Guy. Exato, mas quem é como Guy? Pessoas que matam seus pais e pessoas que não ... Pessoas que se*

cortam e as pessoas que guardam o segredo...

Mas Willow não quer insistir sobre isso agora. Está acontecendo de o que se poderia dizer de um bom tempo, assim rastreia em sua mente em busca de uma categoria interessante.

— A tenho. — olha-lhe triunfante. As pessoas que gostam de histórias de Sherlock Holmes **...

— Sim. — Guy se inclina para frente.

— Com Watson **... E as pessoas que preferem sem.

— Ninguém gosta de histórias sem Watson!

Guy não parece acreditar.

— Como você sabe? — Willow — Senta-se sobre os joelhos.

—Então, você já conheceu alguém que gosta?

— Não, mas isso não significa que não existam. Além disso, nem sequer conheço tantas pessoas que tenham lido, para começar.

* Kuala Lumpur ou freqüentemente abreviada como K.L., é a capital e a maior cidade da Malásia.

.

** Sherlock Holmes e Dr. John H. Watson são personagens de ficção da literatura britânica criado por Sir Arthur Conan Doyle.

— Sim, bem, a qualquer que gostem das histórias sem Watson ... — Guy faz uma careta. — Espere, você não é uma...?

— Não! — exclama Willow . — Fã de Watson total. Não consigo nem ler as outras.

— Bem, é um alívio. — Guy se deixa cair sobre os cotovelos.

— Ok, agora me diga uma coisa de Kuala Lumpur.

— Mmm ... O clima é terrível.

— É a única coisa que te ocorre? — Willow pergunta, rindo. — Ok, me fale sobre a sua irmã, então. São muito unidos?

— Bem, talvez. Temos estado, mas agora mesmo? Ela tem doze anos, por isso temos problemas muito diferentes.

— Te entendo perfeitamente, — diz Willow. — David e eu antes estávamos iguais, mas quando crescer, as coisas melhorem. O único problema é que agora estão pior, muito pior.

— Desculpe. — Suas palavras parecem sinceras.

— Eu... Estava com ele na cafeteira, quando os vi passar você e Laurie. — Willow fala muito rápido, às pressas. — E, finalmente, não podia ficar sentada ali, era muito difícil. Então eu disse que eu tinha que estar com vocês. Espero que você não se importe. Que tenha vindo com vocês, eu quero dizer. — Willow olha para longe.

— Mmm ... Deixe-me pensar um momento. — Guy faz como se refletisse sobre o problema. — O que é mais interessante, falar sobre a equipe de remo, de esmalte... Ou Sherlock Holmes?

— Tudo bem. — Willow esboça um sorriso.

— Mas o que esta acontecendo?

— Não estamos conversando. — Willow faz uma pausa. — Ficamos sentados de frente para o outro dizendo coisas, mas não estamos, o que se diz, conversando. É como com tudo mais. — Inclina-se para um lado, olhando para Guy. — As coisas não funcionam.

— Que coisas exatamente?

— Hoje foi na escola. Tinha uma daquelas entrevistas com o professor, você sabe o tipo quando você fala sobre seus planos para a vida e tudo o mais.

— Claro, eu as conheço. Meus pais também foram lá hoje. Eu tive que acompanhá-los. — Guy para de repente. — Vá em frente, — ele diz baixinho.

— Ele fez como se não tivesse estado lá. — Willow não pode segurar a amargura em sua voz — Não poderia falar comigo sobre o assunto. Porque não pode dizer-me sem dar de cara e ter de lidar com essas coisas?

— Talvez não lhe dissesse por outra razão. Talvez se sinta mal por você. Se acontecesse a mesma coisa com Rebecca em dez anos, eu me sentiria mal por isso. Entristeceria-me muito pensar que eu tinha meus pais para me ajudar a crescer e ela não.

— Talvez. — Willow não está totalmente convencida. — Mas não é o único. O que me diz disto? Dou a David, bem, David e Cathy, quase todo o dinheiro que eu ganho. Nem mesmo é muito, provavelmente, só dá para pagar a conta de luz e um pacote de fraldas ou algo assim. Não acho que Isabelle, minha sobrinha, estivesse planejada. — Voltar a corar. — E ter que viver comigo já te digo que eu tão pouco estava planejando. Quer dizer, de repente, há tantas despesas extraordinárias, e até que o dinheiro do seguro de vida de meus pais venha, eu tenho que colaborar com eles. Mas David sempre fica bravo quando pega o meu dinheiro. Porque não pode simplesmente dizer que não é o suficiente?

— Acho que você está absolutamente equivocada com isso, — responde Guy, balançando a cabeça. — Te rogo que não é por isso, o problema é que ele se sente culpado por ter que aceitar o seu dinheiro.

— Ele se sente culpado? — Willow não acredita nisso. — Ele não é o que deveria se sentir culpado.

— É este o problema? É por isso que você se corta, eu quero dizer? — Guy a olha. — Por que você se sente culpada?

— Para nada, — diz Willow. Não gosta do rumo que a conversa tomou. Pensava que já havia superado isso de que ele a analisava.

— É por...?

— Pode devolver as minhas lâminas?

— Sim, claro. Logo que você diga. — Guy senta-se abruptamente e busca em sua mochila as coisas de Willow.

— Desculpe, mas não é fácil para eu falar sobre isso. Eu não posso explicar isso, e nem sequer...

— Não importa, — Interrompe Guy. — Não posso acreditar que estou te devolvendo isto. Toma! — Joga-lhe as caixas de lâminas. Willow não as pega no voo. Sente-se humilhada ao ver como as caixas caem ao chão e se abrem com o golpe, enchendo o gramado de brilhantes lâminas metálicas. Mas seu desejo de recuperar as lâminas é mais poderoso que a vergonha

que pode sentir e começa a escavar a grama de quatro para recuperar cada lâmina até a última.

— Não deveria ter feito isso, — diz Guy. — É que... Não entendo, ok? Não entendo absolutamente nada.

— Eu mesma há vezes que não entendo. — Willow olha para ele diretamente no rosto por um bom tempo. Então se vira e se dedica a guardar as lâminas em sua bolsa. Ao fazê-lo se dá conta que terá que limpá-las antes de usar.

— Você não voltou a fazer de novo desde que nos vimos na biblioteca, certo? Enfim, o que é que te freou? Talvez você deva tentar descobrir o que te faz explodir. Como você consegue se controlar, então?

— Como sabes que eu não o fiz? — solta Willow. — E o que faz você pensar que você pode compreender-me tão facilmente?

— Ah, eu vejo. — Guy voz é ainda mais aguçada. — Suponho que tenho sido um estúpido. Eu só pensei que, dando a minha palavra de não dizer a seu irmão, você cumpriria sua parte do negócio.

— Eu não prometi nada, — Diz Willow com raiva.

— Tudo bem. Tem razão. Não, é sério. — Guy estica a mão entre a ele. — Acha que eu tenho estado todo o meu tempo livre ao lado do telefone à espera de notícias suas? Desculpe, mas as coisas não funcionam assim comigo. Eu só pensava que você era desse tipo de pessoas que mantém sua palavra, e me alegrava sinceramente que você não tenha voltado a prejudicar-se. — Faz uma pausa para respirar. — Olha, tudo isso está além de mim. Posso tentar ser seu amigo, mas para o resto das coisas, está sozinha.

— Eu não me cortei desde a última vez que te vi. — Willow, de repente, precisa desesperadamente convencê-lo disso, ganhar sua aprovação, que ele volte novamente a sorrir.

Não sabe como se pode mudar a conversa, mas com certeza não gosta.

— Bem. — Mas na verdade, sua voz soa indiferente. Ele se levanta e começa a recolher suas coisas.

— Por favor, não vá, — diz Willow.

— Por quê? — Ele a olha destemido.

Por quê?

Tem alguma razão, certo? É que ela não quer ficar sozinha? É que seu primeiro impulso ao conhecê-la, não foi rejeição? Não estava ela absolutamente determinada a não sentir nada? Mas a verdade é que a última vez que ela tinha rido nos últimos meses tinha sido na companhia de Guy. Quando está com ele, ela é capaz de esquecer o desejo de cortar-se durante mais de cinco minutos. E quando fala com ele, realmente tem a sensação de estar conectada e não somente de trocar palavras como acontece com outras pessoas.

Mas Willow não está segura de poder explicar-lhe nada disso. Busca em seu interior por algum razão que possa lhe dar. Algo que possa lhe convencer a permanecer, mas a sua mente está em branco. Ele está se afastando, mais alguns segundos e vai ser tarde demais.

— Espere! — Ele pega a perna. — Não vá, ok? Porque, por que...

— Por que o quê? — Continua sem soar muito amável, mas ao menos não está indo a lugar nenhum.

— Mmm, porque, sabe quê? Ainda não me confessou qual é a sua história favorita de Sherlock Holmes — Balbucia.

Willow fecha os olhos. Você não pode acreditar o quão estúpido, e idiota, que isso soou. Pelo amor de Deus, que não pense que está tentando ser bonita ou coisa assim. Por que tem que afastar-se do único aliado que lhe resta? Aperta entre suas mãos uma das lâminas que pegou do chão.

— Está falando sério? — Exclama Guy. Willow abre os olhos e o olha. Se dá conta de que ele está morrendo de rir.

— Mais ou menos, — diz, em voz baixa.

— Você é...

Estranha, patética, louca.

— Você é tão diferente dos outros. — Está rindo a gargalhadas, mas de boa maneira.

Isso é o primeiro que te ocorre?!

— Bom. — Guy volta a sentar-se. — Já que perguntas, O Cão dos Baskerville *.

— O quê?

— Meu Sherlock favorito.

— Ah! Ah, claro!

— Willow?

— Mmm.

— Disse seriamente que...

— Que não sei acabar com as coisas? Que tudo isso está além de você? Não se preocupe, já me imagino que...

— Não. — Guy a interrompe. Pega a mão dela, a que contém a lâmina. Não tente removê-la, somente fecha a mão sobre a dela.

— Então o quê? — Willow esta confusa. — Porque eu...

— Que me alegrava que você não se machucou.

— Oh... — diz Willow uns segundos depois. Não deixa ir a lâmina, apenas a solta um pouco, mas põe a outra mão sobre a dele.

* O Cão dos Baskerville é um livro escrito por Sir Arthur Conan Doyle, tendo como protagonistas Sherlock Holmes e Dr. Watson. Publicado em 1902.

CAPÍTULO OITO

Deus, como dói!

Willow faz uma careta de dor ao se livrar do curativo de Guy com um puxão. Nunca deixa de se surpreender que, apesar de suas sessões com a gilete, há pequenas coisas que lhe seguem causando dor.

É claro, a picada da tirinha não é nada em comparação com a picada da gilete. É somente uma pequena irritação, não é suficiente para dar o que ela necessita.

Willow examina a ferida com uma atitude crítica. Lhe surpreende o aspecto inocente desta ferida em comparação com as outras de suas lacerações. Tem o aspecto de um corte normal que qualquer um poderia fazer ao longo do dia. O resto das feridas que lhe marcam o braço não tem, nem de perto, este aspecto saudável.

É evidente que Guy sabe um par de coisas sobre como fazer curativos.

— Willow. — Cathy a chama do piso de baixo — É melhor que se apresse ou chegará tarde à escola.

Sim, sim.

Willow pega sua mochila e começa a descer a escada. Ouve David vadiando na cozinha e a doce cantoria de Isabelle enquanto Cathy lhe dá de comer. Senta-se no terceiro degrau para ouvir melhor.

Tudo parece normal. Tudo está bem. Assim é como as coisas deveriam ser. Uma família normal preparando-se para enfrentar um novo dia. Willow não suporta unir-se a eles porque sabe que, no instante preciso que ela entra na cozinha, essa ilusão desaparece. Sua presença lhes recorda que não são uma família normal com seus problemas do dia-a-dia. São uma família diferente, uma família quebrada.

Segue sentada na escada, atrasando o momento o quanto pode.

— Willow! — agora a voz de Cathy soa irritada. Willow se levanta com um salto. Sabe que Cathy tem mil coisas para fazer — dar de comer à Isabelle, preparar-se para ir ao trabalho — e a última coisa que Willow deseja é fazer a vida dela mais difícil.

— Bom dia. — David levanta o olhar ao ouvi-la entrar na cozinha.

— Bom dia. — murmura Willow enquanto prepara os cereais com leite, não tira os olhos de seu irmão.

Como de costume, está rodeado de livros. Se pergunta o que ele estará lendo, mas a experiência de ontem segue viva em sua memória.

Está claro que falar com David sobre livros já não é uma opção.

— Como vai o assunto em que estava trabalhando? — lhe pergunta Cathy enquanto limpa a boca de Isabelle com um guardanapo.

Obviamente, Cathy não tem problemas para falar com David.

— Vai como esperava? — continua entre goles e goles de café.

— Hm... É difícil de dizer. — David fecha o livro que está lendo com um suspiro — Tenho que dar uma olhada em outra fonte de pesquisa antes de prosseguir. Infelizmente, encontrar alguns livros que necessito está sendo simplesmente impossível, já que levam muito tempo descatalogados.

— E na biblioteca? — Cathy volta a estar centrada em Isabelle. Willow percebe que está escutando pela metade, mas ela mesma, Willow, não perde uma, mesmo que se mantenha apoiada no balcão, como se estivesse concentrada em seus cereais.

— Tem quase tudo o que busco menos um livro em particular que preciso agora mesmo. — David diz comendo — Me disseram que o empréstimo interbibliotecário levará semanas.

— Certamente pode encontrá-lo pela internet. — contesta Cathy. Desamarra o babador de Isabelle e a pega nos braços.

— Creio que não. — David nega com a cabeça — A maioria dos sites que trabalham com livros descatalogados não tem este tipo de informação.

Willow está certa de que ela mesma poderia encontrar qualquer que seja o livro que seu irmão está buscando. Sem navegar na internet. A maneira mais fácil é ir ao centro, a sua livraria favorita. A mesma de que estivera falando com Guy. A que seus pais lhe mostraram faz anos, quando ela ainda estava no primário. Ali tem tudo o que existe, catalogado ou não.

É possível que David já tenha esquecido sobre este lugar?

Mas é claro que não esqueceu!

Willow sabe por que ele não vai ali. Certamente é muito doloroso levantar muitas recordações.

Praticamente tudo o que envolve seu dia-a-dia foi mudado por culpa dela. Agora, uma simples visita à livraria é algo impossível para David.

— Tenho que me preparar. — Cathy diz — Me desculpe, Willow. — deixa sua xícara de café e os pratos de Isabelle na lava-louça e se dirige à porta da cozinha com a menina nos braços. — Não tem aula esta manhã?

Para um momento para dar um beijo em David.

— Não deveria ir?

— Tem razão. — David deixa a cadeira. — Será melhor que me apresse.

— E você Willow? — Cathy se volta para ela — Trabalha esta tarde ou chegará cedo em casa?

— Trabalho. — diz Willow. Afasta-se do meio para que David possa deixar os pratos na lava-louça. Espera que David deixe sua pilha de livros e apontamentos sobre a mesa da cozinha enquanto vai fazer a barba ou fazer o que quer que seja.

— Nos vemos no jantar, então. — diz Cathy com um sorriso.

— Até logo. — diz David de costas. Sai da cozinha depois de Cathy.

Willow deixa sua tigela de cereais e se aproxima furtivamente para a mesa. Se tiver sorte, o bloco de notas que David estava escrevendo o tempo todo poderá lhe dar alguma pista do que seu irmão está buscando.

Olha por cima do ombro. A última coisa que quer é que David venha e a pegue mexendo em seus assuntos, mas parece que não há perigo e pega o bloco.

Há um montão de coisas apontadas, e não só isso, a letra de David é ilegível.

Mesmo assim, Willow se põe a passar as páginas, para ver se é capaz de pegar algo claro.

O que é isto?

Parece uma lista de referência. David a anotou abaixo dos títulos de vários artigos com algumas anotações, sua disponibilidade.

Um deles está sublinhado com força de vermelho.

Willow está convencida de que acertou na mosca.

Um estudo sobre as origens sociais da religião grega? Publicado em 1927? Pois parece que é isto o que ele está buscando.

Se ir a livraria é muito doloroso para David, então Willow fará isso por ele. No entanto, para ela também será difícil, mas não importa. Deseja tanto poder fazer algo por David que se atreveria a quase qualquer coisa.

E ao menos isto terá um significado para ele. Diferente de suas tentativas anteriores de animá-lo, agora encontrou algo que ele quer de verdade e necessita.

Se faltar a última aula, terá tempo de ir até lá antes de começar a trabalhar na biblioteca. Não é que faltar aulas seja a melhor ideia do mundo, mas ultimamente a escola não ocupa um lugar muito alto sem sua lista de prioridades.

Willow sorri enquanto arranca uma página do bloco e escreve a referência. Não sabe muito bem como fará para lhe dar o livro, mas não se pode imaginar que ele não vai ficar contente.

Enfim, algo que pode fazer por seu irmão.

— Oh, Willow?

E agora, o quê?

Willow para dura. Ela saiu correndo da aula de francês quando o sinal tocou, algo incomum para ela, mas ela está morrendo de vontade de ir encontrar o livro

— Sim? — Willow se volta lentamente. Olha a Sra. Benson com atenção, tentando imaginar o que quer.

Será que suspeita que Willow vai matar a aula seguinte? Ou que Willow se corta?

— Você saiu da aula tão rápido. — diz a Sra. Benson. Sua voz é agradável, mas sua expressão é bem mais séria — Que não tive tempo de te dar isto. — Lhe dá a avaliação que fizeram semana passada.

Isso é tudo?

Willow se sente aliviada até que olha a avaliação com mais atenção. Não pode acreditar. Simplesmente não pode acreditar. Justo quando havia encontrado a maneira de ajudar David...

— Não é nada que deva se preocupar, estamos no começo do semestre e você tem algum tempo para melhorar a nota. No entanto, a regra da escola diz que quando um aluno falta uma avaliação, esta deve ser assinada por um de seus... — A Sra. Benson não termina a frase. É evidente que se sente muito mais incômoda que Willow. — Deve ser assinado. — diz um momento depois. — Só quero que saiba que isto não tem porque afetar sua nota final. Há um montão de trabalhos extras que podemos pensar para solucionar as coisas. Se puder me trazer isto assinado amanhã seria genial. Na sexta-feira o mais tardar, certo?

— Claro. — diz Willow, mesmo sendo incapaz de olhar seu rosto. Não pode tirar os olhos do papel que tem na mão, o F escrito de vermelho em cima de tudo.

Não é por haver faltado o exame — o que já é mal, pois nunca antes havia faltado um — mas por ter que falar com seu irmão. A ideia de mostrá-lo a David, de apresentar uma prova a mais que ele está carregando ela é insuportável. Não pode dar-lhe outra preocupação, fazê-lo lembrar de que agora é o pai dela. Que sentido tem em encontrar um livro se vai ter que mostrar isso ao mesmo tempo?

Vai ter que fazer uma falsificação. É estranho que hesite ao cometer uma falta tão leve.

Afinal, um pequeno jogo de mãos não é nada em comparação com um assassinato.

— Eu trarei. — afirma. — Amanhã, sem problemas.

— Perfeito. — diz a Sra. Benson antes de desaparecer por entre a multidão de estudantes que invade o corredor.

Willow sai rapidamente da escola para a rua. O mais provável é que a maneira mais rápida de chegar à livraria seja a pé, e caminha até o centro tão rápido quanto suas pernas permitem.

Está tão distraída pensando em seu objetivo que nem percebe que há mais gente na rua. Willow atravessa a rua em zigzag evitando as pessoas quando pode, mesmo que na maioria das vezes se choca com alguém. Mas não importa, sempre que...

— Poderia me desculpar, sim? — uma voz indignada interrompe seus pensamentos. — Oh, eh, Willow, certo? — Chloe se acalma um pouco ao reconhecer Willow. — Aonde vai com tanta pressa?

— Sinto muito. — diz Willow quase sem fôlego. — É que... Tenho que ir ao centro, não estava me fixando por aonde ia. — Olha para Chloe e Laurie.

— Nós também íamos por ali. — diz Laurie entre goles de café gelado. — Fazer compras — sussurra como se fosse um segredo. — Há um monte de sapatarias interessantes no centro.

— Sapatarias? — Willow olha para Laurie confusa. Jamais pensou que ela era este tipo de estudante que falta uma aula para comprar sapatos. — Não tem aula?

— Temos uma hora para estudar, três vezes por semana no final do dia. Teoricamente estamos na biblioteca, mas dá na mesma se não vamos. — explica Laurie.

— Nós passamos todo o ano passado tentando planejar uma maneira de conseguir. — Chloe acrescenta com uma risada.

— Privilégios dos maiores. — Laurie dá de ombros. — Quer vir conosco?

— Sim... Quer dizer, não. — Willow nega com a cabeça. — Quer dizer, vou até o centro, mas não tenho tempo de ir fazer compras.

— Bem, então nos acompanhe até o caminho. — insiste Laurie.

— Certo. — diz Willow com um pouco de relutância.

Agora mesmo se sente mais cômoda com elas do que se sentiu há uma semana. Já não lhe preocupa falar asneiras. O tempo que passou no parque com elas, a fez sentir que pode ficar com as pessoas sem parecer tonta.

Mas quer ficar sozinha. Precisa pensar em como vai fazer para falsificar a assinatura de seu irmão. Precisa pensar em como vai encontrar o livro. Mesmo que desejasse poder fazer, não pode pensar em sapatos.

Não será muito evidente que terá falsificado a assinatura de seu irmão? Não parecerá letra de garota?

Talvez fosse melhor fazer rascunhos...

— Bem, Chloe e eu queremos saber o que há entre você e Guy.

Tem que haver alguma fatura ou algum papel com sua assinatura em casa. Só tenho...

— Perdão? — Demora um segundo para perceber que Laurie fez uma pergunta, e demora um pouco mais para perceber qual é a pergunta.

— Me desculpe. — É evidente que Laurie interpretou a confusão de Willow como vergonha.

— Oh, não faça caso. — diz Chloe para Willow. — Ela tem que saber tudo do mundo. Nem a resposta. Só a animaria para que perguntasse mais.

— Eu não tenho que saber tudo. — protesta Laurie. — Eu só estava perguntando, nada mais. Simplesmente me dá a impressão de que entre vocês se passa algo. — Faz uma pausa e olha para Willow.

Não tem nem ideia...

— Bem, de qualquer forma, me interessam mais os sapatos. — diz Laurie. — Espero que ainda esteja naquela loja aquele par vermelho que estava em liquidação semana passada.

— Os que estavam pela metade do preço? De salto baixo? Terá sorte se encontrá-los.

Chloe e Laurie se engancham em uma discussão sobre a altura dos saltos. Willow assente como se estivesse seguindo a conversa, mas não pode parar de pensar no exame que foi suspenso.

Como pode rascunhar a assinatura? O papel é tão grosso... Pode-se ver através dele?

Sem pensar, Willow tira a avaliação da bolsa e o mantém no alto para ver o quão opaco é.

— Está de acordo, Willow? Não acha que os sapatos de salto agulha de pele de crocodilo não são um pouco demais para ir para escola?

— Hã? — Willow nem sequer finge estar entendendo.

— Eu sabia que ela ia entender isso! — Laurie sorri para Chloe. — Está totalmente em seu mundo! — ela pega o papel das mãos de Willow. — Vamos, o que pode ser mais interessante que os sapatos? — Oh! — Olha para Willow com uma cara triste e, por um momento, Willow não pode reprimir um sorriso. Está muito claro que para Laurie nada pode ser pior do que uma nota ruim. — Desculpe. — Laurie adicionou um segundo depois. — Eu não deveria ter te tomado. — devolve o papel para Willow.

— Está tudo bem. — Willow encolhe os ombros. Chloe e Laurie sabem que a suspensão dá bastante igualdade neste ponto.

— Sabe? — Chloe diz. — Não te custará recuperar. Benson sempre está disposta a aceitar trabalhos extras e estas coisas. Se fizer bem o resto dos exames do semestre, é muito possível que nem tenha este em conta.

— Tem toda a razão. — Laurie afirma em seguida. — Eu fiz alguns trabalhos no ano passado para aumentar a nota.

— Nem é por isso. — diz Willow. — O que me preocupa mais é que meu irmão tenha que assinar. — Se surpreende ao ouvir a si mesma explicando para elas uma confidência.

— Claro. — assente Laurie lentamente; a escuta com atenção, mas está um pouco confusa. E Willow sabe que, apesar de Laurie ser muito compreensiva na questão das notas, não entende nada das questões importantes que há por trás.

— Me refiro que essas são coisas que pais deveriam fazer! Mas é que agora ele é quem tem que encarregar-se disso. — explode Willow com frustração.

— Oh! — Laurie faz uma pequena pausa. — É terrível o que seus pais... — diz em voz baixa — Mas pelo menos seu irmão está disposto a fazer esse tipo de coisa. Eu não posso imaginar se o meu reagiria assim. Ou seja, é todo um detalhe, não é?

Um detalhe.

Laurie é elegante, realmente. Está disposta a incluir Willow em qualquer coisa que faça, está disposta a ignorar comentários estúpidos sobre gatos, a sentir-se terrível por uma suspensão e até mesmo, ao contrário de muitas pessoas, a sentir compaixão pela situação de Willow.

Mas está claro, é tão amável, tão considerada, que para algumas coisas não tem nem uma maldita ideia.

— Sim. — responde Willow mecanicamente. Ele para na porta da biblioteca. — Eu acho que isso é só um detalhe.

— Tenho que entrar aqui. — diz depois de uma pausa incômoda. — Eu preciso de um livro. — adiciona desnecessariamente.

— Claro. — diz Chloe em tom de aprovação. — Quando terminar, se você gostar, venha conosco. Estaremos lá na frente, duas ruas mais embaixo. — Ela aponta em direção a uma loja em certa distância. — Há várias sapatarias nesta direção.

— Tudo bem. — Willow esboça um sorriso. — Boa sorte com os sapatos, Laurie. Combinarão com o cabelo. Quando o pintar, quero dizer.

— Obrigada. — Laurie sorri de volta. — Amanhã levarei para a escola o que eu comprei.

Willow olha para elas enquanto vão embora e se vira para a porta da livraria.

É como se houvesse uma parede de vidro entre ela e a entrada.

Então é muito difícil atravessar a distância que a separa da porta. É claro, Willow já sabia que vir aqui seria difícil, mas tinha pensado que seria capaz de dominar a situação. Já que ia fazer algo por David, tinha imaginado que poderia qualquer coisa.

Mas ela não contava com a possibilidade de que o próprio local pudesse ser tão esmagador. Toda vez que havia estado aqui, todas e cada um delas, tinha sido em companhia de seus pais.

Willow fica quieta observando as pessoas que entram e saem da loja. Imagina se aproximando de uma delas, esse cara fraquinho, mas tão bonitinho que vem por aí, por exemplo, e pede a ele para pegar o braço e acompanhá-la como uma senhora que precisa de ajuda para atravessar a rua. A olharia como se estivesse louca? E embora fizesse o que ela perguntasse, seria o suficiente?

Por um segundo, Willow considera a possibilidade de abandonar todo seu projeto, correr atrás de Chloe e Laurie e ver se elas podem ajudá-la a encontrar sapatos vermelhos de salto baixo.

Mas faz algum tempo que já se foram e, além disso, ela quer fazer isso...

Será melhor que se apresse, não resta muito tempo.

Certo, vamos, tome um ar e...

Tem certeza que deve parecer uma velhinha ao cruzar os poucos metros de calçada que a separa da porta. Nunca tinha andado tão devagar, com tanta dor.

Uma pessoa mantém a porta aberta para que passe, mas não da mesma maneira que faria se as coisas fossem normais, mas sim como se percebesse de que ela se encontra terrivelmente mal e quer lhe poupar mais sofrimento.

— Obrigada. — diz Willow.

Sua voz soa como a de uma mulher mais velha.

Willow olha ao seu redor. O lugar não mudou desde a última vez que esteve aqui. Enfim, é provável que não tenha mudado ao longo dos últimos cinquenta anos, mas mesmo assim, essa estabilidade é inquietante. Não pode evitar pensar que a morte de seus pais deveria ter mudado o mundo todo e não apenas a sua família.

Dá alguns passos e, em seguida se sente agredida pelos cheiros, as pessoas, a atmosfera do lugar. Mas tudo bem, agora já tem isso sob

controle. O importante é conseguir o livro de David e voltar para a escola o mais rapidamente possível.

Willow caminha pela seção de antropologia — ela poderia encontrar com os olhos fechados — e tira do bolso um pedaço de papel que tem escrito o título.

Harrison, J.E.

Pelo menos não estará perto dos livros de seus pais.

No entanto, uns minutos depois de buscar pelas estantes, se dá por vencida: o livro não parece estar em lugar nenhum.

Bem, então eu vou ter que falar com o pessoal.

Willow se aproxima do balcão de informações e entrega o pedaço de papel ao empregado. Provavelmente o garoto tem cinco ou seis anos mais que ela. Tem um aspecto desarrumado, como o resto da loja. Não parece uma pessoa que ama livros. Willow se fixa no que está lendo uma revista de música alternativa.

— O que aconteceu? — Como era esperado, parece que não gostou nada da interrupção. Aparentemente, ler a revista é muito mais importante do que ajudar um cliente.

Willow sorri, lembrando-se da descrição que Guy fez dos trabalhadores.

— Não consegui encontrar isto em nenhum lugar. — diz Willow tão gentilmente quanto pode. — Acha que vocês podem ter? Lá em cima, talvez, no armazém de livros raros?

— Um segundo. — diz o garoto depois de dar uma mordida no seu sanduíche. — O que é este, antropologia, arqueologia, religião? — Entrecerra os olhos, tentando decifrar a letra de Willow.

— Parece antropologia. — diz Willow — Mas eu acho que você poderia, tecnicamente, Encontrá-lo...

— Vou encontrá-lo, ok? — Ele interrompe. — Espere na seção de antropologia e te digo em alguns minutos.

Willow caminha lentamente através da seção de antropologia, e para na prateleira onde estão os livros britânicos.

Vira as páginas sem muito interesse. Estranho, parece que faz meses que não lê nada que não seja para o instituto. Exatamente desde a morte de seus pais. Os livros eram para ela mais importantes que comida. Ler, falar deles, mas agora...

Embora, é claro, ela e Guy estavam discutindo...

— Eu lhe disse para esperar na seção de antropologia. — O garoto dá um susto em Willow, que estava absorvida em seus pensamentos. — É igual, nós temos. Quero dizer, podemos ter.

— Ótimo! — Willow se sente aliviada. Por um segundo, ela tinha vindo a acreditar que teria que sair de mãos vazias.

— Sim. — Ele a olha para cima e para baixo, palitando os dentes com a língua. — É um carregamento especial, cento e oitenta e seis dólares, seis semanas no máximo, o mais provável é que sejam três. Ah, você tem que pagar agora, você sabe, por ser um carregamento especial e tudo isso.

- Eu... Isso... É...

Cento e oitenta e seis dólares? De três a seis semanas?

Já tinha assumido que seria caro e contava em fazer uns turnos extras na biblioteca, mas...

Cento e oitenta e seis dólares!

Willow ficou, literalmente, sem palavras.

— O que me diz, você o quer?

Willow olha para o garoto. Sua mente ficou totalmente em branco.

— Você está interessada? — Ele insiste. — Ei, alguma coisa errada? Porque parece que vai...

— Alergias. — Willow seca os olhos com as costas da mão.

— Sim? Eu também. Bem, você quer encomendá-lo?

— Eu...

— Você mora por aqui? — Ele interrompe. É claro que nada importa menos do que ela comprar ou não o livro. — Eu toco com a minha banda em um lugar que é um pouco mais pra baixo. Depois do trabalho, quartas e sextas-feiras. Você poderia passar lá, nos escutar e depois tomar algo.

Isso não está acontecendo comigo!

— Obrigado, eu... Não, desculpe, eu não tenho dinheiro para o livro e vivo...

Willow vira-se sem saber muito bem para onde vai, mas precisa estar sozinha. E rápido.

Abre espaço por entre as pessoas a cotoveladas, desesperada para encontrar um lugar onde possa estar sozinha. Procura em cada corredor, mas em todos há alguém que busca entre os empoeirados livros antigos.

Willow se sente cada vez mais desorientada. Ela tem calor, e a poeira faz se sentir como se realmente tivesse alergia. O lugar está muito cheio de memórias e ela está terrível, terrivelmente decepcionada.

Finalmente, quando já está quase no fim da loja, encontra um corredor que só tem um cliente a ponto de ir embora.

Willow passa por ele, empurrando sem pedir desculpas e se derruba ao chegar às estantes metálicas. Respira com dificuldade e nem mesmo percebe como vai se chocando com os livros. Aos poucos, cai no chão e enterra o rosto nas mãos.

Bem, o que você pensava? O que você pensava que ia acontecer?

Deveria saber. Nada sai bem, então por que esta seria uma exceção? Por que ela achava que ia conseguir o que para David era impossível? Seu registro mais recente deixa muito a desejar. Willow

conta nos dedos os erros que cometeu. Um: deveria ter imaginado que o livro seria tão caro. Dois: deveria saber que um livro tão pouco conhecido não estaria esperando na primeira prateleira que ela olhasse. Três: deveria saber que, mesmo que encontrasse o livro, nada havia sido diferente.

Mas eu esperava...

Willow levanta a cabeça lentamente. Ela não tinha percebido a quantidade de energia que tinha investido em obter o livro para David. Pela manhã, tinha como uma ideia perfeita, mas na verdade, agora que pensa com cuidado, não é igualmente superficial tentar animá-lo com um par de cumprimentos estúpidos?

Lhe dá vergonha pensar em como havia acreditado que algo tão simples, teria feito a vida de seu irmão mais fácil. Lhe dá vergonha ser tão superficial.

E, especialmente, lhe dá vergonha ter pensado que comprando o livro de David poderia recuperar seu amor.

Willow abre a bolsa devagar, com calma. Não tem essa urgência, essa necessidade imperativa que normalmente acompanham as suas necessidades. Por alguma razão, este momento é simplesmente inevitável. Ela é alguém que se corta. Tão simples assim.

Ela é alguém que matou seus pais. É alguém que perdeu seu irmão. E é alguém que se corta.

Levanta a manga, mas sacode a cabeça em um gesto de desaprovação. Terá que esperar que algumas daquelas feridas se curem antes de voltar a atacar o braço.

O melhor será que vá para as pernas, embora seja um lugar de difícil acesso.

Ainda assim, Willow se inclina para frente e levanta sua calça.

— Desculpe.

Alguém passa por cima dela para pegar um livro e Willow levanta a cabeça.

Será que nada pode dar certo?

Aperta a lâmina na mão, com raiva. Ao fazer isso, corta a palma da mão.

Bom!

Mas isso é tudo que pode fazer agora. E de qualquer maneira, é hora de ir. Tem que ir ao trabalho.

Willow arruma sua calça, guarda suas coisas na bolsa e se levanta. Enquanto se põe de pé, lhe chama atenção um pequeno volume encadernado em couro, muito bonito apesar de estar velho e gasto. Está posto de qualquer maneira entre outros livros.

Se pergunta o que este livro está fazendo ali e olha o sinal no final do corredor.

Drama Isabelino e da Restauração

Willow não tinha percebido a parte da loja que tinha escolhido para desmoronar. Pega o livro, olha a capa azul de couro e começa a passar as páginas estragadas e com as páginas dobradas de A Tempestade, tentando ler as anotações da margem que algum leitor anterior fez e agora apenas são legíveis porque a tinta está acabando.

— Me deixe passar, sim?

Olha para cima e vê um garoto particularmente bonito. Pode ser um ator.

— Sim. Sinto muito. — Finalmente se põe de pé e faz uma pausa para deixar *A Tempestade* em seu lugar. Mas, ao invés disso, põe o livro debaixo do braço e se dirige até o caixa.

Willow não sabe muito bem porque quer comprar. Já leu esta obra um milhão de vezes. Além do mais, agora mesmo não tem tempo de ler nada que não seja para a escola e, mesmo que tivesse, tem várias edições em casa.

Além do mais...

Não disse que seu pai era banqueiro? A última coisa que precisa é uma edição velha e enferrujada como esta.

Certamente vai parecer estranho que dê um livro de segunda mão, sublinhado e cheio de anotações. Provavelmente parece estranho que dê qualquer tipo de presente.

E de qualquer maneira, por que está pensando em comprar algo para Guy?

Sem perceber, Willow tocou a ferida que ele curou.

Não tem porque presentear-lo. Não tem que fazer nada com o livro. Poderia mesmo jogá-lo fora. Ou apenas mantê-lo. Mas a verdade é que Guy deveria ler *A Tempestade*. Não importa, simplesmente é algo para se ter.

Talvez sua visita não fosse uma completa perda de tempo, pensa enquanto paga e sai correndo até o trabalho.

— Ah, olha. — Carlos pisca ao vê-la entrar correndo, sem fôlego e ofegante, com quase vinte minutos de atraso. — Espero que tenha passado bem.

— Não exatamente. — Willow deixa a bolsa debaixo do balcão. — Que humor que tem hoje? Ela sussurra enquanto coloca o cartão de identificação.

— Você tem sorte, hoje ela não está. Emergências dentais.

— Ah... — Willow faz uma careta de dor. Ela se senta num dos bancos altos que há atrás do balcão e enrosca os pés nas pernas de metal.

— Pergunte-me se aconteceu alguma coisa. — diz Carlos. Apóia-se na parte traseira de sua cadeira e a olha com as sobrancelhas levantadas.

— Aconteceu alguma coisa? — Willow recita a pergunta, mas não ouve com muita atenção. Ela está pensando se vai ter tempo para fazer lição de casa. Afinal, a Sra. Hamilton não está aqui...

— Alguém estava perguntando por você.

— Por mim? — Willow fica surpresa. — Se refere a meu irmão?

— Vamos lá! Acha que não conheço seu irmão? Alguém mais jovem, da sua idade, um garoto — acrescentou, antecipando qualquer pergunta. — Eu o tinha visto aqui antes.

— Ah... — Willow pensa por um minuto. A única pessoa que vem à mente é Guy. — O que queria?

— Saber se você trabalhava hoje. Eu disse que sim.

— Ah... — dá de ombros tentando fingir indiferença. — Bem, ele pode voltar.

— Talvez não — Carlos recosta sobre as costas e salta para cima, enquanto Guy se aproxima do balcão.

— Olá! - Guy sorri para Willow. — Eu vim aqui para trabalhar e pensei que quando você fizesse uma pausa, poderia...

— Agora mesmo ela ia fazer uma. — interrompe Carlos.

— Mas eu acabo de chegar! — Willow protesta.

— Hoje eu estou no comando. — diz Carlos. — Além disso, não há muito movimento. Vamos, nos vemos em meia hora.

— Bem, obrigada. — Willow disse lentamente.

Claro que ela está feliz de fazer uma pausa, mas de repente ela ficou com vergonha. Tira a identificação, coloca na bolsa e fica quieta um segundo.

É totalmente seguro deixar a bolsa aqui. Sempre faz isso quando descansa. Só pega a carteira e a coloca no bolso.

Mas Willow não pode deixar de pensar na cópia de A Tempestade que leva no fundo da bolsa.

Não é que saiba muito bem o que vai fazer com ela, mas também poderia levar a bolsa, pelo menos uma vez.

— Até mais tarde. — disse Carlos enquanto ela pendura a bolsa no ombro.

— Legal! — Diz Guy.

Descem a escadaria de mármore e saem para a rua.

— Uhum... — Willow concorda.

Apesar de que sua mochila pesa por si só, Willow sente a presença do livro no fundo da sua mochila. Deve ser sua imaginação. Afinal, não pode pesar muito.

— Bem. — Guy sorri. — Eu estava trabalhando na biblioteca e precisava de um descanso. Pensei que talvez pudesse arrastá-la para o lugar que eu lhe contei.

— O dos capuccinos? Claro. — Willow faz uma pausa. — O que você estava fazendo?

Willow realmente quer saber o que Guy estava fazendo na biblioteca, mas há um monte de coisas que gostaria de saber antes, como porque quer gastar o seu tempo com ela em primeiro lugar.

Será que é porque acha que tem de controlar as suas atividades ilegais, já que não contou para David?

Será porque, por alguma razão, quer estar com ela?

Talvez, afinal de contas, deveria dar o livro para ele.

— Oh, estava com algumas leituras para uma matéria que eu estou fazendo aqui. Ei, cuidado!

Ele a agarra pelos ombros para evitar a colisão com um carteiro, que passa a toda velocidade de bicicleta.

— Obrigada. — Willow está sobressaltada. Não tanto pela bicicleta, apesar de quase a atropelar, mas por sentir o contato dos braços dele. De qualquer jeito, já deveria estar acostumada a isto. Afinal, ele enfaixou seu braço, arrastou-a pela escada, pegou suas mãos...

Talvez ele tenha a afetado tanto porque ela ainda se sente deslocada pela experiência na biblioteca. Ou talvez porque esta é a primeira vez que a toca por um motivo que não tem nada a ver com os seus cortes.

— Este é o lugar. — Guy abre a porta.

Willow se senta de frente para ele em uma das mesas de mármore e pega um cardápio; então o larga e começa a morder as unhas.

Encantadora.

Volta a pegar o cardápio, mas nem sequer tentar abri-lo e começa a brincar com o porta-guardanapos.

— Você está bem?

— Sim, sim, claro. Apenas um pouco...

Nervosa e desconfortável.

Mas isso não faz sentido. Afinal, ele sabe tudo sobre ela, não tem nada a temer.

Então por que está tão tensa?

Pensa de volta para o outro dia no parque, quando ele a convenceu a permanecer com ela. Deveria ter deixado ir embora. Ele quebrou o propósito que se fez depois do acidente. Está começando a sentir as coisas. Um monte de coisas.

Willow não pode permitir. Nunca deveria ter permitido que ele entrasse na sua vida dessa forma. Não é assunto dela o que ele gosta, ou o que ele lê, ou o lugar cresceu nem todas essas coisas.

E o que esta fazendo comprando coisas pra ele? Enquanto ela volta para o trabalho, ele atirárá no lixo. O primeiro que...

— Já sabe o que quer? — Guy pergunta.

— Hã? — Willow nem tinha notado que o garçom estava lá. Abre o cardápio, mas está de cabeça para baixo.

— Esqueça. Eu me encarrego. — Ri da cara dela, mas com boa intenção. — Hmm, dois cappuccinos gelados e... Deus, o que você poderia querer? Vamos ver, ela vai tomar... Uma torta de morango. — A olha. — Cai bem?

— Claro. — Willow concorda. — Mas na verdade não tenho tanto tempo. Tenho que voltar em...

— Eu sei, mas algo me diz que Carlos não vai ser muito rigoroso com você hoje. — Guy se volta novamente para o garçom. — Então, dois cappuccinos gelados, uma torta de morango e...

— Espere. — Willow consegue virar seu cardápio. — Hmm... Ele vai comer a torta Mocha Napoleão.

— A primeira. — Guy devolve o cardápio ao garçom. — Bem, você sabe, eu estava pensando... Um segundo... — De repente, ela para de falar e pega a mão na Willow. Desta vez pega com força, quase violentamente, e Willow sufoca um grito.

Ele abre a mão e vê a linha de sangue seco que atravessa a palma.

— Não é o que você pensa.

— Ah, não?

— Não. — Willow se agita em sua cadeira. O olhar de Guy é muito intenso e ela tem que desviar os olhos. — Ok, você quer a verdade? Não é que você pensa, mas não porque eu não tentei, ok? — Ele tirou a mão.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que eu queria fazer, mas não consegui. Eu não estava sozinha. Olhe, você realmente quer me ajudar?

— Sim.

— Então fale de outra coisa.

— Tudo bem — diz Guy. — O quê?

— Bem... — Willow apóia o queixo em suas mãos e pensa por um momento. — Eu não sei. O que quiser. Do tempo.

— Do tempo?

— Sim, como parece o tempo em Kuala Lumpur?

— Nós já conversamos sobre isso.

Guy cruza os braços e lança um olhar.

— Bem, pois me explique o resto. Como eram as coisas lá?

— Você tem fixação pelo lugar, não é?!

— Eu gosto do nome. — Willow encolhe os ombros.

— Já que você diz. — Guy faz uma pausa enquanto o garçom põe as coisas na mesa. — Ok, você quer saber como era a vida lá? Tudo era muito diferente. Me refiro a tudo. Pessoas, edifícios, comidas... A cultura em geral. Era quase como estar em outro planeta. Mas a verdade é que eu não poderia apreciá-lo, porque, afinal, era uma vez difícil para mim.

— Difícil? Mas parece divertido — protesta Willow. — Estava vivendo em uma sociedade muito diferente, você tinha todo o tempo do mundo para ler... — Ela corta a voz ao perceber quão frívolo soa o que ela diz. Só falta fazer que parece adorável. — Desculpe, por que foi difícil?

Não pode acreditar que está perguntando isso. Deveria levantar e sair, em vez de ficar lá e metendo o nariz onde não é chamada. A última coisa que precisa é ouvir coisas que façam ele ser cada vez mais importante para ela.

Muito para manter seu propósito. Se sente como uma ex-fumante em uma fábrica de cigarros.

— Não me interprete mal. — Guy nega com a cabeça. — Não é exatamente como se estivesse errado. Tinha muitas coisas boas. Nós poderíamos fazer coisas incríveis, como viajar por toda aquela área, conhecer a Tailândia... Além disso, é incrivelmente maravilhoso poder ver aquele mundo tão diferente de perto. Mas é como se eu nunca me encaixasse lá. Quero dizer, eu esperava que Kuala Lumpur fosse diferente. O estranho era que todos os outros caras com que eu ia para escola eram diferentes do que eu conhecia. Eram todos britânicos, de família muito, muito rica. Para mim, eram tão estranhos como as outras coisas ao meu redor, mas a questão era que eu deveria ser como eles. E não era assim. E isto era...

— Difícil. — Willow disse lentamente. — Pelo que você diz, deve ser difícil. Sinto muito que você não teve uma boa experiência, mas você sabe que eu acho?

— Não, me diga.

— Bem, a coisa de não se adaptar, acho que isso é o que fez você agora se interessar por antropologia. Quer dizer, mesmo antes de começar a ler livros ou ir para a classe do meu irmão. Observar outra cultura pelo lado de fora, é mais ou menos isso que a antropologia trata, não é?

— Nunca tinha pensado a partir desse ponto de vista. — Guy bebe um pouco de café. — Eu só me queixava de não me sentir parte disso, mas eu

acho que você está certa. — Para de falar e a olha um minuto. — Acho que eu não te distraio muito bem.

— Oh, não! Ouvir sobre os problemas dos outros ... Acredite em mim, é a distração perfeita.

— Mas isso também é seu problema, me refiro a não se adaptar. Bem, pelo menos é o que você pensa, e como é um de seus problemas, a última coisa que eu quero fazer é lembrar essas coisas.

— Ah... — Willow olha para o prato. Tem um pouco de razão, é claro, mas mesmo que pareça estranho, escutá-lo não a faz lembrar de sua própria situação. Além do mais, seria bom falar de coisas simples, mesmo que fosse só por uma vez.

— Ok — Willow disse. — Eu não acho que o tempo na Tailândia foi muito melhor. Espere. — Um objeto vermelho chama a atenção de Willow na rua. — Parece que temos sorte, ali tem algo mais interessante. — Willow se inclina para o lado, quase se levantando da cadeira e estica o pescoço para olhar para fora da janela. — Desculpe. Alarme falso.

— O que você estava olhando? — Guy olha para fora da janela.

— Parecia que a Laurie tinha passado, perdão, os sapatos novos da Laurie. — Willow cai sobre sua cadeira. — Ela saiu para fazer compras esta tarde, procurar sapatos. Disse que vai levá-los amanhã.

— E isso é mais interessante?

— Mil vezes. Mas não importa, não era ela.

— Eu... Eu me perdi. Alguma vez você foi fazer compras com ela?

— Não. — Willow suspira. — Deveria ter ido, mas não. Chloe e ela foram para o centro e eu tive que ir à biblioteca que nós... Que você gosta. Então fomos juntas pelo caminho.

— Aonde eu comprei Tristes? — Guy se anima. — Você comprou alguma coisa?

— Não — Willow disse depois de pensar um instante. — Na verdade não.

— Se eu soubesse que você ia ir, poderia ter te acompanhado. Buscava algo?

Willow leva um minuto para responder. Ela está muito ocupada recordando seus recados desastrosos. Está muito ocupada pensando que não tem nada para dar a David quando vê-lo novamente, nada exceto um controle suspenso e não pretende dar isso ao seu irmão.

— Willow?

— Desculpe, eu só... Olha. — Willow pega sua mochila e pega o controle, com cuidado para que Guy não veja A Tempestade. — Devo dar a isto para David. — Lhe passa o papel. — Ele tem que assinar. Mas eu não posso dar. Vou ter que falsificar sua assinatura ou algo assim. — Brinca com a torta de morango e a tira do prato.

— Isso deve ser novidade para você. — diz Guy, percebendo o "F", escrito em vermelho.

— Não me provoque.

— Ele vai notar que a letra é de menina. — Guy olha o papel contra a luz. — E este papel é muito grosso. — Devolve o controle. — Eu sei o que me disse no parque, mas eu acho que você pode estar se equivocando com tudo isso. Quero dizer, você tem certeza que não pode simplesmente ir e dizer a ele? Ok, você tirou uma nota ruim, mas saberá como lidar com a situação. Faltar uma prova não é algo tão sério, não é?

— Como eu vou... Isso é... Isso é demais. Não é a nota também. É mais que isso. — Willow balança a cabeça, sem palavras. — Ninguém compreende, ninguém entende. — Eu aposto que você acha isso doce não é? — diz Willow, um segundo depois, com um tom de urgência em sua voz.

— Doce? — Guy exclama, desconcertado.

— Que faça esses tipos de coisas pra mim, você sabe, como assinar um bilhete, se fazer de pai.

— Doce? — Repete, sem poder acreditar. — Você está brincando? Pra mim parece ser muito difícil, mas eu ainda sigo pensando que você...

— Comprei uma coisa para você. — Willow solta de repente.

— Que você comprou... O quê?

Willow fecha os olhos por um segundo. Surpreende-lhe que vai dar depois de tudo, mas agora não há como voltar atrás. Agora tem que entregar para ele.

— Na biblioteca. — Busca em sua mochila e lhe entrega o pacote através da mesa.

Guy puxa o livro da bolsa lentamente. Willow espera que ele ponha uma cara de decepção, por não entender porque lhe entregara um livro tão velho e feito de poeira.

— Adoro livros usados com notas nas margens. É o melhor. — diz Guy enquanto vira as páginas. — Eu sempre imagino quem o leu antes de mim. — Faz uma pausa para ler um dos discursos de Próspero. — Eu tenho muito dever de casa para ler isso agora, mas quer saber? Dane-se, eu quero saber por que esse é seu Shakespeare favorito. Obrigado, é genial. Ou seja, você não tinha porque comprá-lo.

— Mas eu comprei. — diz Willow, tão baixo que duvida muito que ele tenha ouvido.

— Ei, não tem nada escrito. — diz Guy com o cenho franzido.

— Oh, nem tinha pensado... Eu, bem... Nem sequer sabia o que pôr. — diz Willow timidamente.

— Bem, talvez você possa pensar em algo mais tarde.

Willow olha como Guy lê o começo. Sem dúvida, o seu sorriso é autêntico e Willow não pode deixar de pensar que, se não pode fazer isso para David, então, pelo menos ela pode fazer por mais alguém.

CAPÍTULO NOVE

– Só pode tirá-lo até amanhã. – disse Willow enquanto comprovava o cartão da garota para ver que tipo de empréstimo tem.

– É justamente o que necessito, porque o trabalho é para amanhã. – responde a garota como se lhe faltasse o fôlego. Pega o livro com ambas as mãos – Obrigada.

– Boa sorte com o trabalho. – disse Willow enquanto olhava como saia rapidamente escada abaixo.

Voltou a sentar-se no banco, fazendo esforço para não voltar a olhar o relógio. Faltava mais de uma hora para acabar o seu turno, mas está tão entediada que não acha que seja capaz de agüentar.

– Bom, como foi? – Carlos aparece atrás de Willow.

– Humm... Nada de especial – disse Willow inocentemente – Um empréstimo normal, não me pediu empréstimo interbibliotecário nem nada disso.

– Imbecil! – Carlos lhe dá um tapa no braço – Sabe exatamente do que eu estou falando. – aproxima a cadeira perto de Willow e se senta – Alegre-me o dia, rainha. Vamos, conte-me algo.

– Não tem ninguém mais que possa incomodar? – disse Willow.

– Não.

– Ok. – suspira – Humm... Foi bom. Tinha uma torta de morango deliciosa nesse lugar que fica algumas ruas mais abaixo.

– Se quiser uma crítica gastronômica, leio o jornal.

– Porque se importa tanto com o que aconteceu?

Willow volta-se para olhá-lo.

– Porque nunca tinha visto você sorrir dessa forma – Carlos apóia-se no encosto da cadeira e a olha com solenidade.

Oh

– Não importa. – Carlos ri. – É divertido te chatear. Porque não vai embora?

– Mas ainda falta uma hora. – protesta Willow.

– Já te disse antes. Hoje este lugar está morto. Sinceramente, eu posso controlá-lo sozinho. – garante Carlos. – Além disso, você trabalha muito.

– Uf, muito. – Vem a mente de Willow o “F” gigante sobre o seu exame, que está guardado entre o resto dos deveres fora de prazo que a esperam por fazer na mochila. – Obrigada Carlos. É muito amável. – Se ele está disposto a deixar que vá, não vai ser ela quem vai contradizê-lo. Willow desce do banco e recolhe suas coisas debaixo do balcão.

– Calma, que isto eu cobrarei. – disse Carlos secamente. – Vamos trocar algum turno mais pra frente, ou melhor, na semana que vem.

– É claro. – responde-lhe Willow, já de costas, enquanto desce a escada de dois em dois. Deve ser a cafeína que acaba de tomar, não há outra razão para sentir-se tão otimista.

Difícilmente é pela emoção de sair quarenta minutos antes. E menos ainda pelas cento e cinquenta páginas do Bulfinch que tem que ler para amanhã, ou o trabalho que tem que se colocar para escrever de uma vez.

E definitivamente, não é pelo feito de encontrar uma maneira de falsificar a assinatura de David no controle.

Willow diminui a velocidade, seu bom humor vai se apagando ao pensar na tarefa que tem pela frente. Decalcar parece se a melhor alternativa, embora o papel seja grosso. Tem certeza que se procurar no escritório do seu irmão poderá encontrar algum cheque cancelado. Só tem que colocar o papel em algum lugar à luz... Odeia a transformação que sua vida teve.

Willow detém-se em seco. Um pouco mais a frente está David. Ele também a vê e a cumprimenta de longe enquanto se aproxima. Não é estranho encontrar com ele no campus. No fim das contas, David trabalha aqui.

Nesse momento, Willow recorda um dia no começo de março, um pouco antes do acidente. Tinha feito um dia frio e cinza, chovia muito, se não está enganada. Cathy e ela estavam tremendo de frio porque esperavam que fizesse mais calor. Não se supôs que a primavera estava quase chegando? David tinha se chateado muito com Cathy por não se agasalhar mais. Na realidade, mais do que chatear-se, tinha se colocado em modo protetor. No fim das contas, Cathy estava grávida de sete meses e meio e já começava a despertar esses instintos.

Tinham saído todos juntos para jantar. Willow tinha ficado de saco cheio ouvindo discutir-se durante horas e horas a escolha do nome do bebê. Bom, na realidade não tinha se chateado tanto. A ideia de ser tia era

bastante emocionante. Aos dezesseis anos, nenhuma das amigas de Willow tinham sobrinhos. Ainda assim, fingir estar entediada e pedir para trocarem de assunto pareceu o mais adequado naquele momento.

Helen. Esse era o nome pelo qual finalmente tinham se decidido. Também não era uma surpresa, seu irmão também era, desde sempre, fã incondicional de Ilíada. David estava certo de que seus pais gostariam.

Sem dúvida gostariam do nome. Willow não chegou a perguntar. Mas não viveram para ver nascer sua primeira neta.

Isabelle era o segundo nome de sua mãe. Nasceu seis semanas antes do tempo, nada para se preocupar nesses tempos, mas não teria acontecido se Cathy não tivesse sido submetida a tanta pressão. Willow está convencida disso. Às vezes fica surpresa por Cathy ainda poder olhar para seu rosto.

– Ei. – disse David aproximando-se a ela – Ia para casa. Não esperava te ver por aqui. Saiu antes, não? – Troca de braço a pilha de livros que leva. – Aconteceu alguma coisa? Sente-se mal, ou teve algum problema?

– Não, não é nada. – Willow se apressa a assegurar – É só que a biblioteca estava muito calma hoje e me deixaram sair antes do tempo.

– Ok. – assente David – Podemos ir para casa juntos. Queria... Stephen, o que faz por aqui? – David cumprimenta o tipo alto e despenteado que caminha na direção deles.

– David, como está? – Stephen lhe dá a mão – Sabe? Não tinha nem ideia que vinha hoje aqui. Se soubesse, tinha mandado um e-mail pra te avisar.

Willow não tem nem ideia de quem é este Stephen, nunca o tinha visto, e espera pacientemente que David lhe apresente.

– Bom, como vai a vida? – pergunta David.

– Estou fazendo algumas entrevistas em universidades da zona e pensei em passar por aqui e dar uma olhada no departamento – Stephen faz uma cara de preocupação. – Ouvi que vão precisar de alguém para o semestre que vem.

– Sim, eu sei. Acho que vão colocar algum anúncio. – pronuncia David pensativo. – Mas parece ser pouca coisa para você.

– Deixa de história, pegaria qualquer coisa que me dessem. A propósito, ouvi que você casou. É possível que seja verdade?

– Casado e com uma filha. – afirma David – Pode acreditar? Lembra de Cathy? Nos casamos. Temos uma filha. Isabelle.

– Minha nossa! Só passou um ano e meio desde a última vez que te vi. É incrível como as coisas podem chegar a mudar em tão pouco tempo. O que mais aconteceu desde então?

Willow olha seu irmão com ansiedade. Sabe quão violenta pode resultar essa pergunta para ele, a dor que é ter que respondê-la.

– Sim, é realmente surpreendente o que pode chegar a acontecer em tão pouco tempo. – disse David depois de uma pausa considerável.

– Mas, o que mais aconteceu além de você ter casado e ter uma filha? – Stephen sorri. – Por favor, não me diga que já pegou a vaga de professor... Nem sequer você é tão talentoso para obtê-la tão rápido.

– Por Deus, não. Esperemos. – David sorri com isso.

Willow é a que está surpresa agora. A verdade é que não estava disposta a escutar David recitar o rosário de desgraças que tem atormentado sua vida desde a última vez que a viu, mas não dizer nada?

– E quem é essa garota? – Stephen olha para Willow – Uma estudante?

– Oh, desculpa. Hoje não estou pensando com clareza. Stephen está é minha irmã, Willow.

– Sua irmã! – Stephen estende a mão – Você frequenta o instituto?

– Não, eu...

– Willow está vivendo com Cathy e comigo agora. – interrompe David. No entanto, isto é tudo o que diz. Não dá nenhuma explicação do porque as coisas são assim.

– Deve ser divertido para você. – Stephen sorri. – Deus, quando eu era adolescente daria qualquer coisa para escapar dos meus pais. Falando nisso, quase me esqueci de perguntar. Como estão seus pais? Sabe? Faz séculos que não falo com eles, mas nunca me esqueci da recomendação que seu pai me fez. Faz tempo, mas sempre me lembro disso. E dele também.

Willow fecha os olhos por alguns segundos. O bom humor despreocupado de Stephen resulta simplesmente horrível dada às circunstâncias. Aproxima-se um pouco de seu irmão. Quer pegar sua mão, lhe dar segurança com algum gesto se possível, fazer algo para lhe dar

apoio nesse terrível momento. Diferente de antes, agora não há maneira de poder evitar responder sem ter que enfrentar a pura e dura verdade. O silêncio aumenta, Stephen olha David com expectativa.

– Ele... Ele tinha um grande conceito sobre você. – disse David finalmente. Isso é tudo o que disse.

Willow está pasma. Não pode acreditar. Realmente não pode acreditar. Porque David não contou o que aconteceu? Porque não permitiu a Stephen saber que o homem que tanto admira está morto? Morto! E sua mulher também. Que Willow estava com eles quando isso aconteceu. Que estava dirigindo. Que a razão para que ela viva com David e Cathy não é para escapar de seus pais e sim porque seus pais estão mortos.

O que acontece? Porque nega tudo dessa maneira horrível?

Pela primeira vez, Willow está zangada com ser irmão. De fato está furiosa. Do que ele está se escondendo? Porque atua sempre, sempre como se nada tivesse acontecido? Algo explode em seu interior. Acabou-se aquela garota que faria o que fosse para melhorar sua vida. Já não é a mesma pessoa que saiu de casa esta manhã. Já não tem constantemente o desejo de agradá-lo com qualquer pretexto para vê-lo sorrir. Já não importa encontrar o livro com a esperança de fazê-lo sentir melhor. Não tem nenhum desejo de consolá-lo... Ou ainda pior, ser sua cúmplice nessa deliberada negociação dos fatos. Nesse momento, praticamente o odeia. Quase tanto como ele a deve odiar.

Deseja desesperadamente deixar as coisas claras. Dizer “não”, gritar a verdade aos quatro ventos. E vai fazer.

Desculpa Stephen, mas David não te contou todos os detalhes. Meus pais estão mortos. Eu os matei. Por isso vivo com ele e sua mulher, porque eu matei os nossos pais! Ok? Isso foi o que aconteceu durante esse último ano.

Infelizmente não é tão fácil romper com os costumes adquiridos durante dezessete anos. Willow não pode, simplesmente não pode se colocar no meio do campus e gritar a pleno pulmão.

Se houvesse alguém que ela conhecesse ali por perto. Laurie, por exemplo. Ou ainda melhor, Andy. Alguém para poder chegar e apresentar a David. Alguém para que pudesse contar a versão dos fatos enquanto David e seu amigo escutavam.

Willow olha ao seu redor como uma louca, mas evidentemente, não há ninguém que ela conheça ali. Seu sangue ferve de raiva ao sentir a impotência de fazer o que deseja. Está parada, escutando David e seu estúpido amigo falando do estúpido emprego que procura.

– Enfim, espero poder encontrar algo por aqui. Já sabe, eu sou dessa zona e...

De repente, ocorre uma idéia a Willow. Já sabe o que fazer para tirar David de sua absurda complacência, forçá-lo a explicar a Stephen a verdadeira situação. Acabou a ideia de não querer lembrar a David que ele é o pai agora! Já bsta de tentar evitar um mau momento! Como uma louca começa a revirar a sua mochila.

– Pega! – disse em voz alta, tão alta como ousa, interrompendo Stephen no meio da frase – Pega! – repete, colocando o controle na cara de David – Tem que assinar isso!

Os dois a olham surpresos.

Bom!

– Vamos, David.– insiste Willow, colocando uma caneta na mão de seu irmão – Tem que assinar isso. Preciso de um pai ou um tutor legal para assinar isso para mim. – olha triunfalmente para seu irmão e Stephen, esperando que este último lhe pergunte ao que está se referindo com tutor legal, esperando ver a expressão de terror desfigurando- se no rosto de David.

Mas a cena não foi bem sucedida. Stephen não parece ter assimilado a palavra chave e David está muito ocupado estudando o exame para prestar atenção. Quando seu irmão assimila o significado do controle, é evidente que há preocupação, mas também está claro que, diferente de Willow, não tem nenhuma intenção de montar uma cena diante do seu amigo. Willow se dar conta que a única coisa que conseguiu foi parecer uma louca ou, ao menos, uma incrível mal educada.

- Tenho que ir – diz Stephen depois de uma incômoda pausa.

- Boa sorte com a procura do trabalho – diz David enquanto assinar o controle e o devolve a Willow.

Willow olha com um sorriso no rosto enquanto Stephen se afasta deles. Certamente suas ações não tiveram o efeito que ela esperava, mas está certo de que ao menos provocou alguma reflexão. Por fim David vai lhe dar uma bronca. E não somente por ter falhado no exame, mas também por ser tão grosseira. E quando o fizer, ela terá sua oportunidade. Finalmente poderá colocar as cartas sobre a mesa.

- Vamos para casa – disse David depois de um momento. É evidente pela expressão em seu rosto que está furioso. Mas também que não tem nenhuma intenção de chamar a atenção de Willow nem por suas notas nem por seu comportamento. Nem sequer a olha enquanto saem pelos portões do campus e se dirigem ao parque. E Willow não tem mais opções se não o seguir em silêncio.

- Nossa! Os dois chegaram cedo e juntos – diz Cathy da cozinha enquanto entram pela porta. – Perfeito, por que estava morrendo de fome. Na verdade já pedir a comida.

- Olá Cath – diz David entrando na cozinha. Deixa os livros sobre a mesa e se dirige a cadeira de Isabelle para beijá-la antes de se aproximar de sua mulher e a envolver com os braços.

- Espero que gostem de comida japonesa – Cathy sorri para Willow por cima do ombro de David. – chegará a qualquer momento.

- Ótima idéia – diz Willow com todo o entusiasmo que pode. Desejaria poder desaparecer, escapar da presença dos dois, subir para seu quarto e ficar sozinha por um tempo. Mas pelo visto não é possível. Simplesmente, não tem tempo antes que se sentem para jantar. Vai continuar a atuar como se tudo estivesse bem, como sempre faz, embora não acredite que seja capaz disso esta noite. Não depois do que acaba de acontecer.

- Ah, e adivinhem? – continua Cathy passando a Willow a toalha e os talheres – Markie voltou a ligar e tenho a sensação de que tem muita vontade de falar com você.

- Ah... – Willow apenas tenta formular uma resposta. Começa a pôr a mesa, deixando os livros de David no chão sem nenhuma cerimônia.

- A comida chegou – diz Cathy ao ouvir o interfone. Apressa-se em ir responder.

- Provavelmente você deveria ver Markie – propõe David enquanto tira alguns pratos do armário e ajuda Willow a pôr a mesa. – porque não tem respondido nenhuma de suas ligações? - David está a ponto de tropeçar nos livros, mas consegue se agarrar a mesa na hora certa. Os recolhe e os deixa sobre uma cadeira com o cenho franzido. Logo se senta e coloca o guardanapo sobre o colo.

Isso é tudo o que vai dizer? Vai continuar sem mencionar o que acabou de acontecer? A Willow parece incrível que fale sobre o controle.

No fim das contas o trabalho no instituto é a última coisa sobre a qual podem falar. O pior é que a cena a afetou mais do que ela pensava.

Bom.

- Porque ela não entende o que é ser órfã – responde Willow um momento depois. Pronuncia cada uma das palavras de forma sucinta. Senta-se em frente a David cruzando os braços, e o olha destemida.

Essa não é a verdadeira razão pela qual Willow perdeu o contato com suas antigas amigas, mas quer expor sua situação da pior maneira possível. Quer passar pela cara de David, fazer com que tenha alguma reação. Não sabe como, mas de alguma forma, vai fazer com que responda.

David não responde, mas a Willow fica a satisfação de poder ver como estremece.

David recostou-se na cadeira e a olha pensativamente. Ele a olha confuso. talvez inclusive um pouco irritado. Uma coisa está clara, no entanto, os ataques estão começando a afetá-lo.

- Pedir Califórnia Maki* para nós. – diz Cathy voltando a entrar na cozinha – e tempura**para você, Willow. O que vocês acham?

*Comida japonesa composta por: abacate, pepino, nabo japonês, caviar e wasabi

**Comida japonesa composta por: camarão, salmão, Filadélfia, tobiko e abacate

Nem David nem Willow respondem.

- Vou interpretar como um sim – murmura.

Abre a caixa de comida e a coloca sobre a mesa.

Fora o ruído que Isabelle faz brincando na cadeira, o silêncio é total.

- Bom, como foi o trabalho hoje? – pergunta Cathy a David. A tensão existente na mesa é palpável, e espera resolver a situação com um pouco de conversa.

- Bom – responde David depois de um momento. Afasta o olhar de Willow – Nada de especial.

Willow se pergunta se deveria mencionar o incidente com Stephen. Cathy ficará surpresa por David não mencionar a morte de seus pais? Provocará finalmente uma crise?

- Não acha que ver teu amigo...?

- Pensava que poderíamos...

Willow e Cathy começam a falar ao mesmo tempo.

- Desculpa – disse Willow depois de alguns segundos - Você primeiro.

- Eu ia dizer que eu tive um dia horrível no trabalho e eu adoraria fazer alguma coisa hoje à noite. – disse Cathy como se já não pudesse agüentar mais.

Willow olha Cathy com o canto do olho. A verdade é que aparenta ter tido um dia duro, tem olheiras terríveis e o cabelo está bagunçado. Não é surpreendente, trabalho em um escritório de advogados e tem uma filha de seis meses. Tem cara de que necessita de um descanso, ir ao cinema ou algo assim. Willow pensa que deveria se oferecer como Babá.

É surpreendente que não a tenham pedido antes.

De fato, é extremamente estranho que um casal jovem com uma filha de seis meses não tenham pedido a irmã de dezesseis anos que fique como Babá de vez em quando. Ter uma babá em todas as horas não implicaria uma diferença mais palpável em sua vida do que os poucos e miseráveis dólares que lhes dar a cada semana?

Mas, agora que pensa, mas não tem sido Cathy que sugeriu mais de uma vez que Willow fique responsável por Isabelle? Mas por alguma razão, sempre conseguirão que ficasse com outros casais que tem filho e, ou levaram Isabelle com eles, ou compartilharam a babá.

Mas não acontece nada, a Willow não importa que não tenham a deixado antes a cargo de sua sobrinha. De fato, fica feliz, porque hoje tem a munição que necessita.

- Você realmente parece estressada, Cathy. – diz Willow- Deveria tirar um descanso. Porque os dois não saem para ver um filme ou algo assim? – olha por cima de seu camarão frito a David, que é todo olhos grandes e inocência.

- Adoraria ir ao cinema – Cathy diz com o rosto iluminado – Não seria ótimo? – sorrir para David.

- Bom, suponho... – David se interrompe com incerteza.

- Que horas você acha melhor? – pergunta Cathy enquanto pega o jornal que tem atrás dela – Acho que tem uma sessão que começa em meia hora.

- Esta noite? – David deixa o garfo e olha para Cathy como se ela estivesse louca. – Não podemos ir ao cinema esta noite. – David faz com que a idéia fosse ridícula, como se Cathy acabasse de sugerir saltar de pára-quedas ou alguma outra barbaridade do estilo.

- E porque não esta noite? – pergunta Cathy distraidamente enquanto olha o jornal – tem trabalho?

- E porque não esta noite – pergunta Willow em uníssono.

Willow sabe perfeitamente bem porque David não quer sair de casa, mas que escutá-lo dizer. Vai fazer dizê-lo embora seja a última coisa que faça.

- Não, não é que eu tenha trabalho. – David dar de ombros – Eu só não quero.

- Porque não? – repete Willow.

- Não estou com humor para ir ao cinema – diz David, mas nunca soube mentir bem e sua voz soa apagada.

- Porque não? – Cathy parece chateada – Seria ótimo fazer algo assim, de improviso.

- Porque não?- Willow cuspir as palavras. Levanta-se arrastando a cadeira, que faz um som enorme.

- Mas o que te deu? – David a olha sem compreender nada – Porque está tão ansiosa para nós saímos de casa?

- Willow – Disse Cathy – Talvez devesse...

- Porque não diz a Cathy o porquê está tão desesperado por ficar? – Willow faz um gesto para que Cathy fique calada.

- Não estou desesperado para ficar...

- Ok – as mãos de Willow tremem. As apóia no encosto da cadeira para se manter firme – Vou dizer-lhe. - Volta-se para sua cunhada – Sabe Cathy? David tem medo de me deixar só com Isabelle. O assusta muito. Suponho que pensa que quero acabar com o resto da família. Com papai e mamãe não foi o suficiente.

Por um segundo um silêncio mortal invade a cozinha. Mesmo Isabelle deixa de se agitar em sua cadeira. Willow não acredita que teve coragem de dizer isso, mas a julgar pela palidez que David ficou, parece que finalmente tocou uma fibra.

- Willow! – exclama Cathy horrorizada – Como pode pensar algo assim? – olha aos dois irmãos. É evidente que espera que David diga algo para negar, mas ele não diz nada.

- Tenho razão, certo? – disse Willow

Não tira os olhos de cima do seu irmão, mas ele está concentrado em seu prato e evitar seu olhar.

- O que? – insiste ele – Porque você não diz mais nada? Porque simplesmente você não diz a Cathy que você...?

- Aquele foi um terrível acidente – interrompe-lhe David, inclusive com o rosto ainda mais pálido do que a alguns momentos. Está claro que custa para ele controlar a voz.

- Sério? Então porque tem medo de me deixar sozinha com...

- Aquele foi um terrível acidente – repete – Mas ficar com uma criança de seis meses... Bom, tem que está ciente de tudo. É...

- Oh, por favor, David – interrompe – lhe Willow – Você pode fazer melhor que isso! Não será porque não fez de babá mil vezes. Admitir. Aterrorizar-te me deixar sozinha com ela. Aterrorizar-te porque acha que eu sou uma...

- Acho que está muito recente ainda – David a corta – você está passando por muitas coisas ultimamente, seria injusto esperar que você...

- Para! – Willow respira com dificuldade – Por favor, para.

- Não posso suporta ouvir você falar assim – Diz a verdade! Somente diz, de uma vez!

Admite que me culpa por tê-los matado! Admite que me odeia!

Willow tapa a boca com as mãos. Está perto, perigosamente perto de vir abaixo. Se algo a pudesse fazer sentir-se o mais absoluto horror, a dor de sua situação é esta... Saber com segurança que perdeu o amor de seu irmão. Se não tivesse agarrando-se a cadeira com tanto força, cairia em um mar de

lágrimas, e isso não pode permitir. Não está preparada para assimilar esse tipo de dor.

Fecha os olhos com força, desesperada para encontrar algum tipo de controle. Empurra a cadeira longe dela lançando-a ao chão provocando um forte ruído, e se lança escada acima.

Willow sabe que Cathy e David a estão chamando, mas não escuta. Está muito ansiosa para chegar ao seu santuário. Chega ao seu quarto e fecha a porta atrás dela, agradecida de que o proprietário anterior tenha colocado fechadura.

Ainda pode escutar gritarem seu nome enquanto cai ao chão tampando os ouvidos com as mãos. Qualquer coisa para não ouvir. Porque o ruído ameaça superá-la. Não só as vozes de Cathy e David, mas também o chiado dos freios. O golpe seco quando a cabeça de sua mãe bateu contra o painel. O estalo do pára-brisas ao romper-se em mil pedaços.

Willow não pode suportar mais. Tem que fazê-lo parar. Tem que bloquear a avalanche de sentimentos que a invadem. Infelizmente, deixou sua mochila no andar de baixo, mas em seu quarto tem tudo o que necessita. Arrasta-se pelo chão até chegar a cama e procura debaixo do colchão até encontrar suas necessidades, jogando o telefone ao chão no processo.

Uma parte dela percebe o som da linha cruzar o ar. Mas não é o suficiente, nada é comparado com todos os sons que invadem sua cabeça agora. Pega a gilete convulsivamente, preparada para fazer o que tem que fazer.

Willow faz uma brevíssima pausa. Não sabe em que está pensando, não sabe o que está fazendo, mas de repente está digitando um número, apertando os botões na ordem que já memorizou.

– Olá? – a voz dele soa com se viesse de um lugar muito longe.

– Olá? – repete Guy.

– Willow não pode falar. Apóia-se na cama e desabotoa a camisa com os dedos trêmulos. Olha o estômago tentando encontrar um lugar apropriado e faz o primeiro corte, esperando o momento em que a dor da gilete apague todas as demais. Não ocorre tão rápido como das outras vezes, e sua respiração se converte em pequenos suspiros quando a lâmina está sendo introduzida mais e mais profundamente em sua pele.

– Willow? – pergunta Guy, agora mais forte.

Willow fecha os olhos tentando fazer com que o som a alcance. É uma luta. Não pode deixar de escutar o pára-brisa se quebrando, e está cada vez pior. Agora está começando a recordar as imagens. Olha o rosto de seu pai destroçado até ficar irreconhecível, uma massa ensangüentada. Olha o rosto

de sua mãe, intacta, mas com os olhos mortos. Mergulha a lâmina mais forte como se seu sangue pudesse limpá-los.

– Willow? – repete Guy.

Willow não fala, apenas respira levemente. Olha o sangue que sai do corte que acaba de fazer, mas não muda nada. Desta vez não. Volta a cortar-se mais profundamente. Sente dor, mas será suficiente?

- Willow – disse Guy uma terceira vez. Mas desta vez não é uma pergunta. Desta vez está claro que somente que fazer saber que conta com sua presença.

Willow tenta concentrar-se em sua voz, no salva-vidas que lhe está lançando. As imagens não se apagam de sua mente, mas enquanto escuta a respiração de Guy, os sons do acidente se tornam mais fracos.

Deixa de cortar-se. A gilete trava em sua mão sem nenhum valor: Já cumpriu sua obrigação. Willow olha as gotas de sangue que correm por sua pele com olhos semicerrados.

Sua respiração volta mais intensa, mais regular, em harmonia com a de Guy. O som de suas respirações juntas é surpreendentemente íntimo e, logo, o único som infiltrando no dor de Willow é o suave som de suas inalações enquanto adormece agarrando-se ao telefone como se fosse um ser vivo como se fosse seu amante.

CAPÍTULO DEZ

A primeira coisa que pensa Willow ao acordar é que a lâmpada não está onde deveria estar. Demora um segundo para perceber de que é ela quem não está no lugar certo. Em vez de estar na cama, está deitada no chão, ainda está com a mesma roupa de ontem e na mão tem um telefone que ficou sem bateria.

Não tinha se sentido não atordoada, tão confusa, desde que acordou no hospital depois do acidente.

Mas essa desorientação passageira sobre a lâmpada é a única coisa que lhe produz confusão. Em sua mente, todo o resto está claro como a água. Sabe por que está no chão, sabe por que ainda está com mesma roupa de ontem, sabe por que a roupa está pegajosa e porque no ar flutua um cheiro metálico de sangue.

Willow se lembra de tudo o que aconteceu ontem à noite. O rosto de David, o rosto de Cathy...

Inclusive a voz de Guy do outro lado do telefone e o som de sua respiração enquanto ela se cortava.

Seu estômago dá voltas, deixando o telefone e fazendo uma careta de dor ao sentir seus cortes entrando em contato com o chão. Apóia o queixo nas mãos e pensa no fato de tê-lo chamado. Nunca tinha pensado, quando

pediu seu número de telefone, que realmente iria chamá-lo, mas também nunca imaginou estar no parque com ele, dar-lhe um livro ou fazer qualquer das coisas que fizeram juntos.

Mas nada disso significa que Willow se sente bem por tê-lo chamado. Uma onda de vergonha a invade ao pensar nos sons inarticulados que faz quando se corta. Por que ontem decidiu fazê-lo participar disso? Por que lhe deu acesso ao seu mundo de dor? Ele merece coisas melhores.

Willow sabe que Guy foi o primeiro que se ofereceu para ligar para ele, mas ela acredita que ele não poderia saber onde ele estava se metendo. É possível que Guy sabia que ela se cortava, mas saber e testemunhar - mesmo que seja através do filtro do telefone - são coisas muito diferentes.

Se pergunta como reagirá quando se encontrarem na escola. Tocará no assunto do telefonema? Além disso, como ela reagirá? Claro, é possível que nem sequer se encontrem.

Em qualquer caso, tem coisas mais urgentes em que pensar. Não importa a reação de Guy. Como enfrentará David e Cathy?

Willow olha o relógio. Ela estava dormindo, por isso é muito possível que já tenham saído. Qualquer outro dia, Cathy e David teriam se assegurado que ele se levantava, mas o mais provável é que eles tenham o mesmo desejo de evitá-la.

Consegue ficar de pé, o que não é fácil, tendo em conta o quão cansada e desgastada está, pega o telefone e vai até a porta nas pontas dos pés. Dá uma volta na chave com o maior cuidado, abre a porta e enfia a cabeça.

Recebe um silêncio absoluto.

Eles devem ter ido embora. Bom. Tem um pouco de espaço para respirar. Talvez, com tempo suficiente, possa encontrar o que dizer quando os ver. Deveria se desculpar pelo o que aconteceu ontem à noite? Talvez David é quem deveria se desculpar. Talvez ela devesse agir como se nada tivesse acontecido.

Sim! Isso será fácil!

Willow fecha a porta silenciosamente mesmo que saiba que ninguém pode escutá-la e vai para o banheiro. É hora de começar o dia. Para um segundo para pegar roupas limpas na cômoda.

A primeira coisa que tem na mão é uma T-shirt* (acho que todo mundo sabe o que é isso, mas pra quem não sabe, é uma blusa de manga curta): não é o mais adequado para colocar esses dias, tendo em conta o que expõe mostrando os braços. Willow para no momento em que vai guardá-lo na gaveta. Claro que, se não for para a escola, pode colocar o que quiser... Talvez devesse ficar em casa, abrir de uma vez o livro de francês, ou ver se

finalmente pode avançar algo com o Bulfinch, terminar de lê-lo ou começar a escrever o trabalho. Não teria mais sentido isso de ir para a escola, onde só irá de classe em classe como uma sonâmbula, atordoadada pelo o que aconteceu ontem? E não é só isso, se faltar às aulas, resolve o problema, pelo menos por um dia, de como agir quando ver Guy.

Bem, um problema resolvido. Pena que não pode ignorar o resto de sua vida. Pendura as roupas no ombro, entra no banheiro e liga o chuveiro.

Apóia-se sobre as telhas molhadas, deixando a água cobri-la como se estivesse sob uma cachoeira, observando fascinada como o sangue seco entra no redemoinho de água pelo ralo. Ao contrário do ato de se cortar, que sempre a alivia, esta visão não a ajuda. Na verdade, a faz se sentir um pouco mal. Willow sabe que há uma terrível desconexão entre o que faz e o que sente quando vê os frutos de seu trabalho, mas não é fácil ser racional quando aparece a necessidade de se cortar.

Willow desliga o chuveiro, se veste e desce pela escada até a cozinha.

Para comer não há grande coisa, além de um saco meio vazio de biscoitos e alguns frascos de comida para bebê. Cathy nunca tem tempo para ir às compras, por isso sempre está faltando comida. Talvez deveria ir com ela mais tarde, que seria uma boa maneira de tentar fazer as pazes ou algo assim. Claro. Como se isso fosse corrigir tudo! Willow pega um punhado de biscoitos e caminha até a mesa. Ali, inclinada sobre o açúcar, há uma nota escrita por Cathy em seu nome.

Olha para ela por um momento com medo de abrir. Mas a verdade é que nada que Cathy diga pode piorar as coisas. Willow se pergunta se a carta é uma repreensão ou uma tentativa de acalmar as coisas.

Só há uma maneira de saber.

Pega o papel antes de mudar de ideia.

Querida Willow:

Eu decidi deixá-la dormir hoje.

Você sabe o quanto David e eu te amamos. Nunca pense que ele te culpa pelo o que aconteceu ou que não confia em você! Nada poderia estar mais longe da realidade.

David me disse que pensava que você estava tão chateada por algo que aconteceu no colégio. Não se preocupe com isso! Tem todo o tempo do mundo para melhorar suas notas. Em qualquer caso, nós dois pensamos que você está levando muito bem dadas as circunstâncias. Pegue o dia de

folga, se quiser. Talvez você poderia ir ao parque e pintar com as aquarelas. Espero que se sinta melhor. Amor,
Cathy.

Willow dobra a nota cuidadosamente e a coloca no bolso. Sabe que deveria sentir-se aliviada e a emocionou que Cathy se preocupe tanto, mas, mesmo assim, por alguma razão, a carta só a deixou mais deprimida. As tentativas de Cathy para tranquilizá-la só servem para provar que não tem nem ideia do que está acontecendo. De certa forma, sua demonstração de amor não é muito diferente da recusa de David para discutir o que ocorreu. Em ambos os casos, há uma tremenda desconexão.

Afasta-se da janela, a ponto de voltar lá para cima e começar a trabalhar quando algo chama sua atenção. Há sempre algo para ver: jovens mães empurrando carrinhos, gente vestida de mil cores fazendo footing... Mas esta manhã há algo mais. Porque esta manhã, Guy faz parte da azáfama da rua.

No começo, Willow tem certeza que o está imaginando. Mas não, ele está realmente lá, na saída do parque, parado, olhando para o seu prédio. A explicação mais óbvia, a única que lhe ocorre, é que está esperando por ela.

Felizmente, não vou para a aula...

Willow não tem certeza sobre o que vai fazer. Claro que poderia ficar no apartamento e evitá-lo assim, mas quem disse que ele não vai cruzar a rua e bater na porta?

Além disso, não está tão certa se quer evitá-lo.

Sim, sim, eu quero... Ou seja, eu quero, certo?

Willow está com vergonha por tê-lo chamado, sem dúvida, e está com vergonha que tenha ouvido sua agonia durante um de seus...episódios. Ainda assim, a vergonha está acompanhada por um outro sentimento. Eles estão conectados, talvez por um fio de sangue, talvez pelo vínculo da lâmina, ou talvez algo mais, mas seja qual for a causa, é algo que não pode negar.

Seria um pouco grosseiro da minha parte passar por ele...

Willow não fica analisando a situação, mas pega a chave e vai até a porta.

Para em frente ao prédio, e olha para ele com milhões de perguntas lhe assombrando a cabeça. Quer saber por que ele veio, quer saber o que ele pensou quando ela o ligou, mas por alguma razão, a única coisa que se permite articular, ali, de pé, tremendo e de t-shirt, é:

- Como você soube onde eu moro?

- Existe uma coisa chamada lista telefônica - diz Guy ao atravessar a rua. - Além disso, seu irmão colocou seu endereço no site de assinaturas.

- Oh, evidente - responde Willow enquanto esfrega os braços.

- Por que está descalça? - diz Guy quando a olha de cima a baixo.

Willow olha para baixo e vê seus pés contra o chão. Nem tinha notado que não estava usando sapatos.

- Eu... Quando eu te vi, saí correndo de casa, sem mais. Eu não parei...- Willow para de falar. Não entende porque eles estão falando de coisas tão triviais. Será que é porque ele não quer tocar no assunto da chamada?

- Bom, não acha que deveria colocar sapatos?

- Sim, claro, eu acho. - Willow se move para frente e para trás, desconfortável. - Venha, entre. - diz ela, após um momento, e mostra-lhe o caminho.

Guy está com os olhos cravados em Willow enquanto ela abre a porta do apartamento. Seu olhar a deixa nervosa. Deve estar pensando na chamada, no que deve significar, mas não diz nada, parece que está...

- Seus braços... - Guy interrompe seus pensamentos.

- Sim? - Willow para na entrada da sala e se vira para ele. - O que têm eles? - Olha para eles, tentando imaginar o que ele vê. Têm um monte de marcas, mas, e daí? Guy já tinha visto os cortes antes. Certamente ele é a única pessoa em que pode usar uma t-shirt em sua frente.

- Não há nenhum novo - diz depois de um momento. Aponta para as finas linhas vermelhas que marcam seus braços. - Não são recentes.

Willow sabe perfeitamente o que ele quer dizer, mas não tem nenhuma intenção de responder a esta pergunta implícita.

- Vem - diz, enquanto se dirige para o sofá e cai sobre ele. Um momento depois, Guy também se senta.

- Bem, então... Onde você fez?

Está claro que agora que tocou no assunto, não tem nenhuma intenção de deixá-lo.

- Na barriga - diz, pensando que, eventualmente, é mais fácil dizer.

- Mas isto é... Eu pensava... Ou seja, você me disse que só o fazia nos braços. - protesta Guy.

Willow olha para ele, confusa pelos seus protestos. Quer dizer que seria melhor se tivesse se cortado nos braços? Não acredita que ela se cortou na barriga? É possível que pense - por Deus, não - que inventou tudo? Que estava fingindo quando o ligou só para chamar sua atenção ou algo assim? Willow está horrorizada só de pensar nisto.

- Eu lhe disse que o fazia principalmente nos braços - responde com raiva. - Olha, se não acredita em mim. Quer ver?

Sobe a camiseta por cima do sutiã, desabotoa os jeans e os abaixa um pouco acima da roupa íntima.

- Olha! - diz ela, irritada, praticamente gritando. - Dê uma olhadinha se não acredita em mim!

Willow se surpreende com a sua própria reação. Não pode deixar de pensar no quão diferente seria esta cena se estivesse tirando suas roupas por motivos normais. Nesse caso, estaria preocupada se a roupa íntima que está, estava bem nela, se estava bonita, e não se as cicatrizes parecem recentes o suficiente para Guy acreditar nela.

No entanto, Guy está determinado a não olhar para sua barriga. Afasta o olhar, tem os olhos cravados no tapete desgastado, nas prateleiras, qualquer coisa exceto seu corpo.

- Vamos! - Pede uma vez mais.

Guy vira a cabeça lentamente, tomando cuidado para olhar somente para o rosto de Willow.

- Eu não disse que não acreditava. Só pensava... - Mas sua voz se desvanece com tristeza.

Willow olha fixamente para ele. Nunca viu alguém se sentir tão desconfortável e infeliz como Guy neste momento.

Finalmente, ele olha para baixo e olha para sua barriga, a olha de verdade, parando em cada um dos cortes.

Willow joga o corpo para trás e olha para ele com os olhos estreitados. Ele está paralisado. Ela sabe que há algo perverso nesta cena. A razão de ele a estar observando em silêncio absoluto, não é porque está atraído por sua beleza, mas sim pelo horror que está vendo.

Lentamente, Guy estende a mão e a coloca em seu abdômen. Tem a mão grande e com ela cobre todos os cortes que Willow fez. Assim, com as cicatrizes cobertas, é fácil imaginar que não há nada de errado com a pele que está tocando. É fácil fingir que a mão de Guy não está lá para cobrir as cicatrizes, mas por outro motivo completamente diferente.

Mas Willow não pode fingir. É verdade que a mão de Guy em seu estômago lhe afeta de um modo que é completamente novo para ela. Mas essa maravilhosa sensação se mistura com a dor que lhe provoca ao irritar a pele em carne viva.

E, em relação a Guy, não parece estar gostando, nem sequer captando as possibilidades românticas das circunstâncias. Na melhor das hipóteses, parece estar enjoado. Ficou branco como o papel.

De repente, afasta a mão e cobre e boca com ela. - Quer que eu segure a sua cabeça? - pergunta Willow, com uma clara urgência em sua voz. Lembra-se do dia em que, no depósito da biblioteca, Guy se ofereceu para segurar o seu cabelo. Lembra-se o quanto a chocou sua incrível amabilidade, o muito que a choca agora.

Gostaria de poder corresponder-lhe sendo igualmente considerada, mas está muito traumatizada com o que acaba de ocorrer para agir com tal sutileza.

- Não, não... - Guy balança a cabeça. - Eu... não.

- Certo. - Willow abaixa a camiseta e sobe o zíper do jeans.

Guy não fala durante alguns segundos. Está sentado como ela, esparramado no sofá com o olhar perdido.

- O que...? Poderia me dizer o que a levou a fazê-lo? - diz com a voz ofegante.

- Meu irmão e eu discutimos - responde Willow. Não sabe muito bem como descrever o que aconteceu.

- O que... Sobre o quê? A briga, quero dizer. Por que discutiram? - pergunta Guy.

- Para ver de quem era a vez de lavar a louça - diz Willow. Está muito cansada para entrar nesse assunto.

- Certo - diz Guy. - Muito bem. - Se move para se sentar na posição correta. - Não se preocupe em explicar a verdade, eu não me importo. Ou seja, eu vim aqui esta manhã por pura diversão, certo? Para mim isto tudo está igual. Não é importante. Você não precisa se matar tentando me dar uma resposta direta, ou nada disso.

Willow assente. Não fica surpresa com sua raiva, a verdade é que já esperava que ele não acreditasse.

- Olha, me desculpe - diz Guy após um momento. - Não deveria ter ficado com tanta raiva...

- Não - Willow o interrompe. - Tem razão de estar zangado. Não estou sendo muito agradável com você e você está sendo...

Muito mais amável do que jamais havia esperado de ninguém.

Está mais emocionada do que pode expressar sobre o fato de que Guy tenha plantado em sua porta. A ambivalência se tornou gratidão. Quer perguntar por que ele está aqui, mas lhe dá um pouco de medo de saber a resposta. E se ele disser que é porque se assustou? Willow sabe que já perdeu o direito de ser considerada normal, mas, ainda assim, não suporta pensar que ele possa tomá-la por... Louca ou algo do tipo.

Está aqui porque prometeu não contar para seu irmão e isso o faz sentir-se responsável?

Está aqui porque se importa?

Willow suspira profundamente. Se sente incapaz de falar com ele sobre qualquer coisa de tudo isso. Se sente incapaz de expressar o que suas ações significam para ela e percebe que, por todas essas razões, o mínimo que deveria fazer é lhe contar a verdade sobre o que aconteceu à noite.

- Brigamos porque David, agora, me odeia - diz Willow sem rodeios, sem dramatizar. - Me odeia, porque eu matei nossos pais.

Willow espera ouvir o inevitável. Ouvir Guy dizer o mesmo que os outros, que só foi um acidente, que ela não planejava matar seus pais. Que seu irmão a quer agora mais do que nunca, porque se tornou órfã. Willow já ouviu milhares de vezes essas respostas vazias.

Mas Guy está em silêncio. Somente a olha.

- Eu não posso imaginar o quão difícil deve ser para você - diz ele, finalmente. Isso o afetou. - Para os dois na verdade. - acrescenta ele, após um momento.

- Você está certo, você não pode. - Willow diz quietamente. Deveria saber que ele não tentaria persuadi-la com as respostas supérfluas, que não tentaria convencê-la para que não se sinta assim, ou dizer que estava imaginando coisas. - Mas... Obrigado por, bem, obrigado por não me dizer, pelo menos, que isso tudo está na minha cabeça.

- Bem, de nada, eu acho. - Guy fica um momento em silêncio. - Olha, talvez não deveria dizer isso depois do que você acabou de dizer. Eu sei que não posso chegar a entender o que você está passando, e eu acho que você acha que seu irmão te odeia. Quer dizer, eu não penso em que tudo isso está apenas na sua cabeça. Tenho certeza que a situação está... - Move-se para sentar-se olhando para seu rosto. - Mas você tem certeza de que talvez, bem, talvez você esteja interpretando mal as coisas? Estou pensando no David Randall que me ensinou no ano passado. Não é possível que possa odiar sua irmã. Quero dizer, quem poderia? Mas especificamente, não posso imaginar.

- Eu acho que o conheço melhor do que você - Willow diz friamente.

- Eu não estou tentando dizer o que sente ou o que você deixar de sentir. Eu acho que só esperava fazer você se sentir melhor, talvez fazer você olhar para as coisas de outro ponto de vista ... - Não acaba a frase.

- Não é tão simples - Willow diz. Agora é ela quem tem dificuldade em olhar para seu rosto. Dói ver quão triste ele está, porque sabe que ela é a única responsável. - Olha, não quero que pense que falar com você não me faz sentir... - Tenta encontrar as palavras certas. - Bem, você não fala comigo como as outras pessoas. - diz finalmente, sem muita convicção. Não é o que realmente quer dizer, nem de perto.

- Bem, você tampouco fala como com as outras pessoas. - diz Guy.

- Não? - Willow se surpreende

- Vamos ver... Discussões sobre Tristes Trópicos misturado com conversas sobre em que lugar do corpo você se corta, porque pensa que é uma assassina. Super normal, exatamente como acontece com qualquer das

outras meninas que eu conheço. Mas o que acontece com vocês mulheres? Te digo em sério, se eu tenho que ouvir outra dessas conversas e fingir que eu não estou entediado ... - Balança a cabeça.

Willow não pode acreditar, não pode acreditar que você rindo. Guy ri também.

- Eu não me corto por isso – diz, quando consegue se acalmar.

- Então, porque não...? - Guy começa, mas Willow o interrompe.

- Olha, o que eu estava tentando dizer um minuto atrás é que, bem, você é a única pessoa que me ouve, quem não faz ver que tudo anda perfeitamente. - Para de falar, não tendo certeza se deve continuar, mas a verdade é o mínimo que pode fazer por ele, considerando tudo o que ele tem ajudado.

- Você sabe? Depois que meus pais morreram, percebi uma coisa. – A voz de Willow fica trêmula. - Percebi que o que as pessoas dizem, a maneira de reagir, te diz mais deles do que qualquer outra coisa. Eles acham que está dando os pêsames ou como queira chamar, mas na realidade eles estão apenas mostrando para você como eles são.

- Creio que não sei para onde você está indo - diz Guy, franzindo a testa.

- Ok, ok, isso é o que eu quero dizer. - Willow pega de ar. - Após o funeral, uma mulher mais velha se aproximou de mim e me contou o quanto ela sentia. Eu mal a conhecia, meus pais um pouco mais. Foi assim, me disse que sentia muito e então adicionou: pelo menos eles não morreram sozinhos. - Willow fecha os olhos, sentindo que as imagens e os sons do dia que retornam à sua mente. Não é fácil, mas toma coragem e continua. - Se você pensar bem, é um comentário um pouco estranho. Então, meus pais haviam falecido, acabavam de morrer em um acidente de trânsito, é uma maneira terrível de morrer, e ela estava me dizendo que era bom terem morrido juntos.

Willow pára de falar um segundo e olha para Guy. Pode ver que escuta com toda sua atenção.

- Quando eu digo que ela era mais velha - Willow continua - É que ela era mais velha, oitenta e poucos, eu acho. Eu sabia, afinal, todos sabiam, que o seu marido tinha morrido há trinta anos, e seu único filho morreu

pouco depois no Vietnã. E eu percebi que tudo o que a restava pela frente era a constatação de que ela iria morrer sozinha. Não estava sendo uma insensível: para ela, meus pais haviam ido fácil

- E aqui está outro exemplo: outro dia, eu falei para Laurie sobre meu irmão, sobre ter de cumprir o papel de pai e, você sabe o que ela me disse? Que parecia apenas um detalhe. Também estava sendo insensível, mas simplesmente não compreendia. – Willow se move tira os olhos de Guy. - Mas, com você, bem, as coisas que você diz... Você sim que compreende, e que me faz sentir... Melhor. – Willow pode sentir como fica corada.

- Você está ficando corada. - Guy diz após um momento.

- Eu não posso evitar.

- Bem, então não evite. Ou seja, ficar corada... É bonito.

- Ah.

- Estou contente de saber que eu posso fazer alguma coisa para fazer você se sentir melhor.

- Oh. – Agora sim Willow está vermelha, mas não desvia o olhar. Só deixa que a olhe, com o rosto vermelho e tudo.

- Estamos muito atrasados para a escola... - Diz Guy – Não chegaremos no primeiro tempo.

- Hoje eu não vou para a escola - diz Willow. – É que não posso, não depois de ontem à noite. Além disso, de qualquer jeito, estou tão atrasada com os deveres que eu vou ficar bem em ficar em casa e tentar recuperar o atraso.

- Eu tampouco vou. - Guy estica as pernas e cruza a mão por detrás da cabeça - Pode ser bom tirar o dia de folga.

- Você não tem que fazer isso por mim - Willow diz rapidamente. – Quero dizer, não tem que se preocupar que eu vá fazer algo...

- Talvez eu esteja fazendo porque eu gosto. - ele responde. - Mas já que estou aqui, há qualquer coisa que queira fazer? Quer dizer, antes de colocar em dia os deveres?

Willow pensa sobre todas as coisas que gostaria de fazer: Dormir durante três dias seguidos, terminar o trabalho, por fim; talvez até mesmo fazer alguma coisa para Cathy e David, como limpar a casa ou ir às compras. Mas todas estas coisas não são nada em comparação com uma necessitada imperativa que tem agora mesmo.

- Você sabe que eu gostaria de fazer mais do que qualquer coisa no mundo? – Willow se inclina para frente – Adoraria tomar café da manhã. Estou morrendo de fome.

- Parece um grande plano. - diz Guy. - Também estou morrendo de fome. Vamos sair daqui. – Se põe de pé e Willow imita a mesma ação.

- O que você quer? - Willow pergunta, pegando um jeans no armário de entrada. - Você conhece algum lugar por aqui onde podemos tomar café da manhã? – Fecha a porta da frente e desce as escadas a alguns passos à frente de Guy.

- Conheço o melhor lugar – ele garante. - E é apenas um par de minutos daqui.

- Não há lugar a um par de minutos daqui. – Willow objeta enquanto atravessam a rua.

- Isso demonstra o pouco que você sabe. - diz Guy ao virar da esquina, parando frente a um bar de aspecto antiquado. Abre a porta com o ombro. - Dois sanduíches de bacon, ovo e queijo para levar. – Pede ao menino que está atrás do balcão. – Nós os comeremos no parque, em um banco ou algo assim.

- Está bastante bom. - Willow diz dando uma mordida no seu sanduíche, alguns minutos mais tarde.

- Você nunca comeu um sanduíche de bacon, ovos e queijo? - Guy não pode acreditar. - É o remédio perfeito para a ressaca.

- Sim, bem, é que eu nunca tive uma ressaca.

- E as rodadas de chope com as amigas? - Guy a olha com desconfiança enquanto entram no parque. - Passando do banco, eu conheço um lugar melhor.

- Se você se lembra, eu disse que vomitei depois da rodada de chopes, não tive ressaca – diz Willow enquanto o segue pelo parque. - E se você quer a verdade, foi a única vez que fiz algo assim.

- Aqui está ótimo. - diz Guy. Eles se sentam em cima de uma pequena colina, sob um castanheiro japonês, apoiando as costas no tronco da árvore. É um lugar particularmente bonito, na sombra, rodeado por flores e com vista para um lago artificial. - E você ainda tem contato com uma de suas velhas amigas? Ou seja, o que aconteceu com a menina dos chopes?

Guy muda a posição para estar mais cômodo. Willow pode sentir cada movimento que ele faz. Ele estica as pernas e empurra as dele, como se por um momento, estivessem unidos pelo quadril.

A primeira reação de Willow é ira para longe, para dar mais espaço. Mas um segundo depois, se inclina para trás e deixa o pé morto, apoiada contra ele. Guy não parece perceber. Por quê? Embora o contato seja muito sutil, especialmente depois do que aconteceu no sofá, Willow é muito sensível a cada toque do seu corpo contra o dele.

- Não, a verdade é que eu não falo com minhas velhas amigas. – diz, um pouco mais tarde. - Com Markie, a menina da rodada de chopes, eu não tenho falado há meses. – Willow acaba o sanduíche e faz uma bola com o papel.

- Não sente falta dela?

- Bem, sim, mas... - Willow pensa nas conversas telefônicas que só ia ter com Markie. Se perguntou o que Markie pensaria de Guy e imagina as duas falando sobre ele. É uma pena que ela não ligará. - Você sabe por que eu não ligo para as minhas velhas amigas? – Willow se volta para Guy. - Eu não posso, porque é muito doloroso. No começo eu pensei que o problema era por que não poderiam entender minha situação. Vê-las com os seus pais fazendo as mesmas coisas de sempre, em suma, é muito difícil. No começo parece que as coisas são as mesmas, mas depois no final do dia, elas retornam para suas vidas como de costume, ao mundo que sempre conheceram, e eu ainda estou preso no meu, neste novo mundo que acordei. Eu sou como uma turista em suas vidas. – Nervosa, começa a dividir o papel do sanduíche em pedaços.

Guy pega os papéis de sua mão suavemente, e joga em uma lata de lixo nas proximidades.

- Você diz que eu estou errada com relação ao meu irmão - continua Willow. - Mas é em parte é por isso que eu sei que tenho razão. Não faço nada a não ser lembrar como era sua vida. Nunca poderá se livrar disso, mesmo que por cinco minutos. Invadiu seu mundo. Toda vez que me vê, sabe que algo mudou para sempre. – Ela faz uma pausa. - Desculpe. Você me faz uma pergunta simples e eu... Olha, não quero falar sobre essas coisas. Me faz um favor, ok?

- O clima de Kuala Lumpur? - Guy levanta as sobrancelhas.

- Bem, seja o que for, não importa.

- Tudo bem... Você sabe o que eu estava fazendo quando você me chamou?

- Mmm... - Willow pensa sobre isso. - Assistindo o jogo?

- Que jogo? Guy pergunta confuso.

- Eu não sei, não faz algo de esporte?

- Refere-se à Major League Baseball?

- Por exemplo.

- Está a cerca de dez dias de antecedência.

- Ok, então, o que você estava fazendo?

- Eu estava lendo *A tempestade*.

- Ah. – Willow fica pensativa. – E... – começa.

- Talvez você esteja parcialmente certa. - reconhece Guy. - É melhor do que *Macbeth*.

- Eu te disse!

- Eu disse que teria uma parte de razão. Você não pode compará-los porque eles são muito diferentes. Quero dizer, que *A Tempestade* é romântico e mágico... Ei! Olhe isso! - Guy interrompe. - Olhe, na lagoa.

- O quê? - Willow segue seu olhar, mas não vê o que o interessa tanto, só há um homem saindo do barco.

- À esquerda, logo ali. - diz Guy. Está animado. - Supõe-se que tenho que devolver, eu sei por que eu aluguei um barco um par de vezes. É muito caro, mas esse cara está deixando lá! Venha. - Ele se levanta, pega a mão de Willow e a arrasta atrás dele colina abaixo.

- Você sabe o que está fazendo? – diz Willow quando Guy entra no barco.

- Desculpa. - Guy olha para ela. - Eu saio para remar no rio três vezes por semana. Você acha que eu não posso remar em uma lagoa?

- Se é o que você diz. - Willow responde com um encolher de ombros. Em seguida, monta no barco com cuidado e se senta quando ele pega os remos e vai para o centro da lagoa. - Então, Andy e você conseguiram abaixar os três minutos, ou o tempo que for? – não me recordo - da marca de vocês?

- Você quer dizer dez segundos. - Guy segue remando. – Fizemos os 2500 em oito minutos e doze segundos agora. Se baixarmos para três minutos estaríamos quebrando o recorde mundial, com uma boa margem. Enfim, eu não acho que vamos melhorar os oito e doze. Andy não tenta também e eu não me importo o suficiente. Só faço remo porque gosto de ir para o rio de manhã cedo.

Willow observa a habilidade de Guy ao remar. Há algo calmante e hipnótico em seus movimentos. Não pode tirar o olhar do suave vai e vem de seus braços fortes e um pouco bronzeados.

Mergulha a mão na água e deixa que o movimento do barco a arraste, formando uma pequena onda. Talvez seja por quão destroçada estava ontem à noite, ou talvez, o som suave dos remos na água. Willow não sabe e não importa. A única coisa que está certa é da paz interior que sente em seu interior, de que se sente melhor do que tem se sentido em dias ou mesmo em semanas. Olha para Guy os olhos semicerrados e a última coisa que você vê antes de adormecer é o seu sorriso.

CAPÍTULO ONZE

- Olhe agora, aquela parece um coelho.

- Você está louco? - Willow vira a cabeça para olhar Guy que está esticado junto à ela na grama, olhando as nuvens. – Se parece alguma coisa, seria um cisne.

- Você sim que está louca, olha. – Ele gesticula em direção ao céu. - Não vê as orelhas?

- Esse é o pescoço.

- Orelhas.

- Olha. - Willow vira e apóia a cabeça em suas mãos. - Eu não sei como te dizer, mas eu acho que você tem um problema sério.

- Oh, sim? Por quê?

- Você sabe qual é o teste de Rorschach? Deve ter lido sobre o assunto. É um teste em que um psiquiatra lhe mostra algumas manchas de tinta.

- Ah, sim. - Guy se põe de lado para olhá-la.

- Ok, então a coisa funciona, mas a maioria das pessoas olha para um dos pontos de tinta e dizem que se parece com uma casa ou algo assim, mas há pessoas que dizem parece... Eu não sei, uma aranha...

- Ou um coelho.

- Exatamente! E essas pessoas são diagnosticadas com algum tipo de loucura.

- O que você quer dizer?

- Bem, isso de pensar que uma nuvem parece um coelho... Não pode ser bom sinal.

- Talvez pensar que seja um cisne seja mais preocupante. - diz ele com um bocejo e cai novamente de costas. - Bem, como anda os deveres que deveria estar fazendo agora?

- Por favor, não me lembre. – resmunga Willow. Na parte da manhã, quando havia decidido não ir para a escola, realmente tinha a intenção de passar o dia olhando o exame francês ou o trabalho. A última coisa que esperava era para passar o dia no parque com Guy. Mas nas três horas que se passaram desde o café da manhã, a coisa mais complicada que eles fizeram foi remar, dar uma longa caminhada e sentar-se na grama para conversar.

Willow sabe que não deveria estar fazendo isso, mas não pode parar.

Porque, embora ainda não tenha conseguido processar o que aconteceu na noite anterior, e está muito atrasada com o trabalho, não sente a necessidade de fazer outra coisa senão estar ali sentada conversando com ele. A menina que matou seus pais, a menina que se corta, esta menina está a milhares de quilômetros de distância. Aqui e agora, Willow é simplesmente uma garota passando o dia no parque com um garoto.

- Bem. - Guy a cutuca. - Vamos, me diga.

- Eu estou super atrasada naquela classe que todo mundo gosta, Mitos e idiotas, ou o que quer que se chame. - Willow disse puxando uma folha de grama. - Eu tenho muita coisa para ler e já deveria ter começado a escrever o trabalho. – Tenta usar a grama como um apito. - Por que não funciona? Eu achei que podia usar a grama como um apito ou algo assim.

- Mitos e idiotas? - Guy ri. - Tudo bem, Andy gostaria. E sim, se pode assobiar com uma lâmina de grama, mas eu não tenho feito isso desde que tinha cinco anos, portanto, não me pergunte.

- Você é de uma grande ajuda. - Willow solta a grama, que sai voando com o ar. – Sabe do que acha que tenho que escrever? Sobre Deméter e

Perséfone, a perda e a redenção, e depois quando Perséfone vai para o inferno, eles estão mortos um para o outro. Ou seja, isso deve ser muito fácil para mim. O mais certo é que eu seja a única da classe, com experiência no campo, certo? – Willow faz uma pequena pausa. - Embora, você sabe o quê? Não se trata da perda, mas sobre o renascimento, e conseguem voltar a se unir...

- Você escolheu o tema? - Guy parece surpreso.

- Não... Qual é seu nome? Adams. Ele me instruiu.

- Sim, bem, toda uma amostra de sensibilidade da sua parte.

- Bem, provavelmente não sabe mesmo o que estava fazendo.

- Aparentemente, não. - Guy vira a cabeça e a olha atentamente - Olha, se realmente está te custando tanto, então talvez eu possa te ajudar. Eu devo ter as minhas anotações em alguma parte. Se as consultar, deve encontrar por onde começar. - Ele se vira e observa as nuvens.

- Obrigada. - Willow disse. – O que... O que você está fazendo? - Guy está esticado de costas, observando as nuvens acima, mas com os braços levantados, estendidos. Os move como se quisesse...

- O que você acha?

- Hmm, se eu tivesse que adivinhar, diria que você está tentando direcionar o tráfego ou uma orquestra.

- Quase, quase. Na verdade, estou tentando mover as nuvens para deixá-las mais perto umas das outras. – diz, com convicção. - Você vê aquela que parece um coelho, certo, um cisne, e a que parece um bolo de aniversário? Então, as estou aproximando.

- Tudo bem. - Willow se senta. - Eu lhe disse que ver um coelho não era um bom sinal, mas é claro que você ficou maluco, isso é precisamente...

- Você viu? – Guy a interrompe. - Eu as movi, você não pode negar! E relaxe, eu não estou louco. Eu estou usando uma arte antiga e respeitada.

- Hã?

- É do *Manual de magia para garotos*, fora de catálogo desde 1878, eu o comprei no centro. Este é o truque número dezenove. Como controlar o tempo e deixar seus amigos boquiabertos no piquenique.

- Piquenique?

- Como eu disse, está fora de catálogo desde 1878. Além disso, é Inglês. Está cheio de referências a coisas como convites em jardim, ou jogos de cricket, ou como se comportar ao fazer truques para os mais velhos.

- Aaah... E você ... Você comprou recentemente?

- Eu comprei quando eu tinha doze anos. - diz Guy - E, bem, me dá um pouco de vergonha, mas eu realmente acreditava em todas essas coisas sobre feitiços para controlar o clima. Olha! Você já viu isso! Eu te disse, estou movendo as nuvens.

Ele olha para ela com uma expressão triunfante no rosto.

- Por favor. - Willow nem se incomodou em olhar para o céu. - É o vento. Na última hora aumentou mais do que o ar frio. - Deita no grama. - *Manual de magia para garotos*? Soa como algo que aquele seu professor teria gostado.

- Tenho certeza que algum parente distante seu que escreveu. - respondeu Guy, mas ainda está totalmente focado no céu. - Na verdade, acho que foi o último livro que eu comprei antes de morar em Kuala Lumpur.

- Eu imagino que iria ajudá-lo a encarar todos aqueles garotos britânicos. - Willow diz enquanto o olha. Ele é muito mais interessante do que as nuvens. Se perguntava como ele devia ser aos doze anos.

- Talvez, se nós vivêssemos uma centena de anos atrás, e se eu tivesse aprendido alguns truques. Mas a única mágica que eu consegui fazer na minha vida são os jogos típicos de mãos com o baralho de cartas que não fazem nada além de colocar seus amigos aos nervos em piqueniques. - Guy faz uma careta. - A verdade é que não havia pensado no livro desde então. Em seguida me entediei dele, mas ao ler *A Tempestade* me acordei. Você se lembra como Prospero evoca uma tempestade? Olha! Você não olhando! - Lhe dá um pequeno empurrão. - Olha, por que você não acredita? É claro que o livro não era de mentira, mas eu era muito jovem para entender o

quão difícil é controlar o tempo. Sério, as nuvens estão se movendo, haverá uma tempestade. - Ele pára e a olha. – Você vê? Tal como Próspero.

- Você não se parece nada com Próspero! - Willow protesta. - Se eu tenho a dizer alguém, você se parece...

Bem, é exatamente como Ferdinand.

Willow pára para pensar em quão certo é isso. Claro que ele é como Ferdinand: é o herói romântico perfeito. Também recorda as palavras que Miranda pronuncia quando vê pela primeira vez Ferdinand:

Ó, admirável mundo novo que possui gente assim...

Ao contrário de Miranda, Willow está em um novo mundo, e mesmo que nunca tenha escolhido estar aqui, ela fica surpresa por ter encontrado alguém tão incrível nele.

- Ouça. - diz Guy, interrompendo seus pensamentos. - Acho que vai realmente chover. Deveríamos deixar o parque. A menos que você queira ficar. Não é ruim que pegue a tempestade ao ar livre, deveria ver os raios caindo sobre o rio.

- Não. - diz Willow bruscamente - Eu odeio a chuva.

- Não! Não diga isso! - Guy parece realmente chateado. - Então, esta é realmente uma categoria importante: aqueles que apreciam o quão genial é a chuva e as pessoas que ficam uma pilha de nervos só porque o tráfego fica fatal. Por favor, não me diga que você odeia a chuva.

- Antes me encantava. - Willow começa a lembrar de todas as vezes que, em casa, passava horas numa poltrona com um livro, enquanto a chuva tamborilava contra as janelas.

- Então por que não... ?

- Aquela noite estava chovendo. - diz Willow repente. - Embora não parecia que fosse chover. E foi uma bela chuva, como a que você está descrevendo. Uma chuva torrencial. Eu sempre me perguntei o que teria acontecido se o tempo tivesse um pouco melhor. – Ela não quer continuar a explicar. Certamente ele já entendeu a que ela se refere.

- Mas por que você estava dirigindo? - Guy imediatamente compreende a referência. Ele se aproxima e pega a mão dela. - Não estou entendendo. Você me disse que nem sequer tinha habilitação, e o tempo estava tão ruim. O que estava acontecendo?

- Nada. Nada aconteceu. O que você quer dizer? Tínhamos saído. Meus pais queriam beber. — Willow dá de ombros. - Eu fiz uma coisa horrível. Não há nenhuma maneira... Ontem à noite eu tive uma... Cena com meu irmão. A luta. Você sabe como começou? Nós encontramos um amigo de David, que perguntou sobre os nossos pais, e David não disse nada. Ele não podia dizer nada. Não pode enfrentar o que eu fiz. Não pode enfrentar o que eu sou.

- Talvez ele não quisesse entrar no assunto. Talvez ele estivesse tentando te proteger. Salvar de ter de ouvir esses tipos de perguntas.

Willow olha para ele sem falar, considerando esta possibilidade um momento antes de rejeitá-la como impossível.

- Talvez devêssemos abandonar o parque. - diz Guy quando começa a chover. Se levanta, puxando a mãe de Willow para que ela se levante também. - Quer voltar para sua casa ou vamos comer alguma coisa? Eu diria para ir à minha, mas minha mãe vai estar lá e perguntar o que eu faço em casa no meio do dia. Ela é uma pintora. - ele acrescenta. — Por isso trabalha em casa.

- Eu ainda não tenho fome. - diz Willow. - E minha casa é longe demais. — Aceleraram o passo para evitar a chuva, mas parece uma batalha perdida.

- Você sabe onde poderíamos ir? - Guy diz que de repente. - Nós poderíamos... - Mas não consegue terminar, e tão pouco pode olhá-la nos olhos enquanto saem do parque apressadamente e atravessam a rua.

Willow está segura de que sabe no que Guy está pensando. É o lugar, mas obvio, apenas a uma rua, gratuito se você é um estudante, um lugar fascinante e, infelizmente para ela, cheio de memórias.

Poderiam ir para o museu. Aquele no qual Guy esteve para a conferência dos pais de Willow, o mesmo em que ela foi um milhão de vezes.

— Você ia dizer o museu, certo? É uma boa idéia, vamos. — Lhe dá um puxão na sua manga.

— Tem certeza? — Pergunta preocupado.

— Não, mas vamos de qualquer maneira, — diz Willow enquanto soa um trovão. Chove muito, é uma loucura ficar na rua e o museu é de longe a melhor opção.

— Tudo bem.

Correm tão rápido como podem pela rua e sobem as escadas do museu.

—Estou encharcada! — Willow sacode a cabeça e caem gotas de água ao seu redor.

Guy também esta respingando ao seu lado no chão de mármore.

— Tenho uma camiseta que deixei no outro dia na mochila, — diz Guy, — Podemos usá-la como toalha.

—Sim, por favor. — Não acaba dizer estas palavras para notar como Guy começa a esfregar-la vigorosamente com o moletom. —Oh, para! — Willow ri. — Não tão forte!

— Você não quer secar?

— Sim, mas eu não sou um cachorro!

— Não seria tão...

— Shh! — Um guarda de segurança chama-lhes a atenção a atenção.

Willow parar de rir, não por causa da chamada de atenção do guarda, mas sim porque, de repente, se deu conta de onde ela está. Olha ao seu redor lentamente, verifica como se sente. Será como na livraria? No entanto, ao ver ao redor do grande vestíbulo de mármore não está experimentando nenhuma das sensações que a invadiram na livraria. Talvez porque, ao contrário da livraria, o museu é totalmente diferente do que se lembrava. Willow nunca tinha visitado no período da tarde durante a semana. Está quase vazio. Não é que nunca chegou a vê-lo muito cheio, mas agora parecem tem todo o lugar só para eles. Talvez seja porque aqui tem muitas memórias que não estão conectados com os seus pais, já que já esteve ali muitas vezes sem eles.

Ou talvez seja porque agora não está sozinha.

— Bem, o que você que fazer? — Guy diz enquanto acaba de se secar. — O que você gostaria de ver?

— Esqueça agora do que eu gostaria para mim, — Responde Willow enquanto se dirigem até as escadas. — Sei exatamente o que você gostaria de ver. Os dinossauros, certo?

— Você pegou de primeira.

Andam pelos amplos corredores, passando junto as salas cheias de ornamentos de jade e máscaras tribais, o auditório onde seus pais davam conferências até chegar finalmente na exposição de dinossauros.

— Estes são os meus favoritos, — diz Guy caminhando com determinação em direção a um par de ornitomímidos*.

(http://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Struthiomimus_altus_jconway.jpg)

Inclina-se sobre a corda de veludo, e por um segundo, Willow acha que ele vai acariciá-lo.

— Não toque — um guarda chato os adverte.

— Como se eu fosse fazer isso, — Guy murmura baixinho. — Acho que sou capaz de

Entende-lo a partir dessa perspectiva. — Se põe reto e se vira para Willow. — Tenho estado os finais de semana e sempre está cheio de crianças pequenas. Você deve vê-los, eles só faltam escalar qualquer uma dessas coisas, especialmente o Tiranossauro Rex. Os deixam loucos. — Cruza a sala para examinar outro esqueleto. Willow deixa escapar-lhe um pequeno sorriso. Pelo que pode ver, ele não é tão diferente das crianças de cinco anos, a não ser, no que se refere aos dinossauros.

— Bem. — Guy para de mirar um maxilar reconstruído e olha Willow. — Aonde vamos agora? Qual é a sua exposição preferida? Espere, não me diga Acho que posso adivinhar, me dê um segundo. Ok, você provavelmente deve gostar as gemas e minerais, não é? Não estou me referindo as coisas de luxo, as jóias da coroa ou o que quer que seja, isso é formal demais para você. Refiro-me às pedras semi-preciosas, as pedras de ametista e topázio.

— Você estava certo, — diz Willow. Na verdade, os grandes cristais dourados e violetas com brilho peculiar que tem estão entre as coisas que mais gosta do museu. Não a surpreende que o adivinhou, não depois de tudo o que têm compartilhado. Mesmo assim, isso de que pode acertar na mosca tão facilmente sobre o que ela quer e deseja a faz se sentir um pouco desconfortável. De repente volta a sentir-se a ambivalência que a invadiu

nesta mesma manhã. Se afasta alguns passos de distância dele retorcendo as mãos e pensa. Não é que se envergonhe, como antes. Que ele a conheça tão bem não é ruim, muito pelo contrário. O vínculo que forjaram é o único positivo que há em sua vida. É melhor que Guy saiba tudo sobre ela. Sabe das coisas mais terríveis, e estar na frente dele, Willow não pode deixar de sentir incrivelmente vulnerável.

— Bem, o que você me diz? Quer ir para baixo?

— Você sabe tudo sobre mim, — Solta Willow. Guy olha para ela surpreso e ela percebe que o que está dizendo não faz sentido, que pelo que ele sabe, acaba de dizer isso sem motivo algum. — O que quero dizer é que não só sabe que queria ver a ametista... — A voz dela quebra, não sabe como continuar.

— Bem, você sabia que eu queria ver os dinossauros, não entendo...

— É diferente, — Willow lhe interrompe. — Você é um cara, você está programado para gostar dos dinossauros.

— Sabe? Si eu tivesse dito que queria ver a ametista, porque você está programada para gostar de jóias estaria dizendo que sou um machista...

— Você não entendeu, — diz Willow exaltada. — Quero dizer que você sabe o pior de mim e eu... Não sei o mesmo sobre você. Eu sei tudo de bom, mas... Não sei o que lhe dá vergonha, eu não sei se existe alguma coisa em você que não quer mostrar aos outros.

— Oh... — Guy parece bastante surpreso com a volta que conversação tomou.

— Não importa, — ela murmura depois de um segundo. — Olha, vamos ver as pedras preciosas e está feito. — Puxa-lhe a mão. — Vamos, esqueça o que eu disse.

Mas a Willow está custando esquecer. E infelizmente, levá-la pela mão não está fazendo as coisas mais fáceis. Com qualquer outra pessoa segurar as mãos seria a coisa mais inocente do mundo, mas com Guy não é o caso. Suas mãos, bonitas e grandes, que curaram as suas feridas, só a recordam que ele sabe o seu pior segredo.

— Aqui estamos — Diz quando os dois entram na sala de gemas e minerais. Tal como na exposição dos dinossauros, estão sozinhos. Não há sequer um guarda de segurança, provavelmente porque tudo aqui é mantido

em vitrines. A sala não tem janelas, é um sótão. Mas o lugar está iluminado por luz artificial e o pelo brilho peculiar das jóias. Esse brilho fantasmagórico e as formas irregulares tomadas pelos cristais sempre fizeram Willow imaginar que estava caminhando na superfície da lua.

— Sabe? Eu acho que há uma enorme ostra em algum lugar. Talvez você não goste, mas eu acho que é fascinante. Continha a maior pérola natural que já se foi encontrada. Não me lembro o quanto pesava, mas... Espere um segundo, está ali, se bem me lembro...

Willow percebe que esta gaguejando, mas não sabe mais o que fazer. Tudo o que disse quando estavam em cima esta no ar, e Willow deseja desesperadamente poder voltar a brincar amigavelmente como fizeram no parque.

— O que você acha? — Pergunta a Guy com um entusiasmo falso quando param diante da ostra.

— Eu não acho que, bem... Não acho que haja nada que me envergonhe, — diz Guy ignorando completamente a ostra e voltando-se para olhar para ela. — Não sinto que tenha feito algo que deva ocultar dos demais. Nada que não seja completamente trivial. Provavelmente tenha colado em algum exame de álgebra quando eu estava no oitavo ou algo assim.

— Oh, — Willow diz fracamente.

— O que quero dizer é que não há nada de particularmente que me de medo que outros descubram. — Guy continua, — As coisas não são assim para mim. O que acontece comigo é que não suportaria que meus amigos, até Adrian, saibam o que está dentro de mim a maior parte do tempo. Faz uma pausa e olha para os olhos de Willow. Ela percebe que, apesar de toda a força que Guy tem, é tão vulnerável como ela.

— Você vê, eu... Bem, acho que é a melhor maneira de descrever como me sinto. É que eu tenho medo, tenho muito medo. E eu sei que no fundo muitas pessoas também têm, mas ainda assim... Isto é, eu sei que Laurie também te diria que ela tem medo. Tem medo de que não a aceitem na universidade adequada, ou de que Adrian e ela tenham que ir para universidades diferentes. E não estou dizendo que esses medos não são reais para ela, mas o meu é algo diferente. O que me assusta é entrar na faculdade adequada, conseguir um bom trabalho adequado e que para os outros, tudo pareça ir perfeitamente, mas, ao contrário, não fazer nem pensar nada excepcional. E apesar de minha vida esteja boa na superfície, eu saberei que falhei, e não em algo pouco importante como os estudos, e sim na vida. —

Para de falar um segundo.

— Continue — diz Willow, apertando sua mão.

— Ok, lembra daquele dia, no depósito da biblioteca, quando me explicava como é o trabalho de campo?

— Sim — Willow concorda.

— Bem, estávamos brincando e já sei que te parecerá um pequeno exemplo, mas eu lhe disse que talvez a mim tampouco goste o trabalho de campo porque eu gosto de das minhas boas chuveiradas. Bem, às vezes eu me preocupo que toda a minha vida esteja baseada no que é confortável e fácil. Preocupa-me colocar muito esforço no que me faz sentir bem e nunca arriscar para conseguir nada. E me preocupa arriscar e ainda assim não conseguir nada. — Willow não diz nada. Esta muito ocupada pensando sobre tudo o que ele acabou de dizer e não consegue entender por que agora que ele se expôs totalmente, se fez totalmente vulnerável, só parece-lhe mais forte. — Mas estes últimos dias e já não me preocupo muito por isso, — diz Guy. — Acho que o que me assusta agora é não ser capaz de te proteger. — Willow olha para ele. Não sabe muito bem como responder a isto tão maravilhoso que acabou de lhe dizer. Aperta a sua mão com mais força e percebe que ele está se aproximando lentamente, muito lentamente. Se sente como se os dois estivessem de baixo da água, e sabe que ele vai beijá-la.

— Caham — O guarda de segurança limpa a garganta e os dois dão um pulo de susto. Guy esboça um meio sorriso. Embora Willow desejasse que Guy a beijasse se sente um pouco aliviada em saber que o guarda de segurança tenha o evitado. Seu coração bater com mais força do medo e de pensar em como se sentiria se a tivesse beijado. Porque agora é ela que tem medo, muito medo. E não dele, mas sim dela mesma, ou melhor, do que está sentindo por ele.

Você não sabe? Bem, você não sabia que as coisas iriam acabar assim?

Deveria ter previsto. Desde a primeira vez que falaram na biblioteca, que ela lhe falou de uma forma que nunca tinha falado a ninguém, não podia ver, então, que isso ia acontecer? Ela, no entanto, tentou evitar. No primeiro dia, quando ele queria acompanhar-la até a sua casa, ela tentou tira-lo de perto. O que aconteceu com a sua resolução? Não devia ter o chamado a noite. Não pode acreditar que passou tanto tempo com ele,

descobrimo coisas sobre ele, que praticamente implorou-lhe para dizer-lhe os segredos mais profundos de sua alma. E acima de tudo, não pode acreditar que o deixou chegar ao seu interior e que signifique muito para ela. Willow sabe que, faz um ano, se o tivesse encontrado em uma situação assim, com um cara assim, teria se sentido incrivelmente afortunada, mas ela não tem nada haver com a menina de um ano atrás.

É absolutamente surpreendente que o seu novo mundo — que é tudo menos admirável — possua uma pessoa assim. Mas, infelizmente para Willow, ela não pode dar-se ao luxo de sentir por ele o mesmo que quando vivia no seu antigo mundo. O silêncio entre os dois está se tornando violento. Willow sabe que Guy espera que seja ela que lhe diga alguma coisa primeiro. Que está esperando uma resposta para as coisas que lhe disse e, mais ainda, talvez esteja esperando uma resposta a sua tentativa de beijá-la. Ela deveria dizer algo, relacionado a este presente que a está oferecendo, mas não pode. Não pode dizer que se emocionou porque não se permitirá emocionar-se. Não pode dizer-lhe que se importa porque está fazendo tudo o que pode para não se importar. Willow não sabe o que fazer. Necessidade fugir dele, fugir antes que as coisas se compliquem, mas não sei como sair disso. Não sabe como ignorar o pedido que ele tem escrito no rosto.

— O que quer que seja parou de chover. Deveria ir para casa e ver se consigo avançar algo do trabalho — É o que Willow resolve dizer. Pela mudança de expressão de Guy, — Parece que lhe deram uma bofetada — Juraria que é o pior que poderia ter-lhe ocorrido.

— O trabalho? — Diz Guy como se não pudesse acreditar. — Esta brincando? Essa é a sua resposta? Ok. — Afasta-se dela e a empurra. Ao contrário de antes, é claro que não vê o momento de perdê-la de vista. — Ok, faça o que quiser. Eu acho que vou para a biblioteca para ver se eu também posso avançar no trabalho. — Fala com frieza e Willow se da conta que Guy está ferido e confuso.

— Te acompanho. — Diz-lhe sem pensar. Agora Guy está mais confuso do que nunca. E como não ia estar? Deve parecer uma louca depois de como o rejeitou. Mas Willow ainda não se sente com força para separar-se dele. E não pode suportar deixá-lo com aquela expressão no rosto.

— Como quiser — Diz-lhe Guy casualmente. — Vem, vamos embora daqui.

Parou de chover. O sol volta a brilhar de novo e corre uma brisa ligeira, mas Willow e Guy estão completamente alheios ao maravilhoso dia

que esta fazendo. Nenhum dos dois diz uma palavra no caminho à biblioteca.

— Bem, eu ia ao depósito, como sempre. Quer vir? — Guy não a olha quando diz isso e Willow não entende porque ele se preocupa em perguntar. Se a situação fosse invertida, ela não acredita que teria o cuidado de falar novamente. Talvez Guy, como ela, note que algo está pendente no ar.

— Ok. — Willow concorda.

Caminham em silêncio através do campus até a biblioteca. Depois de mostrar as carteiras de identidade a Carlos sobem no elevador até o décimo primeiro andar. Como de costume, sozinhos. Guy aperta o interruptor de luz e Willow fecha os olhos deslumbrada.

— Não pense que o que você me disse me deixou indiferente — Diz de repente, pegando o seu pulso e se aproximando. — Não é que não queria que me você me beijasse. É que não posso permitir que me beije. Não entenderá, não posso permitir isso a mim mesma. — Guy solta o seu braço e coloca as mãos em seus ombros.

— Tem razão — Lhe diz, — Não compreendo. — Mas na sua voz não a mais nenhuma frieza.

— Quero te dizer algo. Vou te dizer algo — corrige Willow. Tomou uma decisão.

Ele tem feito muito por ela e deve-lhe dar algo em troca. Pegas as suas duas mãos. — Venha, venha para um lugar onde, pelo menos, estejamos confortáveis. — Caminha com ele para o lugar onde eles estavam falando sobre a conferência de seu pai.

— Eu vou te dizer algo, — Willow repete. Senta-se com as pernas cruzadas e estica o braço para que se sente junto a ela, perto, tão junto como se estivessem unidos do ombro ao quadril.

— Eu estou ouvindo.

Guy parece ter suas reservas, mas escuta com atenção.

— Tudo bem. — Willow respira fundo. — Após o acidente, passei uma semana no hospital. Eu não tinha nada, mas você já sabe, fiquei em observação ou algo assim. Em suma, a única coisa boa é de estar ali era que estava tão sedada que não percebia o que estava acontecendo na realidade.

Bem, eu sabia, tudo bem, mas não estava ciente disso. Estava consciente apenas duas ou três horas por dia. O resto, dormia. — Faz uma pausa para ordenar seus pensamentos.

— Então, David e Cathy vieram para me pegar. Claro, tinham visitando o tempo todo, mas tinham vindo para me levar pra casa, pra a sua casa. Obviamente eu tive que ir viver com eles, eu não poderia voltar e morar sozinha, e David não quis deixar a cidade. Arranjou tudo para que pudesse terminar o curso enviando trabalhos extras e outras coisas. Era bastante avançada na maioria das classes e, enfim, e no meu antigo colégio as aulas acabavam em meados de maio, assim que só faltavam cerca de oito semanas. — Willow para de falar. Sabe o que vai dizer, mas é muito difícil de explicar algo que nunca antes falou com ninguém. — Foi terrível depois do hospital. O hospital era eu não sei, como viver em um inconsciência de tudo. Mas estar com David e Cathy, sem sedação ou pílulas para dormir era um pesadelo. Eu estava em um torpor o tempo todo, mas não pelas drogas, mas porque eu finalmente estava consciente do que tinha feito. Ou seja, eu entendi o que tinha acontecido, percebi realmente, mas não sentia dor, não naquele momento. Acho que ainda estava em choque. Depois de uma semana passar o dia todo em um roupão e dormir, David decidiu que queria ir para casa para buscar os livros de nossos pais para trazê-los para o apartamento. Você pode imaginar que a nossa casa está cheia de livros: eu estou falando de milhares e milhares.

Quando David chegou em casa me deu uma chave de fenda para desmontar uma antiga estante que tinha no porão, enquanto ele estava ocupado com uma que estava no primeiro andar. Agora que eu penso não tem sentido. Ou seja, nem mesmo há espaço para tantos livros no apartamento e, para que tinha de desmontar uma estante velha e surrada? Por que não o empacotar os livros? Você sabe o que eu acho que estava acontecendo? Eu acredito que, para David, destruir as prateleiras era como para os gregos como rasgar as roupas e arrancar seus cabelos no luto. Eu acho que a coisa ia por aí, mas a verdade é que nós não tivemos muito sucesso em nossa empreitada. O fato é que eu estava lá embaixo no porão com uma chave de fenda. Esta ferramenta e eu nunca fomos bons amigos, é como escalar o Monte Everest em sapatos de saltos, coisas que não combinam. E de repente, eu não sei, talvez tenha sido por estar de volta a casa, não sei, ou o quanto esses livros significam para os meus pais e o fato de que eu estava prestes a desmontar a coleção, mas, de repente, comecei a entender. Não me refiro a pensar sobre isso, mas sim a compreender, a assimilar. Foi como se de repente tive uma enorme dor batendo às portas de minha consciência: um sentimento arrebatador, extremo, e sabia que se deixar-se ir, eu entraria em colapso. E então, justamente quando pensava que não tinha controle sobre o que aconteceria, eu percebi duas coisas: primeiro que a dor emocional estava desaparecendo e que ia, não ia

consumir-se, e o segundo era que eu estava pregando a chave de fenda, e estava literalmente me atacando, e que a dor física que eu estava produzindo era melhor do que qualquer um dos sedativos que me deram no hospital. Simplesmente estava conseguindo que tudo mais desaparecesse. Essa dor, essa dor física corria em minhas veias como se fosse heroína e eu fiquei paralisado, imune a outras coisas. Não conseguia sentir nada além da dor e, em seguida, eu sabia que tinha encontrado uma maneira de salvar-me. Quando você viu as feridas, você pensou que eu queria me suicidar, você pensou que todos esses cortes eram praticas para conseguir coragem antes de realizar o meu seguinte objetivo. Você não entende, não compreendeu nada. Eu estou me salvando.

Eu me ensinei, eu me treinei para não sentir nada além da dor física. Tenho um controle absoluto sobre isto. Você entende? Você entende o que isto significa?

Guy não diz nada, este pálido. Willow também está em silêncio, exausta depois de ter revelado tanto de si mesma, mas há algo mais que está acontecendo. Ali sentada, junto a ele, Willow está absolutamente consciente de cada sensação do seu corpo do aspecto que tem os seus braços com as mangas arregaçadas, da textura da pele de Guy em contato com a sua e de cada sensação que todas estas coisas despertam em sue interior. E percebe que por mais que tente evitar, por mais que tente sentir somente a dor, agora mesmo está sentindo algo mais e não há nada que queira mais do que beijá-lo. Surpreende-se que seu humor mudou tão de repente. Como poderia transformar a angústia em desejo? Talvez seja porque nunca tinha se mostrado tanto a outra pessoa. Talvez porque quer saber se sua hipótese é correta. Verdadeiramente é tão perigoso para ela sentir algo? Beijar-lhe, sentir algo por ele, apaixonasse por ele será realmente tão desastroso? Desta vez, ela é a primeira a inclinar-se. Esta ajoelhada diante dele, o pego pelo colarinho e puxa para perto dela. Ele esta claramente mais surpreso do que ela por tudo isso, mas se deixa levar. Seus lábios se encontram, ela chega ainda mais perto até sentar em seu colo, pega as mãos, que ele tinha colocado em seus quadris, e as coloca em seus seios. Só lhe falta devorá-lo, no seu desespero para ver se pode ter alguma coisa na vida além de sua dependência pela lâmina. Willow não sabe o momento exato que este prazer extraordinário que está sentido se torna a terrível dor que tanto temia. As imagens do acidente começam a escorregar pela suas pálpebras fechadas lutando para capturar a atenção de Willow, afastá-la do rosto dele ao que ela se agarra. Um terremoto de emoções ameaça assaltá-la. De repente volta a se sentar no chão ao lado das prateleiras.

— Não posso. — Willow afasta Guy do seu lado. — Não posso!

Respira com dificuldade. Apenas percebe que Guy está de joelhos na frente dela. O painel cheio de sangue, os braços e pernas de sua mãe, quebrados, isso é tudo o que vê. Willow cobre seus ouvidos em uma vã tentativa de abafar os sons terríveis do acidente. Levanta-se em um salto, se afasta correndo para longe dele, procura o bolso da lâmina que carrega sempre com ela. Mas no momento em esta pronta para se cortar, para salvar, para acabar com estas visões de pesadelo, as mãos de Guy caem sobre as suas. A obriga a voltar a se sentar no chão.

— Não. — Guy faz um gesto firme de negação. — Não aqui. Não agora. Não na minha frente.

— Mas eu tenho que fazer. — Willow suspira, — Deixe-me sozinha. Deixe-me fazer.

Guy se coloca de joelhos à sua frente e olha solenemente.

— Tudo bem. — Diz ele finalmente. — Então o faça, mas não desta maneira, como um animal encurralado. Você terá que fazê-lo na minha frente.

—Você... Quer... — Mira-o boquiaberta. Não pode imaginar a si mesma cortando-se na frente dele. É tão íntimo que faz o seu beijo parecer um simples aperto de mão. Não pode fazer isso. Simplesmente não pode. Se senta no chão com a lâmina inutilmente pendendo de sua mão.

Mas as imagens que invadem sua cabeça não param e só há uma maneira de acabar com elas. Willow nem sequer pisca quando insere a lâmina em sua pele. Mira Guy ciente de que, mesmo estando vestida, é como se estivesse nua perante ele. Dói. Dói muito, mas em poucos segundos, a dor que flui através de seu corpo como um opiáceo*, afasta completamente tudo mais.

— Oh, meu Deus. Ó meu Deus! — Agora, Guy é ele que cobre a boca com uma mão. — Pare! Eu não posso ver! — Pega a lâmina e joga no outro extremo da sala, toma-a pelo braço e olha o sangue, pega Willow com força e a aperta contra seu peito. Willow está tão perto que voltar a sentar em seu colo. Esta tão perto que é como se respiram o mesmo ar.

—Você não vai permitir-se sentir alguma coisa que não seja a dor? — Ele aperta com mais força do que ela poderia imaginar. Willow se deixa cair sobre o peito de Guy. Agora que a lâmina fez seu trabalho já não é tão esmagador estar ali com ele. O mira com os olhos meio fechados enquanto ele limpa o sangue do braço com a camisa. Agora que está sedada, a Willow

nada lhe gostaria mais do que estar assim com ele para sempre. Mas ao invés disso faz a próxima coisa que gostaria mais. Ficam ali até que as luzes se apaguem e fiquem os dois às escuras. Ficam tanto tempo que passa a hora de chegar em casa. Simplesmente fica ali, sentada daquela maneira, todo o tempo que pode.

- Os opiáceos são substâncias derivadas do ópio.

CAPÍTULO DOZE

Willow estava certa sobre ter aperfeiçoado a técnica de fingir que prestava atenção na aula quando estava com a cabeça no mundo da lua. Sabia como mostrar que estava tomando notas em uma escala industrial quando na realidade não fazia mais que rabiscar no papel, sabia como fingir seguir a leitura do livro mesmo o tendo aberto onde não tocava e sabia como assentir sobre o que a professora dizia nos momentos certos e fazer parecer que estava escutando.

Mas, por alguma razão, essas habilidades discutíveis parecem tê-la abandonadas. Porque hoje Willow sabe que, embora esteja fisicamente na aula de francês, sua mente está muito longe de lá.

Não pode parar de pensar no que aconteceu no depósito. Não pode parar de pensar no que aconteceu com David a algumas noites e não pode parar de perguntar-se como atuará ou como deveria atuar da próxima vez que olhar Guy ou seu irmão.

Ao menos teve um tempo no que se refere ao seu irmão. Ontem à noite, quando finalmente chegou em casa temendo um enfrentamento inevitável, Cathy lhe recordou que David teve que ir a outra conferência e não voltaria até muito mais tarde. E Cathy também não mencionou a discussão. Já tinha expressado seus sentimentos na nota e Willow lhe agradecia por não voltar a falar sobre o assunto.

Willow estava certa de que, quando voltar a ver David, a situação será muito violenta, mas não tem absolutamente idéia de como serão as coisas quando voltar a ver Guy. Não existe nenhuma razão para pensar que não vai se sair bem, melhor que bem, de fato, se não fosse porque ela mesma está longe de sentir-se bem.

Willow fecha os olhos e uma torrente de imagens da tarde anterior lhe passam pela mente. É impossível pensar no dia que passaram juntos sem que seus sentimentos se misturem; foi ótimo falar com ele; jamais deveria ter explicado como começou a se cortar. Foi maravilhoso beijá-lo; foi aterrorizador beijá-lo. Foi incrível ouvi-lo falar de seus medos e esperanças; ela não é suficiente forte para enfrentar a dor de outra pessoa.

As coisas eram mais simples antes dele aparecer em sua vida. Estava o acidente de um lado e a gilete do outro. Toda sua vida girava em torno disso. Agora as coisas estão longe de serem simples.

Suspira profundamente, não pode evitar dar-se conta de que a garota que senta ao seu lado a olha de modo estranho.

Talvez só necessite de um pouco de tempo para pôr as coisas em ordem. Afinal, quem lhe disse que não vai vê-lo hoje? Já é o último horário de aula, pode ser que ele não esteja lá fora, não a chamou, ela é a que...

Um sorriso escapou de Willow. Não muito forte, mas o suficiente para que a garota que se senta ao seu lado a olhe outra vez com a cara estranha.

Mas desta vez, não se importa. Parece-lhe absurdo que, depois de tudo o que aconteceu, a primeira coisa que pensa seja “Ele deve me chamar ou

eu deveria chamá-lo?” O tipo de coisa que ela e Markie passariam horas discutindo. Por um segundo voltou a sentir-se uma garota normal.

A aula termina e Willow sai da aula com o resto de seus colegas de classe. Enquanto avança pelo corredor olha aos lados entre aliviada e decepcionada de não vê-lo por ali.

Bom, você queria um momento para pensar, não?

Há um monte de estudantes indo de lá pra cá na entrada do instituto, mas novamente Guy não está em nenhuma parte. Entretanto, Willow vê Chloe e Laurie e se aproxima delas.

— Bom, o que acha? — Laurie sorri para Willow girando sobre um de seus calcanhares.

Willow está confusa até que se dá conta de que ela está pedindo sua opinião sobre os novos sapatos.

— Oh, são ótimos! — disse Willow com admiração — E adorei a cor.

— Verdade? Não posso acreditar que sobrou um par do meu tamanho. E são muito confortáveis.

— Tinha que ter vindo conosco. — disse Chloe — Tinha um montão de coisas ótimas com preços baixos. Eu comprei dois pares, mas hoje não os coloquei — acrescentou quando Willow olhou seus pés.

— O que comprou?

— Os mesmos que Laurie, embora eu tenha lhe prometido que não os colocarei até o ano que vem, pois iremos a faculdades diferentes. — Chloe faz cara de pena — É outro par que são mais para ir à festa do que para usá-los no instituto, mas são incríveis. Negros. Super altos. De tiras.

— Íamos até o parque. — disse Laurie — Não temos dinheiro para fazer mais. Gostaria de vir conosco hoje?

— Sim, claro. — responde Willow alguns segundos mais tarde. Provavelmente seja isso precisamente o que necessita. Nem cenas com seu irmão, nem ensaiar cenas de antemão, nem passar o tempo pensando em Guy e em como acontecerão às coisas com ele. Nada mais simples que passar à tarde no parque falando de algo tão pouco emocional como sapatos. Perfeito.

— Escuta, Tem tido as práticas, aquelas para as que fez a entrevista? — perguntou Willow a Laurie enquanto cruzaram a rua e se dirigiram ao parque.

— A essa altura ainda não se deu conta do perigo que é perguntar coisas como essa? — disse Chloe afastando uma pedra do caminho com um chute.

Willow a olha sem entender nada, mas as duas garotas sorriem enquanto Laurie se lança com seu discurso sobre os prós e os contras de trabalhar por uma recomendação em lugar de por dinheiro.

— Ou seja, ficaria muito bem poder ter esse tipo de experiência. — Laurie morde os lábios com impaciência — Mas, por outro lado, gostaria de poder ter dinheiro agora mesmo. Sobretudo depois de ter gasto quase tudo o que tinha no outro dia. Embora a coisa é que nem sequer sei se me deram as práticas. Essa semana tinha que me dizer algo...

— O que pensa de Andy? — interrompe Chloe de repente.

— Quem, eu? — pergunta Willow.

— Sim, bom, já sei o que a Laurie pensa.

— E como Willow vai saber? — protesta Laurie — Se mal se conhecem!

— É verdade. — concorda Chloe — Tem uns bons braços, não é? O remo é o melhor esporte para os braços, é o que mais os desenvolve.

— Sim, claro. — Willow não lembra nada sobre os braços de Andy, mas está totalmente de acordo com Chloe. O remo realmente faz os braços incríveis. Vira-se, consciente de que nem todo mundo vai achar bonito ver que se cora — Você... Você gosta dele? — pergunta-lhe Willow depois de um momento.

— Digamos desta forma. — suspira Chloe — Agora mesmo é o único garoto que mostra interesse em mim.

— Talvez devesse lhe dar uma oportunidade. — intervém Laurie — Afinal, não o conhecemos muito mais que a Willow.

— Não é novo, verdade? — Willow franze o cenho — Quero dizer, como é que não o conhecem mais?

— Não, não é novo nem nada disso. — disse Chloe ao entrar no parque — Mas é que antes não andávamos com ele.

— Antes saia com a garota mais horrível do mundo. — acrescenta Laurie enquanto se sentam no gramado — Elizabeth não sei o que. Mas no ano passado ela saiu do instituto. — tira os sapatos e esfrega o pé com as mãos. — Não deveria tê-los usados dois dias seguidos.

— Sim, eu acho um pouco preocupante que tenha se fixado em mim depois dela. — Chloe reprime um calafrio. — Ou seja, pareço em algo com Elizabeth? — olha para Laurie.

— Sim, é igual a ela. Por isso é minha melhor amiga há três anos. Por Deus, estas bolhas estão me matando.

— Mas não acaba de nos dizer que são tão confortáveis? — Chloe arqueia uma sobrancelha.

— Confortáveis para ser de salto.

— Eu tenho esparadrapos. — oferece Willow. Põe-se a procurar em sua mochila a caixa que Guy lhe comprou.

— Está sempre tão bem preparada... — observa Chloe.

— O que quer dizer? — pergunta Willow com precaução. Passa os esparadrapos a Laurie.

— Não sei. — Chloe encolhe os ombros. — É como se sempre levasse as coisas que precisamos, como quando estávamos aqui com Andy e você tinha toalhinhas.

— Ah. — assente Willow. Pergunta-se se Chloe percebeu que leva um repertório de coisas bastante incomuns, mais que o esmalte de unha e toda a parafernália que Chloe costuma ter. Sente que se colocou em evidência, inclusive um pouco culpada, como se fosse uma viciada em heroína que tinham acabado de ser pega com sua mercadoria ilegal.

— Enfim, voltando ao Andy... Ai! — exclama Laurie ao estourar uma bolha que tem um aspecto bastante feio — Não tome nenhuma decisão

sobre ele ainda, quem sabe, talvez resulte em ser legal. Tenho certeza de que quando Adrian vier, ele trará...

— Adrian virá? — solta Willow. Não sabe por que lhe surpreende tanto. Tem sentido, é óbvio que ele e Laurie estão juntos, mas...

— Sim, tem que fazer várias coisas depois da aula e disse que nos encontraríamos aqui. — Laurie devolve os esparadrapos para Willow.

— Ah. — Willow se pergunta se Guy também vai aparecer.

— Certamente Guy virá com eles. — diz Laurie, como se pudesse ler a mente de Willow — Porque tinha que acompanhar Adrian a algum lugar.

— Tanto faz quem venha, só espero que tragam Coca-cola Light.

— Pois seria uma boa idéia, não? — Laurie olha para Willow. — Quero dizer, e não se meta comigo Chloe — diz enquanto a outra garota se dispõe a falar — Você gosta dele, certo? Não queria te chatear no outro dia, mas, vamos, conte-nos.

— Sim. — diz Willow. — Eu gosto. — Por dentro pensa o suave e pálido que soa a palavra gostar para descrever seus sentimentos. Mas, pelo muito que sente por ele, só deseja que não apareça. Esperava ter um pouco de tempo a sós para por suas idéias em ordem e não esperava que, a primeira vez que se vissem, fossem estar em companhia.

— Ele sim é alguém que vale a pena que se interesse por você. — Chloe se inclina para frente com os olhos brilhantes — Oh, não se preocupe. — toca o braço de Willow. — Faz treze anos que o conheço e... Nada. — ela dá de ombros eloqüentemente.

— Bom, não é exatamente isso que está pensando. — diz Willow — Ou seja, que só...

— Falando deles... — lhe interrompe Laurie olhando Willow de lado.

— E não trazem coca-cola light. — resmunga Chloe. — Talvez possa pedir a Andy que vá comprar em uma das barraquinhas de cachorro quente. Sempre tem uma no parque em algum lugar. Não vai demorar muito.

Willow se vira para olhar os três garotos que se aproximam.

As mãos lhe tremem um pouco e deixa a caixa de esparadrapos na grama. Maldiz entre dentes e se chateia consigo mesma por estar tão nervosa. Bom, ao menos já não tem que se perguntar como se sentirá quando ver Guy.

— Ah! Abençoados tempos aqueles em que eles faziam tudo o que lhes mandava. — Diz Laurie rindo.

— Claro, como se me comprar uma coca-cola light pudesse se comparar a todas as coisas que Adrian faz por você.

— Shh! — Laurie dá uma cotovelada em Chloe. — Se pensa que todo mundo é assim. Por favor, o estive treinando durante meses, não vá lhe dar idéias agora. — para de falar enquanto os garotos estão suficiente perto para ouvi-las.

— Me faz um favor. — diz Chloe a Andy enquanto ele se aproxima e deixa a mochila junto a ela.

Willow olha como Adrian se aproxima e beija Laurie. Antes de vê-lo pode sentir como Guy senta-se na sua frente. Deixa a caixa de esparadrapos na mochila. Não deveria haver nada estranho nisso. Ele gosta dela de verdade e, a menos que esteja equivocada, ela também gosta dele. Então, onde está o problema? Não há nada incomum nisso.

A menos que não seja porque todo o tempo que tem passado juntos tem sido o mais incomum.

— Compre uma coca-cola light para mim? — pede Chloe a Andy. — Não, duas, por favor.

— Olá — Diz Guy. Sorri. Não da mesma maneira que fazia quando estavam juntos. Não há nada especialmente íntimo nisso, mas segue sendo natural. Willow o olha. Ok, ele não se sente incomodo, assim que ela tampouco vai se sentir incomoda.

— Escuta, já que vai, me compra uma Sprite. — Laurie procura dinheiro em seus bolsos.

— Oi... — Willow começa a dizer.

— Alguém mais quer alguma coisa? — interrompe-lhe Andy ao passar entre ela e Guy. Não só lhe corta ao falar, também faz fisicamente. — O que me diz Willow?

— Hm... Não quero nada. — Willow sabe que ele só tenta ser amável, mas ainda assim lhe irrita. Era necessário que se colocasse no meio dessa forma?

Agora Willow tem a possibilidade de sorrir para Guy, mas ele está muito ocupado procurando algo em sua mochila para se dar conta. Enquanto Guy remexe as coisas em sua mochila, Willow pode ver a capa azul de “A Tempestade” metido entre o resto dos livros. Não iria carregar todo dia o livro a menos que significasse algo para ele, não? A menos que ela signifique algo para ele.

Ele levantou o olhar de repente e seus olhos e os de Willow se encontraram. Willow não pode evitar e se ruboriza. Afasta o olhar um segundo, lhe dá vergonha, mas em seguida volta-se a virar para ele decidida a superar a estranheza do momento e, finalmente, pode lhe dizer olá. A única coisa é que, ao olhá-lo, é impossível não pensar em todas as coisas que passaram. Sua mente se impregna da lembrança do que sentiu ao beijá-lo, anulando o aqui e o agora. Parece que os traços de Guy estão fragmentados, é como se as imagens do que ocorreu no depósito lhe cobrissem o rosto.

Willow se ruboriza ainda mais ao recordar como lhe pegou as mãos e lhe forçou a que tocasse o seu peito. E logo, como se não fosse suficiente, recorda como começou a se cortar diante dele. Não pode pensar em tudo isso agora. Seria diferente se estivessem a sós, mas, rodeados de todos os demais? Willow deixa a cabeça cair entre as mãos um instante como se, ao tampar os olhos, pudesse conseguir afastar todas as imagens.

— Willow! — exclama Laurie alarmada — Está bem?

— Ah. — levanta a cabeça rapidamente.

Isto não está bem.

— Minha cabeça está doendo. Sempre tenho enxaquecas fortes. — balbucia.

Evita olhar Guy e evita olhar o resto do grupo.

— E não leva uma aspirina na tua bolsa? — pergunta-lhe Chloe.

— Não, bom, o caso é que tenho muito trabalho... Deveria ir indo. — Willow sacode a cabeça com pesar. — Nos vemos logo, ok? — recolhe

suas coisas e se levanta. Lentamente, com calma, como se na realidade desejaria poder ficar um pouco mais.

Willow se vira e caminha até a saída do parque resistindo à tentação de se colocar a correr.

Bom. Foi bem, não?

Se antes já se sentia envergonhada e incômoda, agora já não tem palavra para descrever como se sente. Por um momento supõe a possibilidade de bater sua cabeça contra o muro que rodeia o parque. Seria uma troca em lugar de se cortar. O que tem que fazer agora é ir para casa, esquecer os últimos vinte minutos, apagá-los. Chegar a casa e...

Bom, como se não já tivesse compreendido o fato de que sou um pouco diferente...

E se lhe segue, o que ela fará? Talvez sua primeira reação fosse a adequada, talvez só tenha lugar para uma relação.

Uma pena que essa relação resulte ser com um pedaço de metal afiado.

Não pense nisso! Já o solucionará mais tarde! Vá para casa! Abre o livro de francês! Mãos a obra!

Willow não pode evitar reviver todo o incidente no caminho para casa. Debate-se entre se convencer de que o que aconteceu não foi tão terrível e sentir que colocou tudo a perder.

Mas colocar a perder o quê?

Eu tenho algo que possa colocar a perder?

Morre de vontade de poder sentar em sua escrivaninha. Colocar-se para trabalhar é a distração que realmente necessita. Mas, por desgracia, ao abrir a porta escuta os sons de Isabelle que gritava como se os pulmões fossem estourar. Cathy a sustenta nos braços enquanto caminha de lá pra cá falando no telefone. Nota-se que está totalmente agoniada. Willow deixa as chaves na mesa do hall e entra na cozinha.

— Cathy?

— Que bom que está aqui! — disse Cathy entre os gritos da criança.
— O quê? — Fala no telefone — De acordo, obrigada, sim, Pedir a receita na farmácia. — desliga e olha para Willow.

— O que está acontecendo? O que faz em casa? Isabelle está doente ou algo assim?

— Está ardendo, pobrezinha. — Cathy coloca seus lábios na testa de pequena. — Me ligaram no trabalho para que fosse buscá-la. É só uma infecção no ouvido, o médico disse que não há nada com o que se preocupar que febres tão altas são normais... — Está claro que tenta se convencer tanto como a Willow. — Tenho que ir a farmácia pegar alguns medicamentos, ficará bem até que eu volte?

— Claro. — disse Willow pegando Isabelle dos braços de Cathy. Agora não é o melhor momento para lhe lembra que David não aprovaria que ela ficasse com o bebê. — Estarei bem. — disse com calma. — Pode ir à farmácia.

— Obrigada. — disse Cathy, colocando o casaco e pegando a carteira. — Não sei o quanto eu vou demorar, às vezes te fazem esperar enquanto preparam a receita. Voltarei tão rápido quanto puder. — Sai com toda pressa pela porta.

Willow se aproxima da janela com Isabelle em seus braços e olha Cathy correr rua abaixo.

— Sinto-me mal por você está assim. — diz a Isabelle enquanto a move pra cima e pra baixo em sua cadeira. Mas Isabelle parece ter se acalmado um pouco e já não chora com tanta força como há um tempo. Apenas lhe cai um par de lágrimas acompanhadas de pequenos soluços. Willow pensa na maravilha que seria, embora apenas fosse por Isabelle, que quando Cathy regressasse, tudo estivesse perfeitamente sobre controle, podia ser que inclusive estivesse dormindo, a cozinha limpa...

— Não seria ótimo, querida? Que se sentisse melhor?

Willow deseja de toda a sua alma poder corresponder de algum modo a fé que Cathy tem nela. Não é só isso, está certa de que cuidar de Isabelle, com perfeição, pode ser uma forma de suavizar as coisas com David quando finalmente chegue a casa.

E se está totalmente concentrada em Isabelle não terá tempo de pensar no que ocorreu no parque.

Embora, claro, não esteja completamente certa do que significa cuidar de Isabelle com perfeição. Afinal, não há muitas opções com um bebê

enfermo. Talvez lhe dar de comer, trocá-la, podem ser bons começos. De fato, parece que está molhada.

— Bom, pois vamos te trocar e depois faremos algo para comer. Tudo bem?

Willow entra no quarto de Isabelle e a deita do trocador. A verdade é que deveria ter experiência trocando fraldas a essa altura – Foi babá desde que tinha treze anos, mas nunca trocou Isabelle. Não é que seja um desafio, mas é um pouco mais difícil do que tinha pensado porque Isabelle, diferente dos outros bebês que Willow conheceu em sua vida, usa fraudas de tecido. David sempre chateia Cathy com esse tema, já que essas fraudas são muito mais caras que as fraudas descartáveis, difíceis de encontrar e muito mais incômodas em qualquer aspecto, mas Cathy, que estudou direito ambiental, sempre insiste nisso.

— Ok, não pode ser tão difícil... — Willow pega duas fraldas e dois alfinetes. No entanto, Isabelle não parece querer cooperar. Está claro que a pobre criatura não se encontra bem. No lugar de estar quieta, não para de se mover e dar chutes e Willow que não está acostumada a usar alfinete com as fraudas, a espeta. Bastante forte, a julgar pelos gritos do bebê.

— Ah, não! — Willow está horrorizada. Como pôde fazer algo assim? Observa paralisada o pequeno ponto vermelho que marca a pele macia e perfeita de sua sobrinha. Há algo terrivelmente obsceno em destruir algo tão perfeito.

Lentamente Willow estende a mão e toca o lugar onde espetou Isabelle. Do mesmo modo que fez Guy, a mão de Willow cobre completamente a marca que fez. Bom, não é tão surpreendente. O que fez a Isabelle é muito diferente dos cortes que marcam seu próprio estômago. Mas e se esta pequena marca na pele de Isabelle ficasse maior? Por uns instantes Willow imagina a pele de Isabelle cheia de marcas infligidas pela gilete do mesmo modo que sua própria pele. Como se sentiria se dentro de dez ou quinze anos descobrisse que Isabelle se corta?

Willow afasta a mão bruscamente.

E se tivesse matado David e Cathy, então o quê? Continuaria pensando que é tão horrível que se cortasse?

Termina de lhe trocar a frauda de Isabelle sem mais acidentes, embora com as mãos trêmulas, e a leva para a cozinha.

— Isso não foi exatamente um bom começo, não acha? — diz com a voz exausta.

Até aqui chegaram suas intenções de cuidar perfeitamente de sua sobrinha. Ao menos Isabelle parou de chorar. Willow não pode evitar sentir que a pequena se recuperou muito mais rápido que ela do episódio.

— O que você acha sobre eu fazer algo para comer? — abre os armários e procura em seu interior. Hoje já nem sequer ficaram os biscoitos salgados e os potinhos* — Era de se esperar. — Willow fecha as portas e se dirige a geladeira.

* Ela se refere a comidas de bebês que vem em potinhos.

Ao menos parece um território mais promissor. Há meia dúzia de ovos e um pouco de manteiga entre outras coisas. Willow senta Isabelle na cadeira e pega dois ovos e uma tigela. Coloca a frigideira sobre o fogão e joga um pouco de manteiga. Enquanto bate os ovos pensa no que acaba de ocorrer. Sem pensar no que está fazendo joga os ovos na frigideira e deixa a tigela na pia da cozinha.

Willow olha pela janela, mas quase não vê o parque no exterior. A única coisa que vê é a pele perfeita de Isabelle. Está tão entretida com seus pensamentos que por um momento se esquece de que a frigideira está no fogo.

Willow da às costas a janela e fica sem fôlego. Os ovos estão queimando. A frigideira está queimando. A cozinha está queimando.

Outra vez não

Isso é o que pensa. Voltou a fazer. David tem razão, não há dúvida que Willow vai acabar com o resto da família. Quando seus olhos começam a encher de água pela fumaça lhe ocorre outra ideia. E se dessa vez conseguir salvar Isabelle? E se dessa vez as coisas pudessem ser diferentes?

Recria-se se imaginando como uma heroína.

No entanto, a fumaça começa a dissipar e Willow pode ver que efetivamente não há nenhum fogo. Afinal, que probabilidade teria de que uns alguns ovos mexidos queimados se convertessem em um incêndio de primeira ordem?

Nem há fogo, nem vai matar Isabelle, nem vai salvá-la em um gesto heróico. Ela não é mais uma garota que deixou a cozinha como um cisco, que é incapaz de cuidar de sua sobrinha do mesmo modo que é incapaz do resto das coisas ultimamente.

Willow recolhe a frigideira fumegante e a joga na pia, onde chia e faz muitos ruídos. Ao olhar a fumaça que se eleva até o teto Willow pensa que, por uma vez, David estava sendo honesto quando disse que tinha receio na

hora de deixá-la responsável por uma criança de seis meses simplesmente porque está muito alterada por todo o ocorrido. Baseando-se nas evidências, não resta mais opção para Willow do que estar de acordo com ele.

Soa a campainha da porta. Willow só espera que não seja Cathy que está tão cheia de sacolas que não pode nem pegar as chaves, ou ainda pior, David, já voltando da conferência.

Pelo menos me deixe um pouco de tempo para limpar, pelo amor de Deus.

Mas ao abrir a porta, Guy é quem a espera do outro lado.

Desta vez Willow não se ruboriza nem fica nervosa do alívio que sente ao ver que não se trata nem de Cathy nem de David.

— Enxaqueca? — Guy está apoiado no batente da porta.

— Sim. Bom, pensei que dizer que era peste bubônica não ia colar.
Entra

Dá um passo para trás e abre toda a porta.

— Cheira a queimado.

— Não me diga. — diz Willow.

Caminha na frente dele em direção a cozinha.

— O que está fazendo?

— Hum... — Willow olha a cozinha cheia de fumaça. Seu plano, cuidar de Isabelle de modo perfeito não poderia fracassar mais estrondosamente. — Acho que seguindo destroçando minha vida e a de qualquer um que tenha coragem de se aproximar de mim. — se aproxima da pia e pega uma esponja, disposta a limpar a frigideira queimada. — Acho que isso soa muito bem, o que você acha?

— Só porque queimou uns... — se aproxima dela e olha a frigideira — Humm... Imagino que em algum momento isso eram ovos, não?

— Não, essa não é a única razão. — Willow ataca a frigideira com a esponja. A sujeira não sai. Deveria ter deixado de molho antes.

De repente todo o processo de limpar a frigideira lhe parece inútil. Pergunta-se o que aconteceria se simplesmente a jogasse pela janela. No

lugar disso, procura o balde de lixo que há em baixo da pia. Talvez se a cobrir com o resto do lixo, David e Cathy nem se darão conta.

— Vai jogá-la? — parece que Guy se diverte.

Willow dá de ombros.

— Certamente, esta é Isabelle.

— Sobre as enxaquecas das que falava no parque... — começa a dizer Guy, mas o som da chave na porta e a voz de David saudando, o interrompe.

— Estou de volta. Quem é?

Willow fica feliz de que já não há quase fumaça e de ter conseguido se desfazer da frigideira, mas preferia que seu irmão não entrasse na cozinha ainda. Pega Isabella e sai ao hall.

— Olá. — diz com cautela. Depois de tudo, esta é a primeira vez que vê David depois do conflito que tiveram há duas noites. Não tem nem ideia de como deve atuar frente a ele. Tendo em conta que David tem estado taciturno ultimamente, é difícil que seja capaz de dizer algo diante de Guy. Mesmo assim, imagina que fará algum tipo de referência a outra noite, mesmo que apenas seja porque ela ficar sozinha com Isabelle pode voltar a desatar a briga.

— Olá. — David saúda Guy, ainda que estivesse evidente que está preocupado. — O que está acontecendo? — pergunta confuso. — Onde está Cathy? — David estende os braços para pegar a criança de Willow.

— Foi à farmácia. — diz Willow. — Isabelle está doente. Acho que Cathy disse que tem uma infecção no ouvido.

— E não tentou colocá-la para dormir por um tempo? — pergunta com suavidade.

Willow não pode acreditar que tenha sido tão tonta. Claro, isso tinha muito mais sentido do que todas as outras coisas que tentou fazer. Prepara-se para a bronca de David.

No entanto, não parece que David se preocupe muito em lhe dar uma repreensão. Está muito mais interessado no bem estar de Isabelle. Willow sabe que isto é natural e o correto. Além disso, não tem nenhum tipo de

interesse em reviver a situação da outra noite. Mas ao ver como David beija a sua filha, se sente atacada por uma dor tão brutal, tão intensa, que quase se dobra em dois.

Leva as mãos ao estômago. Por um segundo está convencida de que vai desmaiar. A dor é tão intensa que ela mesma se surpreende quando vê que não está saindo sangue através da roupa, que sua dor não é nada que ela mesma tenha se auto-infligido. Esta é a dor contra a que ela leva tanto tempo lutando. É evidente que a principal preocupação de David é sua própria filha. Para Willow não lhe dói o fato de não ser a primeira para ele. O que dói em Willow é saber que nunca mais será a primeira para ninguém. Já não será filha de ninguém. Isto é algo que acontece a todo mundo. Algum dia também acontecerá a Isabelle, mas certamente não a uma idade tão cedo como aconteceu com ela.

— Willow? — David a pega pelo ombro, o que não é fácil, já que tem Isabelle em seus braços. — O que você tem?

— Estou bem, é só que... — Willow recompõe a postura. A dor se foi. Não sabe muito bem como, só pode estar agradecida pelo seu desaparecimento. — É só que estou um pouco... — busca as palavras adequadas. Enxaqueca não funcionará com David. — Estou muito cansada, isso é tudo. Vamos... Vou lá para cima me deitar. — Faz uma careta ao ouvir as palavras que escolheu e se pergunta se David ou Guy se deram conta, mas parece que David voltou a estar ocupado com Isabelle.

— Venha. — diz Willow a Guy — Vamos.

Willow sobe pela escada até seu quarto. O que aconteceu acaba de deixá-la esgotada emocionalmente. Sente como se pudesse dormir durante milhões de anos. Abre a porta de seu quarto e olha sua cama com ansiedade. Pergunta-se o que Guy fará se simplesmente ela se colocar debaixo dos lençóis e fechar os olhos.

No lugar disso se senta em sua escrivaninha e é Guy o que senta na cama. Não se coloca debaixo dos lençóis, mas senta e se inclina para trás contra os travesseiros. Willow não se sente cômoda ao vê-lo assim em sua cama e tem que afastar os olhos um segundo para se acalmar.

Mas, apesar de sentir-se tão incomoda, apesar de ainda estar se recuperando do que aconteceu lá em baixo, ao vê-lo assim, sem as complicações das outras pessoas, de repente se dá conta de quais são seus sentimentos. É incapaz de dizer racionalmente que estar com ele lhe resulta muito difícil, que apenas pode ser fiel a gilete. Não tem forças para tomar uma decisão assim. Não pode fazer nada que não seja estar com ele.

— A respeito do parque. — diz Guy. — Me perguntava se essa suas enxaquecas eram uma maneira de...

— Ah. — Willow lhe interrompe. — Eu... estava... — desejaria poder lhe dizer que foi embora correndo do parque por que não podia parar de pensar no modo em que a beijou, mas dizer isso lhe resulta ainda mais intimidante que a própria lembrança. — Eu, é que, eu só... Bom, não ia fazer nada.

Espera que Guy tenha pegado a indireta. Certamente essa seja a razão pela qual lhe está perguntando isso, porque lhe preocupa que tenha tido um encontro com a gilete.

— É, bom, não estava pensando nisso. Apenas me perguntava se tinha enxaqueca de verdade ou estava tentando me evitar. Em qualquer caso, foi um pouco grossa. — sua voz não soava tão calma como de costume e Willow tem certeza que ele que lhe dizer algo mais.

— Eu estava... É? — pestaneja quando por fim lhe chega o significado do que ele estava dizendo. Mas deve admitir que, embora ela não definisse sua atitude como grossa, era consciente, ao menos enquanto o fazia, de que estava atuando de uma maneira estranha.

— Te perguntei se você estava tentando me evitar.

Agora Willow sabe o que acontece com ele. Quer tranquilizá-lo, quer lhe dizer que não pode parar de pensar no dia que passaram junto, que agora mesmo deseja mais que tudo nesse mundo se colocar embaixo dos lençóis com ele. No entanto, estas palavras permanecem presas e em seu lugar diz:

— É que é tudo complicado... Quero dizer você é complicado e... Difícil.

— Eu sou complicado? Eu sou difícil? — lhe pergunta Guy com incredulidade — Você está louca?

— Pelo visto, sim. — diz Willow com tristeza.

— Você acha que não é complicada e difícil? — Guy continua como se ele não tivesse ouvido. — Você acha que é fácil lidar com você? Acha que o que aconteceu depois de nos beijarmos é comum em todos os casos?

— Não, nunca pensei algo assim. — nega Willow com veemência. Sabe que ele tem razão, mas não pode evitar sentir-se ferida. A única coisa que restou do outro dia para ele foi como foi estranho? Será que ele não sentiu nada do que ela sentiu? — Mas pensei que talvez... Que talvez você teve um bom momento...

Bem? Bom momento? Perfeito. Acho que voltamos a fase de falar sobre gatos.

Willow não pode acreditar que disse algo tão profundamente estúpido e a julgar pelo olhar de Guy, ele tampouco acredita.

— Bom? Bom momento! Oh, sim, tive um bom momento. Ótimo... Você deve estar de brincadeira! — Guy fala como se esculpisse as palavras. Willow pestaneja. Não está acostumada a ouvi-lo falar nesse tom. — Você acha que não está me fazendo passar por um inferno? Mal consigo pregar o olho desde a primeira vez que vi seu braço e não me faça falar de todo o trabalho que eu tenho pendente. Acha que eu gosto? Que é divertido? Tem que ter saco... E tem que ter saco com você também.

Willow sente como se tivessem lhe dado uma bofetada. Não havia se dado conta que o Guy despreocupado, o garoto que sempre leva tudo com calma, pudesse se irritar assim. Não havia se dado conta de que o dia que passaram juntos não consolidava nenhuma magia entre eles. Não havia se dado conta de que ele tinha o poder de feri-la tão profundamente.

— Eu não acho que isso seja só diversão. — disse Willow depois de um instante. Sua voz soa agora fria e dura. Já não tem nenhum interesse em fazê-lo sentir-se seguro. — Mas, sabe Guy? Eu nunca te pedi que ficasse na minha vida. Eu não te convidei para vir aqui hoje. Pode ir.

— Ok, posso ir. — diz Guy com sarcasmo — E você acha que posso ir assim sem mais nem menos depois do que aconteceu na biblioteca?

Willow morre de vontade de perguntar de que momento na biblioteca ele está falando. Ele sente que não pode ir porque se beijarão ou porque Ela se cortou diante dele? Mas ele não diz nada.

— Sim, claro. — continua Guy. — Talvez fosse melhor estar com um pessoa que não necessita que a tranquilize todo tempo, mas e daí? Não te necessito em minha consciência.

Willow tem a resposta. Não gosta de ser a boa ação do dia e se isso é o único motivo para ele estar aqui, então ela não quer ser parte disso.

— Não sou teu projeto Guy. Ia dizer isso? De que não quer se sentir culpado? Que não me quer ter em sua consciência? Já é um pouco grandinho para se comportar como um escoteiro. — Willow tentar fazer com que sua voz soe o mais dura possível, mas está se saindo tão ruim quando tentou cuidar de Isabelle. De fato sua voz está soando assustada e vulnerável. — Pode voltar para as coisas que você dizia que tinha que fazer esse semestre. Essas coisas que dizia que eu ia complicar. Todas essas aulas que vai fazer na universidade, o remo. Vamos. Pode ir embora. Vai e baixe dez segundos da sua marca, mas não se preocupe mais por mim.

— Não se preocupar mais por você? — Guy nega com a cabeça — E vai ficar bem? Não vai cortar sua pele a tiras? Está preparada?

Willow não tem resposta para isso. Em lugar disso pensa em todas as coisas que ela lhe disse, todas as coisas que ele disse e todas as coisas que fizeram juntos.

Como pode estragar tudo agora? Desejaria apertar um botão e rebobinar, apagar os últimos dez minutos, mas infelizmente isso não é possível e se dar conta de que, apesar do quão difícil pode chegar a ser, cabe a ela arrumar a situação.

— Ficarei bem. — disse depois de um momento. — Se você vai ficar porque acha que vai evitar que me corte, então vá. Se do que tem medo é de que se você for, sempre me cortarei, então saia daqui tão rápido quanto pode. Não quero que fique ao meu lado por isso. Nem sequer sei como vai acabar essa parte da história. A única coisa que eu sei é que se você for... — A voz de Willow se corta. Apóia os cotovelos sobre a escrivaninha e apóia a cabeças nas mãos. É mais fácil se cortar, provocar lesões em si mesma, do que lhe dizer como se sente.

— Então, o que? Se eu for, o que? — Guy está zangado. O suficiente para que Willow pense mais no que vai dizer.

— Vamos, me diz. Se eu for, então o que? — Guy volta a dizer.

Willow podia lhe dar muitas respostas a essa pergunta. Podia lhe dizer que se ele for ela estará melhor. Que não terá medo de experimentar as coisas que ocorreram no depósito, que estão ocorrendo a ela agora mesmo, sentada com ele. Não terá que se preocupar se há alguém empenhado em que ela abandone suas atividades extras- escolares. Não terá que se preocupar em proteger os sentimentos de outras pessoas. Mas, também não

terá ninguém com quem falar ninguém que a conheça, ninguém que a entenda. Willow o olha e a única resposta que pode dar a mais honesta, é simplesmente:

— Se você for... Vou sentir sua falta.

— Oh. — diz Guy. Levanta-se da cama, cruza o quanto e se agacha até estar de joelho na frente dela. Willow se pergunta se ele percebeu que está praticamente na mesma postura de ontem. — Você não é meu projeto. — diz finalmente. — Você não é meu projeto. — repete com mais força. — E não quero ir a lugar nenhum.

Willow fica sem palavras. Não tinha nem idéia, jamais podia imaginar que alguém pudesse olhá-la daquele modo.

Inclina-se para frente até que sua testa esteja contra a dele. O mais natural agora mesmo é que voltassem a se beijar, mas Willow sabe que não pode fazer isso, que não pode se arriscar. Perguntar-se porque ele quer ficar. Podia encontrar muito mais em outro lugar, em qualquer lugar, sem todas essas dificuldades acrescentadas.

— Eu tampouco quero que você vá. — diz finalmente.

— Então o que você quer? — pergunta para Willow.

Willow não está certa se tem energia para responder a isso. Está esgotada. Exausta. Tentar cuidar de Isabelle lhe deixou sem forças. Mas tudo isso desaparece quando olha a Guy. E ao lembrar o aspecto que tinha na cama, tão sereno, tão forte, tão correto, só há uma coisa que ela que fazer. Talvez não seja a resposta que ele está procurando, mas é a única que lhe pode dar.

— Quero dormir. — diz finalmente. — Apenas dormir muito e não acordar até que esteja pronta.

Guy não responde nada. Apenas assente como se essa não fosse a resposta mais natural que ela podia lhe dar, senão a única.

— Certo. — Guy fica de pé, levanta Willow da cadeira e a acompanha até a cama. Guy volta a deitar-se como estava antes, mas Willow apenas se senta na borda da cama e o olha. Perguntar-se se ele pode notar o arsenal secreto que ela guarda debaixo do colchão. Esboça um tímido sorriso porque, por mais que deseje isso, continua sendo difícil. A ele não parece estar custando tanto. Simplesmente lhe sorri e estende a mão.

Willow tira os sapatos e pegando sua mão, sobe na cama e se deita junto a ele. Seu corpo foi muito além do esgotamento e o peito de Guy é o melhor travesseiro que jamais podia imaginar. Mas, por tudo isso, está tremendo. O que ele lhe disse a deixou exposta; sente como se tivessem arrancado uma capa de sua pele.

Willow sente coisas, coisas boas, sem dúvida, coisas maravilhosas, mas ela está acostumada a ser insensível, a estar anestesiada e apenas lhe ocorre um modo de processar isso.

Guy adormece em seguida. Mas não é tão fácil para Willow. Olha o teto. Tenta imitar sua respiração pausada. Mas acaba por não conseguir, sua respiração ainda é um pouco aterrorizada. Tenta concentrar-se no bem que se sente estando nos braços de Guy. Até lhe escapa o riso ao recordar os comentários de Chloe sobre os garotos que fazem remo. Mas ainda assim, não pode parar de tremer. Procura a borda do colchão com a mão, a introduz e toca suas provisões*.

*Provisões é um conjunto de coisas necessárias, nesse caso ela se refere a suas giletes.

Pode lidar com essa situação, não? Não é tão difícil.

Willow pensa que já se viu em momentos piores. Podia ocorrer o que fosse lá embaixo com David, qualquer barbaridade, seria superável. Ao se dar conta disso se levanta com um pulo. Como conseguiu sentir essa dor sem recorrer a sua infalível amiga?

Willow sabe que isto deveria lhe parecer reconfortante, mas na realidade lhe assusta mais que outra coisa. De repente se vê banhada de suor frio. Pensar em poder sobreviver sem o que tem sido um companheiro inseparável durante sete meses, embora seja fugazmente, é muito inquietante. Começa a procurar debaixo do colchão com mais avidez. Quando sua mão por fim se encontra com a gilete, a pega com força. Agora mesmo não necessita nada mais, mas sim precisa saber que pode haver mais.

Guy troca de posição, movendo aos dois e de algum modo, faz com que Willow solte sua presa. A gilete cai ao chão com um ruído metálico.

Willow sai da cama para recuperá-la e ao fazê-lo, seu olhar se encontra com a mochila de Guy. Passa uma idéia por sua cabeça. Assegura-se de que ele está realmente dormindo e se dirige a sua escrivaninha para pegar uma caneta. Pára um momento ao olhar a caixa de aquarela que ainda está nova. Seria fantástico poder fazer alguma ilustração, algo para acompanhar o que está a ponto de escrever, mais demoraria muito para secar e, além disso, tem muita pressa em voltar para a cama com ele. Aproxima-se da mochila de Guy, abre o zíper tratando de fazer o menor ruído possível e tira a cópia de A Tempestade.

Nem seque precisa pensar duas vezes.

Para Guy:

Ó admirável mundo novo que possui tais pessoas...

Sorri ao imaginar a reação dele quando o encontrar, se pergunta quando será isso: Hoje? Amanhã?

Willow volta a se deitar na cama. Segue agarrada a gilete, mas não importa, porque dessa vez sua respiração acompanha as de Guy e também adormece.

CAPÍTULO TREZE

No começo Willow acha que acordou tão repentinamente por causa de um pesadelo. Depois tem certeza de que é só o ruído dos poucos carros que passam pela janela. Mas, olhando a rua iluminada pela luz da lua, vê que não há nenhum carro, a estrada está vazia.

Willow está acostumada a acordar assustada no meio da noite, mas desta vez é diferente. Não há nenhuma razão para estar sentada na cama, às três da manhã. Não tem cenas horríveis que se repetem em seus sonhos, nenhum som que a faça reviver o acidente.

Será que simplesmente está muito preocupada com tudo o que tinha acontecido nos últimos dias?

A biblioteca, a hora depois do almoço com Guy, a dor que sentiu ao ver David com Isabelle. Principalmente a dor que sentiu ao ver ambos. São coisa que a desalojam, mas são o suficiente para fazê-la acordar no meio da noite?

Willow abraça suas pernas contra o peito, descansa o queixo no joelhos e pensa.

Deveria...?

O que é isso?

Levanta a cabeça para ouvir um som, muito fraco, mas inconfundível.

Agora Willow sabe exatamente o que a acordou tão abruptamente. Não é um som que poderia chegar a acordar outra pessoa, mas para ela chega diretamente no coração. Seu irmão está chorando de novo.

Balança as pernas sentada na beira da cama e pega o casaco. Não tem nenhum plano em mente, nem pensa em ajudar seu irmão, e, de fato, não se trata apenas de que ela não tenha nem ideia de como fazer isso, mas sabe que sua aparição pode se resultar em uma profunda invasão. No entanto, não pode continuar na cama enquanto seu irmão está chorando, especialmente quando ela mesma é a causa das lágrimas.

Desce as escadas calmamente, parando em cada passo determinada a não levantar nenhuma evidência que possa avisar o seu irmão de sua presença.

Ouvi-lo chorar é mais doloroso do que qualquer um dos sons que lembram o acidente.

Willow se senta em um banquinho para que David não possa vê-la se decidir levantar o olhar. Ainda que não pareça que vá fazer algo assim. Tem a cabeça enterrada nos braços e os óculos com ele.

Willow não acha que já tenha visto alguém chorar tão amargamente. Olhar para ele é como um castigo, e ela sabe que não pode presenciar esta dor, não pode ver uma emoção tão nua, sem sucumbir a seu ponto de apoio, sua medicina, sua lâmina.

Mete a mão no bolso do casaco em busca da lâmina que sempre guarda lá dentro, mas para justo quando está a ponto de introduzir a lâmina afiada na carne.

De repente, lhe ocorre que há algo que pode fazer por seu irmão. Não é possível ressuscitar seus pais, e qualquer tentativa de ajudá-lo, por superficial que tenha sido, fracassado, mas aqui e agora, há algo que pode fazer.

Pode ficar sentada e olhar, ficar diante de sua dor. Pode comprometer a si mesma a passar por isso, viver cada soluço com ele, sem recorrer à única coisa que a tem protegido de viver esta tortura.

Ele nunca saberá como isto é difícil para ela, sua ação será sem reconhecimento algum, mas Willow sentirá que finalmente fez algo por David.

Willow se lembra da última vez que o viu chorar, o quanto isso a afetou, praticamente sentiu medo de vê reduzido a esse estado. Agora não sente medo, mas sim respeito. Está impressionada, mais do que nunca esteve, pela força que seu irmão deve ter para suportar tanta tristeza. Ela sabe melhor que ninguém que tipo de força interior precisa para se deixar levar desta maneira.

É algo que ela nunca será capaz de conseguir. Mesmo olhando - sem recorrer à lâmina é quase mais do que pode suportar.

Os soluços de David doem como a ferida mais profunda que ela foi capaz de se infligir, mas não sente só dor ao olhá-lo. Encontra um certo consolo agri-doce no fato de que seu irmão possa chegar a sentir uma dor tão profunda. Que ele nunca precisa recorrer ao mesmo tipo de remédio que ela, que ele tem uma infinita reserva de forças que o permite chorar desta maneira.

Não, ela está longe de ser tão forte. Mas vai se sentar ali e vai o observar, vai observar cada lágrima até que ele não possa mais.

Depois de um bom tempo, David finalmente para de chorar. Está sentado na mesa, com o queixo apoiado nas mãos e fica olhando para a parede por um tempo antes de se levantar e sair da sala.

Willow também se levanta. Volta a subir as escadas em silêncio como a desceu. Sobe na cama e olha para o teto. Quando o céu começa a clarear com a luz do dia, ela ainda não dormiu. Na verdade, não volta a dormir. Fica esticada na cama olhando para o teto até que o resto dos habitantes da casa acordem e Cathy a chama para ir tomar café da manhã.

A imagem de David chorando acompanha Willow pelo resto do dia. Está tão cansada que mal consegue manter os olhos abertos, mas cada vez que o sono ameaça derrubá-la, consegue se manter acordada lembrando-se da aparência de David sentado na mesa da cozinha. Willow consegue, desta maneira, sobreviver às aulas, mas quando chega na biblioteca, está exausta.

- Ei, Carlos! - Willow quase não pode pronunciar as palavras, não para de bocejar. - Desculpe. - diz cobrindo a boca. - Quase não consegui pregar o olho noite passada.

- Bom, então é seu dia de sorte. - diz Carlos, ao perceber as tremendas olheiras que Willow tem. - porque esta tarde, estou no comando. Talvez você poderia passar a tarde ordenando as prateleiras, certo? É provavelmente mais fácil.

— Se é o que você diz. — diz Willow, deixando a bolsa embaixo do balcão. Ela sabe que Carlos está tentando ser legal, e ordenar as prateleiras soa ser mais fácil que estar de cara com o público, respondendo as perguntas, mas hoje ela preferia não ter que ficar sozinha com seus pensamentos.

— Você tem trabalho suficiente para se manter ocupada durante todo o turno. — Carlos acena com a mão a um monte de carrinhos de metal que estão até a borda com livros, bloqueando a entrada do elevador.

— Mas o que tem feito? Estava guardando pra mim ou o quê? — Willow rosnou quando pega o carrinho e entra no elevador.

No entanto, para o alívio de Willow, colocar toda a pilha de livros está sendo distração suficiente para remover todos os pensamentos da noite anterior. É realmente muito mais agradável que se torturar, recordando o sofrimento de seu irmão. O tempo passa depressa, não acontece nada, e Willow é grata a Carlos por ter confiado esta tarefa até que vê o último lote de livros, todos eles no décimo andar. Ao sair do elevador não pode evitar de pensar em todas as coisas que aconteceram entre ela e Guy. Desde a primeira conversa que teve com ele até o seu primeiro beijo no outro dia, Willow sente que estas paredes têm sido testemunhas de eventos mais importantes de sua vida desde que seus pais morreram.

Willow deixa o carrinho e caminha até a área que está perto das janelas. Ele se ajoelha e toca o chão onde estavam sentados. Ele sabe que seu comportamento é um pouco bizarro, mas parece estranho o concreto frio e seco em comparação com o calor intenso que eles geraram.

Fecha os olhos e se deixa levar pela memória daquele abraço, mas se levanta assustada com o barulho do elevador. Já está suficientemente nervosa ter mais pessoas rodeando o depósito enquanto ela trabalha, mas morreria de vergonha se alguém a encontrasse em comunhão com o chão.

Ela corre de volta com o carrinho, o pega e se coloca em posição contra uma das prateleiras com um livro na mão quando as portas do

elevador se abrem. Willow olha por cima do ombro. Sente certa curiosidade em saber quem é.

— Ah! — Está surpresa ao ver Guy saindo do elevador e por um momento acredita que é apenas uma visão criada pelo meu próprio desejo.

— Oi. — Willow diz depois de um segundo. — Eu não sabia que você estaria aqui hoje.

— Olá. — Ele chega perto dela. — O cara que está lá embaixo no computador, me disse que estaria no 11º

— Carlos?

— Sim, me desculpe. Eu sempre esqueço o nome dele. Trouxe uma coisa para você.

— Sério? — Willow volta a colocar o livro que tem na mão no carrinho e olha para Guy. — O que é?

— Contrabando. — Guy tira as mãos de trás das costas. Leve uma sacola marrom de papel e tira um copo de café gelado.

— Oh, meu Deus! — Willow ri. — Que bonitinho! É justo o que eu precisava. Como sabe? E como você conseguiu levá-lo até aqui? — se distancia do carrinho e se aproxima dele.

— Mmm, Carlos me disse que estava muito cansada e isso me deu a sensação de que não se importaria se eu lhe trouxesse isto.

— Ah, é perfeito. — Willow pega o café das mãos dele e se senta apoiando as costas contra a parede. Fecha os olhos e bebe um pouco. — Até colocou a quantidade exata de açúcar.

— Eu sou um observador. — Guy senta ao lado dela.

— Na verdade, sim. — Willow muda de posição para que suas pernas se toquem. — Quer um pouco?

— Não, obrigado. — responde Guy. — É muito doce pra mim. E como você tão cansada? Eu pensei que nós poderíamos fazer alguma coisa depois do trabalho, mas se você não está para isso... — Ele não terminou a frase.

— Ah, não, não estou cansada. Quero dizer, sim, eu estou. — Willow boceja enquanto toma uns goles de café. — Mas eu gostaria de fazer alguma coisa e além do mais. — levanta o copo de café. — Isto está me fazendo bem.

— Você ficou acordada a noite toda fazendo o trabalho ou o quê?

— Não exatamente. — Willow suspirou. — Eu nem sequer comecei. Eu... — Faz uma pausa. — Eu não conseguia dormir, só isso. — Se pergunta por que, depois de todas as coisas importantes que ela tem contado, hesita em explicar a razão real de não ter pregado o olho. — Estava genial. — diz Willow ao terminar o café. — Muito obrigado. — Sorri para Guy um segundo antes de levantar-se relutante.

— Ei! Adivinha o quê? — Guy também se levanta. — Eu finalmente terminei de ler *A Tempestade*.

— Sério? — Isso anima Willow muito mais do que o café. — O que você achou? Não ficou encantado? Admita, é o melhor trabalho dele certo? — Pega um punhado de livros e se põe a organizá-los.

— Sim, a verdade é que gostei muito. Ok. — corrige rapidamente ao ver que Willow pára de sorrir. — Fiquei encantado, realmente, eu juro. Se é o seu melhor trabalho? Eu não sei, porque eu li todos eles, mas eu vou te dizer uma coisa. Eu também gosto lugares imaginários. E eu vou lhe dizer outra coisa.

— O quê?

— Te direi qual é a parte que eu mais gostei.

— Não me diga, deixe-me adivinhar. — Willow, para colocar os livros e se apóia nas estantes para pensar. — Mmm, um dos grandes monólogos de Próspero, por que ...

— Não. — Guy balança a cabeça. — Frio, frio.

— Não? — Willow está surpresa. — Ok, você não vai me dizer que você gosta mais do Caliban? Já que você gosta de categorias, isso poderia ser uma bem estranha. Ou seja, as pessoas que acham que Caliban é melhor que Próspero!

— Esqueça Caliban. — diz Guy. — Frio, congelado, petrificado. — Cruza seus braços, os apóia em umas das estantes e sorri. — Quer experimentar uma terceira tentativa ou eu posso dizer?

— Diga-me.

— Ok, minha parte favorita foi a dedicatória.

— A dedicatória? — Willow franze a testa. — Shakespeare não escreveu nenhuma dedicatória em A Tempestade. Também não acho que nenhum de seus trabalhos, certo?

— Eu não estou falando sobre a dedicação que Shakespeare escreveu.

— Ah. — Willow morde os lábios quando entende o que Guy quer dizer. — Certo. — Ela sorri e continua colocando os livros.

— Você sabe o que? — Guy diz lentamente. — Você está...

— Não! — Willow protesta.

— Como você sabe o que eu ia dizer?

— Você ia dizer que eu estou ficando vermelha, e não é verdade.

— Sim, é sim. — Guy se inclina mais perto dela.

Willow se desespera ao perceber de quão perfeito e romântico é este momento e aquilo que era suposto acontecer. Deseja mais que qualquer coisa poder se aproximar dele, se deixar levar pelo momento. Mas não pode, sabe muito bem qual seriam as consequências.

— Bem, eu estou feliz que você gostou do que eu escrevi. — Willow diz sem jeito. Se afasta um pouco e olha para as prateleiras como se nelas estivesse escrito o segredo da vida.

As mãos tremem ao colocar os livros e faz cair no chão alguns.

— Alguma vez você já parou para olhar para esses títulos? — Diz Guy enquanto pega os livros que caíram e os passa para Willow. — Trabalhos sobre a ferrovia Sul-Manchuriana 1907-1945. Realmente alguém escreveu isso? E alguém o tirou da biblioteca? E eu que pensava que gostava de coisas estranhas.

— Isso não é nada. — Willow começa ri. — Se você tivesse chegado há uma hora atrás, poderia ter sido capaz de me ajudar com o Ato do Quarto Congresso Internacional de Entomologistas Lituanos.

— Ok, eu acho que esse você inventou.

— Não, eu juro. Vá para o quinto andar, se você não acredita em mim!

— Eu acredito em você. — Guy sorri. — Bem, e que horas você sai?

— Ah. — Willow olha para o relógio. — Dentro... Bem, agora, na verdade.

— Quer ir ao parque? Faz um grande dia. Ou não sei, talvez você queria ir para o lugar que no outro dia estávamos tomando café.

— Eu prefiro ir ao parque. Quem desejaria pode entrar em uma sala quando faz um tempo como esse? — Willow diz enquanto eles vão para o elevador. — Mas se você quiser beber algo, então eu vou com prazer.

— Não, não se preocupe. Eu estou bem. — diz Guy, deixando o elevador para o piso principal.

— Hey, Carlos! — Willow pega suas coisas debaixo do balcão de empréstimo. — Eu acho que nos veremos em um par de dias.

— Divirta-se. — ele responde com uma piscadela, que Willow deliberadamente ignora.

— Alguma vez você já foi para o rio? — Guy pergunta enquanto os dois saem do edifício e começam a caminhada pelo campus. Willow fica tranqüila por Guy não perceber o gesto de Carlos e, mesmo que tenha notado, não tem intenção de mencionar.

— Você quer dizer na barca? — Responde um pouco confusa.

— Hum, OK, me diga de que outra maneira se pode ir ao rio?

— Não pergunte para mim. — Willow encolhe os ombros.

— Você deveria tentar. — diz Guy ao entrar no parque. — Algum dia eu te levarei. Enfim, vamos caminhar junto a água? Por aqui. — A conduz

por um caminho estreito, sob um dossel formado pelas copas das árvores de castanha, em direção ao rio.

— Que lindo! — Diz Willow. — Eu nunca estive aqui antes. — Apóia os cotovelos no muro de pedra que os separa do rio e vê os barcos.

— Você deveria vê-lo quando saímos para remar pela manhã. É perfeito. É como se não houvesse mais ninguém no mundo. — Guy sobe no muro em um salto.

— Você vai cair! — Willow grita assustada.

— Claro, mas essa coisa deve medir mais de meio metro no mínimo.

— A metade disso, talvez. — Willow olha para a parede estreita de pedra com insegurança. — Sério, a menos que você me diga que com O livro de magia para garotos você comprou O livro de equilibrista para garotos ou algo assim, é melhor você vir para baixo.

— Você acha que eu não caí um milhão de vezes desde que comecei a remar? Vem cá. — Ele estende a mão.

— Não. — Willow sacode a cabeça. — Você realmente já caiu ali? Pensava que estava muito contaminado.

— É claro que eu já caí, e é claro que está contaminado. Eu já lhe disse, por isso que eu tenho sempre o frasco de peróxido de hidrogênio, todo mundo tem um, então você pode desinfetar qualquer... — Para falar um instante. — Não pode acreditar quão fria a água chega ao final de Outubro.

— Sim, sim, eu posso acreditar. Por isso eu estou aqui.

— Sobe. — diz Guy. Ignorando os protestos dela, a agarra pela mão e a levanta para o parapeito de pedra. — Não é tão ruim, certo? — Diz apesar dos gritos de indignação de Willow. — Você não vai cair, e mesmo que caísse, eu te seguraria.

— Eu sei. — Willow diz lentamente. — Eu sei que você me seguraria. — Eles estão de pé, cara a cara. Willow está certa de que devem parecer como um cartão postal: suas silhuetas contra os últimos raios de sol. Mas também sabe que, neste quadro, há uma coisa errada, e essa coisa é ela.

— Ei, Guy! Aqui!

Willow se vira e vê Andy acenando. Chloe, Laurie e Adrian caminham um pouco mais atrás.

— Viu aquele barco? — Andy corre até eles e sobe na parede com um salto tão bruscamente que quase derruba Willow.

— Tenha cuidado, certo? — Guy diz, pegando Willow com força.

— Sim, me desculpe. — Andy apenas a olha. — Vamos, olha aquilo! — Ele aponta para um veleiro que se vê à distância. — Você pode imaginar como deve ser navegar em um barco tão grande? Deve medir pelo menos vinte metros. Precisaria de um grupo de, digamos, vinte pessoas.

— Eu pensei que você estivesse interessado no remo. — diz Willow.

— Eu faço isso pela escola. — Andy encolhe os ombros. — Mas me encanta navegar. Passei o verão passado em um barco.

— É a única coisa que fala o tempo todo. — diz Chloe se aproximando deles. Cobre os olhos do sol com a mão quando olha para cima para ver Willow.

— Eu mataria para estar trabalhando em um barco daqueles. — Andy gesticula com a cabeça. — Seria ótimo.

— Bom, primeiro você deve... — Guy começa a dizer.

— Ei, vocês querem comer alguma coisa? — Andy pergunta mudando abruptamente tema. — Estou cansado de andar pelo parque, eu prefiro entrar em algum lugar.

Nem me diga! Seria muito melhor! Pensa Willow, enquanto se separa de Guy e pula o muro.

— Willow. — Chloe a puxa pela manga. — Venha, venha conosco — murmura. — Preciso de uma segunda opinião.

— Sobre o quê? — Willow não entende o que ela fala.

— Sobre dele. — diz Chloe, apontando com o queixo para Andy, que ainda está em cima do parapeito de costas para elas. — Laurie não vale. É

muito desesperada para as coisas funcionarem conosco. Não parará até que todos estejam em pares como ela e Adrian. — Ela se vira para onde eles estão se beijando. Willow segue o seu olhar e sente uma pontada ao ver como Laurie se separa e sorri. Está obviamente encantada em receber a atenção do seu namorado.

— Quer ir? — Guy salta ao lado dela.

— Eu... Bem... Claro. — diz Willow. Desejaria não ter encontrado com todos, mas se sente lisonjeada que Chloe quer que vá com eles.

— Podemos ir num lugar que tem no píer. — Andy propõe enquanto desce do muro e se coloca ao lado de Chloe.

— Mas é muito caro. — diz Laurie enquanto se aproxima.

— Quem se importa? — Andy responde, encolhendo os ombros. — Está perto e é bom.

— Você está certo. — diz Adrian. — Nós podemos ir até lá. — Ele pega a mão de Laurie e os dois se põe caminhar em direção ao cais. Andy e Guy vão atrás deles.

— Então, você está interessada em barcos? — Willow pergunta para Chloe. As duas meninas caminham uns poucos metros atrás do resto.

— Depende. Você se refere a eu gostar de velejar em um barco desses? Claro. Você está falando se eu gostaria de mudar o assunto de vez em quando? Acho que sim.

— Eu entendo.

— Eu também queria falar com você sobre outra coisa. — Chloe suspira. — Eu tenho um monte de deveres, não deveria sequer estar aqui agora. Mas então eu não sei, eu sou completamente o oposto de Laurie. Agora que me resta tão pouco para terminar o colegial, eu estou cada vez menos concentrada.

— Eu sei como você se sente. — Willow morde as unhas nervosamente e as coloca nos bolsos.

— Você deve fazer a unha. — diz Chloe quando chega ao café. — Não fique chateada ou qualquer coisa assim! Geralmente eu faço para Laurie e, se você quiser, também posso fazê-las para você.

— Ah... Obrigada. Eu não estou ofendida nem nada. Eu sei que elas têm uma aparência horrível. Minha melhor amiga, em casa, também sempre me falava sobre esse assunto. — confessa Willow com um sorriso triste.

— Está supercheio. Nós não vamos conseguir uma mesa. — diz Laurie na entrada do restaurante, onde ela e Adrian estão esperando o resto.

— Então vamos esperar um par de minutos. — diz Andy com total despreocupação.

Guy se aproxima de Willow.

— Nós não precisamos ficar se você quiser.

— Ah, não importa. Obrigada, de qualquer maneira. — ela diz baixinho para que ninguém mais ouvisse.

— Ouça, há uma mesa vazia, se formos para o fundo. — diz Adrian após falar com a garçonete.

— Mas não vamos ver a água. — protesta Andy.

— Você foi o único que insistiu em vir aqui. — interrompeu Chloe.

— Sim, porque a gente veria a água. — Andy segue Laurie e Adrian enquanto cruzam o café.

— A verdade é que está muito bom aqui. — diz Laurie enquanto se sentam em torno de uma pequena mesa coberta por um pano listrado.

— Quem quer o que? — Andy busca um menu.

— Eu só quero uma sobremesa. — diz Chloe.

— Eu também. — diz Laurie. — Não, desculpe. Uma salada.

— Então eu vou ter que me pegar uma também. Vamos, pessa uma sobremesa. O que você quer, Willow?

— Hmm, talvez...

Willow a vê ante ao resto. É um esqueleto ambulante, uma vítima de algum terrível transtorno alimentar, parece tirada dos livros de história, uma sobrevivente dos campos de concentração. Willow leva um instante para perceber que esta menina não é nada de tudo isso. É apenas uma garota, uma garota como Willow, que decidiu destruir o seu próprio corpo. A única diferença é que a arma, ao invés da lâmina, é a fome.

Willow quase não pode olhá-la, mas está paralisada, hipnotizada. Cada rasgo do corpo desgastado da menina é uma indicação de seu caos interno. Willow apenas pode imaginar que tipo de dor deve ser a que levou à auto-destruição esta menina desta forma.

Ela sabe que há muita ironia na compaixão que sente por ela, mas não pode evitar a sensação de que esta forma de torturar o corpo é muito pior do que qualquer uma das coisas que ela faz para si mesma.

— Oh, meu Deus, pobre menina. — Laurie sussurra. Claramente, ela também deu conta de sua aparência.

— Quem? — Adrian diz com uma voz muito maior do que a de Laurie.

— Silêncio. — Laurie responde com uma cotovelada.

Guy se vira para ver de quem estavam falando e Willow percebe que a aparência dela lhe afeta, como todos os outros.

Willow olha para longe do espetáculo e se fixa em Andy. Ele também não consegue desviar o olhar da menina, mas sua reação é muito diferente da de Willow e dos outros. Ele evidente que está olhando para este esqueleto ambulante e só vê uma garota sem seios, assexuada, feia.

— Ah, não me dá muita pena. — disse a Laurie, com um sorriso sarcástico.

— Perdão? Chloe dá-lhe um olhar.

— Vamos, se você está em um lugar como este, é evidente que tem dinheiro para comer. Não é como se fosse uma pobre criança desnutrida na África, sabe?

—Não. — Chloe sacode a cabeça. — Eu não sei. O que você está falando?

— Então, isso é algo que ela faz a si mesma...

— Sim, é chamado de distúrbio alimentar. — diz Laurie indignada.

— Ei, eu sei, certo? Não fale como se eu fosse um idiota.

— Por que não? Você está se comportando como se fosse. — solta Chloe.

— Oh, me desculpe por não me afetar porque uma garota que não pode enfrentar quaisquer desafios que a vida coloca na frente, se esconde por trás da doença da moda.

— Que diabos você sabe o que a vida coloca na frente? O que você sabe das razões que ela tem para fazer isso? — pergunta Chloe.

O restante da mesa está em silêncio. Willow está certa de que não é a única que queria estar em outro lugar agora. Não olha para Adrian nem Laurie, apenas pode olhar para Guy.

— Olha, eu conheço essas pessoas. — Andy continua sem se preocupar em baixar o tom de voz. — A sociedade, a mídia, todo mundo é responsável por seus problemas. Parece que virou moda isso de se matar de fome e queixar-se de que o mundo está te arrastando para fazer isso. Acredite em mim, esta menina simplesmente não consegue lidar com as coisas, então ela inventou este problema...

— Cala a boca! — Willow explode. Não pode evitar. É incapaz de ouvir uma palavra mais. Apóia a testa na mão. Talvez esteja pegando enxaqueca. Sente a mão de Guy no ombro e olha para Andy.

— Obrigada, Willow. — diz Chloe.

Willow sabe que Chloe está ofendida por quão insensível Andy está sendo. Mas ela se preocupou por motivos muito mais egoístas. É como se Andy tivesse dirigido todas estas palavras à ela. O que Andy diria se levantasse as mangas da camisa e mostrasse a os cortes como fez com Guy? Diria que ela mesma tinha criado seus problemas?

Será que ele tem razão?

— Sim, certo. Olha, é melhor eu ir. — diz Andy depois de alguns instantes.

— Eu também, mas você sabe o quê? Vou precisamente na direção oposta à sua. — Chloe joga o guardanapo na mesa. — Até amanhã, gente.

— Podemos ir também? — Willow diz para Guy. — Me desculpe. — se desculpa com Laurie e Adrian.

— Você não precisa pedir desculpas. — Laurie lança uma olhada para Andy. — Eu pensei que você estava indo. — diz sarcasticamente.

— Vamos sair daqui. — Guy se levanta. — Ah, Andy, para sua informação. Estou totalmente de acordo com Chloe nisto.

— Bem, eu acho que Chloe não vai precisar de uma segunda opinião. — diz Willow deixando o café. O sol se pôs completamente e faz uma noite fresca e bonita.

— Hã? — Guy parece não entender nada. — O que você está falando?

— Chloe queria saber o que eu acho de Andy. — Willow explica para ele. — Você sabe, se deveria sair com ele e tudo mais.

— Vocês realmente falam desse tipo de coisa? — Guy olha para ela com incredulidade. — É uma coisa que não se pode fazer sozinha?

— Eu não sei. — responde Willow com um encolher de ombros. — Eu acho que não. — A verdade é que agora mesmo Willow não quer falar de besteiras. Está muito preocupada, o ocorrido no café é muito recente. Está com raiva, e não apenas com o que Andy disse daquela pobre menina, mas porque suas palavras também implicam à ela.

— Eu não quero caminhar muito agora. — diz Guy. — Você se importa? — Senta-se na grama e joga o braço para ela se ponha junto a ele. — Está bem assim? Podemos ver a água a partir daqui.

— Eu não provoco os meus próprios problemas. — diz Willow de repente. — Eu não faço isso só porque está na moda ou é legal. — Fica em silêncio por um momento. — Faço isso porque eu tenho que fazer. — diz ela, finalmente. — Eu não tenho escolha.

— Não. — Guy nega com a cabeça. — Você não se permite encontrar outra maneira. Essa é a diferença.

— Eu não posso dar ao luxo de encontrar outra maneira! Você sabe! Você viu isso! —Insiste Willow. Guy não diz nada e os dois ficam em silêncio, sentado por alguns minutos assistindo a água brilhar com a luz da lua.

— Talvez Andy esteja certo. — continua Willow. — Essa menina e eu... Simplesmente não lidamos com o que a vida nos traz e por isso nos escondemos atrás da nossa doença. Talvez, tudo o que ele disse sobre ela sirva para mim.

— Por que você faz caso a essas...?

— Meu irmão chora toda noite. — Willow o interrompe de repente. — Não ria. — disse em seguida. — Eu sei que você não é como Andy, você não vai dizer nada insensível ou estúpido, mas bem, há pessoas que acreditam que... Enfim, um cara que chora...

— Eu não estou rindo.

— É por isso que eu não conseguia dormir à noite. Ele chora. E eu o olho.

— Por que você está me contando isso? — Guy pergunta.

— Eu não sei. — Willow se surpreende. — Eu não sei. — repete. — A coisa é... Ele é muito forte, se acha que chorar assim é uma coisa tonta, está errado. Não sei como ele consegue fazer isso, como pode passar por isso, quero dizer. — Willow faz uma pausa. — Você acha que eu sou como aquela menina? —Willow busca os olhos de Guy, apenas o vê pela tênue luz das estrelas.

— Eu não sei. — disse ele lentamente. — Mas eu sei de uma coisa. O que você sente vendo seu corpo é o que eu sinto vendo suas feridas.

— Ah. — Willow não sabe como responder a isso. Quão maravilhoso é que ela possa o afetar tanto, que terrível que seja dessa maneira. Não pode deixar de pensar que praticamente qualquer outra reação seria preferível, e é somente culpa sua que, quando a olha, não vê uma garota, mas uma garota que se corta.

Willow sobe a manga e examina suas feridas. As olha como se estivesse sozinha, tenta vê-las do modo que crê que ele as vê.

Sem dúvida, elas são horríveis. Está mais que claro porque ele disse que eram feias quando estavam no depósito da biblioteca.

Isso não deveria importar. Seus cortes têm um propósito e esse propósito é independente de tais considerações triviais.

Nunca antes tinha estado tão convencida de nada. Mas, ainda assim, por um momento desejaria que tivessem outro aspecto, que parecessem arranhões feitos por um gato.

Ela começa a abaixar as mangas, mas Guy a interrompe. Ele pega o braço, olha os cortes e começa a refazer as marcas deixadas pela lâmina com seus dedos.

— Não... É...

Willow pára de falar ao ver que Guy se inclina e começa a beijar as cicatrizes.

Sabe que deveria pedir para ele parar, mas não pode porque ela realmente quer que ele continue para sempre. Também sabe que terá que pagar por esses sentimentos com outros, muito menos agradáveis, mas ainda assim não encontra forças para tirar o braço.

E então, Willow faz algo que o surpreende mais do que qualquer outra coisa que já tenha feito. Move o outro braço e com grande cuidado, coloca a mão em seu rosto, levanta o rosto dele até seus lábios e os dele se encontram e o beija. Não pode acreditar que seja capaz de arriscar-se assim, não depois do que aconteceu no depósito.

Com isso em mente, este feito é muito mais surpreendente que, meses atrás, quando ela estava furando uma chave de fenda no braço e sabia tinha encontrado o seu destino.

Espera que ocorra um cataclismo, que a situação supere igual ocorreu na biblioteca, mas pelo menos neste momento, apenas sente quão maravilhoso é beijar alguém, o beijar, sob as estrelas, e quão estranho e reconfortante resulta o que, depois de tudo que aconteceu, poder finalmente reagir a algo como qualquer outra pessoa faria.

— Pode me fazer um favor? — ela murmura, boca contra boca. Está ligeiramente tremendo, de emoção e medo, e não por pensar que seu ato terá consequências.

— Sim. — responde Guy, também num sussurro. — Apenas me diga o que quiser.

— Me leve para casa.

Willow não tem idéia do motivo pelo qual pediu isso, de onde surgiu esse desejo, se é algo que ia crescendo pouco a pouco por dentro, ou se é uma necessidade repentina. Mas com certeza é um desejo genuíno, é o que ela quer de verdade.

— Agora? — Guy se separa dela. — Quer dizer para eu te acompanhar até a casa de seu irmão?

— Não. — Willow sacode a cabeça. — Eu quero ir para casa. Para a casa dos meus pais, onde eu cresci. Para casa.

— Ah. — Guy acena. Ele parece confuso, mas pensativo. — Não é longe, é? Isto é, poderíamos pedir carro do seu irmão e dirigir até lá, não? — Faz uma pausa. — Desculpe, você voltou a dirigir, desde...? Eu não estava pensando.

— Não, não voltei a dirigir. Eu não posso ir sozinha até lá e eu não posso pedir o carro ao meu irmão. Ele vai saber para que eu quero e não sei se posso dizer. Eu preciso que você me leve, Guy, por favor.

— Por que você quer ir até a sua casa? É porque tem medo que tenha se tornado um lugar que você só consegue ver em sua imaginação?

— Não, não acho que é isso... — Não termina a frase.

Willow gostaria de responder-lhe. Gostaria de poder ela mesma encontrar a resposta.

Pensa nas duas únicas vezes em que ela foi lá desde o acidente, a vez que David e das livrarias e quando foi para pegar suas roupas. Não há nenhuma razão para pensar que esta vez será diferente. Willow não tem idéia do que está procurando, o que espera pegar nessa excursão, e por quê? Ri que se seu irmão, seu irmão, que é tão incrivelmente forte, foi incapaz de suportar o impacto emocional de voltar a casa de seus pais, ela poderá?

Talvez unicamente precise voltar a dirigir na estrada onde tudo aconteceu. Talvez precise voltar a meter a cabeça no armário de sua mãe e ver se ainda pode perceber seu cheiro. Talvez precise olhar mais uma vez, todas as prateleiras cheias de livros.

— Eu quero um livro. — Willow solta depois. Supõe que esta resposta deve ter mais sentido do que qualquer outra. — A história de deuses e heróis de Bulfinch. Eu quero a cópia do meu pai.

Guy acena lentamente, como se não houvesse dúvida nessa resposta. Não diz, ao contrário do que faria a maioria das pessoas, que pode entrar em qualquer livraria e comprar um exemplar, não diz que ele já sabe que ela já tem uma cópia, que a viu muitas vezes com o livro em suas mãos, ou que ele pode emprestar o seu próprio. Em vez disso, Guy apenas a olha e diz:

— Ok, parece que eu sou o que vai ter que encarregar-se de que te emprestem um carro.

CAPÍTULO QUATORZE

É claro que iria chover.

Willow olha distraidamente para fora da janela, mas na verdade não vê nada. Nada claro, com exceção da tromba da água que está caindo, é inútil o trabalho que as hastes do limpador estão se empenhando em fazer de novo e de novo e a luz de um relâmpago ilumina a noite ocasionalmente. Embora o

homem do tempo tivesse assegurado um céu azul, apesar de que na semana passada eu tinham feito alguns belos dias de outono, no momento em que Willow entrou no carro sabia que ia começar um dilúvio. Pergunta-se se Guy ficará nervoso, se o preocupará em dirigir neste tempo tão repugnante a única vez que a chuva parou foi quando começou o granizo. Ou talvez ele preocupe-se que ela poderia estar preocupada. Preocupada em ser envolvida em um acidente. Em outro acidente. A Willow não lhe preocupa, mas se sente claramente desconfortável. Tanta chuva a deixa nervosa.

— Desvio por aqui, né?

Willow não responde. Está olhando para fora da janela esforçando-se para ver alguma coisa através do vidro cheio de gotas. Mas, está claro, que suas tentativas são em vão, apenas reconhece a estrada, mas também é desnecessário. Não necessita ver nada. Saberá onde está mesmo com os olhos vendados.

— Ei, não se supõe que eu tenho que virar por aqui?

— Para.

— O quê?

— Pare o carro.

Guy para na beira da estrada perto de um campo.

— Você está bem? Recorda-se...?

Willow não espera que termine a frase e sem dúvida, mais do que um breve momento antes de se por caminhar na chuva. Não vai vestida para um dia como este e em segundos a chuva para penetrar nos ossos, mas ela só nota enquanto caminha sem rumo pelo campo. Há talvez cinco ou seis metros da estrada, há um grande e velho olmo. *

* É uma espécie de árvore.

http://lh6.ggpht.com/_0dHMz7XFkVY/SpnJH0HN5aI/AAAAAAAAADgk/5vREfpGDNNY/19_olmo_thumb11.jpg

— O que você está fazendo? — Grita Guy. Sai do carro e corre para onde Willow esta na frente da árvore.

— Willow. — Tem que gritar para ser ouvido, entre tantos trovoes. — Vamos, volta e entra no carro.

Willow o olha sem vê-lo. Estende a mão e toca um lado da árvore, um fragmento do tronco que não tem casca, como se tivessem arrancado, e em seu lugar há uma mancha de tinta azul escura. Como é estranho que depois de tantos meses, depois de tanta chuva, a tinta ainda esteja lá. Cai de joelhos na frente da árvore. Sente o farfalhar do papel celofane e olhar para o chão. Leva um segundo para perceber que está ajoelhado em dezenas de oferendas de flores que foram se decompondo e agora estão irreconhecíveis se não fossem pelos laços sujos e embalagens plásticas. A cena deveria afetá-la, perturbar e até mesmo deixá-la em frangalhos e, no entanto, Willow não sente nada mais do que o desconforto da chuva embebendo as suas roupas e pele. Não sente nada, o drama do tempo, a importância do lugar, não têm efeito sobre ela. Não tem certeza do que estava procurando, mas o fato é que não era isso, esta lacuna, este sem sentido. Guy está muito mais afetado do que ela. Esta ficando pálido ao entender o significado da casca do tronco arrancada, a mancha de pintura e os buquês de flores destruídos no chão.

— Vamos. — Willow se levanta. — Vamos. — Pega o braço de Guy, ele também está encharcado. — Vamos sair daqui. — Lhe traz para o carro.

Guy entra e fecha a porta com contundência, lança-lhe um olhar de pesquisa, mas não diz nada mais do que:

— Há ainda dois quilômetros e meio, certo?

— Sim. Vá até a próxima saída à esquerda, e de lá é tudo reto.

Nenhum diz nenhuma palavra durante o resto da viagem. Willow aguarda que Guy não esteja tão incomodado ou tão congelado como ela está.

— É aqui?

— Aham, exatamente. Essa com a caixa de correio mais acima.

Guy estaciona na garagem e desliga o motor. Willow está em casa. Depois de todos esses meses, está em casa. Willow sai do carro lentamente, cuidadosamente, como se tivesse de repente envelhecido e teria ficado fraca. Está paralisada olhando a casa, e não nota a chuva que cai no seu rosto e segue empapando a roupa que se gruda contra a sua pele.

— Talvez devêssemos entrar. — Lhe sugere Guy com tato.

— Ah, sim. — Willow olha para ele sem vê-lo. — Deveríamos entrar.

Começa a andar, mas tropeça no cascalho do caminho.

— Tem certeza de que isto está bem? — Guy agarra seu braço. — Tem certeza que quer fazer isso?

— Talvez... Talvez... Eu não sei. — Willow nega com a cabeça. De repente, não está segura. — Talvez possamos ir para algum lugar... Para comer antes. — Diz finalmente. Willow sabe como soa absurda essa proposta. São apenas dez horas da manhã, os dois estão completamente molhados e a casa, embora seja intimidante, ao menos oferece a chance de ser confortável. Poderiam entrar e mudar de roupa. Quase todas as roupas dela ainda estão lá e provavelmente poderia encontrar algo para Guy.

— Tudo o que você diz. Depende de você.

— Você é tão... Você é muito... — Willow não terminar a frase.

Perfeito, maravilhoso, adorável.

— Bem, — Willow diz finalmente. A palavra é totalmente inadequada. — Você é muito bom.

— Bem, eu não tenho nenhuma intenção de te levar ali arrastada. Olha, o que quer que seja o que você quer, este é o seu momento. Totalmente. Mas talvez você devesse começar a decidir, esta chuva está começando a me deixar doente.

— Voltamos ao carro. — Diz dirigindo-se para o banco do passageiro.

— E agora? — Pergunta Guy depois de entrar, vire a chave de ignição. — Você realmente quer comer?

— Pelo menos aqui não nos molhamos. — Willow não responde diretamente a sua pergunta. — Quem é o dono do carro, afinal?

— Do irmão de Adrian.

— Lhe disse para o que era?

— Não. Não ele não me perguntou.

— Oh. — Willow assente. — Ouça o que eu disse-lhe ali fora... — Tamborila os dedos no painel. — É verdade.

— O quê?

— Você é tão... Tão... — Para a surpresa de Willow, a voz está quebrada. Choca-lhe a amabilidade de Guy têm o poder de emocioná-la tanto. É estranho que isso a afete tanto depois de que o cenário do acidente a deixou tão fria.

— Willow?

— Sim? — Sua voz é mais forte agora e novamente sente ter tudo sob controle.

— Você também.

— Oh. — Apóia os cotovelos no painel de instrumentos e pressiona a testa contra as palmas das suas mãos. — Se você diz...

— Você está chorando?

— Não. — Willow ergue a cabeça. — Você deveria já saber a essas alturas. Eu não choro. Olha, vamos comer alguma coisa, certo? Eu sei que é cedo, mas vamos do mesmo jeito. Há um lugar onde costumavam ir todos os da minha escola antiga. É apenas a três quilômetros de distância daqui. — Olha para seu relógio. — Não haverá ninguém neste momento.

— Tudo bem. — Guy conduz a marcha para trás para sair do caminho de entrada. — Acho que alguma coisa quente vai me fazer bem. Eles têm um bom café?

— Chocolate Quente.

— Eh?

— Chocolate Quente. É um lugar pequeno. São feito em dupla como na França e o chocolate é a sua especialidade. Pelo menos é o que todo mundo sempre pediu. Mas você pode pedir metade de café e metade de chocolate. Você gostara, eu prometo.

— Sigo reto?

— Não, à direita e depois à direita novamente. Então você vai o ver.

— É aqui? — Guy estaciona na frente da porta do café. Situa-se entre uma série de lojas que formam um semicírculo ao redor da estátua de um herói da Guerra Independência. — A minha roupa está toda grudada. — Diz ao deixar o carro.

— Desculpe. — Willow não pode deixar de se sentir culpada. — A minha também. Talvez aqui dentro nos sequemos um pouco.

— É cedo demais para pedir uma sobremesa? — Guy pergunta, olhando para o cardápio.

— Nem um pouco. — Willow agita-se desconfortável no banco. As calças molhadas estão tornando a sua vida impossível. — Eu sei o que você quer. O sorvete de café mocha. Nem sei como se pronuncia. Você tem que prova-lo.

— Existe uma garçonete aqui?

— Você tem que ir até o bar para pedir.

— Você só quer um chocolate quente?

— Mmm, sim, por que...

— Willow?!

— Markie?! — Willow está tão chocada que ela mal consegue falar. Levanta-se e olha para o que deve ser um fantasma, porque você não pode apenas acreditar que o que esta vendo é real. Depois de todos estes meses, após as chamadas de telefone que evitou, finalmente fica cara a cara com sua melhor amiga.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunta Willow enquanto Markie se aproxima da mesa. Isto é, como é que não está em casa?

— O que estou fazendo aqui? Eu moro aqui. O que você está fazendo aqui? — Olha para Willow com ceticismo, como se não podia acreditar que o que você vê é real.

— Você cortou o cabelo. — Diz Willow estupidamente.

— Sim, quase quatro dedos... — Markie fica silenciosa. Olha para Willow e Guy.

— Oh, uh, desculpe, este é Guy e acho que agora você deve ter adivinhado. Esta é a Markie.

— Já ouvi falar de você. — diz Guy, que esta claramente muito mais confortável que as duas.

A Willow se surpreende com o comentário. Parece tirado de uma conversa formal de uma festa elegante, mas Willow agradece pelo detalhe. Agora se da conta, olhando para Markie, que feriu os sentimentos de sua melhor amiga. Espera que as palavras de Guy façam Markie ver que ela não a esqueceu que ela tem pensamento nela e conversado sobre ela nos últimos oito meses, todas as coisas que elas fizeram juntas por todos estes anos ainda lhe importam.

— Olá. — Markie lhe faz um aceno com a cabeça. — Bem, o que você está fazendo aqui? — Volta sua atenção sobre Willow.

— Eu... Necessitava pegar algumas coisas de casa. — Responde Willow após um segundo. Isso é tudo o que pode pensar em dizer e, na verdade, a única razão com algum sentido que de ir lá é para recolher o Bulfinch. — E você, o que você está fazendo aqui, há esta hora? — Pergunta a Markie novamente.

— Oh, tenho que pegar algumas coisas para minha mãe. — Responde Markie encolhendo os ombros. — Esta organizando um jantar. Houve um vazamento de água na escola e inundou o prédio inteiro. Temos dois dias de folga até que limpem tudo. — Fala com frases curtas e cortantes.

— Faz sentido, suponho... — Willow tenta sorrir, mas não se sai bem.

— Irei pedir. — Guy se levanta e olha para Willow. É evidente que ele esperava que Willow perguntasse a Markie se quer se sentar com eles.

— Eu tenho que voltar imediatamente. — Disse Markie. As palavras saem em tropeços. É óbvio que não quer dar a Willow a oportunidade de rejeitá-la novamente. Mas enquanto Guy se vai, ela se senta no banco. Olha para Willow fixamente, mas nenhuma das duas diz uma palavra e do

silêncio que esta se criando não é um silêncio agradável partilhados por duas amigas.

— Eu gosto de como seu cabelo ficou. — Diz Willow finalmente.

— Obrigado. — Markie não parecem sentir-se particularmente lisonjeada. Olha para Willow com atenção. — Eu não vi você usar tranças desde que tinha seis anos. Recordo-me que sua mãe sempre te fazia.

De verdade?

Pestaneja tentando remover essa visão volta a se concentrar no momento presente. Willow tinha esquecido completamente, mas agora a imagem vem à mente. Lembre-se agitar-se em um banco, desesperada por liberdade e poder brincar com Markie enquanto sua mãe estava atrás dela com uma escova na mão.

— E te custa menos fazê-la em seu cabelo agora que está muito mais curto? É que leva séculos para tirá-la... — Willow não pode acreditar que isso é tudo o que ele pode pensar de dizer a sua amiga depois de tantos meses que a sua relação foi reduzida para esta conversa superficial, e sabe que a culpa é toda sua. Mas Markie não deseja tomar parte no assunto. Agora que as duas estão sozinhas, decide começar a trabalhar.

— Minha mãe me disse que você não me ligou e nem respondeu meus e-mails nem nada, porque as coisas para você simplesmente eram demasiado duras neste momento...

— Tem razão. — Willow começa ansiosamente, feliz por ter a oportunidade para explicar. Inclina-se sobre a mesa. — Você sabe...

— Mas eu disse a que não era possível. — Markie a corta. — Porque eu disse que se este fosse o caso você me diria algo como "Eh, Markie! Agora mesmo eu não posso estar para você, e quando eu estiver pronta, você será a primeira...". Eu disse-lhe que você não iria me ignorar, sem mais nem menos, que você não era assim. Você não poderia ser tão... Falsa. Emocionalmente falsa, quero dizer.

Willow sente-se surpresa.

— Eu... Eu sinto muito. — Diz entre balbucio. Se sente como se tivessem dado um tapa, mas não pode estar zangado com Markie, porque sabe que seu amigo tem razão. — Não tem que haver...

— Odeio dizer coisas como essa! Markie explorada. Eu não quero falar desta maneira! Eu sinto como se você fosse meu ex ou algo assim e eu estou lhe implorando que me ligue! E Além disso, eu me sinto tão egoísta! Deveria estar perguntando como estava levando esses meses, não ficando raiva de você. — Faz uma pausa. — Bem, e como foram estes meses? — Diz depois de um momento.

— Não muito bem.

Isso é o que eu chamo de ser curta!

Willow se pergunta o que aconteceria se mostrar seus braços a Markie. Perdoaria lhe por não ligar? Será que entenderia então o que se tornou a sua vida? Se o diria a sua mãe? É claro que o faria. Nem sequer pensaria duas vezes. Não seria como Guy. Markie conhece a toda sua família desde que as duas tinham cinco anos. Não pararia para ouvir os protestos de Willow. O diria a sua mãe. E sua mãe diria a David. Tirariam-lhe as lâminas. Iriam fazer algo sobre isso. Esta parte da sua vida seria acabada. Willow ainda não está pronta para que isso aconteça, mas por um breve momento invade-lhe uma necessidade tão grande que literalmente tem que lutar contra o impulso de mostrar a Markie os braços. Apenas tem que arregaçar as mangas e tudo vai começar. Mas ao invés disso, esconde as mãos sob a mesa. As apoia em seu colo. E se poem a retorcer um guardanapo. Faz qualquer coisa para mantê-las ocupadas.

— Eu... Eu senti saudades. — Diz Willow finalmente conseguindo tirar os olhos do guardanapo. — Eu senti saudades e senti saudades de como as coisas eram entre nós antes. E enquanto sua mãe estava certa... Você também estava. Willow olha para Markie. - Deveria ter dito que não poderia falar com você. — Mais uma vez, e para sua surpresa, ela sente a voz embargada. Mas, como antes, é apenas um instante.

— E agora? — Markie pergunta.

— Eu... Eu ligarei para você. — Diz Willow. — Gostaria de ficar com você.

— Sério? — Markie a olha com ceticismo.

— De verdade — Lhe assegura Willow. — Mas, ei... — Mas fica ruborizada ao pensar nas censuras que Markie fez antes. — Não acho que será em breve.

— Oh. — Diz Markie lentamente. — Bem, acho que, nesse caso, vou ter que esperar. Espero que... Bem, espero que desta vez não vão ser oito meses. E... Willow. — Markie sorri timidamente. — De alguma forma se cheguei a acreditar no que minha mãe me dizia. Se não, não teria continuado ligando todos esses meses. — Se olham por cima da mesa sem dizer uma palavra. A diferença é que desta vez, o silêncio não é desconfortável.

— Pois bem. — Markie inclina para frente com algumas dos lampejos que costumava ter. — Será que ele tem algo a ver com não me ligar? — Pergunta apontando para Guy em pé no bar de costas para elas. — Porque, nesse caso, podia te perdoar.

— Não, mas eu me perguntava o que você acharia dele. — A confiança Willow inclinando-se também sobre a mesa. Seus cotovelos se encontram e, por um momento, é como se não foram separados nunca.

— É super bonito. — Markie o olha fugazmente. — É o seu namorado ou algo assim, ou apenas um amigo? Ou seja, quem é?

— Bem... — Willow olha na mesma direção de Markie. Como poderia explicar o que Guy significa para ela? Ele é muito mais do que um amigo. Algo diferente que um namorado talvez um amante, em todos exceto no sentido técnico da palavra... E então olha para Markie e diz-lhe as palavras mais certas e honestas que nunca disse a ninguém:

— Ele é alguém que me conhece, e alguém que eu conheço.

— Oh. — Markie acena cuidadosamente, enquanto pensa nisso. — Mmm, talvez deveríamos mudar de assunto. — Murmura. — Por que ele está vindo para aqui. Você sabe o que? — Continua com a voz normal quando Guy chega à mesa. — Deveria ir. Ou seja, não tenho apetite de nada. Tomara que pudesse ficar, mas minha mãe me espera e suponho que você prefere que não saiba que eu te vi...

— Sim, por favor, não a diga.

— Ok, então parece que eu não posso usar a desculpa que eu te encontrei por chegar tarde. — Markie se levanta. — Enfim, acho que vou ter que reservar tudo o que eu queria falar com você até ouvir notícias suas... — Disse com lentidão, mas sem a hostilidade antes. Willow também se levanta.

— Eu espero... — Começa, mas as palavras lhe faltam. Se próxima de sua amiga, com cuidado, lhe dá medo de abraçá-la quando ela estava tão molhada. Mas Markie não hesita nem por um instante e dá a Willow um forte abraço.

— Até logo. — Markie a deixa ir depois de um momento. Olha para Guy e sorri um pouco e se vai.

— Tchau. — Guy sorri de volta. Senta-se em seu lugar que acaba de ficar livre. — Nós trouxemos o nosso em um par de minutos. — Diz ele a Willow.

— Oh... Ok. — Willow tem o olhar vago. Esta muito concentrada no que acabou de passar com Markie para poder captar o que ele está dizendo...

— Está tudo bem? — Ele lhe pergunta. — Quero dizer você gostou de vê-la novamente?

— Sim, eu estou feliz, mas... Ei, você se importaria se nós pegássemos as coisas para levar? — Guy fica a olhando.

— Eu sei, eu sou difícil e complicada. Mas olha você me disse que tudo dependia de mim. E agora mesmo eu queria ir para casa. Desculpe.

— Não, não... Isto é, não me custa nada pedir as coisas para levar, e tão pouco é que eu tenha o sonho de estar sentado em local de garotas, mas você tem certeza que dessa vez está pronta?

— Te parece um lugar para as garotas? Todos os meninos da minha escola adoravam.

— Oh, sim? Que tipo de meninos iam para sua escola? Mas, dá no mesmo, você tem certeza desta vez?

— Sim, eu tenho certeza.

— Desculpe você poderia envolver as nossas coisas. — Guy diz à garota que está por trás do balcão.

— Ok, mas espere um segundo. — Willow puxa sua manga. — O que para você parece tão feminino sobre este local?

— Descreva-me o guardanapo.

— Pano cor-de-rosa com violetas bordadas. — Willow responde com um encolher de ombros.

— Certo. Venha, vamos.

O caminho de volta para casa ocorre sem nenhuma novidade além do fato de que a chuva cai com mais força do que nunca e que as roupas ficam mais encharcadas ao entrar e sair do carro.

— Pode ter um pouco de pressa e abrir a porta? — Diz Guy. Os dentes batendo.

— Desculpe. — Willow procura a chave no bolso. — A tenho.

Abra a porta e os dois entram. A casa cheira a mofo, e é óbvio que está desabitada, vazia.

— Bem. — Willow disse enquanto os dois estão na entrada tremendo com a roupa molhada. — Aqui estamos nós. — Deixar no chão a bolsa e o copo de chocolate ainda não provado.

— Tudo bem. — Diz Guy lentamente. — O que você que fazer agora?

Willow não tem idéia do que fazer. Ainda não compreendeu por que queria voltar. Esperava que, no momento em que entrasse na casa, que saberia, que abriria a porta e tudo ficaria claro. Mas nada esta. Não houve nenhuma grande epifânia. O momento é tão sem interesse e importância, como antes, quando parou na estrada, no local onde terminou a vida de seus pais. Willow não tem palavras. Guy está nervoso por ela, curioso para ver qual será o seu o próximo passo.

— Quer ver o meu quarto? — Lhe pergunta de repente. Guy parece surpreso. Claramente isto não é o que ele esperava. — Desculpe. — Willow sacode a cabeça com o pensamento de que deve ter soado estúpido. Não que eles estão no primeiro ano e ela quer mostrar sua coleção de bonecas. — Não soou muito bem. O que eu quis dizer é que eu tenho coisas lá e podemos mudar de roupa e colocar um algo seco.

— Oh, ótimo. — Concorda Guy. — Embora não tenho certeza de que nós tenhamos o mesmo tamanho.

— Espere. — Willow responde jovial. — Meu irmão ainda tem coisas aqui. Venha. — Pega a mão dele e sobe as escadas.

— Tem um monte de livros. — Lhe diz ele ao entrar no quarto. — Embora eu tenha que lhe dizer que eu nunca imaginei que você tinha um quarto com paredes pretas. — Anda sem rumo ao redor do quarto de mãos dadas com Willow, e observa os títulos diferentes.

— Oh, é que este foi antes o quarto de David, e ele pintou de preto. — Explica Willow. — Quando foi para a faculdade eu o herdei. Agora ele usa o meu quarto quando ele vem para visitar. — Faz uma pausa, percebendo que acaba de falar no presente. — Venha para o meu antigo quarto. — Diz levando-o ao fundo do corredor. — Meu irmão guarda suas coisas aqui. — Abre uma porta à direita. — Certamente algumas destas vão dar. — Willow franze a testa enquanto vasculha dentro das gavetas da cômoda. — São iguais na altura... Toma. — Lhe joga um moletom e jeans velhos. — Vemo-nos em uns minutos. Mmm... Eu vou me trocar no meu quarto. — Willow se apressa para fechar a porta quando Guy começa a desabotoar a camisa.

Willow desfaz as tranças e corre os dedos pelos cabelos. Após o comentário.

Markie está desconfortável com ela. Em qualquer caso, vai secar muito mais rápido agora que está solto. Vai para o seu armário em busca de algo para vestir. Fica surpresa com as coisas que tem a roupa que tinha esquecido completamente, e se pergunta se David e Cathy notariam e perguntariam-lhe se pegasse alguma coisa daqui para levar.

Talvez devesse colocar um vestido.

Passa as mãos pelas pregas dos montes de saias que tem no armário. Guy nunca a tinha visto usando nada desse tipo... Willow balança a cabeça quando percebe o quão frívola esta sendo. Não veio até aqui para fazer um desfile de moda... Embora ela não saiba muito bem o porquê veio aqui...

— Ei? Você está pronta? — Guy bate na porta.

— Eh... Um segundo. — Willow coloca um jeans e uma camisa seca. — Entre. — Lhe diz.

— O que eu faço com isso? — Pergunta-lhe entrando no quarto com as roupas molhadas em uma mão. — Ei, seu cabelo está diferente.

— Assim seca mais rápido. — Willow disse com um encolher de ombros.

— Nunca o vi assim. É bonito.

— Obrigado. — Willow cora. Logo lhe olha e começa a rir. — David e você são altos igualmente, mas no resto...

— O que há de errado com o que eu estou vestindo?

— Nada, não tem nada. É só que, bem, o moletom é um pouco pequeno.

— Ei, você é a única que me deu isso...

— Não, não, isso está ótimo. — Willow não consegue parar de rir. — Ei, me prometa que não deixará o remo. Estou falando sério. Mesmo que você acabe dedicando-se ao trabalho de campo, coloca um par de remos na mala.

— O que você disser. — Ele dá de ombros, mas Willow percebe que ele se sentiu lisonjeado.

— Mmm... Você sabe o que? — Olha para a pilha de roupas molhadas que Guy segura. — Suponho que nós poderíamos fazer uma lavagem. — Reúne a sua própria pilha de roupas molhadas. — Vem à máquina de lavar está no porão.

Ao andar junto os quartos vazios, Willow não pode deixar de pensar como é estranho como a casa está morta. Ninguém que entra aqui pela primeira vez poderia pensar que é a casa de uma família que tenha saído de férias. Há algo no ar que não permite essa possibilidade. É como se a casa sentirá que os seus habitantes se foram, estão mortos, foram espalhados e age em conformidade. Willow para no meio da escada que vai para o porão. Como pode ter esquecido do que há ali? Senta-se em um degrau e vê as prateleiras meio desmontadas. A chave de fenda, seu primeiro cúmplice, deitado no chão ao lado.

— O que você tem? — Guy senta-se ao lado dela.

Willow sacode a cabeça. Mais uma vez tem a sensação de que esta situação deveria ser superior a ela, que deveria deixá-la derrotada. Pergunta-se por que não sente a necessidade desesperada de recorrer às lâminas, por

que tudo a deixa fria. Vira-se para Guy e o olha e fica surpresa ao ver o quanto ele está afetado a esta cena. Ele está pálido, quase como um fantasma, e nunca tira os olhos da chave de fenda. Ele é o único que precisa falar sobre isso.

— Você está bem? — Pergunta Willow preocupada. — Guy, você está bem?

— Eu não sei. — Ele olha para longe da chave de fenda e olha para ela. — Só sei que está deve ser a coisa mais horrível que eu já vi em toda minha vida. — Guy rodeia-lhe os ombros com um braço, mas não diz nada.

— Talvez simplesmente tivesse de voltar e encontrar com Markie. — Diz Willow. Levanta a cabeça e olha para ele. — Talvez seja por isso que viemos aqui. — Dá de ombros. — Quero dizer não que eu sabia que iria acontecer, mas... De qualquer maneira... Olha talvez o melhor seja que deveríamos por na máquina de lavar e, talvez, pegar o Bulfinch e então... Não sei. Você quer esperar aqui até que pare de chover antes de voltarmos? Desculpa, não sei por que eu trouxe você até aqui. — Willow tira o cabelo do rosto. — Em vez disso, porque eu te obriguei a trazer-me aqui. Pensava... Não sei o que pensava. Nega com a cabeça. Pensei que tinha encontrado uma ligação entre como estava David na vez que viemos aqui e o modo em que choro... Mas não sei, a verdade é que não faz sentido. E embora o tivesse, eu passei tanto tempo sem chorar, sem sentir, me dizendo que eu não posso lamentar que... O que estou jogando agora? — Enterra o rosto nas mãos. Guy coloca o braço ao redor dela, mas não diz nada. — Talvez o destino quisesse que eu encontrasse com Markie. — Diz Willow. Levanta a cabeça e o olha. — Melhor, talvez seja por isso que viemos aqui. — Dá de ombros. — Quero dizer não que eu sabia que iria acontecer, mas... Enfim... Olha, eu acho vou colocar na máquina de lavar roupa, e eu vou pegar o Bulfinch, e depois não sei, você quer esperar aqui até que pare de chover antes de retornar? *

* Tem uma parte que repetiu, eu não sei se foi proposital, no caso a autora repetiu ou foi um erro de quem digitou o e-book então eu traduzi como estava no e-book e coloquei a parte repetida, ok. ;D

— Tudo bem. Bem, pelo menos até que termine com a roupa. Mas você tem certeza que acabou aqui?

— Nem sequer sei por que estou fazendo aqui. — Diz Willow enquanto se levanta da escada e colocar as roupas na máquina de lavar. — Vai demora um pouco. — Coloca o detergente e aperta o botão. — Melhor

voltar para cima e não sei, vou pegar o livro... — Sobe a escada abatida. — Quer esperar aqui? — Aponta para a sala de estar. — Só vou subir um momento para pegar o Bulfinch... — Willow não quer que Guy acompanhe, porque existe uma coisa que quer lhe dar, algo que está no estúdio de seu pai, assim como o Bulfinch, e quer que seja uma surpresa.

— Tem certeza de que quer estar sozinha?

— Estou bem... Só... Olha. — Willow o acompanha até a sala. — Este era o meu lugar preferido no mundo para ler. — Sobe para o parapeito da janela, que está habilitado como um sofá. — Vem. — Sorri quando Guy se senta ao seu lado. — Será somente um segundo, ok?

— Tome seu tempo.

Willow vai até o corredor que leva para o estúdio perguntando se o quarto onde os seus pais passavam a maior parte do tempo, onde eles trabalhavam, a deixará tão indiferente como tudo o mais. Mas, quando abre a porta e vê as prateleiras repletas de livros que vão do chão ao teto e duas mesas enormes com a sua vades * de papel, se dá conta, uma vez mais que não sente nada. Atravessa a sala para as prateleiras e pega o Bulfinch. Logo, procura por um par de segundos até encontrar Tristes Trópicos. Sabe que se David chegar e saber que ela lhe deu uma cópia de seu pai, a primeira edição, em excelente estado, vai matá-la. Mas não acha que vai ser em breve e, afinal, sabe que significará tanto para Guy. Deseja com todas as suas forças dar-lhe algo especial. Willow caminha pelo estúdio por um tempo, olhando alguns livros com relutância. Há uma fina camada de poeira cobrindo tudo como se fosse areia. Pense em como é estranho que agora a casa pareça uma escavação arqueológica. Senta-se à mesa e olha entre os papéis sobre o vade *, com uma espécie de curiosidade mórbida para ver o que seus pais estavam fazendo no último dia de suas vidas. Não há nada de especial, apenas algumas notas escritas em letra quase ilegível de seu pai, algumas contas e uma nota na energética caligrafia de sua mãe:

Hannah,

Obrigada por ficar até mais tarde e me ajudar com a festa. Não haveria podido com tudo sem sua ajuda. Não se preocupe em passar o aspirador hoje, mas quando você for ao mercado, pode se assegurar de comprar suco de laranja com cálcio para Willow! Cálcio, muito, muito importante para Willow!

* <http://ese6.com/catalogo/Papeleria/vades.jpg>

Willow pega a nota, pensando que talvez gostasse de tê-la em sua escrivaninha, na casa de David. Não tem memória. Não pode pegar uma foto, David iria perceber algo assim. Não parece haver outra nota manuscrita que possa ser mais interessante, qualquer coisa disso estaria no computador de qualquer maneira. É um pequeno detalhe, muito sem sentido, realmente, mas gostaria de manter esse pedaço de papel com a letra de sua mãe. Pega os livros e o papel e sai do estúdio, parando no caminho para a sala de jantar para guardar a cópia de *Tristes Trópicos* na bolsa.

— Ei, o que você está lendo? — Pergunta Willow a Guy que está sentado ao lado da janela passando as páginas de um livro.

— Falava sério quando você disse que seus pais tinham milhares e milhares de livros. — Diz apontando para as estantes da sala.

— Oscar Wilde. — Willow senta-se ao lado dele e olha o livro que tem na mão. — É muito engraçado. Certamente que aquele seu professor deve ter dado um monte de coisas como essa para a leitura.

— O que você tem aí, além do Bulfinch? — Guy lhe pergunta olhando para o pedaço de papel que Willow leva na mão.

— Oh, não é nada mais do que uma nota escrita pela minha mãe... Nada de importante. — Willow encolhe os ombros. — Me desculpe por ter feito você ter vindo até aqui era pedir-te muito e não sei se você se importava muito em cabular aula e... Bem, tão pouco peguei nada de verdade. Obrigado por fazê-lo de qualquer maneira.

— Você não precisa me agradecer. — Guy pega o papel da sua mão. — *Cálcio, muito, muito importante para Willow.* — Lê.

Willow não se dá conta que está chorando até que Guy enxuga as lágrimas com a mão. Sabe que tinha razão sobre SEU irmão, que necessitava de uma força incrível para enfrentar esta dor terrível, e não sabe como pode suportá-lo, porque dói muito, muito mais do que a lâmina. E não sabe por que, depois de haver estado no lugar onde seus pais foram mortos depois de voltar a ver o lugar onde começou sua relação ilícita com uma chave de fenda, algo tão simples, tão banal, possa finalmente a afetar muito.

Talvez seja porque, ao ouvir Guy ler a nota, se deu conta, igual o que a ocorreu ao ver David com Isabelle, ela nunca vai ser filha de ninguém. Ninguém vai se preocupar com ela da forma como seus pais o faziam, ninguém vai cuidar-la como eles. A única vez que Willow será capaz de

experimentar um laço assim será quando for ela mesma uma mãe. E mesmo nessa altura necessitará de sua própria mãe e ela não estará lá. Ela não vai estar lá, porque ela morreu. Morta. Com décadas de antecedência. E surpreende Willow, a surpreende muito, que a lâmina há conseguido lhe anestesiar por tanto tempo, porque o sentimento que a invade é tão avassalador, tão devastador, que precisaria de mais do que um par de cortes para transformar sua angústia. Ela coloca a mão no estomago com medo de se partir em duas da dor. Guy não diz nada, simplesmente tira o cabelo do seu rosto e, ocasionalmente, enxuga as lágrimas.

— Não... Não... Não... — Suas palavras saem cortadas. — Não sou filha de ninguém! — Diz Willow como se fosse algo que acabara de descobrir. — E já sei... Já sei que eu deveria sentir-me culpada pelo meu irmão, que... Que... — Para um segundo. Arfa e suga o ar com tanta força que tem medo de estar hiperventilando.

— Você consegue respirar? — Guy a pergunta.

— Sim, ou seja, não. Dê-me um segundo. — Willow seca o nariz com a mão. — Isso não foi muito educado, me desculpe. — Deixa escapar uma risada um pouco histérica. — Eu não posso respirar quando eu choro tanto... E não me lembro... A última vez que chorei assim. — Deveria... Deveria me sentir mal por David, porque ele tão pouco tem pais. E eu sei... Eu sei que também deveria me sentir mal por meus pais porque eles não sabiam, ao acordar, que este seria o último dia de sua vida... — Aperta as mãos com tanta força que não entende como é que não grita de dor. — Mas somente posso pensar que não sou filha de ninguém... — Durante alguns segundos para de falar e tenta limpar os olhos. Mas é inútil como tentar conter um maremoto. Suas mãos se entrelaçam com as de Guy e agarra-lhe os pulsos e se vira para olhar seu rosto, enquanto os dois estão sentados junto da janela. Para um com um novo ataque de lágrimas e ficar sem ar.

— Você quer um saco de papel ou algo assim? — Guy parece assustado.

— Não, não... É só que... Eu nunca vou voltar a ser filha de ninguém. — Willow continua depois de alguns minutos. — E tinha razão quando comecei... Quando comecei a me cortar, porque você deve pensar que isso não é tão horrível, que as meninas choram e que as pessoas choram, mas está errado, você está errado, porque qualquer coisa... Qualquer coisa... Seria melhor que isso. Me... Desculpe-me. — Tenta respirar. — Desculpe-me por te por nesta situação. — Willow vira para secar as lágrimas. Eles ainda têm as mãos juntas e Willow pode sentir as costas das mãos de Guy

em sua testa. — Quando eu lhe pedi para me trazer até aqui não estava pensando sobre isso... Eu não esperava isso... Ou talvez... Eu... Eu nem sequer sei.

— Willow, não me colocasse em nenhuma situação.

— Eu preciso de um lenço de papel. — Disse fungando.

Guy libera as mãos de Willow, agarra o punho do moletom e limpa o nariz dela com ele.

— Que romântico. — Diz-lhe com embaraço.

— Bem, você não iria acreditar. Eu não faria isso por qualquer pessoa no mundo.

— Eu... Bem... Isso é o mais... Eu... — Willow começou a soluçar. — Desculpe. É que eu soluço quando eu choro. — Pega o moletom e volta a secar o nariz com ela. — Eu sou um desastre. — Deixa escapar uma risada trêmula. — Mas você sabe o quê? Eu tão pouco iria limpar o nariz no moletom de outra pessoa. — Volta a soluçar.

— Você quer um copo de água para os soluços?

— Não. — Willow sacode a cabeça. — Não, obrigado. Mas você sabe o que eu quero? Pode trazer-me o meu chocolate quente? Deixei-o junto a porta.

— Tudo bem. — Guy encolhe os ombros. Após alguns segundos volta. — Toma. — A olha duvidosamente enquanto ela toma o primeiro gole. — Está bom isso?

— Bom. — Willow fez uma careta. — Depende do que você quer dizer com bom. Neste ponto, parece melhor do que água parada.

— Alguma vez você já provou ou não? — Pergunta-lhe Guy quando se sentar ao lado dela.

— Suponho. — Willow deixa o copo no chão. Se inclina sobre almofadas com um suspiro. — Obrigado. — Diz de repente.

— Por quê?

— Obrigado por me trazer aqui. E obrigado por não dizer nada ao meu irmão. Obrigado por ser tão...

— Você está chorando novamente. — Guy muda de posição a fim de segurá-la entre seus braços.

— Já sei, me passe o seu moletom.

— Ok, espere. — Enxuga as lágrimas. — Você vai voltar a ter os soluços?

— Não. — Willow nega com a cabeça.

— Quer que fiquemos aqui, eu não sei, dormir um pouco ou algo assim? Ou você quer voltar para a casa do seu irmão? Guy diz depois de alguns minutos.

Mas Willow não vai fazer nenhuma dessas coisas. E esta totalmente surpresa ao sentir o que realmente quer. Há última meia hora que não é muito propícia à paixão. E, no entanto, ali sentada com ele na janela cercada por seus braços fortes, sabe que se pode sobreviver às lágrimas há muitas outras coisas que pode sobreviver. E se há algumas coisas que ela já perdeu para sempre, há outros que ainda não começou a experimentar. E também sabe que o que deseja não vem dado, porque a paixão é o antídoto contra a dor, mas porque é a mais natural, perfeita e completa expressão de seus sentimentos por ele.

— Lembra-se quando... Quando você descobriu que eu me cortava?

— Nunca vou esquecer.

— Mas você se lembra de... Bem, você lembra como eu tentei-te chantagear?

— Tão pouco esquecerei.

— Bem. — Engoliu em seco. Eu... Bem... Espero que agora, talvez, você... Quer dizer, eu quero... Poderia... — Se atrapalha com as palavras, mas olhar para Guy aguardado com expectativa que, já que às vezes parece conhecê-la melhor do que ela mesma irá entender o que tenta dizer. Infelizmente, ele parece completamente perplexo. — Oh, isso não está indo bem! — Exclama Willow. Perguntou-se se talvez não tão boa idéia, a final e afinal, se o chocara demais, depois da crise que acaba de ter. Mas Willow

não pode pensar em nada que haja desejado mais. — Não importa. — Diz ela, desapontada. — Eu tão pouco teria me imaginado nunca assim, o nariz cheio de catarro.

— Te imaginado o que? — Guy pergunta devagar. Willow se aproxima dele.

— O que você acha? — Lhe disse finalmente.

— Eu... Bem... Eu não tenho certeza do que eu penso. — Guy se afasta um pouco dela até que esteja ao alcance dos seus braços e a olha com cuidado. — Não gostaria nada de cometer um erro, porque, bem... Parece que você quer... Bem, você quer...

— Eu nunca vi você ficar tão nervoso. — Willow disse com uma risada. Seca os últimos vestígios de lágrimas. Não pode acreditar que Guy não está pegando o que está lhe dizendo, e não pode acreditar que ela está rindo disso.

— Você, você... Ou seja, você quer dizer quando... — Willow resolve facilitar as coisas.

—Vem. — Pega os seus ombros e o aproxima dela. Já o beijou duas vezes antes. O primeiro com resultados desastrosos, e o segundo não foi tão catastrófico, mas nenhuma ocasião o fez pondo em jogo todos os sentimentos que leva dentro de si. Deseja e acredita que agora, finalmente, pode lhe mostrar o quanto se importa, mas ainda assim, não pode parar de tremer enquanto avança lentamente, cobrindo o espaço que os separa.

— Tem certeza que isso está bem? — Guy sussurra junto a sua boca.

Está bem Willow responde enquanto o ajuda a encontrar os botões da camisa. — É mais do que bem. — Repete, surpreendida e chocada de que seja assim. Tira-lhe a camisa manchada de lágrimas.

— Mas você é tão tímida. — A respiração suave de Guy acarícia seu pescoço, enquanto ele desliza as alças do sutiã de seus ombros. — Mas você é tão vulnerável. Por favor, me diga que você está certa.

— Eu tenho certeza. — Willow começa a desabotoar os botões da calça. — Estou certa, mas...

— Mas o quê? Qual é o, mas? Qual é o, mas? Por que... Por que você o disse tão de repente? — Guy gagueja ao falar enquanto a ajudava a tirar as roupas restantes.

— Mas... Bem, você já fez isso antes com alguém?

— Não. — Ele a estende no sofá.

— Bem. — Willow se surpreende com a forma que, o quanto tímida é, não tenha vergonha de ficar nua na frente dele. Talvez seja porque pouco a pouco, em todos os outros aspectos, já o tenha feito.

— E você? — Guy se estende ao lado dela.

— Não!

— Bem. — Beija-lhe o seu cabelo, o rosto, o pescoço.

— Espere, espere um minuto. — Willow o empurra um pouco, colocando a mão sobre seu peito. — Tenho outra pergunta. Você têm... Têm... Mmm... Têm... Algo?

— O quê? — Guy pergunta, franzindo a testa. — Oh! Mmm... Eu tenho... Eu tenho algo na carteira.

— Bem.

— Posso... Posso...?

— Você pode fazer o que quiser. — Willow treme ao sentir as mãos de Guy percorrer o seu corpo, mas desta vez não há medo, não pode crer no quanto se sente bem. — Um segundo... — Willow se incorpora repentinamente. — Tem certeza, certo? Ou seja, você tem certeza que tem algo.

— Bom, não te parece bem? — Guy também se senta e a olha.

— Um segundo...

— Mais um segundo?

— Se eu levasse algo no meu bolso, você iria querer saber por quê... Quero dizer quanto tempo você carregá-lo isso na sua carteira?

— Desde que eu tinha doze anos.

— Não! — Pega-a com a palma da sua mão.

— Claro que não. — Guy move-se para beijá-la novamente.

— Vai, diga-me.

— Você não quer parar de falar? — Ele diz junto a sua boca enquanto volta a deitá-la sobre as almofadas do sofá.

— Não.

— Mas se você continuar falando eu não posso te beijar e não podemos passar para o que vem depois disso...

— Mas eu quero falar com você. Porque eu posso te perguntar o que seja, te contar o que seja, e não importa o que te diga, sempre está bem.

— Isso não foi justo. — Suspira Guy junto a sua bochecha. — Agora eu tenho que responder-te. — Se apóia num dos cotovelos. — Eu tenho... Eu levo na carteira desde que eu sabia... Bem, desde que eu comecei a ter esperança de que chegasse o momento que precisaria... Proteger-te desta forma.

— E quando foi isso?

— Se te responder, então você vai parar de falar?

— Sim. — Willow morde o lábio e passa-lhe as mãos sobre os ombros. — Vou me calar, porque as suas respostas são sempre perfeitas.

— Oh. — Baixa o seu olhar e a olha. — Então acreditaria em mim se te digo que comecei a levar no dia que nos vimos pela primeira vez?

— Não.

— Tudo bem. — Faz uma pausa e Willow percebe de que vai dizer-lá a verdade. — Eu... Bem... — Ele passa a mão pelo cabelo dele e a olha então volta a cair sobre seus ombros. — Depois de vê-la no laboratório de física.

— Não... Não estou entendendo.

— Já havíamos conversado no depósito da biblioteca e eu já sabia que você era diferente de todas as outras meninas que conhecia. Então você disse que seus pais estavam mortos e eu pensei que estava tão... Que estava muito perdida e estava muito vulnerável. Então foi quando eu vi você no laboratório de física... E vi você se preocupar por uma pessoa que considerava mais fraca do que você, e eu não podia acreditar que alguém que passou pelo o que você passou poderia ser tão... Boa, tão generosa e atenciosa.

— Mas você mal me conhecia.

— Já o sei. E não quero que você pense que eu corri para a farmácia ou qualquer coisa assim. Nem sabia se iríamos voltar a falar de novo, e se assim fosse, não sabia se íamos ficar juntos, ou talvez você já estivesse com alguém... Mas eu sabia que do jeito que você tentou proteger a alguém assim, sobretudo tendo em conta a sua situação... Eu... Pensei que deveria ser a garota mais especial que já conheci...

— Agora já posso parar de falar. — Willow rodeia o pescoço dele com seus braços.

— Que interessante!

— Eh?

— Quando você cora, não só fica vermelha no rosto.

— Oh.

— Te direi outra coisa.

— O quê?

— Acabo de entender por que alguém quis fazer o primeiro espelho.
— Willow pisca surpresa. Isso não era nada daquilo que estava esperando.

— Por quê?

— Imagino que um homem apaixonado queria que sua amada soubesse como ela era para ele. Queria que ela fosse capaz de se ver tal como ele a via.

Willow não tem mais nada a dizer. Olha como ele beija as suas feridas e deseja que sua maneira inexperiente para explorar o corpo dele tenha o poder de afetar-lo da mesma forma que a afeta ela.

— Ai! — Willow estremece de dor quando ele inadvertidamente puxa seu cabelo.

— Desculpe, eu... — Guy, na tentativa de alcançar algo do solo, não pode evitar amassá-la. — Eu... Mmm... É que... Preciso da carteira que esta no bolso... — Procura nas calças emprestadas — Você está nervosa? — Pergunta-lhe ao encontrar as calças e tirar sua carteira.

— Aham. — Willow concorda. — E você?

— Muito.

— Oh, bem, pois não esteja porque eu tenho nervos suficientes para os dois.

Willow se pergunta se o que vai acontecer vai doer e pensa em como é irônico que ela, de todas as pessoas possa se preocupar com isso. Sim dói. Willow estremece de dor, mas é Guy quem grita.

— Desculpe! Eu te machuquei? Eu não queria, mas...! — Willow cobre a sua boca com a mão.

— Só um segundo. — Lhe assegura. — Somente foi um segundo.

E se dá conta que isso é verdade. De alguma forma, a dor se converteu em prazer e esse prazer é melhor do que qualquer dor.

CAPÍTULO QUINZE

Perséfone habita as sombras de Hades. Entre elas, mas não como parte delas, é ...

Talvez falar sobre sua mãe, a deusa da colheita, representa a fertilidade. Assim quando ela (Perséfone) come a romã como um ato de

solidariedade, porque romãs são símbolo de solidariedade, mesmo que isso signifique ficar no submundo ...

Oh, quem se importa?

Willow olha as notas que fez há alguns dias na biblioteca. Elas não servem absolutamente para nada. Ainda assim, tenta encontrar um caminho melhor do que olhar para a tela desligada. Nem sequer tem a força necessária para ligar o computador. Mas se não fizer algo em breve, estará em um bom aperto. O trabalho de Bulfinch é para amanhã e não está escrito nem a primeira frase.

Acreditava que havia tido problemas de concentração para este trabalho. Mas agora que são duas da manhã do que foi, com exceção do acidente, o dia mais crítico de sua vida, se concentrar resulta ser completamente impossível.

Willow larga o caderno e pega sua bolsa. Pega a nota, o inocente pedaço de papel que sua mãe escreveu para o assistente e o coloca em cima da mesa. Lhe parece extraordinário que algo tão pequeno tem o poder de emocioná-la tanto.

Talvez ela sempre soube que algo desse estilo estava esperando em casa, e enfrentar uma coisa assim liberaria tudo o que ela tinha reprimido a meses. E, provavelmente, se não tivesse encontrado a nota, haveria aparecido outra coisa, algo que teria a desmontado da mesma forma.

Willow se lembra de como ela chorava, esta manhã, toda a dor que ela finalmente permitiu sentir. Lhe assombra ter sido capaz de processar emoções tão intensas e se pergunta se ela é capaz de fazer isso novamente.

Está preparada para deixar sua companheira inseparável?

Willow abre a gaveta, pega uma de suas muitas lâminas e a posiciona perto da nota de sua mãe.

Bem, e agora?

Olha a inerte lâmina de metal, em seguida, olha para as linhas escritas por sua mãe, perguntando-se se a nota tem o poder de fazê-la chorar e, caso fosse, se será capaz de suportar a batalha.

Oh, meu Deus! Espero que sim.

No entanto, é possível que lágrimas de antes não tiveram mais implicações que seu sentido mais óbvio e imediato. O bilhete que sua mãe deixou a empregada a tinha afetado, esse pequeno lembrete de que o seu bem-estar, um dia, foi fundamental para alguém e por algum motivo ela tinha sido capaz de controlar esse sentimento, sem a alquimia de se cortar.

Ou talvez a razão, afinal, fosse a mais óbvia. Talvez, por permitir se preocupar com outra pessoa, amar outra pessoa, ela mesma havia posto todas as máquinas em funcionamento, e talvez isso foi o que permitiu suportar a dor que ela mesma provocou.

Willow se separa da mesa e caminha até a penteadeira. Olha para o espelho pendurado na parede.

Não acha que tem um olhar diferente. Não deveria algo tão marcá-la visivelmente como a lâmina?

Willow levanta a camiseta e examina as feridas que tem no estômago. Pouco a pouco vão desaparecendo, e à luz da escrivaninha escura, as linhas escuras têm menos vida do que quando ele as beijou.

Anda, olhe isso. Parece que não só meu rosto que fica vermelho.

Deixa cair a camiseta e volta a olhar seu rosto. Segue usando o cabelo solto, não se preocupou novamente em fazer uma trança. Se pergunta se realmente estava pensando assim nestes meses porque era mais confortável. Talvez fosse apenas uma tentativa de retorno ao passado. Ela se afasta e olha nos seus olhos com cuidado.

Talvez haja uma mudança, mas é invisível somente para ela. Talvez é algo que os outros podem observar pela primeira vez.

Markie perceberá? Se voltassem a se encontrar amanhã, veria alguma diferença?

E Laurie, vai notar?

Willow se pergunta se sua mãe teria percebido. Além disso, se sua mãe não tivesse percebido, ela mesma haveria contado?

Willow não tem a resposta, mas sabe que esta questão esconde uma grande verdade: o resto de sua vida será repleta de momentos que vai querer mais do que qualquer coisa neste mundo para explicar algo à sua mãe, perguntar algo a seu pai, e simplesmente não poderá fazê-lo. Todas as lágrimas que deixa cair não mudará este fato. E a lâmina tampouco.

Voltar para a mesa. Tem que começar o maldito trabalho a fazer alguns progressos, mas ao se sentar ouve um barulho fraco e quase imperceptível, e desta vez sabe instantaneamente do que se trata. Nesta altura já deveria ter se acostumado a ouvir seu irmão chorar, mas escutá-lo é ainda mais doloroso que suportar suas próprias lágrimas.

Willow coloca o roupão, cruza a porta e sai para o corredor. De joelhos, pega as barras da grade com as mãos e olha através delas. Se levantar a cabeça pode vê-lo sentado na mesa da cozinha.

Mas olhar para ele é insuportável.

De repente, sente uma necessidade inevitável, ao contrário de antes, de ir com ele, enfrentá-lo, confortá-lo se isso é possível. Agora que sabe como é chorar, não pode suportar a idéia de que ele está lá sozinho. Mas como pode confortá-lo, se ela mesma é a causa de seu choro?

Sem pensar, Willow pega a lâmina de seu bolso. Ela a agarra com força, mas não se corta.

Pode olhar sem se cortar. Ela já foi testada antes, mas olhar para ele já não é o suficiente. Pode se aproximar dele, lidar com sua dor? É suficientemente forte para isso?

Com hesitação, dá o primeiro passo para baixo. Mas desta vez não se esconde nas sombras. Se David olhar para cima, será impossível não vê-la.

Willow no final da escada. Não distrai os olhos de David nem deixa a lâmina. Sem que ela tenha decidido, a lâmina a corta, ferindo sua pele.

É isso que você quer? Será que vai continuar como tem sido feito até agora? Essa é a resposta para as perguntas que foram feitas antes?

Ela sai da escada, incapaz de ir até ele e incapaz de não olhar para ele. Pode sentir como o sangue começa a verter pela palma da mão. Willow sabe que deve guardar a lâmina. Deveria se levantar e caminhar os poucos metros entre eles. Mas é incapaz.

Willow fica sentada lá sem fazer nada, esperando que David sinta sua presença.

Olhará para cima? Lhe deixará entrar no seu mundo de dor, mesmo que seja para magoá-lo também?

Willow desliza a lâmina de volta no bolso e caminha lentamente em direção a ele. Hoje foi um dia de estréias, e ela está desesperada para se conectar, de qualquer forma, com seu irmão. Precisa que saiba que ainda o ama, mesmo que tenha perdido o direito de amar o seu irmão, que sua angústia também faz ela sofrer.

Olha para o rosto de David enquanto ele a olha. Não se assusta ao ver as lágrimas de seu irmão. Não se afasta de sua dor. Willow está na frente de seu irmão. Ela o vê abrir a boca, ouvi como pronuncia seu nome com um sussurro.

Chega perto dele para ouvir o que ele tem a dizer. De repente, ele leva sua mão com uma força surpreendente, de modo que ela mal consegue se mover.

- Oh, Willow - diz David. - Oh, Willow, e se você também tivesse sido morta naquela noite?

CAPÍTULO DEZESSEIS

- Ok, eu acho que com isso está pronto. Você tem que escrever as notas no rodapé da página, por que eu já não estou para isso.

- Tem certeza? – Willow olha com ansiedade a tela do computador. – Continuo pensando que deveríamos incluir aquilo sobre o irônico que é a granada, o que a mantém retida no inframundo, seja símbolo de...

- Olha não te interessa que o trabalho seja muito bom, não é? – David lhe dar uma olhada – Quer dizer, não quer que todos saibam que seu irmão fez a maioria do trabalho, certo?

- Mas ocorreu a mim, não a você!

- Bem, veja só – separa-se da cadeira e estica os braços acima da cabeça, logo olha para chão onde ela está sentada – Eu já estou cansado. Não tinha ficado toda noite escrevendo um trabalho desde a faculdade e a verdade é que podia viver tranquilamente sem essa experiência. Não é brincadeira, Willow. Disse-me que esse trabalho já foi mandado faz três semanas, se precisava de ajuda com ele, não podia ter me dito antes das duas da madrugada do dia da entrega?

- Bom, acho. Quer dizer, sim – disse Willow entre bocejos. Nem sequer pode acreditar que tenha lhe pedido nessa hora.

Depois de ter encontrado ele chorando, depois da importante declaração que a emocionou até o ponto que ela acreditava ser impossível, sentaram-se à mesa da cozinha e conversaram. No entanto, não falaram de nada especialmente significativo como ela havia esperado.

O certo é que, depois dessa mostra desprendida de emoções, a David tinha tornado-se impossível continuar atuando de um modo frio e reservado e sua atitude com ela havia suavizado consideravelmente. E apesar disso, o conteúdo de sua conversa, para a mais profunda decepção de Willow, se manteve no plano mais superficial. E assim é como Willow viu a si mesma falando não do muito que sentia falta dos seus pais, das circunstâncias agora estranhas, mas sim falando finalmente, do exame de francês e dos problemas que estava tendo para escrever o trabalho. David propôs escrever com ela, para ela, na realidade, tal e como foram evoluindo as coisas. Certamente isso é algo que não teria ocorrido há umas semanas. Ao menos não com essa facilidade e comodidade, e, ainda assim, sentada no chão com as costas apoiadas na escrivaninha, Willow sente-se vazia. Segue tendo algo- tudo- por resolver entre eles e ainda que falar assim com ele é muito melhor que não falar nada, ainda deseja mais.

- De qualquer forma – continua enquanto troca as pernas de posição, que adormeceram por tê-las quietas tanto tempo. São quase seis e meia da manhã e estiveram em seu quarto durante as ultimas quatro horas – Obrigada, não teria conseguido sem sua ajuda.

- Sim, claro, certo. – responde David, mas Willow se dá conta de que ele não está prestando atenção, está olhando a cópia de *Bulfinch* de seu pai

que continua sobre a escrivaninha e da que, surpreendentemente ela havia esquecido.

- Foi...? – David não termina a frase, pega o livro franzindo o cenho e o folheia – Isto é... É... De... De... Casa, não é?

- É – assente Willow. Percebe quão difícil é para seu irmão dizer estas palavras. – Eu... Humm... O peguei aquela vez que... Fui buscar minha roupa. Sabia que ia precisar...

- Sério? – pergunta ele, olhando para o chão, onde está a mochila de Willow.

- Sim – assente Willow – Claro.

- De verdade? – David a olha confuso – Mas eu não paro de ter ver por toda parte com aquela edição barata de bolso. Além disso, lembro desse dia. Cathy discutiu com você porque a bolsa que pegou não era grande o suficiente... – Franziu o cenho e se agacha para pegar a mochila que está no chão.

- Não – diz Willow. Mas era muito tarde. Por sorte, seu material está em um bolso com zíper e tem certeza de que ele não vai abri-lo, mas desta vez leva outro tipo de contrabando que lhe preocupa.

David olha dentro da mochila. Ou melhor, apenas está olhando o quanto é grande, mas isso não evita que tire a cópia de *tristes trópicos*.

- Eu... Eu... Espero que não se importe – balbucia Willow – Mas quero... Vou dar para Guy.

Tonta! Porque disse essa bobagem.

Ok. É possível que não pudesse parar de pensar em Guy toda a noite, que estivesse tentando desviar a atenção obre se realmente trouxe o Bulfinch aquele dia...

Mas foi uma bobeira dizer isso!

- É impossível que tivesse estes dois livros todo tempo que esteve vivendo aqui – disse lentamente – Voltou para casa.

- Não, Eu...

- Willow. – David a olha assustado – Por favor, diga-me, e me diga a verdade, que não foi no carro até lá sozinha, verdade?

Willow sabe que qualquer tentativa de ocultação é inútil, que leva a verdade escrita na testa e qualquer um se daria conta. E não é ó isso, e sim que é obvio que a principal preocupação de seu irmão não é se foi lá ou não, mas sim como chegou. É evidente que a idéia de que ela conduza um carro sozinha lhe aterroriza e ela quer lhe economizar essa ansiedade.

- Não, não fui sozinha, nem fui eu que dirigi.

- É todo um detalhe que alguém te levou até lá para que pudesse pegar um livro. Perdão – Olha para a cópia de *tristes trópicos* – Dois livros. E também é um detalhe que você queira dar esse livro para Guy. Tenho idéia do que esse livro significa para você. – faz uma pausa e a olha por um momento, absorto em seus pensamentos – Willow, não me pode dizer que foi a casa por isso.

Willow olha seu irmão com assombro. Como pode lhe dizer o que ela mesma não sabe. Que sua odisséia tinha um propósito mais profundo, que seu desejo de ir ali buscar o *Bulfinch* não havia sido mais que... E então se dar conta de que David tem a mente em outro lugar, pensa que ela foi a casa com Guy – porque ele sabe que foi com Guy – para poder ter privacidade e...

- Willow – diz David de repente – Está vermelha como um tomate, se olhe no espelho.

Mas Willow não precisa de um espelho para saber que seu rosto está ardendo.

- Oh, Meu Deus. Oh Meu Deus. – David começa a rir – Não estou preparado para enfrentar isso, simplesmente não estou preparado para enfrentar uma coisa desta.

Talvez seja pela hora que é, ou talvez seja porque esteve chorando daquele modo, mas, seja qual for a razão, David parece está sendo mais cordial. Está lhe olhando, olhando-a de verdade, como não havia feito em meses. Por fim ele está conectado com ela, zombando dela como costumava fazer.

Ok, ela queria que seu irmão se relaxasse com ela, que conversasse com ela como antes...

Mas tinha que ser sobre isso?

- Não pode ser que fique assim por uma simples excursão

-Perfeito, cale-se, ok?

- Claro, olha, suponho que tinha que acontecer cedo ou tarde e acredito que tenha escolhido a pessoa adequada por que...

- Devolve minhas coisas!- Willow tira de suas mãos o livro e a bolsa.

- Sem problemas. Apenas que... Olha... Há algo que queira me contar?

- Não.

- Ok. Há algo que eu tenho que dizer, ou melhor, te explicar como...?

- Não! – interrompe-lhe Willow.

- Enfim, então, há algo que você queira falar com Cathy talvez? Quero ter certeza que você...

- Não! – Willow não pode acreditar que está tendo essa uma conversa desse tipo com seu irmão, ou melhor, dizendo, tentando por todos os modos escapar dessa conversa com seu irmão.

- Além disso, o que você acha tão divertido? – lhe pergunta depois de um momento. Está convencida de que seu irmão não ri da situação, e sim dela.

- Oh, é que estava pensando que quando Isabelle tiver dezesseis anos vou ter que trancá-la com chave.

- Pode parar! – Willow lhe bate no braço.

- Ok – David torna-se sério – Mas Willow, não estou brincando. Se tiver que me explicar algo, se precisar que fale contigo...

- Sim, eu preciso que você fale comigo! Preciso que fale comigo! Preciso que fale comigo! – Willow surpreende a ela mesma e a seu irmão com sua intensidade. Diferente do que aconteceu antes com Guy, em

seguida se dar conta que está chorando. – Preciso que fale comigo. – repete uma vez mais com o rosto entre as mãos.

- Willow – David se levanta da cadeira e se senta junto a ela, toma-lhe o queixo e levanta sua cabeça – O que foi? O que aconteceu? É que você...? Ou ele...?

- Preciso que fale comigo, e não sobre essas coisas... Estou informada sobre todo esse assunto desde que estava no quinto... Precisa... Precisa... Você... – Mal pode pronunciar as palavras pelo muito que está hiperventilando.

- Ok, escuta. Respire fundo. – David se aproxima até estar sentado junto a ela, rodeando-a com o braço. Tenta parecer calmo, mas, Willow percebe que está muito preocupado com este ataque de pranto que deu e não tem nem idéia do que pode significar. Ela está, quase, um pouco menos surpresa e se pergunta se as coisas vão se sempre assim de agora em diante. Que talvez seu catalisador de dor, tanto tempo congelado, agora pode se despertar em qualquer momento e em caso de que seja sim, se vai ser algo que ela possa tolerar.

- Respira – continua David – Respire fundo e depois tenta me explicar o que está acontecendo.

- Você... Você... Nós precisamos falar sobre como as coisas eram antes – disse Willow finalmente – Temos que falar disso. Pode ser que estejam mortos, mas não deveriam está para nós, não deveriam está entre nós. Você... Você também precisa falar comigo. Tem que me dizer o quanto... O quanto zangado, o quanto furioso está comigo pelo o que aconteceu. Você também precisa falar comigo!

- Eu... Sim, já sei.

Willow seca as lágrimas e volta-se para David surpresa.

- Já sabe?

- Sim. E é possível que tenha cometido um erro terrível nesses últimos meses. Queria falar com você, mas é que eu não achava justo, quer dizer, te fazer reviver... Nunca sei qual nome colocar no que aconteceu. E me preocupa que, se falar dessas coisas, então não seja capaz de seguir a diante como tem feito até agora, o que não poderei. E acho que talvez seja melhor manter as coisas encobertas. Mas, é evidente que não sei do que estou

falando. – detém-se um segundo, pega da escrivaninha um pacote de lenços de papel e dar alguns a sua irmã.

- Obrigada. – Willow assua o nariz ruidosamente.

- Inclusive... Inclusive estou menos preparado para isso do que o outro... – David suspira profundamente, e por um momento aparenta ter o dobro, ou o triplo da idade que tem – É tão difícil para eu pensar no que aconteceu, e inclusive mais ainda ver o que aconteceu com você. Por isso tento me concentrar apenas em seguir adiante, em cuidar de você, do que, em primeiro lugar, não tenho nem idéia. Mas, tento uma coisa. Tento me assegurar de não te lembrar constantemente para que você possa seguir adiante com sua vida. E você parece que realmente pode superá-lo. Estou tão surpreso de como tem conseguido lhe dar tão bem com tudo isso, que te lembrar o passado seria tão cruel.

Willow não sabe como responder a isso. David lhe disse tantas coisas que é difícil centrar-se e assimilar todas. Pareceu entender que ele mencionava o que considerava sua capacidade de lhe dar bem com essa situação e tem certeza de que deveria lhe desiludir. Mas há outros pensamentos que nesse momento são mais importantes e ela precisa se assegurar de que ele não se equivocou. Que, embora ela quisesse falar com ele, às vezes mais do que outra coisa no mundo, isso não significa que ele tenha falhado como ela falhou com ele.

- Mas você, você está lidando bem com as coisas – balbucia ela depois de um momento – Sei como é duro, que duro é para você e para Cathy me ter aqui e as dificuldades econômicas que têm e o pouco que eu posso contribuir. É tudo por minha culpa e eu...

- Oh, Willow – David a corta – Nada disso é sua culpa. Você nunca parou para pensar que foi um pouco irresponsável por sua parte beber para que sua filha de dezesseis anos, com uma permissão provisória de práticas, tivesse que conduzir em uma das piores tormentas do ano? Você nunca pensou que se eu estivesse onde tenho que estar, venderia a casa sem me importar se o seguro demoraria e que se acontecesse, não teríamos que nos preocupar pelo dinheiro durante anos? Que a única razão para que você tenha que contribuir é que sou incapaz de enfrentar isso? Que é minha culpa que você tenha que me dar todo o seu dinheiro no lugar de poder gastar com suas coisas? – está chateado, mas chateado do que Willow pode se lembrar e apenas pode se sentir agradecida de que o aborrecimento era dirigido para ele mesmo, porque não acredita que suportaria se ele a olhasse assim.

- Estou furioso comigo por isso, porque com todas as coisas que estão acontecendo, essa parte deveria está solucionada. E sei que será melhor que me encarregue disso logo. Tenho que vender a casa antes que comece a ter que pensar na universidade.

Willow coloca a mão no seu braço.

- Mas ainda assim penso...

- E também indignam outras coisas – David volta a lhe interromper. Mas Willow não se importa porque vê que ele está a ponto de falar algo muito importante. – Também me indignam outras coisas – continua – Fico indignado a ter que pensar que você vai para a universidade, ter que pensar em vender a casa para poder pagar a universidade. Indigna-me não poder ter relações sexuais com minha mulher quando tenho vontade porque o apartamento é muito pequeno e não quero que a minha irmã de dezesseis anos nos ouça. Indigna-me não poder andar com roupa de baixo pela minha casa e ter que me comportar como se fosse pai de uma garota de dezesseis anos e não apenas de um bebê – detém-se por um instante e toma ar – Nem sequer me aborreço ou te faço responsável pela morte de nossos pais. Isso seria pior que uma loucura. O que te disse no jantar era sério. Foi horrível o acidente, um acontecimento inexplicável e meu primeiro pensamento é sempre, sempre, sempre sobre a dificuldade que resulta tudo isso para você. O difícil que vai ser para você os próximos dez anos, dez anos nos que eu tive aos meus pais para me ajudar, mas que você não vai ter. No entanto, tem razão. Aborreço-me com você. Se me zango com você é pelo fato de que cada aspecto da minha vida diária, cada estúpido aspecto, mudou irrevogavelmente. E fico furioso por ver que nossa relação mudou e que apesar de te adorar e sempre será assim, já não tenho essa sensação que tinha antes, de que tudo é fácil contigo. – pega a mão que ela apoiou no seu braço - Sempre fui responsável por você, mesmo que seja unicamente em virtude do muito que te amo. Sempre tive responsabilidade contigo e para você. Você também tem essa responsabilidade comigo e com qualquer pessoa que chegue a amar. Mas agora é diferente. Agora, diariamente minha responsabilidade com você ficou no plano prático, agora tenho que me encarregar de exame de Frances e reunião com os professores e às vezes tudo isso me deixa louco, quando me dou conta que não sou suficiente maduro para ter essas preocupações adicionais. E então odeio a mim mesmo por pensar isso, porque sei que estou sendo irracional, injusto e ruim. E olho para você e vejo como você é forte e fico surpreso que possa ser assim e então me aborreço ainda mais comigo mesmo, por ser incapaz de lidar com os problemas do dia a dia quando você pode muito mais.

- Mas não sou forte! Não sou forte! – grita Willow. Separa suas mãos e uma vez mais cobre o rosto. Está tão emocionada pelo que seu irmão acaba de dizer, tão aliviada por sua sinceridade emocional, por admitir que ainda a ama. - que surpresa! – apesar de sentir aborrecimento e frustração, confusão e conflito, que não pode seguir sentada na frente dele com falsas pretensões.

Deveria lhe mostrar suas cicatrizes, as marcas que fez com a gilete, fazê-lo saber que a imagem que tem dela é uma fraude. Mas seus elogios têm o efeito de um bálsamo da Judéia e lhe horroriza ter que arriscar essa sensação. E tampouco quer acrescentar mais peso a carga da sua responsabilidade. E agora sabe que o que disse para Guy era certo. Descobrir isso sobre ela, lhe mataria.

E ela ainda não estava decidida a abandonar a gilete. Dá-se conta que ainda não está preparada para deixá-la. E, no entanto, ali está, sentada junto a ele, tira as mãos do rosto e estende o braço em um gesto de súplica, quase desejando que ele, de algum modo, assuma a tarefa de subir suas mangas e descobrir a verdade. E pensa, do mesmo modo que ocorreu antes com Markie, que será fácil. Tudo o que precisa é que levante a manga e tudo estará acabado. Haverá chagado a seu fim! Confiscarão seus instrumentos, a levarão para um médico, a observarão, a protegerão.

Mas não será ela que fará com que isso ocorra. Não estarão em condições de provocar. Acha que ainda precisa das lâminas e tem certeza que não pode explicar ao seu irmão. De que embora ela queira, embora agora já possam conversar, ainda estão separados. Por um lado está a imagem que ele tem dela e pelo outro a realidade do que ela fez, o caminho que escolheu.

- Não sou forte – continua entre prantos – Não sou forte.

- Willow – David pega suas mãos pelos punhos, com força. Não sobe suas mangas, porque deveria ter feito? – Está tremendo como uma folha! Fiz mal em te dizer tudo isso? Deveria...?

- Não, não! Você fez bem, e não deixe de falar comigo por que... Não pare... – Não pode continuar falando. Está muito cansada, está chorando desconsoladamente e, além disso, seu irmão lhe abraça com muita força para que nada do que diga tenha sentido, porque todas as suas palavras são silenciadas pela gola da camisa de David. E de qualquer forma já está soluçando.

- Shh. - David tenta lhe acalmar do mesmo modo que fazia com Isabelle se a pequena estivesse chorando desconsoladamente – Shsss, tente se acalmar. Willow tenta... Maldição, eu ouvi o bebê – separa-se um

segundo – Cathy precisa dormir, passou essas últimas noites acordada por causa da infecção no ouvido de Isabelle... Tenho... Deveria descer. Estará bem agora? – A pega pelos braços e a olha com cuidado – Podemos continuar falando disso mais tarde?

- Pode ir. – Willow seca os olhos com o dorso da mão. E enquanto o vê indo embora para onde está sua filha, volta a sentir-se sacudida pelo fato de que ela já não voltará a ser filha de ninguém e que embora as coisas em sua vida possam melhorar, sobretudo sua relação com David, esse fato nunca mudará.

Willow sai do edifício do instituto rodeada de diversos estudantes. O dia já acabou e não podia está mais agradecida, não só porque se sente exausta emocional e fisicamente, mas sim também porque está desejando ver Guy. E ao não ter aulas juntos, o único tempo que tem para se verem é justo depois da aula.

Procura ao seu redor com preocupação. Não vê Guy por nenhuma parte. Mas então, ele aparece junto às portas. E enquanto caminha até ele não consegue parar de pensar no fato de que ela, apenas ela entre todas as garotas, o conhece, o conhece de verdade, de todas as formas possíveis.

Willow quer sair correndo e segurá-lo, correr até ele e abraçá-lo, ver se sente-se tão bem quanto ontem, mas é muito tímida, por isso a única coisa que faz é aproximar-se dele e esperar para ver o que ele faz.

Ele a abraça, a agarra e ela se dar conta que se sente melhor do que sentia ontem.

- Escuta, sabe de uma coisa? – ele a sustenta o mais perto possível dele e a olha atentamente nos olhos – Estou com muita vontade de falar com você.

- Bom, claro – Willow franze o cenho – Quer dizer, o que, se não? Não entendo...

- Não, me refiro a que tenho que falar contigo sobre...

- Eh, Guy! – Laurie os chama do outra ponta do pátio – Leva Adrian contigo onde quer que você vá. Façam algo junto. Willow pode vim conosco. – começa a caminhar até eles com Adrian e Chloe atrás.

Willow se afasta um pouco de Guy para seu pesar e fica junto dele olhando como se aproxima o resto do grupo.

- S3rio – continua Laurie – Voc4e e Adrian n3o t4em algo para fazer, falar de remo, ou o que seja?

- Adrian n3o est3a na equipe.

Guy olha para Laurie sem estender nada.

- Sim, j3a sei – responde Adrian com ironia – Laurie tamb4m sabe, mas quer se livrar de mim. – explicar sem necessidade.

- Exato – assente Laurie – Chloe e eu vamos 3a cafeteria. Vem voc4e tamb4m Willow, seu quiser. Temos que fazer uma lista de todos os poss3veis...

- Cala a boca, Laurie – Chloe lhe interrompe de bom humor.

- Desculpe, Laurie – diz Guy – 3 que queria estar s3o com...

- Est3 diferente, Willow – diz Laurie de repente. –

- O queeee? – Willow dar um salto de uns cinco metros. Pelo canto do olho pode ver Guy tentando de todas as formas n3o explodir em gargalhadas e ela sabe que ele entende perfeitamente no que est3 pensando.

- Ao que voc4e se refere com diferente? – Willow pega Laurie pela m3o e afasta do resto do grupo – Como diferente? O que quer dizer exatamente?

- Oh, s3o 3 que... Bom – Laurie abaixa um pouco a voz – Parece como se estivesse chorando. Desculpa, n3o deveria ter dito nada na frente de todo mundo, eu s3o... Est3 bem? – aperta a m3o na de Willow.

- Oh, oh, sim, claro – Willow sorrir. Devolve-lhe o aperto a Laurie antes de deix3-la ir e voltar at4 Guy. – Estou bem, s3o que fiquei acordada a noite toda fazendo trabalho para a mat4ria, essa que voc4e gostava tanto ano passado. J3a sabe, o de *Bulfinch*. Mas, obrigada por perguntar.

- Certo, pois escuta. – Laurie volta a centrar sua at4en4o em Guy – Poderia...?

- Esquece, Laurie – Guy nega com a cabe4a – Ter3 que arrast3-lo com voc4e. Eu quero ficar sozinho com Willow, n3s vamos at4 o rio. Al4m disso, provavelmente Adrian tenha id4ias muito melhores que a sua para emparelhar Chloe.

- Agora mesmo, não tenho nenhum interesse em tudo isso – protesta Adrian.

- Terá que superá-lo – Laurie coloca o braço em torno de Adrian – Vamos, assim é melhor, agora você pode pagar.

- É verdade que conseguiu acabar o trabalho? – Guy pergunta a Willow enquanto os outros se afastam. – Já sei que disse que te ajudaria e não...

- Bom, não vai sair dizendo por ai, porque eu fico bastante envergonhada e provavelmente seja ilegal, mas meu irmão fez a maior parte do trabalho.

- Sério? – Guy a olha surpreso enquanto saem pelas portas e caminham descendo a rua – Isso significa que você, bom, que falou com ele?

- Sim.

- Então você... Não sei, então, você resolveu as coisas? Isso soa um pouco estúpido, mas já sabe a que me refiro. Você estava tão convencida de que não existia a possibilidade de que as coisas fossem bem entre vocês. Mas acredita que pode voltar a falar com ele, não é?

- Hummm. – Willow sente que deve uma explicação mais completa a Guy do que realmente ocorreu entre ela e David, mas não consegue fazer porque está morrendo de rir.

- O que é tão divertido? – Guy a olha com desconfiança.

- Oh, não sei. – Willow caminha de costa na frente dele – Apenas estava pensando que, embora agora mesmo me sinta mais cômoda falando com ele, possivelmente você não.

- O que... O que quer dizer exatamente?

- Apenas quero dizer que tenho o pressentimento de que você agora mesmo não se sentiria especialmente cômodo com ele, isso é tudo – volta à caminha junto a ele enquanto cruzam a rua e chegam ao parque.

- Willow – Guy para em seco – Você não... Você não contou para ele que nós dormimos juntos, não é?

- Oh, não! – Willow nega com veemência – Nunca lhe explicaria uma coisa assim.

- Bem – Guy está infinitamente aliviado.

- O que não significa que não descobriria por sua conta, no entanto.

- Oh, não!

- O que foi?

- Oh, meu Deus!

- Qual o problema? Guy, só brincava sobre o fato de que não quisesse se encontrar com ele, ele não tem nenhum problema em que você e eu... Quer dizer, te incomoda o que fizemos? Você tem vergonha ou algo assim? – Willow fica abatida.

- Você não entende – Guy se aproxima dela – Não é isso, é que... Eu não quero saber esse tipo de coisa sobre Rebecca, certo?

- Tem doze anos!

- Bom, pois quando acontecer, não quero saber. Oh meu Deus. – nega com a cabeça – Como vou poder ir a uma de suas aulas?

- Não sei – Willow começa a rir – Mas, quer saber? Você está ficando vermelho?

- Ah, por favor. Eu não fico vermelho, ok?

- Sim!

- Olha, não sou uma garota.

- Oh, Jura! Quero dizer, se alguma vez tive dúvidas a respeito, desapareceram depois de ontem!

- Obrigada – responde Guy secamente – Escuta, porque não sentamos e conversamos?

- Eu não gosto desse muro. – Willow morde os lábios enquanto se aproximam da água – Não é que eu goste de cair na água.

- Você não vai cair – disse Guy com paciência – Quero dizer, a menos que continue falando como está agora. Nesse caso, eu mesmo vou te empurrar. Vamos. – ele sobe no muro e a ajuda para que fique ao seu lado. – Viu? Totalmente seguro. – ambos sentam-se na grade e balançam as pernas.

- Bom, o que era isso tão urgente do que queria falar? – Willow lhe sorrir.

Guy a olha fixamente um instante sem dizer nada. Aproxima-se, Willow acredita que vai beijá-la e não pode evitar a decepção quando vê que pega a sua mochila.

A abre e procura em seu interior até encontrar a caixa de giletes.

- Esperava que já não estivesse aqui – olha para ela – Esperava de verdade e quer saber? Já estava quase convencido de que não estariam.

- Era disso que você queria falar? – O olha com surpresa, mas ele não a olha, tem os olhos cravados na água. – Queria falar sobre me cortar?

- Sim.

- Mas, por quê? – Willow balança a cabeça ao dar-se conta de como soa estúpida sua pergunta – Quer dizer, porque agora? Nada disso é novo, você já sabia, você até...

- Pensava que as coisas haviam mudado.

- Estou vendo. – diz Willow lentamente – Pensava que ia ser simples. Que tudo o que eu precisava era chorar um tempo, talvez que você e eu fizéssemos... – morde os lábios. Não pode, simplesmente é incapaz de poder dizer algo que possa desvirtuar o que aconteceu entre eles – Suponho, suponho que você gosta dos finais felizes, não é? – diz depois de um momento.

- Todo mundo gosta – deixa a caixa de giletes no muro, entre os dois e torna a olhá-la – Não acredito que tenha uma categoria para isso: pessoas que gostam de finais felizes e pessoas que gostam de finais tristes. Todo mundo gosta de finais felizes.

- Bom, então me deixa te falar algo sobre finais felizes – diz Willow aborrecida – Te disse que falei com meu irmão. É verdade. Conversamos.

Conversamos como não fazíamos desde que meus pais morreram. Isso é para você um final feliz? Por que advinha, ele ainda não sabe nada disso. – aponta para a caixa de lâminas – Embora conversassem sobre todas as outras coisas, não pude lhe explicar isso. Não posso explicar ainda. Seria muito para ele. Mas, talvez chegue o dia em que eu conte. Se eu contar é porque não serei capaz de manter esse segredo entre os dois, este muro. Se eu contar é porque haverá passado tempo suficiente do acidente e talvez ele esteja preparado para enfrentar algo assim. Parece suficiente feliz para você? Soa bem? Porque, quer saber? Dá no mesmo quando eu disser, vai machucá-lo... Será tão doloroso para ele. Talvez me faça sentir um pouco melhor, mas ele vai sentir-se muito pior. E sabe o que mais? Foi bom não ter perdido o meu irmão como acreditava que tinha acontecido, mas meus pais estão mortos. Não importa quanto fale com meu irmão, ou o que chegue a contar, não mudará esse fato. Isso é o que você entende por final feliz?

- Não, claro que não. Mas, quer saber? Não pode mudar isso – sobe suas mangas – Mas isso sim.

Willow olha seu braço. As feridas desse lado já desaparecerão bastante. Estão mais brancas do que vermelhas e tem um aspecto mais bem... Inocente, como se as tivessem feito coçando-se com muita força, ou por estar em contato com um gato muito travesso. Começa a baixar a manga, mas Guy a detém. Sente-se terrivelmente exposta, mas há algo mais: havia esquecido como é bom sentir o calor dos raios de sol sobre a pele e não quer evitá-lo.

- Você disse aquele dia na biblioteca – continua Guy depois de um momento – Que se as coisas fossem diferentes, poderia deixar, poderia deixar tudo isso. Bom, as coisas são diferentes. Não quer parar?

- Não sei! – chora com autêntica angustia, horrorizada de se ver outra vez banhada por um mar de lágrimas – Pensava que podia, mas não é tão fácil. Não é tão fácil!

- Oh, Willow, a última coisa que eu queria era te fazer chorar outra vez. – Guy está sinceramente preocupado. Aproxima-se dela e tenta lhe rodear com seus braços – Eu não queria...

- Pois deveria querer que eu chorasse! – Willow lhe afasta para poder olhá-lo – Deveria! Porque cada vez que choro é como... É como...

Como poderia lhe explicar que cada lágrima a afasta da caixa de gilete que há entre os dois. Como podia lhe explicar que fica aterrorizada que aconteça isso com ela. Que embora acredite desejar a liberdade de seu vício, não sabe se é capaz de enfrentar o que está lhe ocorrendo agora. Que quer saber se ainda tem o controle de sua dor. Que as lâminas sempre lhe davam o que queria.

- É como o quê? – diz Guy. Pegando-a pelo braço – Cada vez que chora é como o quê?

- Não... Não sei se posso suportar isso – diz Willow entre lágrimas – Acha que se cortar dói? Não tem nem idéia! – Willow pega o pacote de giletes e aperta contra seu peito – Elas têm me salvado disso. De me sentir assim! Sim! Eu pensava... Eu pensava que se pudesse chorar assim, sentir-me assim, as deixaria. Mas agora não tenho tanta certeza...

- Willow – Guy morde os lábios – Eu sou o teu amante agora. – Mesmo no mais profundo de sua tristeza, as palavras de Guy estremecem Willow. Mas ele não acabou de falar. – Essa caixa de gilete já não pode ocupar esse lugar e não me importa o que possa ter chegado a significar para você no passado.

- Você sabia isso desde o principio – diz Willow – Viu-me fazer. Ouviu-me fazer. O que mudou agora?

- Você tem que me perguntar o que aconteceu ontem? – Guy a olha sem acreditar – Tudo bem. Então, eu vou te dizer. Tudo é diferente. Absolutamente tudo.

Willow sabe ao que se refere. Eles já não são as duas pessoas que eram ontem. Que ela se corte e as conseqüências que isso pode ter já não afetam apenas ela, se é que alguma vez foi assim.

Vem-lhe a cabeça as palavras que seu irmão disse sobre a responsabilidade, sobre o que Leva implícito amar alguém. E sabe que essa responsabilidade deveria começar por ela mesma e que se no passado se cortar era a melhor maneira de se cuidar que ela conhecia, agora se abrem novas possibilidades. E ademais, fora isso, deve estender essa responsabilidade a Guy, porque não pode fazer tudo para fugir da dor e ao mesmo tempo, obrigar a pessoa a quem ama suportar coisas piores.

Willow olha a caixa e pensa em seus outros amantes, que estão dentro, na dor que extrai deles, tão diferentes do prazer que seu amante de carne e

osso lhe dar, e sabe que o que lhe atrai neles é irrisório frente ao que Guy tem a lhe oferecer. E também pensa que renunciar a caixa de giletes não só seria a ação mais responsável, como também o mais belo, o mais gratificante e o mais satisfatório que poderia fazer.

E está convencida de tudo isso como nunca estive de nada nessa vida e, acima de tudo...

- Sei que deveria me livrar delas – diz finalmente quando suas lágrimas param o suficiente para lhe deixar falar com coerência – Já sei que deveria, mas não posso. Não posso. Pensava que faria. Pensava que podia. Pensei isso quando estava com Markie. Pensei ontem à noite. Pensei enquanto falava como meu irmão... Mas não posso!

- Então isso é tudo? – Guy tira a caixa de suas mãos – Isso é tudo? Já escolheu? Vai ser fiel a elas?

- Eu... Eu não quero!

- Então se desfaz delas! Faz! Aqui mesmo, as jogue no rio! Eu te ajudarei. Que jazam no fundo, como diz em “*A tempestade!*”

- E você acha que como isso soluciona tudo? – Willow começa a chorar outra vez – Acha que não posso ir comprar outra caixa amanhã mesmo, ir a uma loja dessas que não fecham pela noite se eu precisar, ou improvisar com uma chave de fenda se é a única coisa que tenho em mãos?

- Já sei – diz Guy. Pega as mãos de Willow e as coloca sobre a sua, que sustenta a caixa – Eu sei de tudo isso, certo? Pode ser que volte a comprar amanhã, ou inclusive essa noite, mas ao menos nesse momento, por um instante, seria livre delas.

- Tudo bem – Willow aperta o rosto contra o rosto de Guy. Não consegue parar de chorar e sabe que suas palavras são praticamente incoerentes – Eu farei! – diz contra seu peito.

- O que disse? – Guy a separa do seu peito e a olha pegando pelos seus braços. Olha-lhe surpreso, como se não pudesse acreditar no que acaba de ouvir – Willow, o que disse? É difícil entender você quando...

- Eu farei, eu farei! Apenas... Dê-me um segundo...

Uma hora, um mês, um ano...

- Olha – diz Guy – Vou te ajudar, certo? Será fácil. Vamos. Nós dois pegaremos a caixa, a sustentaremos sobre a água, contaremos até três e...

Mais Willow nem sequer espera até três. Sabe, enquanto vê como a caixa afunda no seu túmulo de água que, embora pudesse ir e comprar mais em qualquer momento, que essa parte de sua vida provavelmente já acabou. Fecha-se a cortina destes últimos sete meses, e seu admirável novo mundo com Guy junto a ela já está lhe dando boas vindas. E, se isso não é um final feliz, talvez seja um início feliz.

FIM

Comunidade
Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=25399156>

Tradutoras:
Aislinn

<http://www.orkut.com.br/Profile?uid=9983552980088693039>

Leticia [http://www.orkut.com.br/Profile?
uid=7462820653530011177](http://www.orkut.com.br/Profile?uid=7462820653530011177)

Lara [http://www.orkut.com.br/Profile?
uid=17546033275021936089](http://www.orkut.com.br/Profile?uid=17546033275021936089)

Nicole <http://www.orkut.com.br/Profile?uid=12178378400046138592>